

# CARTAS ESCREVIVENTES



Conceição do Coité – BA  
2023

Fonte: Foto de Alessandro Mota (2022)  
@alexsandromota805



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPED  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED

MARILENE DOS SANTOS QUEIROZ

**CARTAS ESCRIVIVENTES –**  
**Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens**  
**negras e universidade no Sertão baiano nordestino**

CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA  
2023

**MARILENE DOS SANTOS QUEIROZ**

**CARTAS ESCRIVIVENTES –**

**Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens  
negras e universidade no Sertão baiano nordestino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação e Diversidade – MPED – da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVI.

Área de Concentração: Cultura, Docência e Diversidade

Orientadora: Profa. Dra. Zuleide Paiva da Silva  
Coorientadora: Profa. Dra. Iris Verena de Oliveira

**CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA  
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Queiroz, Marilene dos Santos

Cartas escrevíveis – giras de Escrevivências: modo de escrever, modos de viver  
maternidades/maternagens negras e universidade no sertão baiano nordestino. /

Marilene dos Santos Queiroz. – Conceição do Coité, 2023.

223f.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zuleide Paiva da Silva

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia Departamento de  
Educação – Campus XIV. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade.

Contém referências, apêndices e anexos

1. Escrevivências. 2. Maternidades/Maternagens Negras. 3. Universidade. 4. Giras  
De Escrevivências. I. Silva, Zuleide Paiva da. II. Universidade do Estado da Bahia-  
Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

MARILENE DOS SANTOS QUEIROZ

CARTAS ESCRIVIVENTES –

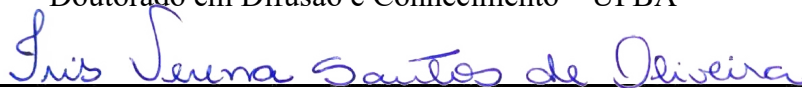
Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens  
negras e universidade no Sertão baiano nordestino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação e Diversidade – MPED – da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVI.

Dissertação defendida em: 22 / 08 /2023.



Profª. Dra. Zuleide Paiva da Silva (Orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Doutorado em Difusão e Conhecimento – UFBA



Profª. Dra. Iris Verena Santos de Oliveira (Coorientadora)  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos – UFBA



Profª. Dra. Lícia Maria de Lima Barbosa (Avaliadora Interna)  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos – UFBA



Dra. Mariana Borelli Rodrigues (Avaliadora Externa)  
Tear Espaço Terapêutico  
Doutorado em Psicologia – UFPE



Profª. Dra. Márcia dos Santos Macedo (Avaliadora Externa)  
Programa do Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres,  
Gênero e Feminismo – PPGNEIM/UFBA  
Doutorado em Ciências Sociais – UFBA

## AGRADECIMENTOS

É noite de lua cheia. Noite chuvosa. Lá fora, as águas dão vida às plantas, aqui dentro, elas percorrem meu corpo anunciando o tão sonhado momento de agradecer. É, minha gente, a labuta foi grande. O leite, que escorria do peito, foi se desenhando em encontros, letras e lágrimas. Em escrita e vida. Em escrevivências.

Assim como o chapéu de palha, tecido em espiral, a vida gira. É com este movimento, habitando as curvas, que venho, tomada pela emoção, reverenciar e agradecer a todas aquelas pessoas e presenças que compõem esta estrada de chão tecida e sustentada por passadiços e colchas de retalho.

Acendo minha vela e agradeço a mamãe Oxum e Iemanjá por me conduzirem nas artimanhas desta pesquisavida e acalentarem meus dias. Por me conduzirem na refração infinita dos seus abebés.

À Conceição Evaristo e todas aquelas que constroem possibilidades de existir. Por me ensinarem a assuntar.

Em nome de minhas ancestrais, Tia Gracília Santos e vó Eduarda Santos dedico estas cartas escrevíveis a todas aquelas que foram e são portais para minha chegada até aqui. Obrigada à minha vó Terezinha Queiroz e minha mãe Maria Alves por segurarem minha onda, nesta travessia, na presença de um bebê. Por não me deixarem ficar pelo caminho.

Agradeço a meu filho, Apolo Almeida, que nasceu junto a este ciclo na pós-graduação, por ser o responsável pelos rebuliços que me conduziram a mudanças de rota na pesquisa. Por me desorganizar, ao tempo em que, traz acalento e me sustenta na continuidade. Por me conduzir ao encontro de outras formas de maternas e de recriar possibilidade de existir e permanecer.

Agradeço à família paterna por compreenderem e compartilharem deste processo. Ao Anderson Almeida, pai de Apolo por sua parceria, presença e comprometimento com as responsabilidades da paternidade.

À minha orientadora Zuleide Paiva da Silva e minha coorientadora Iris Verena de Oliveira por me acolherem, me sacudirem, respeitarem meu processo, acreditarem em mim e permitirem ousar. Por me sustentarem quando nem eu mesma acreditava em mim. Pelas redes afetivas. Por toda parceria. Por convocarem o eu-coletivo. Por convocarem modos outros de fazer e viver pesquisa em educação. São afetos, desassossegos e teimosias. Estar com vocês foi um verdadeiro encontro, representa a possibilidade de sonhar. Um encontro de águas!

À rede UNEB MãEscrevivendo, na figura de Wilma Santos Rodrigues, Fabiana

Cardoso, Andreza dos Anjos, Ana Paula Oliveira, Simone Lima Teles, Catianne Reis, Vaninha de Jesus, Juliana Silva, Laíse Santos, Aramides Florença, Liliane Mota, Jaqueline Miranda e Daniela do Carmo, coautoras desta pesquisa, por serem inspiração, colo e rebuliços. Por me sustentarem quando não mais acreditei em mim. Por todo aprendizado, por me ensinarem a experienciar as maternidades. Por todo ouro entregue. Sem vocês não seria possível.

Ao TISisal por me criar e me ensinar tanto. Por toda sua força, saberes e culturas.

À UNEB XI e XIV na representação da Diretora Isabele Sanches e do Diretor Adriano Eiser por acolher as acontecimentos desta pesquisa. E por toda presença em minha vida. Por todas as possibilidades de troca. Ser cria da UNEB é uma honra!

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB pelas cotas de bolsas. Por permitir minha permanência na pós-graduação. Sem ela, seria impossível a continuidade no programa.

Aos professores e professoras do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) pelas ensinagens e provocações. Por toda entrega e comprometimento.

Aos parceiros/as, amigos/as e colegas de turma por todo o abraço e pela caminhada. Pelos risos, choros e trocas. Por confiarem a mim a possibilidade de experienciar a representação estudantil junto ao colegiado do programa. Aos companheiros/as de representação estudantil, pela construção de lugares possíveis, pela companhia. À coordenação e vice-coordenação do programa, na pessoa de Michael Daian e Iris Verena, pela abertura e leveza com que conduziu esta parceria. A todas/os aqueles/as que trabalham na secretaria do MPED, nos bastidores das acontecimentos, pelo suporte, presteza e colaboração atenciosa.

Ao Grupo de Pesquisa TECEMOS, através da linha de pesquisa Cultura, Identidades e Corporeidade, por terem sido minha fortaleza, por toda abertura de caminhos, por me conduzir a novos ciclos na vida, na pós-graduação. Por me ensinar a ousar.

Ao grupo de pesquisa Formação Experiência e Linguagens (FEL), pelas trocas, condução, diálogos e parcerias. Pela amplitude de possibilidades propiciadas.

Ao grupo de pesquisa Currículo, Escrivências e Diferenças por toda entrega, condução e abertura de caminhos. Por todo aconchego. Por todo reboiço. Pela ousadia de desbravar e ousar outros modos possíveis de experienciar a pesquisa em educação.

Ao Grupo de Leituras e Estudo Interdisciplinares sobre Gênero e Sexualidade e grupo de orientação por todas as trocas e artimanhas. Pela acolhida e abraço. Por todo afeto e amparo. Pela possibilidade de experienciarmos, juntos/as, o processo. Por todo auxílio.

Ao componente curricular Pedagogias Feministas e Epistemologia Decoloniais - MPED UNEB, por propiciar a oportunidade de vivenciar a experiência do exercício da co-docência na

função de monitora voluntária. Por todas as conexões, aprendizados e deslocamentos decorrente dessa travessia.

A todos aqueles espaços onde pude dialogar e publicar ensaios destas acontecências. Por todas as considerações e contribuições necessárias.

À “Rede Combinamos de Escrever”, por todas as escrevivências, por compartilhar experiências de educação antirracista promovidas em instituições da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Por oportunizar a possibilidade de experienciar Giras de Escrevivências com professoras da educação básica. Por propiciar, nesse processo, vivenciar a construção do *podcast* Podgiz.

Ao Núcleo Materna e Projeto Mães na universidade UFRJ, por toda parceria. Pelo incentivo e auxílio à permanência de mães na universidade, na ciência. Por me fortalecer nos estudos em torno das maternidades e maternagens. Por abrir um leque de possibilidade e referências fundamentais para o processo de pesquisa.

Agradeço à Lícia Barbosa e Mariana Borelli por todo diálogo/ensinagens propiciadas na qualificação e pelo aceite para, em parceria com Márcia Macedo, comporem a banca de defesa. Márcia, Lícia e Mariana, obrigada por serem presença, por aceitarem dividirem conosco seus saberes e cultivarem a parceria. Por toda disponibilidade e atenção.

À Alexandre Mota, Ani Gonzales, Artesãs da palha e demais fontes por abrilhantarem estas cartas com suas artes expressas em imagens.

Às bibliotecárias Ana Claudia Nogueira e Daniela Cândido pela labuta nos tramites de normalização. Por cuidarem da perfumaria e cosmética destas cartas. Por toda abertura, leveza, ensinagens e trocas neste processo.

Aos amigos/as de vida, por respeitarem meu momento. Por me incentivarem e brindarem cada conquista.

Agradeço a todas as pessoas que se fizeram presente direta e indiretamente, sendo importantes nesta travessia.

De reza em reza, de folha em folha, seguimos na certeza de que, muitas foram as mãos dadas nesta travessia. A todas elas, meu abraço e meu muito obrigada. As encruzilhadas desta pesquisa tem sido um lugar de possibilidades.

*[...] E, apesar  
de minha fala hoje  
desnudar-se no cálido  
e esperançoso sol  
de terras brasis, onde nasci,  
o gesto do meu corpo-escrita  
levanta em suas lembranças  
esmaecidas imagens  
de um útero primeiro.*

*Por isso prossigo.  
Persigo acalentando  
nessa escrevivência  
não a efígie de brancos brasões,  
sim o secular senso de invisíveis  
e negros queloides, selo originário,  
de um perdido  
e sempre reinventado clã.*

*(Conceição Evaristo, 2017)*



## RESUMO

“São os sonhos de dignidade dos nossos ancestrais que nos sustentam!”. Seduzida por este chamado de Conceição Evaristo, tomo esta pesquisa como uma convocação de vida, buscando rasurar as narrativas que tomam nossas vidas como fracasso. Nessa sintonia, trago enquanto objetivo, um assuntar escreviente em torno dos atravessamentos e travessias das maternidades/maternagens negras e suas intersecções na vida e trajetória de estudantes, mães, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB *campi* XI (Serrinha) e XIV (Conceição do Coité), do/no Território de Identidade do Sisal (TISisal) Sertão baiano e nordestino. O mesmo se desdobra no desejo de assuntar, prosear e aprontar modos de viver, modos de escrever maternidades/maternagens negras sertanejas/interioranas, bem como, suas travessias com/na universidade; e, matutar sobre as existências de mulheres mães na universidade, ao tempo em que, se forja espaços universitários mais acolhedores. Uma pesquisa que evoca as “escrevivências” como operador teórico-metodológico, acionando as epistemologias feministas com inspiração nos feminismos negros e tomando a “interseccionalidade” como princípio. No percurso de intervenção/produto, proposto pelo Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - MPED, assume as “Giras de Escrevivências enquanto miragem metodológica do encontro”, bebendo na fonte das “Pedagogias Feministas” e tomando a “Conversa” enquanto dispositivo deste acontecer. Brotando nesta travessia, a RedeUNEB MãEscrevivendo responsável pelo aflorar das cartas. A intenção desse texto, que se revela em cartas, não é analisar a narrativa destas estudantes mães, mas trazer um tecer de escrevivências feito de dentro do jogo da vida, de modo que, possamos criar histórias no espaço do silêncio, como nos aponta Saidiya Hartman. Cartas escrevientes que se forjam em Giras de Escrevivências, escritas por mim e por elas, mas emaranhadas por muitas. Apostamos em escrever no espaço do silêncio, ao qual nós, estudantes mães, somos relegadas, como uma possibilidade de existir. Escritas como uma maneira de reparar a nós e aquelas que foram/são portais para estarmos onde estamos. Apostamos em colocar por entre os corredores da universidade, uma experiência que é minha, que é nossa, mas que também é da tia, da vó, da bisa, da mãe, da madrinha, das mulheres, das/dos ancestrais e de um povo. Uma pesquisa que convocou memórias vivas e ancestrais, convocou agenciamentos coletivos e encontros, convocou as travessias de estudantes mães do interior. Trata-se de uma conversa de terreiro, de calçada, mas também uma conversa virtual. São retalhos de vida, “aió de memória”, no/do TISisal. Habitando a curva, em aliança com muitas vozes, vamos construindo histórias do possível; um convite para prosear, aprontar, assuntar, matutar, discordar, assustar, povoar momentos outros.

**Palavras-chave:** escrevivências; maternidades/maternagens negras; universidade; giras de escrevivências.

## ABSTRACT

“It is the dreams of dignity of our ancestors that sustain us!” Seduced by this call from Conceição Evaristo, I take this research as a call to life, seeking to erase the narratives that take our lives as failures. In this line, I bring as an objective, a writing subject around the crossings and crossings of black maternities/maternages and their intersections in the lives and trajectory of students, mothers, of the University of the State of Bahia - UNEB campuses XI (Serrinha) and XIV (Conceição do Coité), of/in the Território de Identidade do Sisal (TISisal) Hinterland of Bahia and northeastern Brazil. The same unfolds in the desire to assume, discuss and prepare ways of living, ways of writing black sertaneja/interior motherhoods/maternities, as well as their crossings with/at the university; and, to reflect on the existence of women mothers at the university, at the same time that more welcoming university spaces are forged. A research that evokes “writing experiences” as a theoretical-methodological operator, triggering feminist epistemologies inspired by black feminisms and taking “intersectionality” as a principle. In the course of intervention/product, proposed by the Professional Master's Degree in Education and Diversity - MPED, it assumes the “Writing Tours as a methodological mirage of the meeting”, drinking at the source of “Feminist Pedagogies”, taking the “Conversation” as a device for this to happen. Sprouting in this crossing, the RedeUNEB MãEcritive was responsible for the emergence of the letters. The intention of this text, which is revealed in letters, is not to analyze the narrative of these student mothers, but to bring a weaving of writings made from within the game of life, so that we can create stories in the space of silence, as Saidiya Hartman points out. Scribbling letters that are forged into Writing Tours, written by me and by them, but entangled by many. We bet on writing in the space of silence, to which we, student mothers, are relegated, as a possibility of existing. Written as a way of repairing ourselves and those who were/are portals to where we are. We bet on putting through the corridors of the university, an experience that is mine, that is ours, but that is also that of aunt, grandmother, great-grandmother, mother, godmother, women, ancestors and a people. A research that summoned living and ancestral memories, summoned collective assemblages and meetings, summoned the journeys of student mothers from the countryside. It is a conversation on the sidewalk, on the sidewalk, but also a virtual conversation. They are scraps of life, “memory aió”, in/of TISisal. Inhabiting the curve, in alliance with many voices, we build stories of the possible; an invitation to talk, get ready, assume, mull over, disagree, frighten, populate other moments.

**Keywords:** writings; black maternities/maternages; university; writing tours.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                                          |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 1</b> – Carta convite para o escrever .....                                                                                                                    | 29  |
| <b>Figura 2</b> – Municípios que compõem o TISisal, 2018 .....                                                                                                           | 52  |
| <b>Figura 3</b> – Carro de boi, Barrocas-BA .....                                                                                                                        | 62  |
| <b>Figura 4</b> – Licuri, castanha e mandioca.....                                                                                                                       | 62  |
| <b>Figura 5</b> – Casa de Farinha, Cedro – Barrocas/BA .....                                                                                                             | 62  |
| <b>Figura 6</b> – Palma, calumbi, umbuzeiro.....                                                                                                                         | 62  |
| <b>Figura 7</b> – Produtos e alimentos na feira .....                                                                                                                    | 62  |
| <b>Figura 8</b> – Sisal (agave sisaleira).....                                                                                                                           | 62  |
| <b>Figura 9</b> – Multicampia da UNEB .....                                                                                                                              | 67  |
| <b>Figura 10</b> – Departamento de Educação Campus XI. ....                                                                                                              | 68  |
| <b>Figura 11</b> – Grafite em muro da UNEB XI .....                                                                                                                      | 69  |
| <b>Figura 12</b> – Departamento de Educação Campus XIV (Conceição do Coité-BA) .....                                                                                     | 72  |
| <b>Figura 13</b> – Area de socialização, UNEB XIV .....                                                                                                                  | 73  |
| <b>Figura 14</b> – Chapéu de palha, Exposição Artesãs da Palha, 2022.....                                                                                                | 83  |
| <b>Figura 15</b> – Passadiço na roça .....                                                                                                                               | 101 |
| <b>Figura 16</b> – Escritos a carvão em parede de fogão de lenha .....                                                                                                   | 107 |
| <b>Figura 17</b> – Palestra de Abertura da Semana de Integração do MPED.....                                                                                             | 114 |
| <b>Figura 18</b> – Folha de resguardo .....                                                                                                                              | 132 |
| <b>Figura 19</b> – Artefeminista, obra de Ana Ganzala Lorde .....                                                                                                        | 133 |
| <b>Figura 20</b> – Cinco dicas para criar crianças antirracistas, <i>QR Code</i> .....                                                                                   | 152 |
| <b>Figura 21</b> – Desafios da Maternidade.....                                                                                                                          | 161 |
| <b>Figura 22</b> – Primeira roda de conversa da 16ª Edição da Campanha – 16 dias de ativismo<br>na UNEB pelo fim da violência contra mulheres .....                      | 179 |
| <b>Figura 23</b> – Segunda roda de conversa da programação do Novembro Negro e da<br>Campanha 16 dias de Ativismo na UNEB pelo fim da Violência Contra<br>Mulheres ..... | 180 |
| <b>Figura 24</b> – II Seminário Maternidade e Universidade UFRJ .....                                                                                                    | 182 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                                        |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Quadro 1</b> – Levantamento sobre como a UNEB XI e XIV pode ser um espaço mais acolhedor para estudantes mães ..... | 172 |
| <b>Quadro 2</b> – Pesquisas que versam sobre maternidades na UNEB XI e UNEB XIV .....                                  | 176 |
| <b>Quadro 3</b> – Ações desenvolvidas na UNEB Campus XI e XIV .....                                                    | 184 |

## LISTA DE VÍDEOS

|                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Vídeo 1</b> – PROTEJA .....                                                       | 17  |
| <b>Vídeo 2</b> – São João em Família na roça .....                                   | 36  |
| <b>Vídeo 3</b> – Projeto Feira Literária.....                                        | 36  |
| <b>Vídeo 4</b> – Transbordar de águas em levadas na roça. Açude do finado Dada ..... | 51  |
| <b>Vídeo 5</b> – Homenagem a Iansã, por Arlindo Cruz e Arlindo Neto .....            | 51  |
| <b>Vídeo 6</b> – Conceição Evaristo sobre o discurso de meritocracia .....           | 65  |
| <b>Vídeo 7</b> – Bantos Iguape – Canto Para Oxum (Oro Mi Maió).....                  | 141 |
| <b>Vídeo 8</b> – Povoada, Canção de Sued Nunes .....                                 | 190 |

## LISTA DE TABELA

|                                                          |     |
|----------------------------------------------------------|-----|
| <b>Tabela 1</b> – Coletivos de Mães Universitárias ..... | 183 |
|----------------------------------------------------------|-----|

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|          |                                                                           |
|----------|---------------------------------------------------------------------------|
| APAEB    | Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira |
| Apma     | Assessoria Acadêmica                                                      |
| ANPUH    | Associação Nacional de História                                           |
| CECULT   | Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas                     |
| CEU      | Casa do Estudante Universitário                                           |
| CAPES    | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior               |
| CEP      | Conselho de Ética em Pesquisa                                             |
| CNPq     | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico             |
| DA       | Diretório Acadêmico                                                       |
| DEDC     | Departamento de Educação                                                  |
| Diadorim | Centro de Estudos em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade                    |
| EAD      | Ensino à Distância                                                        |
| EJA      | Educação de Jovens e Adultos                                              |
| EUA      | Estados Unidos da América                                                 |
| FAPESB   | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia                          |
| FES      | Faculdade Estadual de Serrinha                                            |
| FIOCRUZ  | Fundação Oswaldo Cruz                                                     |
| FNDE     | Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação                             |
| GLEIGS   | Grupo de Estudos Interdisciplinares em Gênero e Sexualidade               |
| GT       | Grupo de Trabalho                                                         |
| IBGE     | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                           |
| IEL      | Instituto Euvaldo Lodi                                                    |
| IFBAIANO | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano                |
| IFPR     | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná             |
| LBL      | Liga Brasileira de Lésbicas                                               |
| LGBTQIA+ | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual     |
| ME       | Movimento Estudantil                                                      |
| MFB      | Mineração Fazenda Brasileiro                                              |
| MMNDS    | Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal                             |
| MPED     | Mestrado Profissional em Educação e Diversidade                           |
| MPIES    | Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social                   |
| NEIM     | Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher                       |

|            |                                                          |
|------------|----------------------------------------------------------|
| PIBID      | Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência |
| RSL        | Revisão Sistemática de Leitura                           |
| RUES       | Residência Universitária de Serrinha                     |
| SUS        | Sistema Único de Saúde                                   |
| TCC        | Trabalho de Conclusão de Curso                           |
| TECEMOS    | Território, Cultura e Ações Coletivas                    |
| TISisal    | Território de Identidade do Sisal                        |
| UEFS       | Universidade Estadual de Feira de Santana                |
| UERJ       | Universidade Estadual do Rio de Janeiro                  |
| UFAM       | Universidade do Amazonas                                 |
| UFBA       | Universidade Federal da Bahia                            |
| UFC        | Universidade Federal do Ceará                            |
| UFF        | Universidade Federal Fluminense                          |
| UFRB       | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia               |
| UFRJ       | Universidade Federal do Rio de Janeiro                   |
| UFRRJ      | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro             |
| UFRGS      | Universidade Federal do Rio Grande do Sul                |
| UFPE       | Universidade Federal de Pernambuco                       |
| UFS        | Universidade Federal de Sergipe                          |
| UFSM       | Universidade Federal de Santa Maria                      |
| UNEB       | Universidade do Estado da Bahia                          |
| UNEX       | Centro Universitário de Excelência                       |
| UNICOM     | Universidade na Comunidade                               |
| UNIGRANRIO | Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy |
| UNILA      | Universidade Federal da Integração Latino-Americana      |
| PUC-Rio    | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro       |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                                      |            |
|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>CARTAS ESCRIVIVENTES: ESCUTA CORPO ESCRITA DE VOZES DO/NO SERTÃO BAIANO EM GIRAS DE ESCRIVIVÊNCIAS .....</b>      | <b>18</b>  |
| 1.1      | ÁGUA NO XIQUE XIQUE, FLOR NO MANDACARU: ESTUDANTES MãEscrivendo UNEB .....                                           | 27         |
| 1.1.1    | Tecendo as memórias/vivências da maternidade negra na zona rural, no embalo de uma sociedade/vida acelerada .....    | 37         |
| 1.1.2    | “Escrever é uma forma de sangrar” .....                                                                              | 40         |
| 1.1.3    | De uma mãe para um filho, de Andreza dos Anjos para Bruno Fellipe.....                                               | 45         |
| 1.1.4    | Uma carta de uma mãe de primeira viagem - e que viagem! .....                                                        | 46         |
| 1.2      | FILHA DO MASSAPÊ, DO RIACHO E DO SISAL: TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO SISAL .....                                      | 50         |
| 1.3      | PEDAGOGIAS FEMINISTAS DO AFETO, DO BEM VIVER: UNEB REALIZANDO SONHOS NO TISisal SERTÃO BAIANO .....                  | 63         |
| <b>2</b> | <b>GIRAS DE ESCRIVIVÊNCIAS: MODOS DE ASSUNTAR, PROSEAR E APRONTAR PESQUISA EM EDUCAÇÃO .....</b>                     | <b>76</b>  |
| 2.1      | CARTA-MEMORIAL: ENTRE A PANDEMIA, A FORMAÇÃO, A PESQUISA E UM BEBÊ .....                                             | 85         |
| 2.1.1    | Um dilúvio dentro de nós, o renascer da pesquisa.....                                                                | 89         |
| 2.2      | UMA CONVERSA COM OUTRAS PESQUISADORAS: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA EM EDUCAÇÃO .....                           | 93         |
| 2.2.1    | Caminhos trilhados.....                                                                                              | 94         |
| 2.2.2    | Rios que se cruzam .....                                                                                             | 95         |
| 2.2.3    | Abrindo caminhos.....                                                                                                | 99         |
| 2.3      | ESCRITA-CORPO-PESQUISA: CONSTRUINDO PASSADIÇOS NO/COM O CAMPO .....                                                  | 101        |
| <b>3</b> | <b>MODOS DE EXISTIR COM AS MATERNIDADES/MATERNAGENS E UNIVERSIDADES: CRIANDO HISTÓRIAS NO ESPAÇO DE SILÊNCIO ...</b> | <b>122</b> |
| 3.1      | MATERNIDADES E MATERNAGENS COMO PRODUTORAS DE SABERES: SABERES NAS ENCRUZILHADAS. ANCESTRAIS. AFRO-DIÁSPÓRICO .....  | 124        |
| 3.2      | “FILHAS DE MUITAS MÃES”: ESCRIVIVENDO E (RE)CRIANDO MODOS DE EXISTIR.....                                            | 133        |

|       |                                                                                                                                               |     |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.3   | MATERNIDADES A FLOR DA PELE: ENCONTRE SUA FORMA DE GRITO .                                                                                    | 142 |
| 3.3.1 | Maternidade de comercial de margarina? .....                                                                                                  | 144 |
| 3.3.2 | É preciso uma aldeia para se criar uma criança .....                                                                                          | 149 |
| 4     | “SER MÃE UNIVERSITÁRIA FOI UM DOS MAIORES DESAFIOS QUE<br>JÁ ENCONTREI”: CARTAS PARA A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA<br>BAHIA .....               | 160 |
| 4.1   | “COMO A UNIVERSIDADE PODE SER UM ESPAÇO MAIS ACOLHEDOR<br>PARA ESTUDANTES MÃES?” .....                                                        | 170 |
| 4.2   | “DEIXA A GIRA GIRAR”: APRONTANDO BEM VIVER.....                                                                                               | 175 |
| 5     | NÃO ARREDAMOS O PÉ: “CAMINHO SE CONHECE ANDANDO,<br>ENTÃO VEZ OU OUTRA É BOM SE PERDER” .....                                                 | 185 |
|       | REFERÊNCIAS.....                                                                                                                              | 191 |
|       | ANEXO A – Termo de Consentimento.....                                                                                                         | 207 |
|       | APÊNDICE A - Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da<br>UNEB – DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do<br>Coité)..... | 210 |
|       | APÊNDICE B – CARTA-CONVITE PARA MÃES UNIVERSITÁRIAS .....                                                                                     | 223 |

**Vídeo 1 – PROTEJA**

Permita que a canção entre e faça morada.



**Fonte:** Conceição [...] (2021)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Posicione a câmera do celular na direção do *QR code* para acessar e se conectar com a mensagem do vídeo. Clipe oficial da faixa “Proteja” de Conceição Evaristo, Jonathan Ferr, Theo Zagrae feat. AUR, Mangolab. 2021.



**1 CARTAS ESCRIVIVENTES:  
ESCUTA-CORPO-ESCRITA DE VOZES DO/NO SERTÃO  
BAIANO EM GIRAS DE ESCRIVIVÊNCIAS**

É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso?  
Comprometer a escrita com a vida?  
(Conceição Evaristo, 2020a, p. 50)<sup>2</sup>

Entre as estações dos anos...

Oi, minha gente.

Peço licença para abrir estas cartas escrevíveis saudando nossas/os ancestrais. Vó, Eduarda Santos, criou muitos filhos e filhas – as delas e os dos outros. Poucos dias antes de fazer sua passagem, ela me convidou a sentar embaixo da sombra do umbuzeiro, árvore centenária de raízes grandes que contorna nosso terreiro e nos presenteia todo ano com seus frutos doces e azedos. A referência mais próxima que tínhamos do Irocô<sup>3</sup>, a grande gameleira branca, o Orixá, e assim a considerávamos.

Lá estava ela, de cócoras, esplêndida no encanto de seus 102 anos. Com um lenço florido na cabeça, sua saia longa enrolada entre as pernas e com um graveto em sua mão esquerda, rabiscava incansavelmente o chão, compondo grifos de uma escrita-corpo. “Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas” (Evaristo, 2020a, p. 49). Ao sentir minha presença, olhou de canto e disse: *É minha filha, tantos anos de vida e nunca me perguntaram sobre como me sentia e me sinto sendo mãe, mas eu sempre fui a menina, a mãe, a ‘leiteira’, a vó, a bisa que sonharam*. No mesmo instante me fez lembrar da Natalina. Era sua quarta gravidez, e o primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma – narrou Conceição Evaristo sobre sua personagem no conto “quantos filhos Natalina teve?” presente em sua coleção de contos: Olhos d’água (Evaristo, 2021a).

Eu não sabia, e talvez ainda não saiba lidar com as *aperreações da maternidade*, como dizia minha tia Gracília Santos, mas aprendemos com elas a não arredar o pé. A poucos minutos atrás tínhamos feito a reza da cabaça<sup>4</sup> para amenizar as cólicas do bebê. *Olhe minha filha, cabaça está difícil de encontrar, guarde essa que ainda há de socorrer muitas mães desse povoado* – disse ela enquanto a esquentava no fogo – *agora, com ela bem morninha, você coloca sobre a barriga do bebê e fazendo movimentos em círculo ou em sinal de cruz, você pede a cura*.

<sup>2</sup> Em conformidade com a política feminista de visibilidade das mulheres na ciência, indico o nome seguido do sobrenome, a primeira vez que uma autora é citada no texto.

<sup>3</sup> Árvore sagrada dos africanos/as, que no Brasil foi substituída pela gameleira branca. Árvore de raízes imensas, sua presença é marcante em ruas de Salvador, mas também em alguns terreiros representando a memória coletiva de um povo. A árvore Irocô é um Orixá (Terezinha Bernardo, 2019).

<sup>4</sup> Também conhecida como Coité, ou fruta cuia. Para algumas culturas ela é sagrada. No interior da Bahia ambas são utilizadas após estarem secas, como utensílio doméstico (cuia), ou conservadas para a reza.

Era tudo muito novo e cortante, a pandemia<sup>5</sup>, a maternidade – nossa, como é difícil criar rasuras dentro das ideologias conservadoras da maternidade – a pós-graduação, a vida, o corpo, as perdas. Tudo, absolutamente tudo, tinha fugido ao nosso controle, e perceber que não temos o poder de controlar tudo é assustador, né? Percebemos, na marra, que era o momento de recalcular as rotas, desacelerar. Era momento de cuidado, sobrevivência, reinvenção. Nos reinventávamos o tempo todo e com a pesquisa não foi diferente. Aprendemos juntas a descobrir outros modos de aprontar e viver a universidade, a pesquisa, a educação, a vida em tempos pandêmicos. Como diz minha amiga Gersier Ribeiro Santos: “precisamos e fomos forçadas/os a apontar caminhos para que as nossas existências e experiências sigam de mãos dadas com a sanidade e o equilíbrio da saúde mental” (Gersier Santos, 2022, p. 14).

A relação que estabelecemos de confiança, cuidado e afeto entre as/os nossas/os, foi fundamental para a permanência de uma mulher mãe que lida todos os dias com os desafios de se manter na universidade e, sobretudo, para a travessia até aqui. Que em muitos momentos precisou escolher entre aproveitar a soneca da cria para descansar ou dar conta da vida, fortalecida pela escuta dos conselhos de Conceição Evaristo, em entrevista ao jornal “o globo”<sup>6</sup>: são os sonhos de dignidade dos nossos ancestrais que nos sustentam.

Tomo esta pesquisa como uma convocação de vida, buscando rasurar as narrativas que tomam nossas vidas como fracasso. Nessa sintonia, trago enquanto objetivo, um assunto escrevível em torno dos atravessamentos e travessias das maternidades/maternagens negras e suas intersecções na vida e trajetória de estudantes da Universidade do Estado da Bahia – UNEB *campi* XI (Serrinha) e XIV (Conceição do Coité), mulheres mães universitárias do/no Território de Identidade do Sisal (TISisal) – Sertão baiano e nordestino. O mesmo se desdobra no desejo de assuntar, prostrar e aprontar modos de viver, modos de escrever as maternidades negras sertanejas/interioranas, bem como, suas travessias com/na universidade; e matutar sobre a existências de mulheres mães na universidade, ao tempo em que, se forja espaços universitários mais acolhedores.

A perspectiva que tenho tomado sobre pesquisa e produção do conhecimento, ela corrobora com a perspectiva de currículo anunciada por Iris Verena Oliveira na conversa sobre educação para as relações étnico-raciais e currículo antirracista, realizada no canal da

---

<sup>5</sup> Pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus, teve início em 2020 e se arrasta deixando vestígios até os dias atuais. Para mais informações, ver: Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia – Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz): Ciência e tecnologia em saúde para a população brasileira (Fiocruz, 2023).

<sup>6</sup> Entrevista realizada por Maria Fortuna em: Conceição Evaristo vai abrir casa de ‘escrevivência’, trabalha em quatro livros e planeja obra com Valter Hugo Mãe | Cultura | O Globo (Maria Fortuna, 2022).

Associação Nacional de História – Anpuh Brasil<sup>7</sup>: ela envolve os saberes de corpos que serpenteiam pelas barracas das feiras, que chegam abafados em casa, corta temperos em rodela para que em alguns minutos seja possível saborear um fígado malpassado com o melhor arroz do mundo. Eu estou falando de experiências de quem se cria comendo feijão com aquele tempero feito no machucador, com as folhinhas colhidas no quintal, que perfumam a casa toda na noite de sábado; de quem recebeu amor em forma de corda de licuri (Educação[...], 2022).

A intenção desse texto, que se revela em cartas, não é analisar a narrativa destas estudantes, mas trazer um tecer de escritivências a partir de um assuntar escreviente feito de dentro do jogo da vida. Assuntar é palavra antiga. “Diz do ato de olhar com atenção, da ação de observar silenciosamente. [...] Assuntar, de olhar para os lados e mirar nos abebés, para enxergar ações coletivas que acontecem nos espaços escolares [...]” (Oliveira; Lima; Gelard, 2022, p. 11-15). Assuntar aqui, tem a ver com o que Elizabeth Macedo e Paulo de Tássio trouxeram no II Seminário Poéticas e Políticas da Pesquisa em Educação<sup>8</sup>: escutar, observar, prestar atenção, espiar, reparar. E complemento, assuntar aqui se entrelaça com o acolher, prosear e o aprontar. Todos são ingredientes que incrementam e possibilitam modos de escrever e se inscrever no mundo.

Aprendi, com Evaristo e tantas outras, que a escrita é um lugar de possibilidades e entendi que a escuta-corpo-escrita no processo de fazer pesquisa estão imbricadas. *Percebersentir* o corpo e o exercício da escutatória<sup>9</sup>, escutar a si e as outras, associados ao movimento de cataplasma<sup>10</sup>, através da escrita, tornou-se o primeiro movimento para perceber esta pesquisa. Quando senti os silenciamentos, invisibilidades, naturalizações e romantizações de nossos corpos, aqui em específico, os corpos de estudantes mulheres negras sertanejas interioranas que vivenciam as maternidades negras e suas intersecções com as maternidades solo, maternidades lésbica, maternidades atípicas, maternidades adotiva; maternidades estas, interioranas/sertanejas e, tão presentes nas universidades, compreendi que algo precisaria ser feito para nós, por nós e por outras que virão a ocupar estes espaços, de modo que este fazer

<sup>7</sup> Caso tenha interesse em acompanhar, ver Educação [...] (2022). Em todas as citações que constam em nota há um hiperlink. Para acessar o hiperlink passe, pause e clique com o mouse sob a referência.

<sup>8</sup> O Seminário aconteceu no dia 2 de dezembro de 2022, no auditório do Departamento de Educação (UNEB) Campus I, em Salvador.

<sup>9</sup> Uma perspectiva de escutar a si e ao outro/a, apresentada por Rubem Alves em seu texto “a escutatória”. Me aproximei do exercício da escutatória através do curso online: *escrita e escutatória*, oferecido por Fabiana Gerlad na “Campanha 16 dias de ativismo na UNEB pelo fim da violência contra as mulheres”, um projeto de extensão do Diadorim – Centro de Estudos em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade/UNEB, coordenado pela orientadora deste estudo.

<sup>10</sup> Movimento de macerar ervas e coloca-las sob partes machucadas na pele. Apresenta efeito curativo.

provoque acolhida, afeto, movimento, desassossegos e um espiar constante, de modo que, possamos criar histórias no espaço do silêncio, como nos aponta Saidiya Hartman (2022).

A escrita neste movimento de circularidade, ela é mútua e assume um lugar importante para nós, mulheres, mulheres negras. A escrita, ela é orgânica, corporificada, nasce no pulsar da vida, de corpos que (re)existem expressando os sentimentos e sentidos. Diria que exige uma imersão em si e com o outro, em rede. “Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla” (Glória Anzaldúa, 2000, p. 234). Escrever sempre foi, para mim, um refúgio. Uma possibilidade de reestruturação de corpos e espaços, de enfrentamentos e descobertas. Uma maneira de abraçar o corpo e acolher as dores. Escrevo com vocês. Escrevo também para você, Vó Eduarda Santos, Tia Gracília Santos e tantas/os outras/os. Envolvida pela sensação de um luto que não passa em meio a tantos acontecimentos que dilaceram nossos corpos, recorri a uma maneira de trazê-las para esse texto de um outro lugar.

Tomando a escrita como possibilidade, tentaremos através destas cartas, colocar nos becos das ruas e nas estradas de chão, uma experiência que é minha, que é nossa, mas que também é da tia, da vó, da bisa, da mãe, da madrinha, das mulheres, das/dos ancestrais e de um povo. Escritas como uma maneira de reparar aquelas que foram/são silenciadas, aquelas que foram/são portais para estarmos onde estamos, para aquelas, que hoje, são portais para outras/os. “E sem sair de si, colhe vidas e histórias do entorno”, escrevivendo (Evaristo, 2020a, p. 36).

Cresci ouvindo as pessoas da minha comunidade contarem histórias e criando minhas próprias narrativas. Nos divertíamos e ríamos muito quando íamos a pé para as celebrações, para a escola, para a cidade. As histórias orais nos acompanhavam e transformavam a distância em risos. Contamos e vivemos muitas histórias. A casa de farinha era o palco onde as narrativas ganhavam vida, medos, choros, artimanhas. Busquei tomar esta pesquisa como uma herança ancestral e assim, guardá-las em cartas, estas que vocês estão a ler agora. Cartas escrevíveis que se forjam em giras de escrevivências, em conversa concebidas por e com discentes negras da Universidade do Estado da Bahia – *campi* XI (Serrinha) e XIV (Conceição do Coité), mulheres mães universitárias do/no Território de Identidade do Sisal, Sertão da Bahia, que experienciam os atravessamentos das maternidades negras e suas intersecções. Cartas escritas por mim e por elas, mas emaranhadas por muitas.

Estas cartas representam conversas escrevíveis. Ora na primeira pessoa do singular, ora na terceira do plural, mas nunca sozinhas. Forjadas em “escrevivências”, aquelas cunhadas por Conceição Evaristo e que se constituem enquanto operador teórico-metodológico desta

pesquisa vida. Uma pesquisa que assume as epistemologias feministas com inspiração nos feminismos negros, tomando a interseccionalidade como seu princípio e acionando as Giras de Escrevivências enquanto miragem metodológica interventiva do encontro, assumindo a conversa enquanto dispositivo do acontecer, as quais, tomam enquanto inspiração as pedagogias feministas do afeto, do “bem viver”<sup>11</sup>. Trata-se de uma conversa de terreiro, de calçada, mas também uma conversa virtual<sup>12</sup>. Vale salientar que, tanto a Rede MãEscrevivendo, quanto as Giras de Escrevivências e estas cartas escrevíveis compõe a proposta de intervenção e produto propostos pelo Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, possibilitando o acontecer desta pesquisa.

As giras de escrevivências se delineiam como um espaço de bem viver, de travessias e estranhamentos: político, amoroso, deslocador, teimoso e afetuoso de se fazer pesquisa em educação, na tentativa de “escapar da individualidade para apostar em agenciamentos coletivos, produzidos nos encontros” (Iris Verena Oliveira, 2021, p. 15).

Neste fazer, vivenciamos um movimento circular e curvilíneo, trançado por várias mãos, trazendo em seu bojo o assunto, prostrar e aprontar como o tripé que dá régua e compasso para a pesquisa que intenta assumir as giras de escrevivências, sem perder de vista aquilo que nos une, a própria dimensão do conceito de escrevivências partindo da premissa: corpo, vida e escrita, evocados por Conceição Evaristo. Nesse sentido, as giras de escrevivências não podem ser tomadas para coletar dados, portanto, ela é acionada para “produzir narrativas que valorizem encontros, agenciamentos coletivos e escrevivências” (Oliveira, 2021, p. 15), as/os quais são aqui representados nas cartas escrevíveis.

Nesta primeira sessão do texto vocês se conectarão com oito cartas, dentre elas, quatro foram escritas por estudantes mães que compuseram a Rede MãEscrevivendo. Nos textos vocês conhecerão os espaços, lugares e avenidas que nos constituem e possibilitaram o acontecer da pesquisa; nossa relação com o Território de Identidade do Sisal e com a Universidade do Estado da Bahia (*campi* XI e XIV); a constituição e nascimento da “Rede MãEscrevivendo” composta por estudantes da UNEB XI e XIV, bem como, poderão acessar as cartas de Andreza dos Anjos, Ana Paula Oliveira, Simone Teles e Daniela do Carmo e conhecer as travessias que as constituem enquanto estudantes mulheres mães negras, interioranas.

---

<sup>11</sup>Inspirada na Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo bem viver como nova Utopia: “a sabedoria milenar que herdamos de nossas ancestrais se traduz na concepção do Bem Viver, que funda e constitui as novas concepções de gestão do coletivo e do individual; da natureza, política e da cultura, que estabelecem sentido e valor à nossa existência, calcados na utópica de viver e construir o mundo de todas(os) e para todas(os)”. Ver Carta das Mulheres Negras 2015 (Portal Geledés, 2015).

<sup>12</sup>Dialogaremos, mais à frente, a respeito dos caminhos assumidos nesta pesquisa, os quais se encontram mencionados neste parágrafo.

A segunda sessão é composta por quatro cartas que narram os modos de assuntar, prostrar e aprontar pesquisa em educação, envoltos pelas Giras de Escrivências e demais caminhos assumidos e experienciados neste estudo. Uma experimentação na curva da desobediência epistêmica e metodológica como potência para fortalecer possibilidades outras de existir na educação e na ciência, em sociedade; compartilha através de carta-memorial as experiências propiciadas pelos caminhos acadêmicos, pessoais e profissionais responsáveis por conduzir o redesenhar de rotas nesta pesquisa; traz uma conversa com outras pesquisadoras e pesquisas dos estudos de maternidades e universidade; e narra a relação escrita-corpo-pesquisa na construção de passadiços no/com o campo, a partir da experimentação com estudantes mães.

Na terceira sessão, vocês se conectarão com cinco cartas que narram modos de (re) existir com as maternidades, maternagens e universidade como uma possibilidade de criar histórias no espaço do silêncio, escrevendo e (re)criando modos de existir. São cartas que evidenciam: as maternidades e maternagens negras como produtoras de saberes ancestrais, afro-brasileiros e diaspóricos; experiências e reflexões em torno de algumas nuances e engrenagens que constituem as maternidades/maternagens e suas intersecções; um assuntar em torno daquelas, mulheres mães, que foram e são portais para nós, bem como, das experiências de estudantes que vivem as maternidades negras atravessadas pelas experiências de maternidades lésbicas/sapatão, maternidades solos, maternidades atípicas, maternidades interioranas, dentre outras; e, um olhar em torno da relação entre o cuidar e educar filhos/as e a necessidade de uma aldeia para se criar uma criança.

A quarta sessão apresenta três cartas para a Universidade do Estado da Bahia, momento em que convido a universidade para o diálogo a partir das nossas vivências, necessidades e enfrentamentos, enquanto estudantes mães no ambiente acadêmico e suas intersecções. Narramos nossos desafios diários e como a universidade pode ser um espaço mais acolhedor para estudantes mães; evidenciamos algumas pesquisas no âmbito das maternidades e universidades, realizadas na UNEB XI e XIV; trazemos e dialogamos sobre leis, projetos e conquistas que tem proporcionado a permanência de estudantes mães em universidades; narramos as ações que desenvolvemos e participamos enquanto “rede”, em parcerias, no decorrer deste estudo, bem como, elencamos os futuros passos e ações que objetivamos desenvolver, deixando a gira girar.

Na quinta e última sessão, vocês se conectarão com uma carta, a qual, busco uma retomada de abraços e acolhidas aos processos vivenciados nesta pesquisa, reconhecendo os limites, falhas, lacunas e aprendizados; reconhecendo os encontros e rebuliços provocados, deixando e acreditando nas aberturas de caminhos, um convite a girar.

Este é um convite para prostrar. Aprontar. Assuntar. Matutar. Discordar. Assustar. Povoar, lugares e momentos outros. É sobre isso: “Povoada, quem falou que eu ando só? Tenho em mim mais de muitos. Sou uma, mas não sou só”. Eu sou uma, mas não sou só, ‘mermo’! Essa canção de Sued Nunes, é linda e compõe o disco Travessia. Nessa relação de povoadas, vamos trazer para o lugar da conversa e da escuta as maternidades negras e suas intersecções como corpovivo escreviente e ancestral, que está a girar entre as diferenças que as constituem e que não se findam em uma única experiência, presente nas travessias de mães universitárias. Uma experimentação de vida. Um matutar em torno das convenções coloniais e ideológicas das maternidades, ao tempo em que pensamos nas potências e rasuras ancestrais que suas experiências forjam.

Pois bem! Já preparou o café? Esta é uma prosa de pé de ouvido e chá ou café passado, como preferir. Trata-se de uma conversa de terreiro, de calçada, mas também uma conversa virtual. Um convite para ter e ser “amor”, como nos ensina bell hooks (2020). Que estas cartas possam chegar até vocês como retalhos de amorosidade, memórias vivas e ancestrais.

Sejam bem-vindas, bem-vindos e bem-vindes!



Fonte: Ganzala (2018).

Annie  
Ganzala

## 1.1 ÁGUA NO XIQUE XIQUE, FLOR NO MANDACARU: ESTUDANTES MãEscrevivendo UNEB

Quarta-feira, noite do dia vinte e sete de agosto de 2022, acontecia no auditório da Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Campus XIV) uma roda de conversa sobre/com mulheres negras na política, com a presença de Vilma Reis, candidata a Deputada Federal da Bahia, pelo Partido dos Trabalhadores/as, nas eleições de 2022; e Olivia Santana, Deputada Estadual na Bahia. As atividades presenciais estavam sendo retomadas, após cinco semestres de atividades 100% remotas<sup>13</sup>. Este era meu segundo encontro presencial na instituição, após um ano e cinco meses de trajetória no mestrado. Nossa, me senti tão viva naquele momento, reacendeu a unebiana<sup>14</sup> dos tempos de graduação. O auditório estava bonito, potente, cheio de cores e cheiros. Pulsava vidas! Esperei tanto tempo para um momento caloroso, corpo a corpo, presencialmente.

Ao lado de fora estava uma moça com um bebê no colo, enquanto a mãe acompanhava a roda de conversa. Não demorou muito para identificar quem era a mãe da criança pela quantidade de vezes que olhava para a porta de saída do auditório. AP<sup>15</sup>, meu filho, estava correndo solto pelo auditório, tínhamos feito uma longa viagem – são três transportes que pegamos do povoado de Teofilândia-BA, onde moramos, até chegarmos à universidade em Conceição do Coité – e uma jornada de dois turnos seguidos. Estava exausta e feliz, mas ele só demonstrava energia, nunca tinha visto tanta gente. A tarde já tinha sambado com a presença da cantora e compositora Dea Trancoso e seu concerto musical: cartas ao vento, abrindo com chave de ouro o início do semestre 2022.2<sup>16</sup>, e à noite ele continuava pleno. Pense em um menino arteiro.

Ao meu lado tinha uma moça, supercuidadosa com ele e não demorou muito a nos conectarmos. *Eu tenho três filhos e deixei minha filha de dois anos, doente em Santaluz-BA, pra vim para aula* – dizia Catianne Reis, em lágrimas, ao ouvir Vilma Reis mencionar sobre permanência de estudantes na universidade e a necessidade de creche universitária – *Quando Vilma Reis falou, aquilo super me pegou. Não era nem pra estar chorando naquele momento, mas eu estava*. Perguntei a ela se tinha se conectado com um formulário (APÊNDICE A)<sup>17</sup>

<sup>13</sup>O modelo de Ensino Remoto foi adotado pela UNEB, em 2020, após as medidas protetivas (isolamento social) tomadas pelo governo em decorrência da pandemia de Covid-19 (Conversaremos sobre a pandemia mais adiante).

<sup>14</sup>Expressão utilizada para referenciar pessoas que tem vínculo com a UNEB.

<sup>15</sup>Os nomes dos nossos/as filhos/as serão representados por letras iniciais.

<sup>16</sup>A atividade aconteceu na tarde do dia 26 de agosto, no auditório da UNEB Campus XI, compondo a programação da conferência de abertura do semestre 2022.2 do MPED: Metodologia das sutilezas – experimentação de uma pesquisa.

<sup>17</sup>Elaborado pela pesquisadora visando estabelecer uma primeira conexão e contato com mulheres mães estudantes da graduação, especificamente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), DEDC campus XI e XIV (Conceição do Coité e Serrinha), em uma tentativa de buscar proximidade com o vasto campo. Mais à frente, na carta “construindo passadiços com o campo”, dialogaremos sobre.

sobre maternidades e universidade que estava circulando nas turmas e ela me disse: *eu não só respondi, eu fiz um desabafo*. Nos conhecemos ali, naquele auditório do departamento. Fomos abraço e conforto quando nos faltaram as palavras.

Voltei para casa muito incomodada. Lembrei da provocação de Iris Verena Oliveira em um dos encontros do grupo de pesquisa Currículo, escrevivências e diferenças<sup>18</sup>: “como tomar os desconfortos no corpo, em algo concreto?” Desde quando iniciou o mestrado vinha sentindo vários desconfortos com a relação dos atravessamentos das maternidades e universidade – estes deslocamentos voltarei a narrar na carta: modos de aprontar pesquisa em educação – Cheguei a qualificação desta pesquisa em maio de 2022, com o desejo da criação de uma rede de mães estudantes da UNEB, e ao me conectar – em agosto do mesmo ano – com os relatos que chegaram através do formulário, este desejo foi tomando uma proporção coletiva: *preciso me sentir mais acolhida; acho que tornaria mais leve esse momento da maternidade e vida acadêmica; seria bom criar uma rede de apoio onde as mães se acolhessem no que fosse preciso para juntas poderem concluir a graduação, e após a conclusão pudessem continuar a dar esse apoio para as demais que fossem ingressando na universidade; a troca de experiência pode nos fortalecer; é importante para a formação social e poder dar e receber apoio; seria interessante ouvir e ser ouvida; dialogar sobre nossas experiências e valorizá-las; me sentiria representada e reconhecida* (APÊNDICE A<sup>19</sup>).

Reparem o quanto estes relatos estão carregados por anseios e desejo de acolhimento, apoio, fortalecimento, experiências, valorização, representatividade, reconhecimento, leveza e escuta. O campo já estava apontando para uma ação coletiva? Como tomar estes relatos em modos de fazer? Juntar estas mulheres das mais variadas cidades e de dois departamentos UNEB Campus XI e XIV, me parecia uma tarefa complexa, mas as águas de mamãe Oxum e Iemanjá – conversaremos com elas mais à frente – sempre me conduziram por entre as curvas dos encontros. Aquela noite do dia vinte e seis, foi o primeiro momento de encontro, de abraço, de uma conversa

---

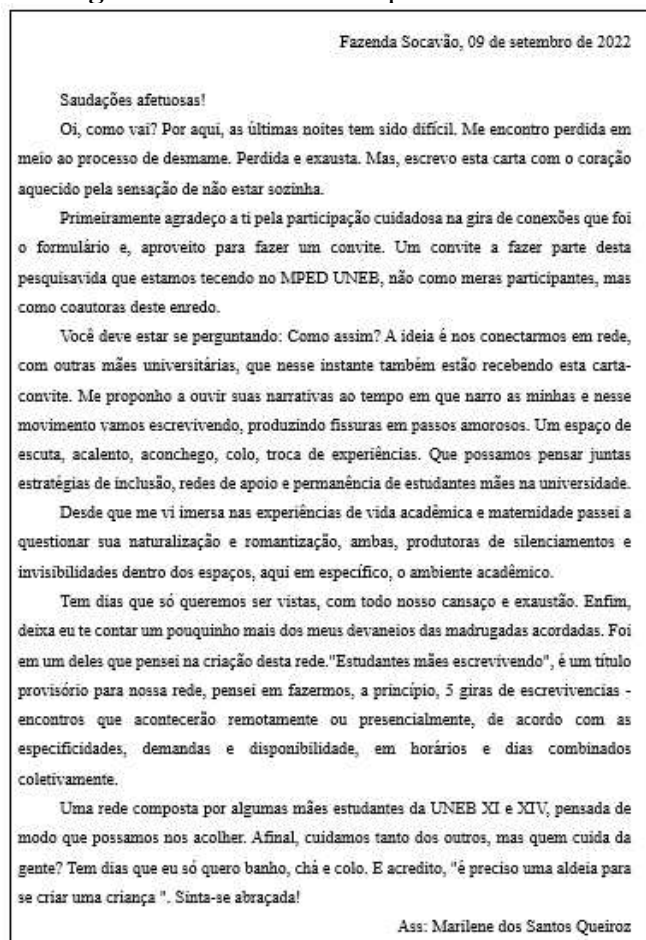
<sup>18</sup>Grupo de pesquisa “Currículo, Escrevivências e Diferença”, lotado no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia e vinculado ao Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - MPED/UNEB. O grupo de pesquisa reúne estudantes e professoras/es da educação e do ensino superior interessados/as em desenvolver estratégias de articulação entre universidade e escola, com o intuito de tratar sobre práticas e políticas curriculares atravessadas pela diferença. Ademais, constitui-se como espaço de “aquilombamento”, na medida em que problematiza a presença de corpos negros, indígenas e LGBTQIA+. Através das linhas de pesquisa: Escrevivências e Questões Étnico raciais e Formação Docente, Currículo e Diferença, articula discussões e ações envolvendo universidade e as escolas públicas básicas visando à formação docente, atenta aos movimentos da diferença em práticas e políticas curriculares, bem como, estimular a produção de narrativas de si, a partir da questão racial como marco da diferença. Ver Diretório de Grupo de Pesquisa (Currículo, Escrevivências e Diferenças). Rede social Instagram: @curriculoeescrevivencias.

<sup>19</sup>Os diálogos estabelecidos através do formulário do *Google Forms* aparecerão em alguns momentos entre as cartas, referenciados enquanto “APÊNDICE A”.

presencial com outras mães do/no departamento, e foi a partir dessa vivência que reafirmou em nós a certeza da necessidade de uma rede de apoio. Antes desse acontecimento, vinha assuntando nas experiências virtuais, nas conversas, os corpos de algumas estudantes que vivenciavam as maternidades. O campo já estava acontecendo. Mas o que fazer com tudo isso?

Dias depois, meu filho teve um problema de saúde e passamos a madrugada toda, em observação, na emergência. Decidi então, enquanto passava aquelas longas horas, escrever no bloco de notas do celular uma carta-convite para as estudantes que se conectaram comigo, através do formulário. Há alguns dias estava pensando: como chegar até elas? Como convidar? O que fazer para não ser mais uma demanda acadêmica? Como fazer um convite que despertasse o desejo por esta vivência coletiva diante das inúmeras sobrecargas que envolvem nossas vidas? O que fazer para que elas aceitassem vivenciar o que de certa forma também seria uma pesquisa? Propagou-se tanto a ideia de pesquisa que toma o outro como objeto, que muitos/as criam resistência. A aposta foi em um convite para escrever (Figura 1). A carta completa está no APÊNDICE B.

**Figura 1** – Carta convite para o escrever



**Fonte:** Carta Convite elaborado pela autora (APÊNDICE B).

Uma carta-convite para ter e ser amor e os aceites foram chegando de mansinho. Aquilo que nunca foi só meu, tomou a dimensão do nosso. Criamos um grupo no WhatsApp e denominamos de MãEscrevivendo UNEB. A rede nasceu com 14 estudantes do campus XIV e XI, que se autodeclararam enquanto negras (pretas e pardas) e que vivenciam várias experiências de maternidades no interior baiano, as quais vocês irão conhecer no decorrer destas cartas. Aconteceu o que não havia cogitado, elas me viraram de ponta cabeça e me deram régua e compasso para pensar outras narrativas, para criarmos no espaço do silêncio; me deram régua e compasso para pensar as maternidades e seus atravessamentos, em nível de marcadores sociais das diferenças, bem como de universidade. Minha gente, eu não imaginei que existisse tantas diferenças na diferença.

O que seria e aconteceria através de cinco “giras de escrevivências”<sup>20</sup>, tomou outras proporções de acordo com as necessidades que o campo apontava, as quais vocês irão conhecer no decorrer destas cartas. “No final das contas o campo é quem diz, vamos dançando conforme o campo” como me disse, Mariana Borelli<sup>21</sup>, na banca de qualificação.

Pois bem! Quem somos? Difícil dizer em palavras a imensidão de existências que compõe estas mulheres. Tem dias que somos cactos do sertão, resistentes. Xique-xique. Mandacaru. Palma. Cabeça-de-frade. Às vezes somos a água que compõe o xique-xique e alimenta em tempos de seca, mas também podemos ser a flor do mandacaru, aquela arteira, que brota entre os espinhos; mas também aquela que precisa de cuidados; ou até mesmo a que anuncia a chuva no sertão. Já dizia Luiz Gonzaga: – Mandacaru quando fulora na seca é sinal que a chuva chega no sertão<sup>22</sup>.

“Nós e as águas”, como diz Vilma Reis. Aqui no interior baiano, o dia em que as águas nos visitam é dia de celebração. Não basta ouvir a água escorrer na biqueira, é preciso senti-la. É preciso ir ao encontro das levadas, das baixas, dos tanques. Das fissurar que as águas provocam nos becos e vielas da vida. Águas tranquilas e agitadas. Águas risonhas. Riachos furiosos. Cada uma de nós podemos ser goteiras. Sozinhas, somos uma, juntas somos água. Águas que enchem e fazem transbordar os tanques, percorrem os riachos e desaguam em oceano. Ora inundadas pelas “águas de Sabela”, relatos constituídos de nossos corpos, tantos os que foram salvos, quanto os que perdidos na água ficaram. Em nossos corpos, memória e água” (Evaristo, 2017), outras constituídas por “olhos d’água”. Águas correntezas em levadas

---

<sup>20</sup>Retomaremos esse diálogo um pouco mais a frente, em giras de escrevivências: modos de aprontar pesquisa em educação.

<sup>21</sup>Doutora e Psicóloga em Tear Espaço Terapêutico, avaliadora externa na banca de qualificação desta pesquisa.

<sup>22</sup>Trecho da música: o xote das meninas, de composição do Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 2019.

curvilíneas. “Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de mamãe Oxum” (Evaristo, 2021a, p. 19). Algumas gostam de se banhar nas águas de mamãe Oxum<sup>23</sup>, enquanto outras se banham nas águas de Nossa Senhora Aparecida e bebem das águas de Nossa Senhora das Candeias, ou apenas sentem as águas dentro e fora dos seus corpos.

Aqui vocês irão acompanhar um resumo sobre elas, e no decorrer das demais cartas terão a possibilidade de conhece-las melhor: Estudantes do Departamento de Educação (DEDC) Campus XI (Serrinha) e DEDC Campus XIV (Conceição do Coité), dos cursos de Licenciatura em Geografia, Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em História e Letras – Língua Portuguesa e Literaturas; mulheres mães negras (pretas e pardas), com orientação sexual: heterossexual, bissexual e lésbica; moradoras das cidades de Teofilândia, Serrinha, Conceição do Coité, Lamarão, Santaluz, Riachão do Jacuípe; presentes em bairros, bairros periféricos, zonas rurais e comunidade quilombola do TISisal<sup>24</sup>, interior baiano e nordestino – apenas uma não mora no território, mas vivencia a graduação; suas idades variam entre 23 e 33 anos; possuem de um a três filhos/as com idades de 0 a 16 anos, filhos/as biológicos e adotados; mulheres espíritas, católicas, candomblecistas, evangélicas ou agnósticas.

Aqui se tem nomes e sobrenomes. “Numa sociedade racista – dizia Vilma Reis – Mulheres negras tem de ter nome e sobrenome, senão o racismo bota o nome que quiser”. Com nome e sobrenome nos desarmamos tanto as armadilhas do sexismo quanto a do racismo, que operam sobre nós mulheres. Além de ter nome e sobrenome, somos muitas. Povoadas para viver! *Não sei de onde a gente tira a força* – nos diz Raíza Venas, na roda de conversa Maternidades negras: ancestralidade, corpo e formação profissional<sup>25</sup> e continua – *mas eu me apresentei dizendo que sou mãe da Maria, mas eu também sou filha da Jussara e sou neta da Carlota, isso é muito sério para mim* (Maternidades [...], 2022). Quando chegamos a universidade, não chegamos sozinhas, estamos de braços dados com aqueles/as que foram e são portais, e que são passadiços. Então, são, foram e somos as “rebeldes” (Hartman, 2022). As donas: Angelina Santos. Etelvina de Jesus. Gracília dos Santos. Mariá de Tereza. Terezinha de Maroca. Delza Souza. Zenilda Reis. Vilma Maria. Tio Tonho Santos. Erizinho Reis. Dona Zifinha dos Anjos. Maria da Conceição. Seu Santo da guarda. Crispiniana de Jesus. Eduarda

<sup>23</sup>No sincretismo religioso, Oxum representa diversas “Nossa Senhora”, a exemplo de Nossa Senhora Aparecida, para os baianos e Nossa Senhora das Candeias. Para mais informações ver Santuário Nacional de Umbanda (2023).

<sup>24</sup>Abreviatura criada pela autora para se referir ao Território de Identidade do Sisal.

<sup>25</sup>Roda de conversa foi organizada, mediada e realizada por nós MãEscrevivendo, GP: Currículo, Escrevivências e Diferenças e o Grupo de Estudos Interdisciplinares em Gênero e Sexualidade (GLEIGS). Se constitui enquanto uma das giras de escrevivências dessa pesquisa, portanto, no decorrer das cartas essa gira aparecerá através dos relatos, assim referenciados (Maternidade [...], 2022).

dos Santos e tantas outras/os. Filhas, netas, bisnetas das que ficaram pelo caminho. E acreditem, muitas ainda ficam.

De certo que muitas delas são: as rebeldes, encenqueiras, desordeiras. Como aquelas que ficaram pelo caminho na virada do século 20, Hartman (2022) resgata com todo cuidado, proteção e um enredo que toma as mulheres negras dos Estados Unidos, suas protagonistas, como ancestrais. Suas protagonistas ganham vida sendo narradas por meio de uma história ética e fiel jamais contada sobre as pessoas escravizadas. A descrição do mundo através dos olhos delas. As donas, da nossa vida, podem ser entendidas como as descendentes afro-brasileiras desse enredo que Hartman nos brinda em seu livro: *Vidas Rebeldes*, belos experimentos, e facilmente poderíamos enxergá-lo para o Brasil. Quero dizer com isso que: as donas e nós, também somos as encenqueiras. Quero dizer com isso que: esse texto também é de vocês.

Podemos conversar com Saidiya Hartman e dizer: elas lutavam para criar vidas autônomas e belas, para escapar das novas formas de servidão que estavam à espreita e para viver como se fossem livres? (Hartman, 2022). Sim, elas lutavam e lutam! São insurgências? Sim! Mas não são “supermães” e “guerreiras”. *Somos levadas a pensar sempre na figura da “mãe guerreira”.* Meu marido falou: *você é guerreira e eu respondi que guerreira é a Xena* – nos conta Catiane Reis – *Eu quero ter a possibilidade de criar meus filhos em ambientes que eu tenha apoio, uma rede de apoio. Eu questiono muito esse lugar da mulher forte* (Maternidades [...], 2022). Até essa palavra que tem um significado bonito a sociedade consegue usar de uma forma pejorativa. É como se tudo que acontece nós suportássemos. *E se dissermos não, somos doidas, estamos surtadas. A gente tem que ser guerreira o tempo todo*, como nos diz Ana Paula Oliveira (Giras de escritórias, Teams, 2022)<sup>26</sup>.

Estes estereótipos nos levam a acreditar que damos conta de tudo, que estamos prontas para tudo, mas o que ele representa é um dos braços do racismo sobre o corpo das mulheres negras. Luara Baia (2021), em seu livro: “Maternidade tem cor? Experiências de mulheres negras sobre maternidades”, fruto de sua pesquisa de mestrado em Ciências Sociais, chama atenção para o mito da mulher negra forte ‘supermãe’ por se tratarem de “estereótipos comumente relacionados às mulheres negras como, por exemplo, a ideia de força e autossuficiência” (Baia, 2021, p. 78).

*Eu não sou guerreira, eu só não tenho escolhas. Eu ouço tanto que eu quase acredito nisso. Se isso for ser guerreira eu não quero este lugar* (Maternidades [...], 2022). Esta fala de Raíza Venas traz uma palavra-chave: escolhas. A quem é dado o direito de escolher? Trabalhar

<sup>26</sup>As referências mencionadas desta forma, no decorrer do texto, dizem respeito as giras de escritórias realizadas com a rede MãeEscrevendo, via *Microsoft Teams* em 2022.

o dia todo, estudar a noite e criar uma criança sozinha não é ser guerreira, é não ter escolhas. E esse lugar está diretamente correlacionado com as intersecções de raça, gênero, classe e em dadas circunstâncias, territorialidade.

O convite aqui é para pensar estes lugares em diálogo com o princípio da interseccionalidade, como uma possibilidade de ultrapassar a ideia do entrelaçar de conceitos e somativa de opressões, a tomando como uma lente para assuntar o mundo a partir de uma “práxis-crítica” onde os marcadores sociais da diferença são “construtos mútuos que moldam diversos fenômenos e problemas sociais” (Patrícia Hill Collins; Sirma Bilge, 2021, p. 239).

Assim como muitas pessoas que estão à margem, nós do interior, mulheres sertanejas, não fomos pensadas/os para estar na universidade. Fomos projetadas/os para manter a máquina do capitalismo girando. Projetadas para serem reprodutoras. Projetadas para serem “amas de leite”. Projetadas para sermos as “guerreiras”.

Estar a margem é, assim como nos ensina hooks (2019) em seu livro “Teoria feminista: da margem ao centro”, fazer parte de um todo, mas fora do corpo principal. Para ela os trilhos da estrada de ferro que dividia a periferia do centro em uma cidade pequena do estado de Kentucky, a fazia recordar diariamente da marginalidade (hooks, 2019). Para nós, estes trilhos também existem em parceria com longas estradas de chão. Aquelas que dividem o interior da capital e o interior do interior. Existem as cidades pequenas, onde os trilhos demarcam as periferias e onde as estradas de chão demarcam as zonas rurais. Nós conhecemos tanto os nossos lugares, quanto dos nossos opressores. Ela e tantas outras mulheres que tenho a honra de referenciar, citar e dialogar no decorrer destas cartas, que me ajudaram a pensar nas lutas feministas emaranhadas pela compreensão da raça, do gênero e da classe, me colocando na artimanha de matutar as territorialidades. Repensar, reconectar, assuntar o TISisal, o “Sertão de cá” (Daniele Ferreira, 2021).

Sertanejas aqui, são mulheres que nasceram ou vivem no sertão<sup>27</sup>. Não aquelas que de maneira estereotipada são representadas como tabaroa, agreste, matuta, abestada e cafona, características preconceituosas direcionadas com o sentido de desqualificar e estigmatizar, mas aquelas que são feitas de luta, e também de amor, afetos e saberes. Nossas identidades são constituídas nas diferenças. Há de se notar que existe um silenciamento nas produções literárias e estudos que visibilizam as experiências de mulheres sertanejas do interior nordestino.

---

<sup>27</sup> “Uma área que compreende a parte mais interior de praticamente todos os estados da região Nordeste do Brasil, constitui-se de uma denominação dada as regiões interioranas. A expressão ‘Sertão’ pode ser usada ainda para nomear mais especificamente, as regiões do interior da Bahia, Pernambuco e Piauí, onde se concentram algumas das cidades com maiores índices de desigualdades sociais do país além de baixíssimos indicadores de desenvolvimento socioeconômico” (Maria Almeida, 2010, p. 5).

Geralmente “entramos nos livros e noticiários para compor estatísticas e índices relacionados a emprego e economia” (Almeida, 2010, p. 6), ou somos estampadas em fotos e documentários que estereotipam nossos corpos.

É com esse olhar que afirmo o desejo de ter e estar vivenciando esta pesquisa com mulheres deste território. Estamos situadas no sertão da Bahia, região historicamente demarcada pela carência e pela seca, onde desde muito cedo precisamos trabalhar. Vale salientar que este é um lugar marcado por discriminações e preconceitos, que invisibilizam nossas experiências e saberes, os colocando em lugar de inferioridade, no lugar da não existência. O Nordeste e seus interiores são regiões demarcada por sérios processos de epistemicídios<sup>28</sup>. Resgatar estes conhecimentos e saberes através de nós mesmas é uma herança ancestral. “Nada sobre nós sem nós!” Conheça, abaixo, um pouco mais sobre estas mulheres:<sup>29</sup>

*Sou Ana Paula Oliveira, filha sem mãe, criada por uma tia e de Conceição do Coité-Sisal, tenho 33 anos. Mulher negra, mãe solo, mãe de PH de 11 anos. Pedagoga e estudante do curso de Letras Vernáculas Campus XIV, estou monitora da UATI.*

*Sou Andreza dos Anjos, tenho 23 anos, moro em um povoado de Teofilândia-BA. Filha de José e Delza. Mãe de BF, um menino de 4 anos e 6 meses. Recém-formada em Licenciatura em Pedagogia e cursando Pós-Graduação em Educação Especial e Psicomotricidade.*

*Eu sou Catianne Reis, moro em Santaluz, tenho 33 anos, sou mãe do LC, de 16 anos, do HT, de 8 anos e da pequena HL, de 2 anos. Sou licencianda em História. Sou filha da dona Zenilda que foi mãe solo, minha mãe é parte de tudo que sou e minha força e inspiração diária. Sou a primeira da minha família materna a adentrar a universidade. E minha pesquisa de TCC parte da maternidade, trabalho com parteiras do parto ao acolhimento da mulher, porque foi questões como essas que sempre me atravessam e atravessaram durante toda vida.*

*Sou Simone Lima, tenho 33 anos e moro em Serrinha. Filha de Luiz e Marivalda. Mãe de HL, de 3 anos e 5 meses. Curso Licenciatura em Pedagogia e sou estagiária no campus XI.*

*Me chamo Wilma Rodrigues (Mima), mulher preta, tenho 29 anos. Filha de Vilma Maria e Amarildo Leite, mãe solo, nascida e criada em Serrinha, venho de uma comunidade periférica. Licencianda no Curso de pedagogia campus XI, recém-formada no curso técnico em Agroindústria pelo IF Baiano, mãe dxs três Eddyes. Sou capoeirista e ativista dos movimentos sociais, onde pesquiso e discuto sobre mulheres pretas e juventudes.*

*Sou Vaninha de Jesus, mulher preta, nascida e criada em Riachão do Jacuípe, tenho 30 anos sou mãe de dois, do LV (13 anos) e da ML (8 meses), graduanda do curso de Letras Português – Campus XIV.*

<sup>28</sup> Retomaremos, mais à frente, para conversarmos sobre.

<sup>29</sup> Mediante autorização, serão utilizados os nomes reais de 12 destas mulheres, sendo que uma delas optou pelo nome fictício. Os nomes virão acompanhados no corpo do relato, em movimento de conversa, para, propositalmente, para que as narrativas destas mulheres se entrelacem com as minhas. Em alguns poucos casos aparecerão apenas com a referência Giras de Escrivências, 2022, sem menção de nomes. Em conversa com elas optamos por trazer assim, em casos de relatos delicados, para não expor.

*Sou Aramides Florença, nascida e criada em Serrinha, tenho 29 anos, sou mãe de MV de 11 anos e JG de 4 anos, graduanda do curso de Pedagogia na UNEX XI.*

*Sou Juliana Silva, estudante do 6º semestre do curso de Letras Vernáculas do Campus de Conceição do Coité. Tenho 25 anos e crio duas meninas, uma filha e uma irmã.*

*Sou, Daniela do Carmo estudante do 8º semestre do curso de Letras-português. Sou da zona Rural – roça, tenho 27 anos e tenho uma bebê de 1.4 meses.*

*Sou Jaqueline Miranda, tenho 31 anos, graduanda do curso de geografia, UNEB XI. Nascida e criada na zona rural, comunidade Quilombolas de Lamarão. Mulher negra, quilombola, mãe de MG de 3 anos.*

*Bom, me chamo Liliane Mota, tenho 23 anos, curso pedagogia da UNEB XI desde 2019, tenho um filho de 5 anos, fui mãe solo boa parte do meu tempo como universitária. Sou da cidade de nova Fátima, e me mudei pra Serrinha-Ba justamente para estudar.*

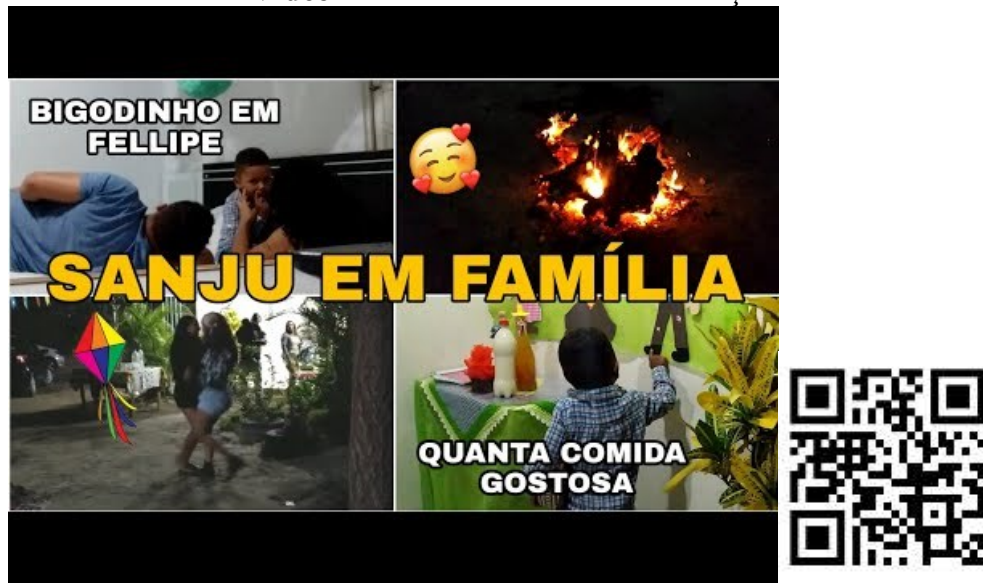
*Me chamo Fabiana Cardoso, tenho 24 anos e curso Licenciatura em Geografia na UNEB XI. Eu, uma mulher lésbica, que divide a maternidade com outra mulher lésbica, onde estudamos, trabalhamos sem contar as tarefas diárias da casa. Mãe de IC de 1 ano e 6 meses.*

*Sou Laíse Santos, tenho 29 anos, graduanda do curso Letras da UNEB XIV. Mulher preta bissexual, mãe de um bebê de 1 ano.*

(Giras de escritórias, WhatsApp, 2022).

São interlocutoras, coautoras desta pesquisa. Elas atuam enquanto: estagiárias e monitoras na universidade, estagiárias de IEL, bolsistas, vendedoras de cosméticos e produtos de beleza, professoras, vendedora em lanchonete, revisoras de trabalhos acadêmicos, agricultoras, manicures e uma porção de outros afazeres para darmos conta das demandas e da vida. Desde sempre, as nossas e nós trabalhamos, muitas vezes e na maioria delas, em trabalhos mal remunerados e informais. Vivemos buscando nossas linhas de fuga. Tem aquelas que amam andar a cavalo; as que adoram banho de rio; outras são amantes da cerveja, da dança, do vinho, licor; algumas mergulham na noite de salto ou rasteirinha, outras preferem coturnos; temos até Youtuber. É, minha gente, acompanhem a rotina dela no canal: Andreza Anjos. Algumas são professoras/estagiárias de IEL e mesmo em meio a desvalorização da profissão em municípios pequenos, optam por valorizar nossa cultura afro-brasileira e nordestinas em sua prática pedagógica. A seguir dois vídeos (Vídeo 2 e Vídeo 3) para que vocês conheçam um pouco das nossas raízes nordestinas sertaneja e interiorana.

### Vídeo 2 – São João em Família na roça



Fonte: Nosso [...] (2021).<sup>30</sup>

### Vídeo 3 – Projeto Feira Literária



Fonte: Wilma Rodrigues, MãEscrevivendo, 2022, no shorts Youtube de @maryQueiroz3780

O Vídeo 3 é o Projeto: Feira Literária, realizado por Wilma Santos Rodrigues, em uma escola municipal de ensino fundamental, onde trabalha enquanto professora estagiária do IEL. Uma experiência de educação antirracista e implicada com práticas educacionais contra-hegemônicas. O Vídeo 2 é uma experiência de vivência na roça através da cultura do São João. Uma pequena amostra do que representa nosso Território de Identidade do Sisal, espaço onde as interlocutoras coautoras estão inseridas e vivem suas experiências de maternidades, atuação profissional e formações na UNEB.

<sup>30</sup> Acesse o *QR code* caso tenha interesse em visualizar o vídeo.

A seguir, vocês irão se conectar com quatro cartas escritas por estudantes mães que fazem parte da rede, estas cartas compõe a proposta: cartas escreviventes, que emergiu na rede MãEscrevivendo.

### **1.1.1 Tecendo as memórias/vivências da maternidade negra na zona rural, no embalo de uma sociedade/vida acelerada**

Daniela do Carmo Oliveira

Zona Rural de Riachão do Jacuípe, 21 de dezembro de 2022

Queridas(os) leitoras(es),

Construo meu tear com brincadeiras e muito amor, mas nem sempre tudo foi leve e cheio de alegrias. Mergulhe nessa história, mas não chore, viu. Sou Daniela do Carmo Oliveira, filha de Mirian e Horinaldo, porém fui criada por meus bisavós, que por corações grandiosos não suportaram me ver entrando em situação de desnutrição. Vamos lá, do começo, minha mãe precisou ir trabalhar em outro Estado me deixando aos cuidados da minha avó, porém ela tinha que trabalhar nos motores de sisal e me deixava com o meu tio, que comia tudo que era deixado para mim, por isso o estado de desnutrição. Recordo que meu bisavô (papai) relatava que quando ele chegou e me viu com uma barriga enorme, suja e triste, as lágrimas correram em seu rosto e neste dia ele decidiu que me pegaria para criar, disse que chegou em casa e falou *Edite vou trazer a menina para nos criar senão ela vai morrer* e trouxe, essa criança foi regada com muito amor e começou a desabrochar, a barriga d'água que trouxe deixou de existir e ela foi crescendo e se tornando uma mulher resiliente.

Para ficar claro, não guardo mágoas da minha mãe, pois foi uma ação necessária, ou ia trabalhar ou morria de fome, digo-vos, amo de paixão minha Mainha. Sou eternamente grata aos meus bisavós, pois eles foram responsáveis pela formação da fortaleza que sou, conseguiram que eu fosse a primeira da família a concluir o ensino médio e o ensino superior, e olha já estou na segunda graduação, sou extremamente grata por todos os puxões de orelhas que me levaram a voos mais altos.

Vivi com eles os momentos mais felizes da minha vida, cuidei, amei e fiquei ao lado deles até o último suspiro, sim, até o fim do existir. Foram os dois momentos mais dolorosos da minha vida, vê eles partir, consumiu o meu ser, pensei que não suportaria viver sem tamanho amor. E não é que consegui vencer a tristeza, porque aprendi que ficar de luto não é se enterrar junto com

a pessoa amada, e sim honrar os ensinamentos e vossas memórias e a partir da dor construir novas narrativas, porque eles sonharam com os meus voos e meu extraordinário futuro.

Os esforços dos meus velhinhos valeram a pena, hoje sou graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Políticas Públicas na Educação Básica e finalizando o curso de Letras Vernáculas, sim estou super orgulhosa, porque venci variados obstáculos e não desisti dos meus sonhos. Gestar foi um desejo que ardia em meu coração após a partida da minha bisavó (iaiá), que me criara. Pode ser estranho, talvez, mas em um ano do avesso, turbulento que só exalava tristeza, um motivo para festa surgiu como uma brisa leve que suaviza e trazia calma, estava prenha/buchuda/grávida, como queira chamar.

Rapaz, se eu te contar que ninguém estava a acreditar nesta verdade, sim, meus senhores (as), foi motivo de muito espanto, e por que tanta estranheza se era apenas mais uma criança que viria a esse mundo doido? E ainda teve mais carço nesse angu, me perguntaram se foi minha iaiá que tinha me pedido para gerar uma vida, já viste uma coisa dessa.

Bom, a gestação foi um verdadeiro caos, foi tanta emoção que gerou ansiedade e meu marido deu um surto psicótico, isso mesmo que lera, ele desejava tanto por esse momento que não conseguiu gerir as emoções. Fácil, estive longe de ser, todo tipo de sentimento que pensara meu corpo recebeu, desde uma carga enorme de adrenalina a uma estrondosa fonte de tristeza, como ficar triste em um momento tão mágico que é a formação da vida? Estava apenas existindo e resistindo somente por causa do milagre que carregava no ventre. A resistência para viver nesse calabouço de mundo começa no embrião que suporta todas as adversidades para ser um pequenino(a), que reinventa o seu existir. Talvez, se não fosse esta força teria sucumbido.

A gestação foi vencida dia a dia. A cada final de mês era motivo de alegria porque estava conseguindo mantê-la saudável, e digo a vocês que tecer esse caminho foi doloroso demais, e um detalhe, eu não a senti mexer até os cinco meses, um detalhe importantíssimo e mágico, ela mexeu em um dia de oração na minha casa, para muitos besteira, para mim, Deus agindo. Senti dores a gestação inteira, repouso absoluto para evitar aborto ou prematuridade. Meu médico brincava que eu era a mulher das dores.

Chega de história triste, MB nasceu saudável no dia onze de maio de 2021 às 09:50 da manhã, nesse dia meu olho voltou a brilhar e a alegria reinou em meu coração. Agora possuía um motivo de 2.820 kg, para amar e educar, sim, ela era cercada de muito amor, muito mesmo. Um novo sentido foi atribuído a minha vida: deixei de ser apenas filha, esposa e universitária e ganhei o título de MÃE. Agora, a mamãe não sabia ser mãe, tinha vários medos que paralisava, de não conseguir cuidar direito, banho nem pensar, quem dava era a vovó, confesso que meu emocional não estava normal, juntando os hormônios com as situações enfrentadas, era de

arrancar os cabelos, porém como sou direcionada por um Deus vivo que não solta minha mão mesmo sendo ingrata às vezes, ele me levou em seus braços durante esse trilhar.

Gente, MB é muito esperta e seu sorriso acalenta qualquer coração. Vivemos na roça que é sinônimo de tranquilidade e liberdade, poder criar MB em um ambiente que possa experimentar variadas sensações é gratificante. Protegê-la das crueldades mundanas e ensiná-la a se defender com maestria é o que move meu coração. Muitos nunca experimentaram pisar em uma terra molhada, correr com medo de um cachorro ou contemplar o canto dos pássaros. Ela está a se deliciar, a cada descoberta é uma alegria danada, hoje ela viu uma barata, e o mais legal aprendeu a chamar “balata”, vivenciar o mundo faz compreendê-lo melhor.

Quem foi que rotulou nossas crianças a viverem apenas a frente de telas e com brinquedos caros, o sistema capitalista e a sociedade imediatista. E estão perdendo a essência de ser criança, MB ama correr no terreiro, buscar ovos com o “vuvu” ou melhor “uvo”, correr atrás das galinhas, se sujar por inteira de areia e se encharcar de água quando encontra uma de vacilo. Deixa-me contar um segredo, não tem segredo é só deixar eles serem crianças.

Mas, viver na roça não é moleza, principalmente que a bebê agora anda, e como anda, aliás, corre. Os medos são diversos, principalmente que ao lado da nossa casa tem um tanque, represa, lagoa como queira chamar e isso representa um perigo eminente, e como a cabeça da mamãe fica? Se a cria sai, já tem que correr atrás, porque não se pode dar uma brecha. Além de estar sempre em alerta por causa de insetos, viver com liberdade requer um cuidado a mais. Porém, a recompensa é grandiosa.

E nessa loucura que é maternar me descobrir mais forte, imagine aí uma bolsa se romper enquanto estava em aula, pode crê, foi desse jeitinho. Não contei que estou no finalzinho do curso de Letras/Português, imagina aí a labuta, e olha que eu nem quis tirar o período a que temos direito, porque não queria ter atrasos, já bastava o ano perdido devido a pandemia. Mas, deixa eu ser sincera aqui, foi uma LOUCURA, gente, você colocou uma outra pessoa para fora de seu corpo e ainda não se permitiu descansar, porém, reconheço a fortaleza que há em mim.

Essa trajetória de Universitária e mãe não é nada lindo como muitos pintam, é sofrida demasiadamente. O emocional vira frangalhos e o físico se torna obsoleto à exaustão. O que existe de belo? Bom, sendo transparente, meu corpo sofreu muito nesse processo, porém fui agraciada com uma rede de apoio, meu esposo e os avós de MB foram muito importantes durante esse período, apesar que tinha dias que era eu por eu. E neles eu percebia um rochedo, porque por vezes tinha que estudar amamentando, dias que não conseguia realizar as atividades propostas, e quando conseguia, não saía como deveria. Ser mãe universitária é o maior desafio que uma mulher pode enfrentar. Então, ao final só resta frangalhos do “eu” que chora horrores,

não dorme, não se alimenta como deveria, apenas existe, porque o sistema não disponibiliza políticas que contemplem essas mães a vivenciarem com mais leveza esse momento de resignificação.

E nesse emaranhado de retalhos que é a vida, MB está crescendo e se desenvolvendo graciosamente. E o ambiente que vive é um universo rico, colorido, cheio de sons e ar puro. É uma experiência curiosa, cada dia ela descobre um animal novo, sem contar que pode ver e sentir o anoitecer. Sandálias não a quer nos pés, quantas furadas de espinhos já recebera, pisou em cocô de galinha, sentiu os pedregulhos a areia quente, e ao final dessas sensações, não se vê e nem ouve reclamações, apenas olhos brilhando e sorriso de coelho.

Proporcionar uma infância tranquila e cheia de aventuras, sem o aceleração da cidade grande é muito importante para o desenvolvimento de cada fase da vida, sem deixar e nem avançar nenhuma. E olha, apesar da vida universitária ser extremamente agitada, busco não contaminar MB com os estresses, porém, tem dias que é impossível, e essa situação me entristece, porque a mamãe está deixando a neném sem entender nada e ainda triste.

Mãe Universitária é a potência que gera esse mundo perverso e o transforma em um útero que acolhe e molda um novo ser. A maternidade possibilita o reinventar do ser, sempre com o movimento de construção e descobertas. E MB será uma criança potencializadora de mudanças nesse mundo, levando consigo as lindas memórias da sua infância e fazendo delas uma arma para transformações.

Me despeço por aqui, pessoal, peço desculpa se foi longa demais com essa prosa, é porque é a vida real.

### 1.1.2 “Escrever é uma forma de sangrar”

ANA PAULA DE SOUZA OLIVEIRA

Conceição do Coité-Bahia, 13 de janeiro de 2023<sup>31</sup>

Boa tarde a todas as mães, companheiras de lutas materna!!

Sou Ana Paula Souza, filha de pai negro e mãe indígena, mãe biológica de PH e mãe afetiva de TD. Sou de Conceição do Coité, tenho 34 anos, casada com Marco Aurélio há 7 anos.

---

<sup>31</sup> Mulher negra, Mãe; Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Licencianda em Letras Português e Literaturas (UNEB- Campus XIV); Educadora Popular; CEO: Apma Assessoria Acadêmica; Pós-Graduanda em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal Baiano (IFBAIANO-Campus Alagoinhas), casada com Marco Aurélio, mãe de Pedro Henrique e Talles Duarth.

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Licencianda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB- Campus XIV). Sou uma mulher preta, como já mencionado, filha de pai negro e mãe indígena, porém cresci sem a referência de mãe, o que sei é apenas o que minha mãe de criação me conta, entre esses contos, está a minha origem étnica.

Em conversa com o grupo de MãEscrevivendo, criado pela mestrandia do MPED, Marilene dos Santos Queiroz, em diálogo conosco. Essa com o coração transbordando de amor e humildade, com o dom maravilhoso da escuta, possibilitou-me experimentar reviver um pouco do meu passado, que por muitos anos era visto como uma parte triste da minha trajetória, mas que me possibilitou o confronto com a minha própria historicidade, me fazendo perceber a importância da minha trajetória para minhas ações e atitudes no meu ato de ser mãe.

Mary, como gosta de ser chamada, me permitiu reviver a minha trajetória de vida e diminuir o meu “sangrar”, como nos mostra Conceição Evaristo, em Olhos d’água. Hoje eu sangro, mas de uma forma menos dolorosa, quando retomo minha vida e percebo que a ausência da minha mãe, serviu para o meu fortalecimento humano, como mulher e como mãe. Tal ausência, atrelado com nossa conversa, me fez perceber que o ser mãe é muito mais que um ato de parir ou o ato de maternar.

Não posso continuar essa carta sem falar um pouco da minha trajetória de vida, até mesmo para que o/a leitor/a entenda meus desabafos e meus acalantos e o porquê que não consigo romantizar a maternidade, mas não perco a essência do amor do ser mãe que me fortalece para enfrentar as crueldades da sociedade de cabeça erguida.

Em primeiro lugar, peço que ao fazer a leitura, cada leitora e leitor, não teça o ato do julgar sem compreender os fatores que me levaram a chegar até aqui. Não tive uma infância como demarca as legislações, fui criada por uma tia-avó, na qual tenho e sou grata para além do amor humano, minha alma não mensura o tamanho da minha gratidão. Não conheci minha mãe biológica, fato esse, que por muitos anos, me senti um nada, mas com o passar do tempo e com a maturidade chega à compreensão.

Minha história não é a mais bela, como as dos contos de fadas que li e assisti, mas acredito muito em destino e sei que o meu junto com seu traço era para ser dessa forma, hoje acredito que se fosse o oposto, não seria quem sou hoje, mas se pudesse mudar, queria ao menos ter conhecido minha mãe. Por muitos anos sonhei com o dia em que ela apareceria para mim e me contaria a sua versão, que poderia ser diferente da que conheço ou não, mas para mim o que importava e importa seria a sua presença.

O que sei é que para não ser morta pela pessoa que se dizia ser meu pai, ela teve a difícil escolha de me deixar com minha tia-avó, sei que ela teve seus motivos, pelo menos cresci sabendo que não fui abandonada pela minha mãe, como por muitos anos a pessoa que se diz ser meu pai me contava para esconder sua verdadeira face.

Minha segunda Mãe, já em minha adolescência, contou-me a verdadeira história por trás da mentira que ouvi por 11 anos. Ela me contou que minha mãe sempre me amou, sempre me defendeu, mas que o ser transvestido de pai, a batia, chegando ao ponto de colocar cimento em um copo com leite para que minha mãe bebesse e em seu organismo o cimento empedrasse e ela morresse, sem saída e sem condições, a época histórica difícil que passava o país e em 1987-1988, sobretudo as mulheres, ela optou para que eu fosse criada pela minha família paterna, não sei se foi o certo a fazer, sei que ela foi demonizada pela sociedade, minha Mãe me contou tudo.

Minha história nem parece real, mas é a verdade mais cruel. Não explano aqui a metade do que conversei com Mary, mas o suficiente para quem leia minha narrativa entenda o meu sangrar. Não quero me vitimizar, mas mostrar o quanto a falta de uma mãe afeta a vida de um filho, mas também, mas se tivermos boas companhias, podemos transformar a dor em amor, como eu fiz. Hoje posso dizer com toda propriedade que o maternar é “um ato de coragem”.

Falar da maternidade não é tão fácil quanto parece, apesar de muita romantização, essa possui amores e dores, doces e amarguras, porém é “um ato de amor” como sabiamente é dito por Paulo Freire. Ser mãe é acima de qualquer coisa, possuir a missão de educar um pedaço de nós, esse educar é a forma de dizermos cotidianamente aos nossos filhos e demonstramos nosso amor por eles.

Minha vida nunca foi fácil, contudo, aprendi com cada dificuldade e aprendo cotidianamente com cada obstáculo, entre eles, adiciono o ato da maternidade. Quando falo que o ato do maternar é uma dificuldade, me refiro a todos os fatores que enfrentei e enfrento. Hoje meu filho está com 11 anos, mas até aqui, passei por experiências, que confesso ter pensado muitas vezes em desistir, mas logo, me remetia à minha história e, com isso, retomava e retomo minhas forças para seguir em frente. Com isso, não estou determinando que maternar seja um fardo, mas não a romantizo como vejo ao redor da sociedade.

Romantizar a maternidade é uma forma de camuflar vivências, de criar e educar uma pessoa de forma utópica e, esconder de si mesmo o processo de um modo geral, desde a gestação até o ato do parir, que vivenciamos os bônus e os ônus do ser mãe. Isso mesmo. A medida em que gestamos, automaticamente deixamos de ser mulher e pessoa, passamos a ser apenas mãe, nossa vida é vista por todos em nossa volta como algo que só serve para procriar, afinal de contas, procriar está demarcado na história do “ser mulher”.

Apesar de não ter tido uma história de contos de fadas, tento mostrar aos meus filhos fervorosamente que ser mãe não é dom, mas uma missão linda que o criador nos proporciona, com essa missão, toda mulher deve ser vista, acima de qualquer coisa como uma mulher, um ser que precisa de atenção, carinho, amor. Que o amor de mãe e filho deve haver respeito, amizade, cumplicidade, essas virtudes não tive de minha mãe biológica, mas minha mainha da forma dela, mostrou-me e acredito que eu tenha aprendido e tento repassar aos meus filhos e a minha família. Não quero e não vou pecar com meus filhos.

Aos 21 anos, casei-me pela primeira vez, tive meu filho amado PH. Meu filho nasceu com problema de saúde, com isso, abri mão de muitas coisas por ele, não me arrependo, faria tudo quantas vezes for preciso, precisei sair do trabalho e abrir mão dos meus estudos. O pai do meu filho, considerado um homem bom socialmente, mas dentro de casa, deixava faltar nossa alimentação, o que me fez tomar a iniciativa de separar e criar meu filho de forma solo, tornando-me mãe solo.

Por quase cinco anos fui mãe solo, enfrentei o mundo para proteger meu filho e me proteger. Nesse percurso, fui difamada pela família do pai do meu filho, afinal de contas, ele era um “homem direito” perante a sociedade, mas acreditem, o desejo de que meu filho não repita a minha história, Meus Orixás e meus Guias de proteção me conduziram sabiamente e venci. Nesse percurso, retomei meus estudos, voltei a trabalhar, atrelado com o criar e educar meu filho.

Quase cinco anos depois conheci meu atual esposo, obtive uma segunda chance da vida e reconstruí minha família. Atualmente sou casada há 7 anos, grata ao universo pelo ser maravilhoso que apareceu em minha vida, que cria meu filho como se fosse dele, apesar de também ter passado por uma outra fase difícil, veio o segundo filho, mas esse, é meu filho afetivo, porém biológico apenas do meu esposo, acho que dá para compreender o contexto, mas que o amo como se o tivesse gerado.

Como mainha sempre fala: *tem mal que vem para bem* porque meu caçula não saiu de mim, mas tem todo amor do mundo. Minha história se repetiu duas vezes em minha vida e uma vez na vida do meu enteado, mas confesso aqui de todo o meu coração e ratifico que o que aconteceu comigo, serviu para me fortalecer e apesar de não romantizar a maternidade, a vejo com outros olhos, sem perder a essência do amor que é ser mãe. Ser mãe é diferente de maternar.

Hoje sou formada em Pedagogia, atualmente estudo Letras Português na UNEB-Campus XIV, em Conceição do Coité-BA. Iniciando uma pós-graduação em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica. Recentemente, junto com meu esposo, formalizamos uma assessoria acadêmica, que já existia desde 2018, mas legalizamos em dezembro de 2022.

Não é nem nunca será fácil ser mãe, volto a ratificar que ser mãe é diferente de maternar, mas que todas as minhas experiências nesses 34 anos, serviram, servem e servirão para que eu possa educar meus filhos com primazia, honra e dignidade. Minha experiência me fará contribuir na formação que primo para os dois e sei que o que passei foi importante para que hoje quanto mãe, eu saiba valorizar o legado de ter gerado e o legado de ter a oportunidade de ser mãe afetiva do meu caçula.

Sei que meus orixás foram e são fundamentais para o meu crescimento pessoal, profissional, materno e espiritual. Parafraseando Livia Souza (2011, p. 29 *apud* Isabele Pereira; Luiza Silva, p. 11) em “*Cartas para Lélia Gonzales*” quando ela diz que “[...] Dentro desta água doce cabe a violência das torrentes. Dentro da água há um espaço sempre preenchido, onde dança uma mulher castanha e bela. No fundo, mais que limo e pedra, há pulseiras vivas e perfumes feitos de puro mistério[...]”. Concordo plenamente com sua fala, pois eu me vejo nessas águas, me reconheço em cada estrofe de sua citação.

Costumo afirmar que não tenho lembranças boas de minha história e possuo uma saudade imensurável de ter tido minha mãe biológica ao meu lado, mas também agradeço a Deus, meus orixás (Obaluaiê e Iemanjá) e guias de proteção por ter me conduzido a ser quem sou e me formar quem sou. Agradeço a minha mainha por ter aceitado a missão de me educar do fundo da minha alma.

Na oportunidade, agradeço a Mary por ajudar a ver minha história com os olhos do coração e por me permitir experimentar a delícia dessa escrita. Não foi fácil transcrever minha história e um ensejo do ser mãe, mas se não tivesse uma história, não seria quem sou e não me permitiria querer ser a melhor mãe cotidianamente.

Encerro essa escrita com meu coração cheio de gratidão, toda vez que preciso relembrar uma parte de mim eu sangro, mas dessa vez, sangrei de forma positiva. Encerro minha fala com a citação da minha amada Conceição Evaristo que diz em *Olhos d'Água*: “Escrever é uma forma de sangrar” e “Eles Combinaram de nos Matar, mas a Gente combinamos de Não Morrer”. A pessoa que se diz ser meu pai combinou de me matar por duas vezes. A primeira quando tentou matar minha mãe e a segunda quando ela fez a mais difícil das escolhas para literalmente não morrer, mas, assim como em *Olhos d'água* eu combinei, melhor, “a Gente (eu e minha mãe) combinamos de não Morrer”.

### 1.1.3 De uma mãe para um filho, de Andreza dos Anjos para Bruno Fellipe

Andreza dos Anjos Souza

Teofilândia, 13 de janeiro de 2023

Bem, por onde começar, filho? Escrever essa carta aberta para você poder ler quando crescer é mais um desafio porque foram tantas vivências que é até difícil caber em poucas laudas, mas vamos lá... Meu sonho desde criança era ser professora, durante a educação infantil sua mãe foi à última de toda turma a aprender ler, aquilo marcou minha vida e eu tinha muita vontade de ajudar outras crianças que tivessem a mesma dificuldade que a minha.

Os anos passaram, eu cresci, conheci seu pai, me apaixonei e depois de três anos papai do céu me presenteou com você, só que depois de dois meses tive um susto que acabou me levando para a emergência, fiz um ultrassom e o Doutor não conseguiu te encontrar, será que tinha perdido meu bebezinho? Tive que esperar 15 longos dias para ter a certeza, mas graças a Deus que não, mas levei contigo o desafio de uma gestação de risco, uma semana depois saiu o resultado do Vestibular da Universidade do Estado da Bahia, sua mãe tinha sido aprovada, mas como eu iria sair de uma cidade para outra correndo risco de te perder? Como poderia deixar meu sonho escorrer por minhas mãos? Foi uma mistura de sentimentos, contei para sua vovó Delza, chorando, que tinha sido aprovada e que não iria, mas ela disse que não, que eu iria sim, que eu seria capaz, e eu fui, filho, seu vovô Zé e seu papai Willian me levavam todos os dias com muito cuidado para o centro da cidade para que eu pudesse pegar o ônibus e ir até a Universidade.

Mas o que sua mãe achava ser o maior desafio estava apenas começando, era um mundo novo pra mim, a gravidez e a universidade, quando cheguei não conhecia ninguém e tive olhares de julgamentos por estar grávida. Na aula de Psicologia eu estava muito enjoada e pedi a professora para sair mais cedo, ela me questionou e eu falei que estava grávida, então ela me chamou de louca, que eu tinha estragado com a minha vida por ter você, para ela eu era muito nova e estava iniciando minha carreira agora, aquelas palavras, filho, nos machucaram e nos fizeram chorar, será que eu era uma péssima mãe por estar colocando sua vida em risco só para realizar um sonho meu? Será que eu conseguiria? Eu pensei em desistir muitas vezes, mas você me fortaleceu de uma forma que eu não sei explicar, eu não falei sobre isso com ninguém da família durante anos, só nós dois sabíamos. Eu consegui, filho, por você, por nós.

Em uma quinta do dia 16/03/2017 você nasceu, meu abençoado filho, de parto cesárea, pois não tive evolução através do normal, você veio ao mundo lindo e enorme, cheio de saúde

e vida. Quando a anestesia do parto saiu do meu corpo eu não conseguia andar direito e sentia muitas dores, mas ao olhar pra você eu me fortalecia, enquanto meus colegas iniciavam mais um semestre eu tinha trancado e estava com você no hospital, mas agradecia a Deus por isso.

Depois de seis meses precisava voltar para as aulas, mas como deixar você tão pequeno? Por mais que eu tivesse sua avó para me ajudar não foi fácil, seu pai estava viajando a trabalho e eu me sentia culpada por te deixar, sentia culpa, saudades, além das dores físicas pelas noites mal dormidas e quando precisava jogar o leite fora ao invés de te amamentar, eu acordava de madrugada pra dar tempo de tirar o leite para você tomar em banho maria quando eu estivesse longe, foi tão difícil filho, contava os minutos pra te ver, algumas vezes cheguei a cochilar nas aulas de tanto cansaço e não conseguir ler o material que os professores pediam a tempo, mas eu venci cada semestre.

Você foi crescendo, se tornando uma criança cada vez mais esperta, maternidade não é só flores, foi difícil para nós dois, estar presente e ao mesmo tempo ausente, mas com a ajuda da nossa família sua mãe conseguiu, você foi minha fortaleza, tudo que fazia pensava em seu futuro e não apenas só no meu, participei de várias monitorias de extensão e de ensino, estágios, e consegui colar grau em 22/09/2022 com você me olhando na primeira fila, por mais pequeno que fosse, sentia seu olhar de orgulho para mim aos 4 anos. Essa vitória foi nossa, filho, hoje tenho orgulho de não ter desistido, mesmo depois de tantos obstáculos.

Quando lembro a fala da minha professora no primeiro semestre, quando ainda estava grávida, vejo como Deus é maravilhoso, como ele nos surpreende, eu nunca pensei daquela forma e sim que você é uma benção, meu milagre, minha força, hoje sou graduada em Pedagogia e sua professora da Educação Infantil. A primeira professora do meu filho fui eu, sua mãe. Eu amo você, Bruno Felipe, tenho orgulho de ser sua mãe e sua professora filho, você é uma criança iluminada, você é e sempre será minha força.

#### **1.1.4 Uma carta de uma mãe de primeira viagem - e que viagem!**

Simone Teles Lima

Serrinha-Bahia, 27 de dezembro de 2021

Comecei a escrever essa carta, o sol estava indo dormir, é assim que a minha filhota fala, quando o sol está se pondo! Fiquei o dia todinho refletindo sobre as memórias da gestação. Falar de maternidade é a hora que meus olhos lacrimejam, meu coração palpita, e sopra em mim uma vontade de falar que a mulher quando pari, não precisa abandonar seus sonhos para

viver para a cria, seguir o “padrão” super-heroína para agradar uma sociedade que só cobra da mãe/mulher, exigindo que a criação seja “perfeita” e que a nossa paciência seja adequada, nos fazendo engolir goela abaixo superstições que a gente nem acredita, ou levar ao pediatra que são da confiança da família, dentre várias outras coisas! Fuja disso.

Escolha os caminhos que você deseje trilhar, fiz assim, me permitir vivenciar essa loucura maravilhosa que é ser mãe, mulher preta, nordestina arretada, universitária, dona de casa, professora e dona de mim! Se está dando certo? Pra mim sim, para várias pessoas não, mas eu quero é ser feliz, às vezes machuca as falas que atravessam o bom senso e o julgamento que é cruel quando se trata do ser mãe, mas logo me liberto e volto a vivenciar minha maternidade! Acho que sou uma mãe rebelde, perante a sociedade em que vivemos! Uma rebeldia que não se deixa moldar pelos costumes da família, mas que também não me deixa alheia a vivenciá-las em alguns momentos. Pois não acredito, mas confesso que várias vezes me peguei naturalmente no meio delas. Por exemplo, quando senti vontade de comer pinha e a minha avó movimentou a família toda para conseguir a pinha, ou então a minha cria segundo ela nasceria com a cara de pinha. Ou no banho de folhas de algodão já nas contrações para o parto ficar mais tranquilo. Ou ainda, enterrar o umbigo da minha filhota, mas que de forma alguma poderia ser feito pelo pai. Dentre várias outras superstições que continuo fazendo sem perceber.

Às vezes me olho no espelho e digo a mim mesma, parabéns para mim! Minha filhota Helena tem 3 anos, e foi uma luta para eu engravidar! De início, precisei fazer tratamento para engravidar, isso aconteceu a 4 anos atrás, quando o médico me informou sem nenhum vestígio de esperança que o tratamento poderia dar certo após uns 12 anos. Foi desesperador, mas ao mesmo tempo senti uma força que chamo de fé, acreditei que seria mãe porque para mim a maternidade é uma das coisas que nos aproxima do divino, que nos motiva a ser uma pessoa melhor. Então, no mesmo mês Helena apareceu em meu ventre, nem precisei iniciar o tratamento sugerido pelo médico.

‘Xiii’, começou na gestação minha rebeldia em ser mãe fora dos padrões. Como já mencionei, acredito que não devemos deixar um sonho para vivenciar outro, se ambos podem nos dar prazer para viver em plenitude. Tenho o magistério, mas era um sonho imenso cursar Pedagogia. Pensava que os conhecimentos assimilados e vivenciados no curso poderiam me amparar na criação da minha pequena, no sentido de compreender o seu comportamento em várias fases do crescimento. E realmente são úteis para lidar com diversas situações em nosso cotidiano familiar.

Em paralelo a graduação, trabalhei em uma escola infantil. Por algum tempo foi desafiador conciliar várias demandas. Vieram várias noites sem a pequena dormir direito, sentindo cólica, o cansaço chegava, mas tentei levar com leveza os momentos de caos! Precisei muito de rede de apoio, e encontrei na família, meu parceiro de vida, sobretudo em mainha, colo. Mainha esteve presente durante toda a minha gestação, compreendendo minha rebeldia, em um momento que os hormônios não estão em sintonia. Sinto que nós mães, devemos ser abraçadas, percebo que só conseguimos seguir com leveza, quando somos amparadas. A maternidade me despiu de vergonha boba de pedir colo, peço sempre que a coisa pega! A minha mãe discorda totalmente da forma com a qual dialogo com minha filhota, pois, converso com a minha pequena, negocio na hora a birra, isso causa um desconforto em algumas pessoas, e é normal também. Se dá certo? Pra mim dá. Minha filhota é uma criança sapeca, muito carinhosa, respeitosa e gentil!

Então mamãe, seja sua própria inspiração. Seja gente que sente medo de não dar conta, mas aprende a ter paciência para suportar as birras e travessuras, aprende a cuidar de machucados e sangue jorrando forte depois de uma queda, aprende a desacelerar e saborear momentos simples do cotidiano, aprende a ser firme e logo desmontar todinha quando ver aquele sorriso iluminado da cria... seja simplesmente, gente.



**Exposição Artesãs da Palha 2022.**  
**Dona Idália da Paixão Silva, no processo de costura do chapéu**  
**feito da palha do ariri (pindoba), em Água Fria-Bahia.**  
**Fonte: Instagram @artesasdapalha**

## 1.2 FILHA DO MASSAPÊ, DO RIACHO E DO SISAL: TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO SISAL

Sexta feira, 13 de janeiro de 2023. Levanto. Acendo uma vela. Peço proteção. Seguro na mão de Conceição Evaristo e “sigo a Senhora das Águas Serenas, a Senhora dos Prantos Profundos. Sigo os passos, passo a passo. E fundo outro caminho. Sigo os passos. Passo a passo. Sigo e passo. As águas passam e as pedras ficam” (Evaristo, 2021b, p. 101). Sempre fui uma menina muito levada e arteira. Eu e muitas das/os outras/os deste vasto território. Crianças curiosas pintam seu mundo e juntas nós vivíamos desbravando, aprontando e recriando o Território de Identidade do Sisal. Em conversa com Gersier Ribeiro (Santos, 2022), em sua dissertação “escrivências de professoras-negras-lésbicas: práticas educativas e produções de intelectualidades”, ela me disse: “como toda criança curiosa e desobediente, eu me permitia corajosamente, às escondidas, tomar meus banhos, divertia-me, aprendia a nadar e sempre me lembrava da mãe d’água com certo temor, respeito e curiosidade” (Santos, 2022, p. 17-18). Embora ainda não nos conhecêssemos, nossas infâncias se conectavam de alguma forma. Meu avô dizia que toda criança transportava, através dos sonhos, suas artimanhas umas para as outras.

Cria de comunidade, tive uma infância bem difícil, mas rodeada de muitos ensinamentos. Filha de muitos riachos, as águas sempre estiveram presentes mesmo que na memória dos tempos de seca nesse Sertão baiano e Nordeste. Eu já disse que quando as águas nos visitam, é dia de celebração? Pois bem! “Bom mesmo é estar debaixo d’água”, como nos diz Luedji Luna em sua canção. Seguir as águas das levadas, em tempos de chuva no Sertão, sempre me levou ao encontro dos riachos e dos “peixes pequenos de água doce” (Santos, 2022). – A famosa piaba, aquelas que por muito tempo nos alimentaram – Sempre me levou ao encontro das águas, que em levadas se tornam curvilíneas feito o tempo espiralar de Leda Maria Martins (2022). Ao encontro de mamãe Oxum. Hoje eu sei, foi ela que sempre me conduziu. Aqui nós somos muitas poças d’água, muitas levadas que cortam estradas de chão. Olha que boniteza, senti só esse barulho como é gostoso.

**Vídeo 4** – Transbordar de águas em levadas na roça. Açude do finado Dada



**Fonte:** Arquivo pessoal gravado em 2022 (Transbordar [...], 2023).

Elas brotaram em uma manhã de quinta-feira, 1 de dezembro de 2022, no açude do finado Dada, aqui em Fazenda Socavão. A tarde, o corpo de minha vó davam sinais do tempo, assim como Sabela (Evaristo, 2017) ela sabia quando as águas vinham. “Cobre os espelhos e a televisão que eu vou colocar o gás no candeeiro pra ‘mode’ se faltar luz, mais tarde, não ficar no escuro” – Dizia ela lá da cozinha. Sua pindoba benta já estava preparada para ser queimada e acalmar o vento da trovoada. Em tempos de trovoada Iansã filha de Iemanjá, sempre nos visita. E me faz lembrar da canção “Oya”, de Arlindo Cruz e Arlindo Neto. Segue o Vídeo 5, caso queira ouvi-la:

**Vídeo 5** – Homenagem a Iansã, por Arlindo Cruz e Arlindo Neto<sup>32</sup>



**Fonte:** Iansã [...] (2016).

<sup>32</sup> Para se conectar com o vídeo, acesse o *QR code* ao lado da imagem.

“E será (Será) que a força da fé que carrega nosso viver pode mover montanhas pra gente poder passar? É a nossa oração, pedindo pra Deus, Oyá, Oyá, Oyá, ela é dona do mundo (Oyá)” (Iansã [...], 2016). Ela, Iansã, que como nos ensina Terezinha Bernardo em seu livro: “Negras, Mulheres e Mães”, representa o vento (*afefê*), a brisa, o vento forte (*obori*) e tem origem na água (Bernardo, 2019). O fato é que vó, assim como “Sabela” (Evaristo, 2017) já sabia destas águas que iam brotar.

Nesse território tem muitas dessas levadas que vocês viram no vídeo, nem sempre cheias, mas a espera das águas. Podemos chamá-las de rasuras e fissuras, aquelas que Iris Verena Oliveira nos provoca a fazer no contexto da educação, na vida. E é de rasuras em rasuras que vou te levando a conhecer esse Território onde está presente a UNEB campus XI (Serrinha) e a UNEB campus XIV (Coité), universidade onde eu e as interlocutoras coautoras desta pesquisa vivem a formação. É nesse emaranhado entre Território de Identidade do Sisal e UNEB que esta pesquisa é vivenciada. É também no TISisal onde estas mulheres se localizam, seja por ser o espaço onde moram ou o espaço onde realizam sua formação. De todo modo, todas elas são TISisal. Nas andanças de UNEB, costumamos dizer: uma vez unebianas, para sempre unebianas. Então: uma vez TISisal, para sempre TISisal. E você, já conhece o TISisal?

O TISisal, fica localizado na Bahia, no domínio morfoclimático do semiárido, no nordeste do estado e abrange uma área de 21.256,50 Km<sup>2</sup>, povoada por 20 municípios (Figura 2). Os municípios que compõe o TISisal são: Araci, Barrocas, Biritinga, Candeal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Queimadas, Retirolândia, São Domingos, Quijingue, Nordestina, Santaluz, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente (Codes Sisal, 2016). Trouxe um mapa para que vocês possam reparar em nível de extensão estes municípios:

**Figura 2** – Municípios que compõem o TISisal, 2018



Fonte: Silva e Ana Santos (2020, p. 76).



governamentais e sindicatos” (Lima, 2021). A noção de Território atrelada a noção de Identidade demonstram o sentimento político e a vontade coletiva, possibilitando a criação de conexões com as variadas tessituras, experiências, dilemas que compõem o território e sobretudo a relação de pertencimento.

É um território banhado por muitas dificuldades e disputas de poderes em meio a escassez, a seca e ausência de recursos que evidenciam uma realidade bastante precária, inclusive que revelam processos de escravização no interior. Nesse momento não haverá tempo para aprofundar nessas questões, mas o evidencio nessa pesquisa como um espaço de pertencimento, lutas e conquistas – muitas delas através de políticas públicas - ao tempo em que, o anúncio como um espaço de produção de conhecimento e saberes ancestrais de resistência, onde estas mãos e aquelas que foram portais provocam rasuras e ocupam espaços outros que fogem a regra colonial pré-determinada para o nosso Nordeste.

Falar do TISisal é dizer do Sertão, da Bahia, do Nordeste. É revisitar o “aió de memórias”, como nos ensina Daniele Ferreira em sua Dissertação “Quem vê flashes não vê corres: práticas educativas atravessadas pelas Pedagogias Feministas Sertanejas nas escolas estaduais de Conceição do Coité – BA.” (Ferreira, 2022). É contar histórias que estão no lugar do silêncio, do apagamento, como uma maneira de também “contar as histórias daquelas que ficaram pelo caminho”. Esta fala de Fernanda no II Seminário Poéticas da Pesquisa em Educação<sup>34</sup>, para nós, faz muito sentido. Revisitar este aió é ir ao passado e trazê-lo para vida, contar a narrativa dos nossos/as, mas também significa regatar e curar nossas crianças.

Nas minhas andanças, sempre estive a reparar esse pedacinho de chão. Assuntava meu avô na lida do motor de sisal. Assuntava minha vó e aquele monte de mulheres lavarem roupas no tanque de chão. Era preciso muita cautela e persistência para desenvolver tamanhas habilidades. Nós ficávamos de olho mesmo era no ouro que por ali passava. Tão próximo e acessível quanto aqueles aviões que passam por cima das nossas casas, motivo de gritos das crianças, empolgadas com aquele fenômeno. Eu já fui uma dessas crianças. Alguns/as de nós já fomos crianças assim. Quem do interior, da roça, nunca correu para o terreiro para acompanhar um avião a passar? Minha vó dizia que era para levar criança teimosa. Eles faziam tanto barulho quanto nos nossos sonhos. A verdade é que eles estavam transportando o ouro<sup>35</sup>, encontrado ao escavar as nossas terras. Os únicos centímetros de terra que não foi escavado é onde passa o braço

<sup>34</sup> O seminário aconteceu na UNEB Campus I (Salvador), em 2 de dezembro de 2022 e contou com a presença da escritora americana, Saidiya Hartman.

<sup>35</sup> A Mineração Fazenda Brasileiro (MFB), situada na Zona Rural, pertence atualmente ao Grupo Yamana, mantém a exploração do Ouro e Prata e está inserida nos municípios de Teofilândia, Barrocas e Araci (Rubem, 2012).

d'água, aqui no monte rochoso (Monte do Morrinho), ao fundo de casa, onde se encontra entre as rochas, um pequeno olho d'água.

Moramos próximas/os da Mineração Fazenda Brasileiro e ao lado do motor de Sisal. Duas realidades que já renderam fortunas aqui no TISisal. Fortunas para quem? Para aqueles/as que colocam a mão na massa? Que exercem a mão de obra barata e com grandes riscos de vida? Não! Não mesmo! Já assuntei muito minha vó, tios e meu avô no motor do Sisal. Meu avô era resideiro<sup>36</sup> e minha vó colocava o Sisal para secar. A única diversão dessa narrativa era andar entre os caçoar que o jegue transportava. Viviam cheios de crianças que acompanhavam suas famílias. No mais, era muita resistência, suor e trabalho escravo. Há quem diga que acabou. Mas não! Ainda existe e por aqui, volta e meia, uma família passa. E os aviões? Ainda sobrevoam, mas as crianças já dizem: Vieram roubar nosso ouro.

Assuntava aqui e acolá. As quebradeiras de castanha e licuri juntavam litros e litros para vender na cidade. Estamos em época de umbu, a escrita fica mais gostosa acompanhada de umbu inchado. A subsistência muitas vezes vinha/vem do umbu, licuri, castanha de caju, feijão, milho, mandioca etc. “Três grão de feijão em cada cova, viu moça. Não pode colocar o milho na mesma cova do feijão. Joga a semente e tampa a cova com o pé”. Cresci ouvido essa ladainha. Está chegando o período de plantarmos, se o inverno esse ano for bom a gente colhe bastante. Tem coisa melhor do que um beiju quentinho saindo do forno? Raspar a mandioca, ceivar, espremer a goma, colocar pra secar, peneirar e então fazer o beiju. Cada fase tem uma pitada de sabor. A feira, na cidade do povoado que moro, é dia de sábado. As Donas Marias sempre estão lá, vendendo seus produtos colhidos, muitos da agricultura familiar. Quando criança, sábado era o dia mais esperado por mim e por minhas primas/os, era o dia em que meu avô ia a cavalo para sede da cidade fazer a feira e sempre trazia um queimado, um docinho para nós.

Bom mesmo era o doce de palma que minha tia fazia. A vegetação predominante no Território é a caatinga, propícia ao clima semiárido. Podemos também encontrar o mandacaru, palma, o xique-xique, a coroa de frade; cactos carregados de beleza e resistência ao clima seco. o mandacaru e a palma são bastante utilizados para alimentar o gado e as ovelhas em época de estiagem. O afiar dos seus espinhos, que servem para esvaziar o ar da linguiça de porco – aquela artesanal que produzimos em casa – se misturam com as artimanhas das mulheres e homens da roça e do interior.

---

<sup>36</sup> O resideiro trabalha no campo de sisal. Possui múltiplas funções: fornece as folhas transportadas para o cevador, retira os resíduos acumulados abaixo da boca do motor, além de ficar responsável pela passagem da fibra verde (Nascimento, 2016).

Aqui na roça eu aprendi a compartilhar. A comida, as roupas, as brincadeiras, os risos, os medos. Somos um povo tecido na coletividade. A ausência do básico nos levava a aprontar maneiras de viver. Faltava carne, mas o molho de cebola não podia faltar. Agora entendo por que adoro uma comida farofada e recheada com frutas. Umbu, cajá, melancia e banana, principalmente. Compartilho da narrativa de Fabiana Silva e Virginia Santana quando ao contarem suas experiências de mulher do campo/roça no sertão baiano dizem: “Aprendi desde pequena que a vida é mais leve na coletividade, que as sementes que enterramos darão frutos não só pra quem planta, mas que é preciso socializar a colheita, porque o trabalho também foi coletivo” (Fabiana Silva; Virgínia Santana, 2022, p. 8).

O caruru de tia Etelvina, benzedeira, reunia toda comunidade. Ela realizava todo ano em pagamento a uma promessa que havia feito para seu filho mais novo. O prato ancestral é feito com quiabo cortado, azeite de dendê, camarão, amendoim, castanha, entre outros ingredientes a gosto; era acompanhado de frango cozido, arroz e vatapá. Lembro-me dela sentada entre nós – as sete crianças que comiam primeiro – nos contando a história de Cosme e Damião e distribuindo doces. Hoje eu sei que eles também são Ibejis ou Erês<sup>37</sup>. Sem contar no samba de caboclo que raiava o dia. O reisado, o bumba-meu-boi, a literatura de cordel, o samba, a capoeira compõem a cultura local e marcam a ancestralidade e a cultura afro-brasileira.

*Ô de casa ô de fora  
 Ô de casa ô de fora  
 Mariá vai ver quem é  
 Mariá vai ver quem é  
 É a virgem da conceição  
 É a virgem da conceição  
 São os ‘cantador’ de reis  
 São os ‘cantador’ de reis.  
 (Cantiga de Reisado)*

Perdi a quantidade de vezes que roubamos reis nas casas em volta da comunidade. Chegávamos batendo tambor, cantando e sambando na frente da casa, pedindo para que o/a morador/a abrisse a porta e nos recebesse. Apesar da influência Europeia e do catolicismo, o reisado tem fortes presenças da Matriz Africana em sua origem<sup>38</sup>. Tive uma infância muito

<sup>37</sup>“Para as matrizes africanas, essas figuras são representadas pelos Orixás Ibeji – os gêmeos Taiwo e Kehinde –, filhos de Xangô e Iansã. Isso deu-se, porque, em uma época em que era proibido reverenciar publicamente os Orixás no Brasil, Cosme e Damião serviram, no sincretismo religioso, como representação desses irmãos para permitir o culto das entidades. Desse modo, ao longo da história, as tradições católicas e as da Umbanda e do Candomblé acabaram por mesclar-se (Notícia Preta, 2022).

<sup>38</sup>A pesquisadora da Universidade Federal do Ceará (UFC), Cícera Nunes, evidencia dois elementos de influência: o ritual de coroação dos reis negros e as danças de cortejo de base africana que têm sua origem a partir das eleições e reis do Congo da África. Temos também nosso tambor e o samba como fortes influências (Elisângela Santos, 2012).

marcada pela presença do reisado nordestino. Hoje, infelizmente, esta cultura vem perdendo força, uma perda imensurável para as raízes culturais do Nordeste.

“Eu comecei essa brincadeira tem quase vinte ‘ano’. Tô com minha idade avançada e peço a Deus que quero continuar, porque essa brincadeira é uma cultura que eu adoro” – nos conta Maria da Anunciação, no filme *reisado*, e continua – “E aí eu fui me entrosando, entrosando até que entrosei de verdade. Aprendi tudo: Batuque, canto, sambo. Não sei sambar não mais dou umas peneiradas”. Este filme é uma produção do “candeeiro filmes”<sup>39</sup> realizado com um grupo de reisado da cidade de Araci, presente no TISisal baiano.

Em conversa com Eva Dayane Santos, recordamos dos “sons de atabaques e pandeiros nas rezas (primeiro eram as rezas, depois era o samba que “comia no centro”). Da esteira lançada ao centro do terreiro para a contação de histórias oralizadas em noites de lua cheia (histórias do bicho-menino, mulher da trouxa) (Eva Santos, 2022). Tradições que ela nos apresenta como contribuições do povo Bantu.

Por aqui também se encontra muitas atuações de organizações culturais, políticas e culturais como: sindicatos, coletivos de jovens, associações, organizações de mulheres, cooperativas, entre outras. Na cidade de Serrinha nós temos a organização feminina negra Movimento de Mulheres Negras Dandara do Sisal (MMNDS); em Conceição do Coité temos a Associação Revolution Reggae; em Valente temos; Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (APAEB); na cidade de Lamarão se encontra o Artesanato Solidário/ArteSol; Em Água Fria encontramos as Artesãs da Palha. Em todas elas se encontram pessoas lutando por direitos e garantias de vida. Famílias, em sua maioria mulheres mães, que não arredam o pé nas lutas por equidades, nas lutas por sustentabilidade. Todas estas organizações e muitas outras fazem parte do TISisal.

Desde muito cedo meus comportamentos e brincadeiras eram questionados. Não compreendia por que tinha que usar rosa e brincar de papai, mamãe e filhinha; porque não podia brincar de bola; e por que tinha que me relacionar com um homem bem-sucedido e de família. Dizia meu avô: “Aprenda com sua Vó a cuidar da casa, para ser uma boa moça e arranjar um marido de boas condições.” Diante destas questões, dialogo com Guacira Louro (2014) evidenciado: “[...] para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (Louro, 2014, p. 21), problematizando inclusive os marcadores sociais que atravessam as questões de gênero, intensificando as relações de poder e as discriminações sociais.

---

<sup>39</sup> Para mais informações sobre o filme “reisado”, acesse o perfil do Instagram: @candeeirofilmes.

Precisei voltar, para entender meu avô. Fui ensinada a seguir em frente, sempre, mas aprendi que retornar e assuntar os labirintos era necessário para bailar com a vida. Criada por uma lavradora e um resideiro de Sisal, a escola chegou tardiamente até a mim. “Estudar é coisa de menino da rua”, dizia minha avó. Sabiamente, e nas entrelinhas do seu pensar, ela já previa as condições de permanência, quando a necessidade maior era a comida no prato das(os) filhas(as), para além das discriminações que uma menina advinda da roça enfrentaria quando o seu corpo se fizesse presente naquele âmbito educacional da cidade. Estudar na cidade não foi tão agradável como imaginava que fosse. Lembro-me que no quarto ano, hoje quinta série, sentíamos a euforia em dizer: “Ano que vem vamos estudar na rua”. Era assim que estudantes de escolas rurais costumavam dizer quando estava chegando o novo ciclo na vida formativa. A tão esperada matrícula na escola da cidade. Hoje, nós temos colégios que fornecem toda educação básica na zona rural, mas naquele período, por volta de 2005, não havia.

Ver os filhos/as e netos/as estudarem na cidade, para uma comunidade que por muito tempo não teve acesso a uma educação escolar, era motivo de muita alegria e medos. Confesso que essa fase foi permeada de muita dor. Eu não entendia por que havia perdido o encanto pela escola. Nos divertíamos tanto colhendo as flores das estradas para levar para o professor. Brincávamos muito no terreiro da escola, que hoje só existe os escombros. Era pique-esconde, bate lata, sete cacos, baliô, amarelinha, serra-serra. Tínhamos nossa quadrilha, nossa fogueira, nosso samba, nosso bumba meu boi, nosso caruru. Tudo era motivo para juntar a comunidade e festejar. Em meio aos escombros, resta a memória coletiva.

O momento mais esperado por mim e minhas primas, quando estávamos na escola, era o tocar do sinal, ele anunciava a hora de voltar para casa. Dizíamos que era porque adorávamos pedalar, mas na verdade, pegar a bicicleta e avistar a estrada de chão, nos distanciava dos preconceitos e discriminações. De sermos taxadas como aquelas que: não sabia falar; não sabia se vestir; não sabia brincar, ou ainda: “as moreninhas da roça” e “cabelo de brilhantina”, como éramos chamadas. Pedalar de bicicleta na estrada de chão representa/ representava liberdade.

Mas onde ficou o encanto? Por muitos anos me perguntei, até entender que se tratava do preconceito territorial e de classe, atrelado ao racismo e sexismo, operando por trás dos muros que deveriam ser portais. Foram vários anos ouvindo piadinhas, chacotas e nos sentindo excluídas/os das panelinhas de trabalho escolar. Nos sentindo inferiores. “Quando começo a pensar na infância, me lembro das dores que eu sentia e que não sabia ao certo o nome. Na escola, diversas vezes me senti menos inteligente” (Deh Bastos, 2021, p. 311). É Deh, em muitos momentos me vi em seu relato. E ainda hoje, no mestrado, por vezes, me sinto menos

inteligente. Em muitos momentos estávamos imersas nas armadilhas coloniais e, por consequência, o epistemicídio operando nos espaços educacionais.

Em conversa com Sueli Carneiro, em sua Tese de doutorado: “A construção do outro como não ser como fundamento do ser” defendida em 2005, ela ao dialogar com o pensamento de Boaventura Souza Santos em 1997, nos oferece pistas para entender como o epistemicídio opera. Para além da desqualificação e anulação do conhecimento dos povos subjugados, como Souza e Santos definem o termo, o epistemicídio é:

[...] um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Sueli Carneiro, 2005, p. 97).

Embora estivéssemos no mesmo território, no interior da Bahia, estes processos de apagamentos eram vistos com mais força nas cidades. Quantos/as de nós foram excluídos/as, ou não chegaram a adentrar as instituições educacionais de ensino? O epistemicídio é estratégico e nos coloca à margem em uma sociedade estruturada pelos ideais hegemônicos e colonial.

Nós até tentávamos nos encaixar nos padrões, negar nossas origens. Ensaiávamos as palavras que continham as sílabas ‘de’ e ‘te’, mas não demorava e voltávamos a entoar a boniteza do nosso sotaque nordestino e carregado. Evitávamos combinações de roupas e roupas coloridas. Unhas, sandálias e acessórios da mesma cor? Nem pensar! Os cabelos viviam cheios de brilhantina e aquele famoso óleo Soya. Nada de fios soltos. Nossas brincadeiras nunca eram interessantes. E se reclamássemos das piadinhas: “que menina tabaroa, da roça, não se pode nem brincar”. As respostas vinham ligeiras e cortantes.

As ditas “moreninhas”, como eu, as vezes recebia uma espécie de passaporte nas relações. Já as meninas retintas, 95% das vezes eram excluídas. “Quanto mais escura a pele das pessoas negras, mais ela sofrera as consequências do racismo”, ouvi isso de Deh Bastos, em seu relato “Me tornei mãe e renasci como uma mulher preta”, presente no livro: “maternidades no plural” (Bastos, 2021) e super concordo. Sermos socialmente lidas como brancas, ou quase brancas, nos coloca em um círculo de passabilidades<sup>40</sup> que o colorismo instaurou na sociedade Brasileira, estruturando a forma e intensidade com que o racismo atravessa os corpos das pessoas negras. “O racismo é um sistema político de opressão. O racismo não é uma opinião, não é um sentimento; é a base onde toda a sociedade foi construída (Bastos, 2021).

---

<sup>40</sup> Para mais informações sobre passabilidade, ver Morena Mariah (2021).

A ideologia do colorismo, por exemplo, produz hierarquias racistas estruturadas de acordo com o tom de pele. “O racismo se perpetua quando as pessoas de pele clara são mais aceitáveis por serem o mais próximo do padrão universal: o branco” (Bastos, 2021).

Na *live*: Jornada Feminismos Plurais – colorismo, realizada pelo canal do YouTube: Feminismos Plurais, Alessandra Devusky, juntamente com Djamila Ribeiro, traz considerações pertinentes para a reflexão em torno do colorismo. Para ela, Djamila, “o colorismo é o braço do racismo, uma vez que estrutura a sociedade. É um esquema de opressão, uma estratégia de dentro do racismo que promove hierarquização de pessoas negras. Um movimento de criar fissuras dentro do movimento negro” (Jornada [...], 2020). Um movimento que desestrutura a construção das identidades raciais Brasileira promovendo o branqueamento, bem como, determinados privilégios sociais. Sob as lentes de Bastos (2021), o colorismo é fruto das sociedades colonizadas por Europeus e que passaram por processos de miscigenação.

Aqueles/as que dizem ser a miscigenação a maior riqueza brasileira se esquecem que essa miscigenação começou com a violência e estupro das mulheres negras e indígenas pelos homens brancos dominantes, durante processos de colonização. Nestes termos, aprendemos com Lélia Gonzales que tanto a ideologia da mestiçagem quanto da democracia racial<sup>41</sup> é uma grande falácia (Lélia Gonzales, 2020).

Sendo assim, a mestiçagem – fruto dessa miscigenação – se constitui como uma etapa do processo de branqueamento no Brasil. Nas palavras de Kabengele Munanga (2020, p. 135), “a elite brasileira, preocupada com a construção de uma unidade nacional, de uma identidade nacional, via esta ameaça pela pluralidade étnico-racial. A mestiçagem era para ela uma ponta para o destino final: o branqueamento do povo brasileiro”. Nas palavras de Abdias Nascimento, o branqueamento da raça representa uma estratégia de genocídio.

Para a solução deste grande problema – a ameaça da “mancha negra” – já vimos que um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra pelos brancos da sociedade dominante, originado os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardo-vasco, o homem-de-cor, o fusco. O crime de violação contra a mulher negra pelo homem branco continuou como prática normal através das gerações. [...] Estabelecendo o tipo mulato como o primeiro degrau na escala da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil (Nascimento, 1978, p. 69).

Pois bem! Os processos de branqueamento e colorismo estruturados pela forma como a mestiçagem é lida no Brasil faz com que pessoas como eu, aqui no estado da Bahia – um estado negro, afro-brasileiro e que passou por um processo de apagamento da identidade racial – seja

---

<sup>41</sup> Conversaremos sobre democracia racial mais à frente. Caso tenha interesse em conhecer mais, acesse o texto: Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, de Lélia Gonzales, 1984.

socialmente lida como branca, enquanto no Sul seríamos as moreninhas nordestinas. E até mesmo a caipira, da roça ou a tabaroa, termos utilizados pejorativamente e estruturam as relações de raça, territorialidade, classe e gênero no Nordeste e no Brasil. E se pensarmos na realidade dos Estados Unidos, baseadas na regra dominante da hipodecendência<sup>42</sup>, seremos todas/os negras/os. A ideologia racial, arquitetada pela elite brasileira e caracterizada pelo ideário do branqueamento, roubou do movimento negro o ditado “a união faz a força” ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidades (Munanga, 2020).

Esta sempre foi uma discussão muito complexa para mim e minha família. Sou filha de uma relação “inter-racial”. Minha mãe é uma mulher socialmente branca e meu pai um homem negro. A família paterna é negra e a família materna é “mestiça”. Diante da família paterna sou lida como branca, diante da família materna sou lida como moreninha, aquela que puxou a família do pai. Fruto da mestiçagem. Esse impasse sempre me colocou no não lugar do pardo.

Hoje estou me constituindo politicamente e socialmente, reconhecendo minha identidade negra pertencente a população afro-brasileira, ao tempo em que, reconheço o meu lugar de passibilidade diante das relações sociais, e nesse sentido, tenho a consciência de que não basta a busca por não ser racista, é preciso ser antirracista. Tenho me conectado cada vez mais com minhas origens e ancestralidades, em um movimento que prioriza a luta coletiva de um povo negro que desde sempre lutou contra o apagamento e negação de sua negritude, ao passo que me coloco no lugar de reconhecimento das minhas passibilidades, o que exige determinados posicionamentos éticos, sobretudo quando falamos em cotas raciais.

Confesso que esta é uma discussão extremamente delicada, por vezes, pensei em não adentrar nessa tecitura, mas reconhecer as encruzilhadas que nos constituem me parece ser o primeiro caminho para a construção de uma sociedade menos desigual e mais consciente dos seus pertencimentos. Eu passei vinte e dois anos da minha vida acreditando que só existia uma história única. Os processos de branqueamento social, cultural e histórico no Brasil é um dos maiores responsáveis pela dificuldade de reconhecimento da identidade racial negra, pelo povo do TISisal. Aspecto que ocorre através do colorismo, miscigenação e mito da democracia racial, estratégias que dão base para o racismo no Brasil. A seguir, deixo alguns cenários em fotos (Figura 3 a Figura 8), para que vocês apreciem visualmente um pedacinho do TISisal.

---

<sup>42</sup> Nos EUA a sociedade dominante utiliza a regra da hipodescendência, isto é, a filiação ao grupo inferiorizado e não superiorizado. Basta ser um pouco negro para sê-lo totalmente, mas para ser branco é necessário sê-lo totalmente. Esse esquema obedece a um determinismo sociopolítico e não biológico (Munanga, 2020, p. 25). Para ler mais sobre, acesse o livro: Rediscutindo a mestiçagem no Brasil, de Kabengele Munanga, 2020.

**Figura 3** – Carro de boi, Barrocas-BA



Fonte: Santos e Queiroz (2015).

**Figura 4** – Licuri, castanha e mandioca



Fonte: MãEscrevivendo (2022).

**Figura 5** – Casa de Farinha, Cedro – Barrocas/BA



Fonte: Santos e Nogueira (2020).

**Figura 6** – Palma, calumbi, umbuzeiro



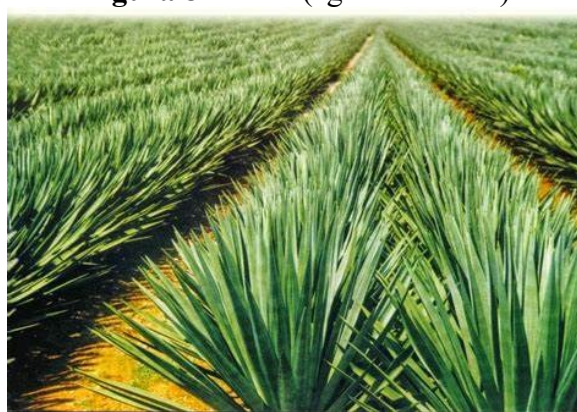
Fonte: Aguilar *et al.* (2016).

**Figura 7** – Produtos e alimentos na feira



Fonte: Raizesdonordestes (2023).

**Figura 8** – Sisal (agave sisaleira)



Fonte: Santos e Brandão ([2015]).

### 1.3 PEDAGOGIAS FEMINISTAS DO AFETO, DO BEM VIVER: UNEB REALIZANDO SONHOS NO TISisal SERTÃO BAIANO

De mãos dadas com Lira Santos e Matilde Queiroz, primas e amigas de longas datas, mergulho a cerca que divide o monte e a estrada de chão em direção as rochas que compõe este lugar. Este monte guarda muitas histórias da nossa comunidade. Do alto dele dá pra ver as casas, os currais, os tanques, riachos, terreiros e quintais que compõem este pedaço de chão. Hoje é lugar de festejos religiosos, mas o que sinto lá é a presença das/dos nossas/os ancestrais. Sempre senti que este lugar poderia contar muito mais sobre a nossa gente.

O monte fica próximo à casa da minha vó – aquele que mencionei para vocês na carta anterior – e é composto por rochas, licurizeiros, cabeça de frade, mandacaru, uma árvore enorme (amendoeira), cansanção, várias espécies de plantas, um nicho com santos, uma cruz, um casarão cheio de móveis antigos, um curral e um conjunto de quatro casinhas pequenas aos fundos/lado do casarão.

Tia Gracilia, de quem são estas casinhas? Pode entrar? *Fia, não faz pergunta difícil. Lá dentro está nossa família, você não tem idade para ver isso não, mas um dia você as conhecerá.* Nunca esqueço dessa conversa que tive com ela. O fato é que se trata de uma antiga senzala. Ao lado, um pouco acima, tem uma pequena fonte d'água, entre as rochas. Aquele mesmo lago que era o espelho das crianças arteiras da minha infância. Dessa vez, nós olhávamos em direção a água não mais para fazermos as caretas engraçadas da infância, mas para nos reconhecermos. E ficávamos minutos a olhar aqueles quatro rostos que ali refletiam. Mas como existir quatro se somos três? Era ela. Oras, tia Gracilia Santos; outras, mamãe Oxum. Sempre que posso, vou lá, aprender com elas as “histórias para adormecer os da casa grande” (Evaristo, 2020a).

Foi nessa fonte d'água que eu e minhas amigas conversávamos e construíamos estratégias para convencer familiares do meu desejo de prestar o vestibular da UNEB. Foi lá que, com elas, sentimos o primeiro sonho de adentrar a universidade, e esse foi o caminho para conhecer o interior daquelas paredes manchadas e me conectar com aquelas matriarcas que foram portais e passadiços para mim. Há vinte e dois anos nunca havia passado por minha cabeça a ideia de cursar ensino superior. Era uma realidade muito, mas muito distante de nós. A realidade às vezes limita nossos sonhos, nosso potencial de sonhar, de acreditar.

Pois bem! Começamos então a cursar o Programa Universidade na Comunidade (UNICOM), ofertado no Colégio Estadual Plínio Carneiro da Silva, em Teofilândia - BA, município do nosso povoado. Guardo até hoje, como um troféu, aquela farda preta que

ganhamos na época, com um letreiro enorme na frente: universidade na comunidade. Gosto de pensar essa chamada de outra forma: a comunidade na universidade. E a tão sonhada aprovação em uma universidade pública acontece, tornando-se motivo de orgulho e críticas na comunidade. A primeira de algumas outras da família, que vieram a adentrar a universidade pública. E aqui, a interiorização da UNEB, a sua chegada ao TISisal tem um peso imensurável que retomarei mais à frente.

Bom, chego ao ambiente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XI, casada e cheia de inquietações. Embora não soubesse como nomear, naquele momento já sentia a necessidade de rasurar concepções. A menina e mulher da roça, começa a alinhar timidamente a subversão das convenções de gênero e práticas hegemônicas racistas e cis heteronormativas<sup>43</sup>. Acionarei a categoria roça dialogando com Xavier (2017, p. 19) e defendendo que “ao falar da roça estamos falando em ruralidades enquanto construção social, histórica e plural” (para nós, esse termo que é usado pejorativamente, tem um valor político).

Em 2013, inicio minha jornada no curso de Licenciatura em Pedagogia. Cumpria-se a labuta do chegar à universidade e iniciava o desafio da permanência. Desconfortos acadêmicos, pressão familiar, condições financeiras, e inseguranças no deslocamento foram alguns dos dilemas que perpassaram meu caminhar. *A gente que estuda em outra cidade, é complicado* – diz Juliana Silva, e continua – *estudo à noite e tenho que sair de casa às 18:00h e só chego meia noite. Quando chego, as filhas já estão dormindo. Tem o medo e a insegurança de acontecer alguma coisa no caminho* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Muitas mães que estudam na UNEB campus XI Serrinha e XIV Conceição do Coité são de outras cidades e povoados. A trajetória de ida e vinda para a universidade, por si só, é desgastante, gera uma série de preocupações com o chegar bem e estar bem. Quando ela vem correlacionada com o fato de estar mãe, e mais que isso, uma mãe a “margem” (hooks, 2019), torna-se ainda mais cansativo, sobretudo quando existe a necessidade de levar a criança, como é o caso de algumas de nós. Por estar situada em um povoado localizado em outra cidade, que não é a mesma onde a universidade se situa, precisei deixar o meu trabalho em um supermercado da comunidade e apostar todas as minhas fichas nas políticas de permanência. Vale lembrar que o fato de não ter filhos possibilitou uma série de participações na universidade, inclusive minha separação e mudança para a cidade de Serrinha, em meados do curso.

---

<sup>43</sup>Cis heteronormatividade é a concepção que compreende apenas uma maneira correta de existir, a heterossexual, compreendida por muitas pessoas como o “normal”. Nas palavras de Vitor Souza, “a cis heteronormatividade é a padronização das expressões de identidade que impõe a cisheterossexualidade”. a cis heterossexualidade “compreende os seres humanos que se entendem e se reconhecem nos corpos em que nasceram e que apresentam sexualidades conduzidas pelo binarismo macho-fêmea, no sexo biológico a qual nasceram” (Sousa, 2018, p. 13).

Este relato da Juliana Silva, me faz lembrar que se estivesse, naquele período, vivendo as maternidades a partir do lugar que falamos, talvez não fosse possível concluir a graduação, ou até mesmo nem adentrar. Não é à toa que, as únicas primas, do povoado, que não adentraram a universidade são aquelas que tiveram filhos entre os 15 e 20 anos. O ponto de partida diz muito sobre nossa chegada. E as maternidades em “margem” (hooks, 2019) dizem muito sobre este ponto de partida. Uma certa feita, ouvi sobre uma prima do mesmo povoado que moro: *ah, tá vendo aí, Mary lutou, lutou e está no mestrado e você aí*. Esse discurso da meritocracia é muito ameaçador para as/os nossas/os. Compartilho com vocês o Vídeo 6 de Conceição Evaristo, é um vídeo curto, mas muito cirúrgico sobre o perigo do discurso meritocrático.

**Vídeo 6 – Conceição Evaristo sobre o discurso de meritocracia**



**Fonte:** Conceição (2022).

Eu também não quero ser lida pelo discurso da meritocracia. A menina da roça que estudou, estudou e chegou lá. Lá onde? Um discurso que enfraquece a luta coletiva, que traz destaque para duas ou três da comunidade enquanto as/os outras/os são taxadas/os como aqueles/as que não querem nada com a vida. E deixo aqui a pergunta de Conceição: “porque que alguns tem que trabalhar, tem que estudar, tem que ralar tanto para chegar nesse bendito ‘lá’ e alguns já nascem nesse lugar”? (Conceição, 2022, 1 min 9 s). A história destas mulheres mães do interior, de pessoas de classe subalternizada, que hoje se encontram na universidade, não podem ser lidas pelo discurso da meritocracia.

De início, as idas e vindas do percurso acadêmico antes de adentrar a residência universitária, foram permitidas pelo Programa Caminho da Escola<sup>44</sup>, lançado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2007, presidente do Brasil, no referido ano, com o objetivo de renovar, padronizar e ampliar a frota de veículos escolares das redes municipal, do DF e estadual de educação básica pública. Em se tratando da Educação pública e Superior no interior da Bahia, esta é a realidade da maioria das/os estudantes da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XI e Campus XIV, presente no TISisal, responsável por realizar os sonhos de muitos/as que se deslocam de outras cidades e povoados na busca por formação, inclusive das mulheres da rede MãEscrevivendo. A UNEB, com alguns de seus campi, situados em cidades do interior, vem promovendo o acesso de muitas pessoas ao ensino superior, tornando possível, aquilo que para muitos, era inalcançável. Somos crias da universidade pública e defendo a UNEB por acreditar no seu potencial. Não podemos deixar de reafirmar a importância da interiorização da UNEB, em nível de graduação e pós-graduação, permitindo - mesmo com dificuldades - que jovens, pessoas do interior, do sertão, da roça, consigam adentrar ao ensino superior.

A trajetória de algumas/uns de nós, estudantes mães, é marcada pelo acesso às bolsas que possibilitam a permanência na universidade. “Monitoria de ensino, Mais futuro, PIBID, Monitoria de extensão” (APÊNDICE A). Perpassei por monitoria de ensino em Antropologia e Educação, monitoria de extensão no Projeto Imagens do Sisal<sup>45</sup> e no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), as quais possibilitaram as várias experiências para atuação pedagógica. Não tive referência de mulheres docentes advindas/da roça, mas pude me inspirar em Isabelle Sanches, Lícia Barbosa, Marta Alencar, Luiza Silva, professoras que atuaram/atuam na UNEB Campus XI, subvertendo e ocupando estes espaços. Fico encantada com mulheres, negras, vindas de famílias humildes, atuando nestes ambientes acadêmicos. Sempre fui induzida a acreditar que não era possível, ou não tinha potencial. Ao descrever resumidamente estas presenças nestes espaços políticos formativos, intento reafirmar a relevância destas redes na solidificação de um eu-coletivo, na produção de pequenas, mas significativas mudanças sociais

---

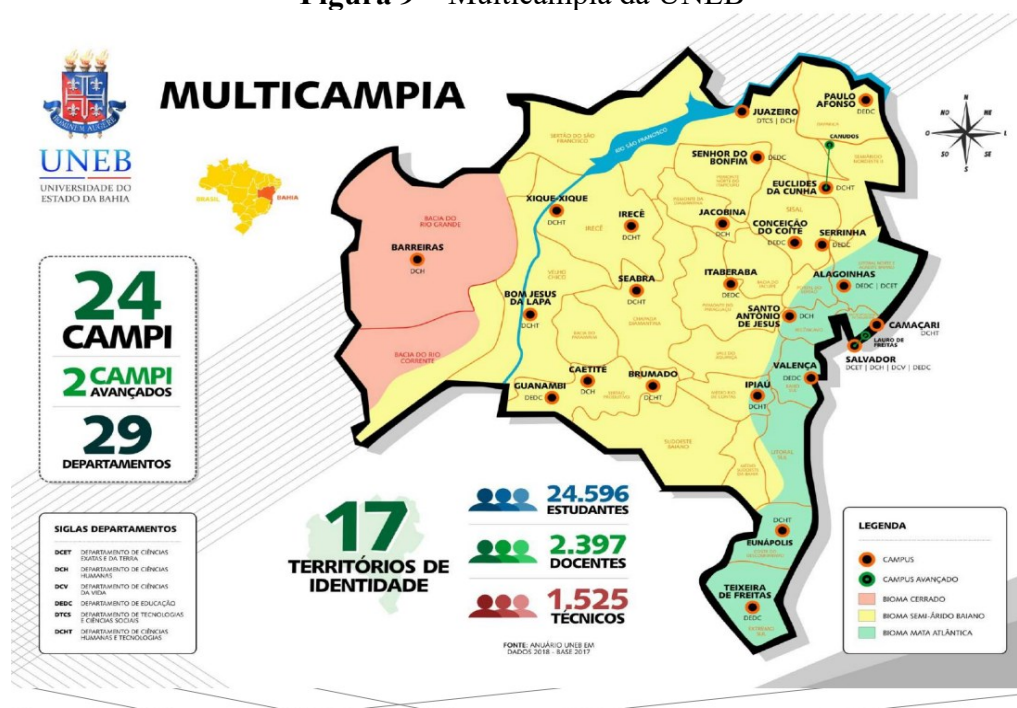
<sup>44</sup>O programa oferecia ônibus, lanchas e bicicletas. A princípio, era voltado para estudantes residentes, prioritariamente, em áreas rurais e ribeirinhas, porém em 2013, a Resolução/CD/FNDE 10 Nº 45 possibilitou aos estados, municípios e Distrito Federal utilizarem seus veículos para o transporte de alunos/as da zona urbana e da educação superior públicas (Brasil, 2013).

<sup>45</sup>O projeto realizado pela linha de pesquisa Cultura, Identidades e Corporeidade do grupo de Pesquisa TECAMOS no DEDC/Campus XI tem como objetivo expor filmes à comunidade interna e externa, fomentando espaços de encontro e formação ético-política pelo viés das múltiplas linguagens imagens, som, romance, dramaturgia etc, que envolve o cinema. A realização das exposições em comunidades rurais quilombolas, circunvizinhas a Serrinha, bairros periféricos, e escolas públicas do município busca envolver uma parcela da população usualmente excluída do acesso a bens culturais, além de valorizar signos locais.

reverberando nos processos de empoderamentos e na formação profissional de um fazer pedagógico que valorize as especificidades presentes no âmbito educacional.

A UNEB é bastante conhecida por sua multicampia (Figura 9). É a maior universidade multicampi do norte/nordeste e desde 1983 vem se reinventando. Possui 29 Departamentos distribuídos em 24 *campi*. Um se encontra na capital, em Salvador, e os demais espalhados em municípios baianos. Possui mais de 140 cursos ofertados nas modalidades presenciais e de Educação a Distância (EAD). Inclusive tem ampliado a oferta de cursos *stricto-sensu* (Mestrado e Doutorado)<sup>46</sup>. Nosso TISisal é um dos territórios que oferece o mestrado público, através da UNEB. Os bons ventos nos dizem que em um futuro bem próximo teremos a implementação do Doutorado no *campi* XIV.

Figura 9 – Multicampia da UNEB



Fonte: Dados do Programa de Pós-Graduação (Universidade do Estado da Bahia, 2019).

Temos muito o que dialogar, sobretudo no que se refere a permanência de estudantes mães, visto que, ainda não existe políticas que auxilie a permanência de mulheres e pessoas com filhos. Mas reconheço a existência de outras políticas públicas de permanência que tem sido o portal para a inserção, formação e conclusão de muitos/as, e por observarmos esse potencial, acreditamos que o diálogo é possível. Esse diálogo sobre a permanências de mães na universidade tem sido uma das questões que mais emergiram na Rede MãEscrevivendo, as quais dialogaremos mais à frente.

<sup>46</sup> Informações disponíveis no Portal da Uneb (Universidade do Estado da Bahia, [2023a]).

Nossa conexão aqui se dá por meio de dois *campi*: DEDC Campus XI e DEDC Campus XIV. Espaço onde nós mães da rede vivenciamos nossas formações. A UNEB se encontra em duas cidades do TISisal: Serrinha e Conceição do Coité. A escolha por estes dois campi se deu pela própria dinâmica de conexões, afetos, militância, vida formativa, nos dois Departamentos e pela dinâmica de pertencimento ao TISisal atrelado ao desejo de mergulhar nos saberes que constituem este território historicamente silenciado e negado às mulheres que vivenciam suas maternidades, ao nosso povo, aos sertanejos e sertanejas que aqui se encontram.

O Departamento de Educação DEDC campus XI<sup>47</sup> (Figura 10) está localizado na cidade de Serrinha, Rua Álvaro Augusto, próximo a Rodoviária, e conta com o Departamento de Educação, produzindo, difundindo, socializando e aplicando o conhecimento nas diversas áreas do saber. Originou-se da Faculdade Estadual de Serrinha (FES), criada no ano de 1988, e, posteriormente, integrada à Universidade do Estado da Bahia. A partir da reestruturação das Universidades Estaduais da Bahia, em 1997, a FES passou a ser denominado Departamento de Educação (DEDC).

**Figura 10** – Departamento de Educação Campus XI.



**Fonte:** Universidade do Estado da Bahia ([2023b]).

Atualmente o DEDC XI oferta os cursos de Bacharelado em Administração, Licenciaturas em Geografia e Pedagogia e o Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES). Está sob a gestão da professora gestora Isabele Sanches e povoado pelo corpo discente, docente, terceirizados, técnicos administrativos, coordenadores/as de colegiado, comunidade externa e uma porção de felinos, gatinhos/as que vivem por lá. As plantas e suas lindas flores contornam sua área. Impossível passar pela UNEB XI e não conhecer seu Joel, Mary e Rafael com seu

<sup>47</sup>As informações a respeito da UNEB DEDC Campus XI, apresentadas nesta carta, encontram-se disponíveis no portal da UNEB Serrinha (Universidade do Estado da Bahia, [2022]).

famoso picolé, funcionários do Departamento; o pé de amora e os muros grafitados por Mauricio. Abaixo segue a foto de um dos grafites (Figura 11) que compõe a UNEB XI.

**Figura 11** – Grafite em muro da UNEB XI



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

O grafite foi uma das atividades que realizamos enquanto Diretório Acadêmico de Pedagogia (DA) e Movimento Estudantil (ME), compondo o projeto Tenda Cultural da Diversidade<sup>48</sup>. Fazer parte destes dois espaços me deslocou para lugares outros concretos e abstratos que nunca havia imaginado vivenciar. Fabiana Cardoso e Wilma Rodrigues, duas das Mães que vivenciam essa pesquisa, naquele momento, já eram parceiras de Movimento Estudantil.

Dialogávamos com a comunidade acadêmica, movimentos sociais, coletivo de mulheres negras, coletivo LGBTQIA+<sup>49</sup>, estudantes de outros *campi* e instituições, realizávamos intervenções de diversas ordens. É possível estar na universidade e não ultrapassar os muros da sala de aula? Sinceramente, não consigo mensurar em palavras o significado potente e transformador destas redes, apenas sinto, e ao sentir transbordo o meu ser. Como dizia Gersier: “nós e outras companheiras muito aprontávamos naquele prédio azul” (Santos, 2022, p. 73).

Fizemos da UNEB XI e XIV, a nossa própria casa. Comemos, dormimos, lutamos, nos redescobrimos e estabelecemos diálogos formativos nas ocupações de 2016. “Movimento

<sup>48</sup> Movimento artístico cultural desenvolvido pelos Diretórios Acadêmicos do campus XI.

<sup>49</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais.

estudantil liderado por estudantes secundaristas e universitários, caracterizado, principalmente, por ocupações de escolas e campus universitários, além de uma série de manifestações de rua. No nosso Departamento a ocupação foi liderada por mulheres. Quarenta e dois dias dentro do campus. Aquilo pulsava em nós, vivemos cada segundo de tensão e aprendizados, na pele. Fomos perseguidas, alvos de *fake news*, de lesbofobia, racismo, sexismo. Estávamos exaustas e exaustos, mas com a certeza de que “a gente combinamos de não morrer” (Evaristo, 2021a). “*Meninas vocês estão bem? A Residência Universitária pode ser um alvo de ataques. Se cuidem viu, mandem notícias*”. Receber essa ligação da professora Marta Alencar, nos fazia lembrar que não estávamos sozinhas/os.

Quando iniciei a trajetória formativa, não tinha dimensão das metamorfoses que estavam a me esperar. Nunca estamos, né? A princípio, senti-me deslocada, era aquela menina do cantinho da sala, tímida e recolhida em si, ou na ausência de si. Seguro na mão de Lícia Barbosa, professora e orientadora da graduação, e juntas vamos vivendo os primeiros passos daquilo que seria um virar de ponta cabeça. E ainda bem que aconteceu! Ela enquanto professora, eu enquanto monitora no componente Antropologia e Educação, no meu segundo semestre do curso de graduação na UNEB Campus XI – Serrinha. Foram meus primeiros passos na aventura acadêmica contra-hegemônica. Havia sido provocada, no primeiro semestre do curso, pela presença dela. Uma das poucas professoras negras do departamento.

As lembranças dos primeiros dias de aula me tomam: a porta da sala se abre, era ela, um corpo liberto; seus cabelos Black curtos, uma roupa bem colorida com tons de verde e laranja e um sapato rasteiro, mas não era qualquer um, ele era diferente. Oxente, mas usar roupa muito colorida não era “coisa de gente da roça”? Gostei! Tinha algo ali que me conectava às mulheres do pequeno povoado. Eu e Gersier Ribeiro, colega de turma, sentadinhas no cantinho da sala, com nossas calças jeans e blusinhas apertadas, nos olhamos. Um olhar de estranhamento, mas seduzidas por aquela presença. Eu nunca havia visto uma mulher tão potente, eu nem sabia que poderia existir.

Logo em seguida fui seduzida por Isabelle Sanches e Marta Alencar, também professoras dos Cursos de Pedagogia e Geografia do Departamento. Professoras negras com a mesma presença marcante, diferenciada, viva e afetuosa. Aquilo causava rebuliço em algumas de nós. De mãos dadas com elas e com as colegas/amigas Gersier Ribeiro, Mateus dos Santos (Mar) e Daise Araújo, adentro ao TECEMOS, onde conheço as professoras Ana Margarete, Luiza Souza e outros/as parceiras de andanças. O pertencimento a aquele espaço acadêmico foi sendo construído após minha inserção no “Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Ações Coletivas”

(TECEMOS)<sup>50</sup>, especificamente na linha de pesquisa Cultura, Corporeidade e Identidades<sup>51</sup>, coordenada naquela época por Lícia Barbosa e Isabelle Sanches. A rede de apoio e reflexões proporcionadas pelo grupo nos fortalecia. Fui desenvolvendo a autonomia e o protagonismo que faltavam para assumir o traçar da minha vida.

Nesse período fui apresentada ao projeto Imagens do Sisal (falar sobre), onde adentrei enquanto monitora voluntária. Em parceria com o TECEMOS nos movimentávamos entre comunidades rurais, periféricas e universidade. As discussões de raça, gênero e sexualidade ferviam em minha mente e transformava a forma como enxergava e lidava com o mundo. A universidade passou a ser meu espaço de fuga. “Fugir para sonhar e inserir-se para modificar” (Evaristo, 2021a, p. 53). Existia nesse momento duas representações de um eu, duas realidades. A moça recatada e do lar e a mulher que se redesenhava ensaiando um existir. Desde então, meus estudos enveredados pelas compreensões e problematizações das relações de gênero se iniciam e vão sendo ampliados através das lentes da intersecção de raça, sexualidade e demais marcadores que atravessam nossas vidas. Me assumindo enquanto feminista, que acredita na produção de fissuras por um fazer pedagógico antirracista, antissexista, antilgbtfóbico e que desestruture qualquer tipo de discriminação baseada em relações de poder eurocêntricas e hegemônicas.

Começo a compreender o papel fundamental da universidade na vida de uma sociedade, com potencial para interferir em um projeto de país, e iniciei a jornada de viver a universidade, produzindo brechas com parceiras(os) da comunidade interna e externa. O processo de descobertas para o mundo e o conhecimento permitiu mudanças. Neste momento precisei tomar uma das maiores decisões da minha vida, a separação. Aquele casamento, seguindo costumes e valores familiares, revelou-se em um relacionamento abusivo, envolto por violência psicológica, moral, patrimonial, sexual.

Foi fácil? Não! É nadar contra a maré sem a certeza de estar viva no dia seguinte. Sozinhas, não é possível. Sem apoio e acolhimento de familiares, deixei a roça e fui para cidade. E foi na Residência Universitária de Serrinha (RUES), que encontrei a rede de apoio necessária para permanecer. O afeto me salvou, nos salva! “Conviver com trinta e duas pessoas com

---

<sup>50</sup> O Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Ações Coletivas (TECEMOS) é lotado na Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Educação – UNEB DEDC XI. O foco de trabalho consiste em estudar as manifestações comuns, políticas e espaciais produzidas na relação Estado e as ações coletivas, focalizando o protagonismo dos movimentos sociais na dinâmica do Espaço Sisaleiro da Bahia. Ver Diretório de Grupo de Pesquisa TECEMOS.

<sup>51</sup> Linha de Pesquisa vinculada ao TECEMOS, tem como objetivo investigar processos de identificação e autoidentificação de indivíduos e grupos suas estratégias culturais e as múltiplas intersecções na construção, bem como as relações entre cultura e corporeidade, com ênfase na pluralidade de formas de atenção e cuidado do corpo.

experiências e construções sociais diferenciadas me fez respeitar as diversidades – diz Gersier Santos – e desmistificar inúmeros preconceitos” (Santos, 2022, p. 22). Este foi o espaço de formação e vivências, fortalecidas, que ressignificaram meus fazeres. Um verdadeiro vendaval aconteceu em minha vida, literalmente. E foram estes ventos, feito brisas de pedagogias feministas, que me levaram, nos levaram para o DEDC Campus XIV, onde hoje vivencio o mestrado e vivenciamos a rede de mães em conjunto com o Campus XI.

Criado pela Lei nº 5.977, de 20 de setembro de 1990, o Departamento de Educação (DEDC-UNEB), Campus XIV está localizado na Av. Luís Eduardo Magalhães, 988 em Conceição do Coité (Figura 12). Originou-se do Centro de Ensino Superior de Conceição do Coité e passou a ser denominado Departamento de Educação de Conceição do Coité (DEDC) em 1997 após a reestruturação das Universidades Estaduais da Bahia. Atualmente, o DEDC do Campus XIV oferta licenciaturas em Letras com Língua Portuguesa e Literaturas, Letras com Língua Inglesa e Literaturas, e História, o bacharelado em Agroecologia, o bacharelado em Comunicação Social – Rádio e TV e o Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - MPED<sup>52</sup>.

**Figura 12** – Departamento de Educação Campus XIV (Conceição do Coité-BA)



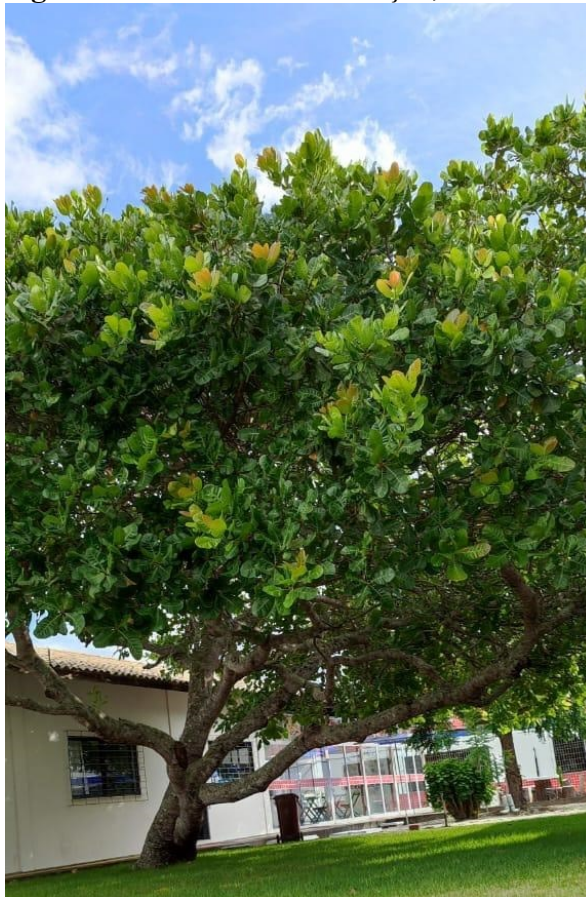
**Fonte:** Universidade Estadual da Bahia ([2023c]).

O campus é ocupado por discentes, técnicos administrativos, docentes, coordenação de colegiado e comunidade externa. Atualmente estando sob a gestão do professor gestor Adriano Eyser. Sua área de convivência demarcada pelo pé de cajueiro e a representatividade dos belos

<sup>52</sup> Informações disponíveis em Universidade Estadual da Bahia ([2023c]).

cactos, trazem vida para o espaço. Muitas histórias são compartilhadas naquela imensa sombra fresca. Meu filho corre solto todas as vezes que vamos para lá.

**Figura 13** – Area de socialização, UNEB XIV



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Te levo a viajar por esta narrativa para dizer o quanto as Pedagogias Feministas do afeto, do bem viver, estavam presentes na universidade, e para reafirmar como as Pedagogias feministas chegam e de mãos dadas com as Escrivivências, moldam esta pesquisa, tornando-se o princípio que me auxilia a pensar as giras de escritivências.

Tomo essas nesta trajetória enquanto rede feminista que se sustentou/a no princípio do afeto e do bem viver. No desenvolver da escuta sensível e olhar atento para os corpos que constituem os espaços, de modo que possamos perceber e sentir os medos, as cores e saberes daqueles/as que compõem o chão da educação operando nas brechas deixadas pelo poder colonial. Um fazer que nos lança na roda, em circularidades e deslocamentos contínuos, e só se faz possível com a/o outra/o. “Um fazer engajado, articulado em rede: uma resistência às pedagogias tradicionais que coisificam os sujeitos, invisibilizam as identidades, homogeneizam a diversidade, fazendo de todas(os) um apêndice de sua própria história” (Claudia Cardoso; Zuleide Silva, 2011, p. 67).

Reconheço, nesse movimento, a potência das Pedagogias feministas, as quais “enquanto práticas educativas possibilitam o rompimento com o pensamento dicotômico hierarquizante e excludente e permitem arranjos mais diversificados e inclusivos” (Cardoso; Silva, 2011, p. 57). Diálogo com as autoras Cardoso e Paiva (2011), ao ampliarem os objetivos das pedagogias feministas, para além da conceituação de Cecilia Sardenberg (2011), de modo que, ao desenvolvermos práticas que problematizem a ordem patriarcal rumo a equidade de gênero, nos atentemos para o combate ao racismo e demais eixos de opressões, visto que, classe, raça, sexualidade, territorialidade e, acrescento, maternidades, reconfiguram a forma como vivemos o gênero.

É válido dizer que meu encontro com as pedagogias feministas se deu muito cedo, na infância vivida em comunidade. As pedagogias feministas sertanejas (Ferreira, 2022) arquitetadas pelas mulheres do povoado quando teciam juntas esteiras e chapéus para vender na feira e comprar tecido para costurar suas roupas; ao lavarem roupas no tanque, raspavam mandioca e juntas formavam uma rede de apoio e escuta nas inúmeras conversas, ensinando artimanhas umas às outras, para amenizar o peso das armadilhas coloniais; na bata do feijão, do milho e no samba de roda, cantando e dançando. Foram muitas delas que me ensinaram. Em conversa com Daniele Ferreira as tomo como “pedagogias que valorizam os diversos saberes históricos e político-sociais de corpos generificados e racializados que ao longo de sua trajetória de vida foram subalternizados pelo projeto da colonialidade” (Ferreira, 2022, p. 93).

A sedução pelas Pedagogias Feministas me levou ao MPED, na UNEB Campus XIV. Namorando esta perspectiva, defendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da graduação, trazendo um capítulo sobre Pedagogias Feministas a partir da prosa com gestoras escolares da zona rural do município de Teofilândia-BA e, posteriormente, adentro ao MPED enquanto aluna especial da disciplina Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais. Como assim uma disciplina nomeada de pedagogias feministas? Quando vi a chamada para seleção, aquilo me saltou os olhos. Lembro-me que na graduação, especificamente no TECEMOS, sempre pontuávamos a necessidade da implementação de componentes curriculares com enfoque em questões contra-hegemônicas, pois no curso de Pedagogia só havia a disciplina História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Fiquei encantada com as referências e metodologias utilizadas nos encontros da disciplina especial ofertada pelo MPED e, sobretudo, com sua presença saudando exu e trazendo-o para as rodas, para a ginga; era ela, a professora Zuleide Paiva. Não podíamos manter contato por questões éticas e de lisura do processo seletivo, mas mergulhei nas referências estudadas no componente curricular e elaborei o pré-projeto. Foram os fluxos destas

águas que inspiraram a estruturação do pré-projeto de pesquisa e me trouxeram até aqui, por meio da aprovação enquanto estudante regular do referido programa, permitindo a conexão com Iris Verena, aquela que, no primeiro encontro, sabiamente, me apresentou “Sabela” (Evaristo, 2017), uma novela suficiente para me arrebatara à uma travessia com os modos outros de apontar pesquisa em educação.

Os feminismos me conectaram com um sonho que se mostrava bem distante, o mestrado; fortalecendo a possibilidade de contar outras histórias escrevíveis. Pois bem! Inclusive, a participação enquanto monitora voluntária do componente curricular Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais, mediado pelas professoras Zuleide Paiva e Ana Lucia da Silva, em parceria com a professora Amélia Mourax e Joselito Manoel, ofertado para matrícula especial em 2022.2.

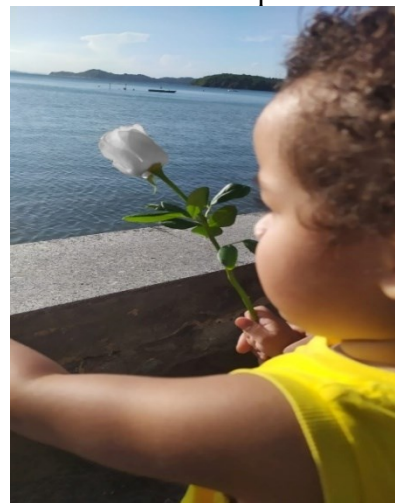
O convite para estar tecendo juntas/os o componente curricular chegou até a mim em uma tarde de inverno, em meio a reunião de colegiado, onde componho participação enquanto representante estudantil da turma 2021.1. Entre uma estripulia e outra do meu filho, que corria os quatro cantos daquela sala, aceitei, apreensiva com o deslocamento e com o desafio de conciliar com a maternidade, mas sem hesitar. Foi uma experiência incrível, proporcionada pela pós-graduação. Não é uma prática comum e adotada pelo programa, mas de certo que, se implementada, trará muitos ganhos tanto para as mestrandas/os em exercício de formação docente, quanto para o MPED.

De mão dadas com muitas redes e gentes que o MPED me proporcionou, as quais vocês conhecerão ao longo destas cartas, sigo de mãos dadas sob orientação e coorientação de duas mulheres que se tornaram minhas inspirações no MPED, Zuleide Paiva e Iris Verena Oliveira. Seguimos acreditando que nossas poesias corpo são produção de conhecimento, sim. Nessa travessia, estabelecendo pontes que nos sustentam, tenho contado com a colaboração e parceria de Lícia Maria Barbosa, parceira de caminhada desde a graduação no Campus XI e Mariana Borelli, parceira de estudos sobre as maternidades; ambas compuseram a banca de qualificação e seguem comigo enquanto banca de defesa, juntamente com Marcia Macedo, a qual pude me conectar recentemente através da sua participação no podcast “Respeita as Minas”, dialogando sobre maternidades possíveis.



**2 GIRAS DE ESCRIVIÊNCIAS:  
MODOS DE ASSUNTAR, PROSEAR E APRONTAR  
PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

## Meu bem querer



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Dois de fevereiro, é quase lua cheia. Estamos nos preparando para recebê-las. “Que luz é essa que vem lá do mar? É a Senhora das Candeias mãe dos Orixás. Seu adê resplandece na lua cheia. Inaê por cima do mar prateou, por cima do mar mariô, por cima do mar incandiu”<sup>53</sup> (Prece [...], 2011). Escrevo tomada pela força da emoção. Esta canção: prece de pescador; cantada por Mariene de Castro, sempre me emociona. Inaê minha rainha. Rainha do mar, Iemanjá. Mãe das águas. Acabei de receber esta foto de AP – registrada no início da carta – em seu primeiro encontro com o mar, com Iemanjá, em Salvador-BA<sup>54</sup>. Ele, que é uma das representações das águas curvilíneas que redesenharam os modos de aprontar esta pesquisa.

Em conversa com Juliana Araújo, sobre as principais Orixás femininas, ela nos conta que “Yemanjá é mãe de todos, por isso chamada de “Yiá Orí” (Mãe de todas as cabeças). É o espelho do mundo, que reflete todas as diferenças, pois a mãe é sempre um espelho para o filho (Juliana Araújo, 2017, p. 25). Hoje é dia dela, Iemanjá. Sou peixe pequeno de água doce. Filha de Oxum, neta de Iemanjá. Ela que é a mãe das águas, mãe das/os negras/os, mãe dos orixás. Mãe de Oxum. No Brasil, Iemanjá se ressignifica de rio para mar em um movimento de abrangência que representa a união das/os africanas/os que viveram a diáspora, deixando o rio para sua filha Oxum, a dona dos riachos, aquela que representa as águas doces (Bernardo, 2019). Ela “representa o ouro, a riqueza e o amor. É a dona da fecundidade das mulheres, a dona do grande poder feminino” (Araújo, 2017, p. 27). Representando fertilidade e fecundidade, elas

<sup>53</sup>Para ouvir a canção, acesse (Prece [...], 2011).

<sup>54</sup>Todo dia 2 de fevereiro, Salvador, capital do estado da Bahia, recebe a maior festa popular nacional dedicada à Iemanjá. Iemanjá é um orixá, isto é, uma divindade africana das religiões Candomblé e Umbanda. **Ela é considerada a mãe de todos os adultos e também dos orixás.** Os/as devotos/as levam para o mar presentes, fazem procissão em direção ao templo de Iemanjá, levando oferendas e flores brancas. Para mais informações, ver Festa de Iemanjá em Salvador: como se celebra (Marina Corrêa, 2023).

apresentam uma forte relação com as maternidades. Foi na proteção e ensinagens de Iemanjá e Oxum que esta pesquisa foi tomando forma e evocando as “escrevivências”.

Escrevo esta carta renovada por estas presenças e fazendo menção a uma construção coletivizada, dotada de sentidos e significados para minhas andanças enquanto pesquisadora, o “Modos de Aprontar”. Um lugar de aquilombamento, uma desobediência epistêmica e metodológica com potencial para fortalecer possibilidades outras de existir na educação e na ciência, em sociedade. Um projeto que surgiu no grupo de pesquisa: “Currículo, Escrevivências e Diferença”, durante o semestre 2021.2.

Em uma manhã de setembro, Iris Verena Oliveira nos lançou o questionamento: Quais os sentidos da expressão aprontar pra vocês? Fiquei a pensar no preparo da comida saborosa da minha vó Eduarda Santos, feita a fogão de lenha e no preparo da terra para a plantação. Sempre com suas pitadas de segredos e significados, o sabor e a colheita anunciavam diferenças. Embora já estivesse namorando as escrevivências – conceito forjado pela escritora Conceição Evaristo – como operador teórico-metodológico<sup>55</sup>, esta foi a aproximação que despertou sentidos e a possibilidade de fabular outras artimanhas de aprontar pesquisa em educação. Uma pedagogia do aprontar com sentidos, cores, corpos e sabores para o pesquisar. Abraçamos a proposição e mergulhamos na construção do “Modos de aprontar: conversas sobre metodologia em educação”.

Para nós, “aprontar” é sinônimo de preparar. Diz sobre modos de fazer, ao tempo em que remete às estripulias, especialmente àquelas que tomam corpo depois de um período de quietude. Por vezes, a pesquisa acadêmica parece apontar sempre para as mesmas possibilidades nas proposições metodológicas, entretanto alguns e algumas pesquisadores/as têm ousado desbravar outras trilhas<sup>56</sup> (Currículo e Escrevivências, 2021).

O projeto aconteceu quinzenalmente, com encontros virtuais através da plataforma de videoconferência *Google Meet*, durante o semestre 2021.2. Dentre as proposições epistemológicas e metodológicas, dialogamos sobre pesquisa pós-qualitativa, os estudos *queer*, pretagogia, escrevivências, pedagogia da encruzilhada, pesquisa decolonial e conversa como metodologia de pesquisa. O “Modos de apontar” nos presenteou com uma amplitude metodológica e epistemológica importante no sentido de nos mostrar que é possível trilhar por perspectivas outras no fazer/vivenciar pesquisa em educação. Ao dialogar com autores e autoras, acessei um leque de possibilidades que me lançou no desafio de (des)planejar o caminho na delimitação de escolhas que o próprio campo acionava.

<sup>55</sup> Dialogaremos sobre esta escolha teórico-metodológica mais à frente, na carta “escrita-corpo-pesquisa: construindo passadiços.

<sup>56</sup> Documento online não paginado. Trouxe este parágrafo exatamente como se encontra na descrição dos modos de aprontar, com intenção de ser fiel a sua definição. Disponível em Instagram: @curriculoescrevivencias.

Refletindo sobre metodologias, fui provocada a pensar o que realmente me afetava na pesquisa, e ao mergulhar na intensidade do sentir, um sentir que ultrapassa a lógica do individual, compreendi que este caminhar perpassa pela dimensão da existência corporificada e da construção na relação com o/a outro/a. Por vezes, tentei me encaixar em prescrições sedutoras, mas não fazia sentido. Minha relação com o desejo de pesquisa apontava outros caminhos e escapava entre as mãos, como as águas escorregadias e curvilíneas ao chegarem no Sertão. Para mim, a pesquisa, a vida e o corpo não se desassociam, ainda que seja muito desafiador e ousado realizá-la.

(Des)planejar nossos vícios de pesquisa, considero ser a fase mais desafiadora. Lembro-me que meus primeiros conflitos surgiram na graduação, quando minha orientadora, Lícia Barbosa, me deslocou para pensar a escrita em primeira pessoa e a rasurar a noção de neutralidade na pesquisa. Foi o primeiro movimento de pensar a pesquisa com o/a outro/a e não sobre o/a outro/a.

Embora já houvesse esse movimento de construção de uma consciência metodológica contra-hegemônica, existia uma onda muito maior que nos induzia a nos colocarmos no lugar da neutralidade. “Sua pesquisa já tem uma resposta”; “você faz pedagogia e não vai tratar da educação infantil?”; “sua escrita é muito militante”; “você precisa se colocar em uma posição de neutralidade”; “você vai a campo para observar e coletar os dados”; poesia não é produção de conhecimento”; não se deixe apaixonar, mantenha o distanciamento com as participantes”. Estas armadilhas buscam invalidar determinados modos de produção de conhecimento colocando em cheque, inclusive, a ética e o rigor de nossas pesquisas.

*Sinto uma insegurança com a minha pesquisa. Não sei se acontece com vocês, mas as vezes sinto que minha pesquisa, minha escrita, não esta boa, ou que alguém vá aprovar* (Giras de escritivências, conversa de WhatsApp, 2022). Catianne Reis, ao contar sobre suas inquietudes nos leva a refletir: quantas vezes fomos questionadas sobre o rigor científico de nossas pesquisas, das nossas escritas? Quantas vezes servimos de experimento para a pesquisa do outro? Quantas vezes já fizemos pesquisa “sobre” e não demos devolutiva alguma? Quantas vezes nos sentimos incapazes de produzir ciência, pesquisa, conhecimento? Quantas vezes nos comparamos, sabotamos e duvidamos da nossa escrita?

Na contramão destas inquietudes apontamos aqui outros modos de aprontar pesquisa em educação, uma desobediência, aquela evocada por Fátima Lima, quando vai de encontro a uma academia que diz ter uma escrita militante e outra acadêmica; a uma academia que diz que o texto precisa ser objetivo, rigoroso e imparcial. Estamos defendendo um conhecimento vivido, implicado, escreviente. Um texto que tenha textura e sentimento (Vidas [...], 2022).

Intento uma experimentação de caminhos que entre erros e acertos busquem não rejeitar, mas borrar com a “metodologia humanista qualitativa convencional” (Elizabeth St. Pierre, 2018) em uma tentativa de rasurar alguns conceitos que são incômodos para esta pesquisa como: coleta de dados, locus de pesquisa, entrevista, observação, análise de dados. Nesta tentativa de rasuras, esta pesquisa “não tem a intenção de explicar fenômenos, analisar dados, ou buscar verdades” (Lima, 2021, p. 8), mas, “produzir narrativas que valorizem encontros, agenciamentos coletivos e escrevivências” (Oliveira, 2021, p. 15). Nesse sentido, a pesquisa qualitativa sofre rasuras a partir das inquietudes trazidas pela proposição de pesquisa pós-qualitativa de Elisabeth St. Pierre, me auxiliando a lidar com os incômodos atribuídos a pesquisas que nos coloca no lugar de objetos de estudos, e que nos induz a seguir prescrições e normas.

Sem pretensões de criar uma dualidade entre certo e errado, mas narrar outras maneiras possíveis de viver a pesquisa, visualizando-a como um rio que precisa fazer sentido e nasce nas correntezas do corpo-vida. Mergulhar nestas avenidas e estradas do “Modos de aprontar” floriu e reascendeu a sensação de não estar sozinha, de modo que reafirmasse em mim aquilo que desejo: um conhecimento outro, como experimentação dos corpos, dos sentidos do nosso “corpo-território”<sup>57</sup>, da experiência que é singular e coletivizada. “O corpo-território como um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa” (Miranda, 2020, p. 26). “Não se trata de irmos contra as epistemologias brancas, mas de ir contra os silenciamentos e apagamento de outras produções, visto que nossa academia se fundou em um pensamento Europeu” (Vidas [...], 2022).

Assumir as escrevivências enquanto operador teórico-metodológico me colocou de frente com o compromisso ético e político que o próprio conceito aciona. Meu desafio era entendê-la não como um enfeite que compõe a pesquisa, mas o lugar onde nasce, se transforma e torna possível o vivenciar da pesquisa em educação, bem como a própria avenida de saberes e deslocamentos que emergem deste lugar. Nesse movimento, reivindicamos uma lealdade ao campo, em meio a proposições que o toma como objeto de estudo, como um locus de coleta de dados. Reivindicamos uma autoria que permite o reconhecimento de possibilidades de vida, o reconhecimento de corpos que fogem às regras estabelecidas pelas hegemonias ocidentalizada. apostando, em diálogo com Elisabeth St. Pierre que, a “metodologia nunca deve ser separada

---

<sup>57</sup> Sobre corpo-território, o pesquisador Eduardo Miranda nos diz: “a categoria corpo-território, propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias” (Miranda, 2014, p. 69-67).

da epistemologia e da ontologia (como se pudesse ser) sob pena de tornar-se mecanizada, instrumental e reduzida a métodos, processos e técnicas” (St. Pierre, 2018, p. 1046).

Foram estas avenidas dos “modos de aprontar”, que me levaram ao encontro e ao desejo de matutar as giras de escrevivências em conversa com Iris Verena Oliveira, por meio do texto: “Giras de escrevivências: Miragens metodológicas para pesquisa pós-estrutural no campo do currículo” (Oliveira, I., 2021), como um modo de fazer pesquisa pelo encontro. Iris Verena, ao dialogar com Denise Ferreira da Silva e Elisabeth St. Pierre, busca fabular proposições metodológicas para o campo do currículo que se reproduz na “refração infinita como táticas para escapular as pretensões de objetividade e neutralidade axiológica” e interrogar “o lugar da coleta de dados, tão cara à pesquisa qualitativa”. Envolta por estas fabulações, apresenta em sua experiência de pesquisa as giras de escrevivências enquanto miragem metodológica, enquanto espaços de encontro; desenvolvidas com professoras da educação básica da Bahia e do Rio de Janeiro, a partir da “rede combinamos de escrever” (Oliveira, 2021).

Para além desta conversa com seu texto, pude experimentar as giras através da participação na “rede combinamos de escrever”, a qual tomo como um assuntar escreviente a partir e com o chão da escola. Uma experiência de pulsão de vida, desassossegos e saberes tendo como base a prática antirracista. Os encontros, bem como as artimanhas para o podgiz, podcast desenvolvido pelas integrantes, foram fundamentais para pensar e viver as giras de escrevivências com as estudantes mães.

Compreendendo a gira enquanto “*o feminino do giro*”, sua feição mulher que, não apenas gira como o giro no sentido de mudar, desviar, promover deslocamentos, mas que também gira como a festa, a roda, o encontro que abre os caminhos e que é marcado pelo termo quimbundo “*njira*” (Haddoc-Lobo, 2020). Em sintonia com estas artimanhas, assumo as giras de escrevivências, enquanto uma “miragem metodológica que permite o encontro” e a experimentação da pesquisa com o campo, as quais foram/são experienciadas na rede MãEscrevivendo, como um caminho possível para evocar “outras formas de construção de narrativas, assumindo formas de fazer e relatar as nossas pesquisas, em exercícios oníricos, delirantes e ficcionais, partilhando narrativas com vozes trêmulas” (Oliveira, 2021, p. 11). Nesse fazer, os acontecimentos fissuram as certezas e verdades que vão se dissolvendo e deslizando das tentativas de apreensão da realidade (Santos, 2021). Aciono-as como um movimento de insurgência, insubordinação e desobediência, mas sobretudo um espaço onde seja possível mostrar nossas fragilidades em meio a tantos rótulos de “supermãesguerreiras”, onde seja possível continuar vivendo em meio às engrenagens de violências que continuam operando sob os corpos de nossa gente.

Acionar as giras de escrevivências, neste estudo, constituiu-se como uma maneira de potencializar a existências de estudantes do interior que vivenciam os atravessamentos das maternidades, de modo que, “as mesmas possam tecer suas histórias, construir memórias, evocar as memórias de seus ancestrais e assim comunicar suas experiências, expressar seus desejos, projetar um futuro” (Lima, 2021, p. 56).

Em uma conversa com Evaristo (2020a) e Oliveira (2021), tomo a experimentação das giras de escrevivências a partir de miragens no abebé<sup>58</sup> de Oxum<sup>59</sup> e Iemanjá<sup>60</sup>, como uma possibilidade de criar e contar nossas próprias histórias, acionando um eu-coletivo em deslocamentos; narrativas individuais e coletivas construídas entre passadiços.

No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (Evaristo, 2020a, p. 40).

Na experiência tecida na rede, estes espelhos refletem os rostos de estudantes que experienciam os atravessamentos das maternidades negras e suas intersecções, ecoando outras vozes, assumindo “o movimento de desterritorialização fruto do encontro e do afecto produzido nas relações implicadas que refletem no abebé de Iemanjá” (Oliveira, 2021, p. 13). Ao olhar para si e se reconhecer, interrogamos as condições de nossas existências enquanto mães no ambiente universitário, ao tempo em que colocamos em xeque nossas próprias práticas e experiências com as maternidades negras, suas intersecções e deslocamentos políticos, culturais e sociais. São “As nossas escrevivências, miradas pelo espelho de Oxum” (Oliveira, 2021, p. 13).

Uma apropriação dos abebés das narrativas míticas africanas, para pensar as giras de escrevivências enquanto uma metodologia interventiva de percurso, que permite o acontecer da pesquisa e que se delineia como um espaço de encontro, um espaço de bem viver, de travessias e estranhamentos: político, amoroso, deslocador, teimoso e afetuoso de se fazer pesquisa em

<sup>58</sup>“Leque em forma circular podendo trazer um espelho no centro. Usado por Oxum quando feito em latão ou dourado e prateado por Yemanjá. Normalmente trazem desenhos simbólicos” (Araújo, 2017, p. 70).

<sup>59</sup>“É através de seu abebé, espelho de duas faces, que Oxum toma consciência de sua sensualidade. Ao ver sua imagem refletida, a consciência de si nasce. Entretanto, o espelho serve também de escudo e arma que pode cegar ou aprisionar com seu reflexo” (Araújo, 2017, p. 27).

<sup>60</sup>Em Iemanjá “o abebé retrata a sua ligação com o mundo feminino por meio da forma redonda do instrumento e da cor prata do mesmo que lembra a lua” (Araújo, 2017, p. 25).

educação, na tentativa de “escapar da individualidade para apostar em agenciamentos coletivos, produzidos nos encontros” (Oliveira, 2021, p. 15).

Uma das premissas que as giras (experienciadas na/com a “rede” MãEscrevivendo) evocaram, foi a ideia da circularidade da vida. A própria noção de “gira” nos leva a noção de espiral, em seus movimentos curvilíneos que vai e volta. As giras de escrevivências inspiradas pela noção de tempo espiralar de Martins (2022), acionam a memória, a ancestralidade, o corpo, a oralidade. Lugar onde evocamos as escrevivências como maneiras de existir, como possibilidade de criar histórias no espaço do silêncio, como potência para pensar pesquisas no campo da educação. Um experimentar de fim de tarde enquanto, juntas, se tece o chapéu de palha e conta dos causos da vida. Não é à toa que o chapéu de palha, em sua maioria, é confeccionado em giras, em formato de espiral.

**Figura 14** – Chapéu de palha, Exposição Artesãs da Palha, 2022



**Fonte:** Artesdapalha (2022).

Neste fazer, vivenciamos um movimento circular e curvilíneo, trançado por várias mãos, trazendo em seu bojo o assuntar, prosear e aprontar como o tripé que dá régua e compasso para a pesquisa que intenta assumir as giras de escrevivências, sem perder de vista aquilo que nos une, a própria dimensão do conceito de escrevivências partindo da premissa: corpo, vida e escrita, evocados por Conceição Evaristo. Nesse sentido, as giras de escrevivências não podem

ser tomadas para coletar dados, portanto, ela é acionada para “produzir narrativas que valorizem encontros, agenciamentos coletivos e escrevivências”, as/os quais são aqui representados nas cartas escrevíveis (Oliveira, 2021, p. 15).

A própria dinâmica do campo foi desenhando as giras de escrevivências e vice-versa, trazendo uma roupagem que intenta borrar com as proposições que toma o campo como objeto de estudo e estabelece uma verticalidade entre pesquisador/a e participante. Desconstruí em mim a ideia de campo e intervenção como uma ação pontual, estruturadas a partir de ideias preestabelecidas e induzidas verticalmente.

Confesso que adentrei ao campo com uma série de anseios, estruturei as giras a partir de cinco encontros, pré-definidos por temas que norteariam nossas conversas, mas logo no primeiro encontro percebi outras urgências e sobretudo compreendi que, nas giras, é preciso estar aberto/a para a escuta, a conversa e o acontecer.

O campo performou suas próprias necessidades e as giras foram tomando forma, dimensões outras e nos levando a espaços outros. Nas giras de escrevivências não cabiam os roteiros e eu os abandonei para acioná-las como um relatar de instantes, aquela conversa de terreiro, de calçada, de mesa de bar, com gostinho de café passado, chá ou cervejinha gelada. Aquelas conversas e artimanhas que aprendemos na casa de farinha; nas rodas, enquanto se tecia chapéu, esteira; na beira do rio/tanque enquanto se lavava roupa; na quebra de licuri ou castanha; nas nossas redes de aquilombamentos que estabelecemos dentro e fora da universidade, espaços que tomo como Pedagogias Feministas do afeto, do bem viver, o princípio que utilizei/o para pensar as giras de escrevivências, apresentado a vocês na carta “Pedagogias Feministas do afeto, do bem viver: UNEB realizando sonhos no TISisal, sertão baiano”.

Muito representada pelos saberes de comunidades, povoados e roças, as giras como extensão das casas de farinha, quebras de licuri, lavagem de roupa, tecitura de chapéu e crochê, nos dão régua e compasso para pensar um exercício de modos de fazer, modos de viver a pesquisa no campo da educação. Experimentamos as giras, em um movimento de olhar para si e para a outra, criando maneiras de existir através da acolhida para com as nossas dores e fragilidades, mas também munidas da desobediência e insubordinação envoltas pelas lembranças de um dos personagens de Olhos d’água, Dorvi, sobre o “juramento feito em voz uníssona sob o pipocar dos tiros: a gente combinamos de não morrer!” (Evaristo, 2021a, p. 99), trazido por Ana Paula Oliveira, em um de nossos encontros.

Nas cartas seguintes iremos adentrar nas trajetórias que me conduziram a mudanças de rota na pesquisa e a reestruturação de novos caminhos, no fim do primeiro semestre, bem como,

na continuidade de fabulações metodológicas e epistemológicas que delinearão este percurso. “Se chegamos até aqui é porque temos uma aldeia que desobedece epistemologicamente e metodologicamente. O que construímos aqui não são devaneios e delírios, e se for, não deliramos sozinhas”, como nos diz Fátima Lima. Em conversa com ela, convocamos “o direito de criar nossas próprias pesquisas e metodologias” (Vidas [...], 2022).

## 2.1 CARTA-MEMORIAL: ENTRE A PANDEMIA, A FORMAÇÃO, A PESQUISA E UM BEBÊ

Quatorze de agosto de 2021. O dia amanheceu chuvoso. Na verdade, durante a noite choveu muito aqui dentro, talvez até mais do que lá fora. Choro, colo e peito. O leite com certeza estava com sabor de lágrimas, as minhas e as dele. Choro, colo, peito e um ninar sem fim. “Sou de Nanã, euá, euá, euá ê. Sou de Nanã, euá, euá, euá ê” (Mateus [...], 2010). Essa canção, Cordeiro de Nanã, sem dúvida foi e é nossa melodia de ninar, preferida. Hoje é um dia como qualquer outro de isolamento social. Está frio e o cafezinho não pode faltar, aquele café com cheiro de terra molhada. Eu sei, é sábado, mas na agenda das mães, o sono da cria é um tempo de ouro e precisamos escrever. Sento-me na cadeira da sala. Tento deixá-la mais confortável colocando dois travesseiros. Não é um lugar muito estratégico, mas o único que é possível no momento. Sempre tem alguém transitando. Minha vó, para, olha, bate na minha cabeça e vai. Um gesto que se repete desde a primeira aprovação na graduação.

Conclui a graduação em 2017 cheia de expectativas e medos. A corrida se dava pelo emprego e a sobrevivência, em um contexto político nada favorável. Aquele momento em que você se pergunta: E agora? O que eu faço? Sem bolsas de permanência, sem residência universitária, em uma cidade nova e com o diploma na mão. Este talvez seja um dos momentos mais difíceis para os/as residentes bolsistas da graduação. Lembro-me que distribuímos currículo em todos os estabelecimentos/instituições possíveis, eu e mais duas amigas recém-formadas. Foi um ano sem muitos sucessos. O mercado e a falta de oportunidade nos empurravam para trabalhos informais e “bicos” de fim de semana. No ano seguinte adentro ao ensino fundamental, como professora substituta temporária, e realizo minha especialização em Docência do Ensino Superior.

Almejando o sonho do mestrado, curso em 2019 duas disciplinas como aluna especial no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED Campus XIV: Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais; e Gênero, Etnia e Prática Escolar. Se tinha sensação melhor, eu desconheço. Sonhar com o mestrado só foi possível após ver duas das nossas, Daise Araújo e Gersier Ribeiro adentrarem em programas de pós-graduação *stricto sensu*. A força

da representatividade me fez acreditar que este também era o nosso lugar. Este foi meu passaporte para conhecer o programa e escrever meu anteprojeto. Mal sabia que estava a um passo da tempestade que assolou todo o Brasil e mundo – a pandemia da Covid 19<sup>61</sup>, responsável pela passagem/morte de mais de 650.000 brasileiros(as).

O Brasil enfrentou e enfrenta dois movimentos desumanos que tem intensificado drasticamente as desigualdades sociais: a pandemia e o governo Bolsonaro. Infelizmente muitas vidas foram ceifadas com a propagação deste vírus, no entanto, vale salientar que ele não foi o único responsável pelas mortes, foi sobretudo, à omissão deliberada do governo de Jair Messias Bolsonaro, no combate à sua disseminação e no cuidado da saúde das pessoas. “[...] conduzidos/as por um representante político que menosprezava a magnitude de uma pandemia e generalizava a morte, assistimos, cotidianamente, aos números recordes de afetados, mortes e lotações nos hospitais” (Santos, 2022, p. 11).

O que foi aquele movimento contra a vacina e o kit covid? Repare, um verdadeiro atentado contra os/as nossos/as. Sim, um atentado, porque ele, Bolsonaro, sabia exatamente qual o lado que a corda arrebitaria com mais facilidade.

Imersas e imersos em um contexto delicado, em uma sociedade doentia, onde “não nos foi possível escolher trilhar, não nos foi possível nos preparar e planejar para toda essa tecitura que se desenharia de forma complexa e tensionada”, os abraços tão caros para nós, já não mais aconteciam (Danusa Faria *et al.*, 2020). “As festas juninas que alegram o povo brasileiro, especificamente o povo nordestino, foram canceladas. As fogueiras, símbolo de calor e festejo nos interiores, foram acesas nos quintais e terreiros, mas dessa vez sem a hoje temida aglomeração” (Santos, 2022, p. 11).

De certo que, com a distância tivemos que nos reinventar, reestabelecer conexões, ler olhares e exercitar a escuta, o cuidado. Todas as orientações, descaminhos e tecituras dessa pesquisa se deram pela conexão virtual, impostas por um período pandêmico. Foi em decorrência desse contexto totalmente atípico que adentramos ao universo da quarentena, e com ela me deparei com desemprego, gravidez e um problema de saúde diagnosticado como Paralisia de Bel<sup>62</sup>. Com sete meses de gestação, tomar corticoides para o tratamento, não era indicado. Poucos remédios farmacêuticos podiam ser utilizados associados a fisioterapia, mas de certo que, foi nos saberes do nosso povo onde encontramos afago. O banho de arruda, folha

---

<sup>61</sup> A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (Brasil, 2021).

<sup>62</sup> Paralisia de Bell é uma condição em que a pessoa sofre uma paralisia de um dos lados do rosto. Essa é uma condição relativamente rara, que também pode ser chamada de paralisia facial periférica.

de akoko, tira teima e o chá de semente de imburana, não podia faltar. Todas as noites juntava pequenos galhos com esterco de passarinho em uma bacia de alumínio e tocava fogo, ensinamentos apreendidos com a benzedeira, que me auxiliou durante a recuperação da paralisia. Inalar a fumaça ajudava no processo de recuperação dos movimentos da face. Confesso que tudo isso fortalecia para viver o contexto de medo, percas, aflição e inseguranças que a pandemia causou em nós.

O isolamento social, embora fosse necessário, desestruturou meu ser, ao tempo em que me reconectou com a minha existência e sobretudo com minha família. Diante deste contexto e envolvida pela necessidade, retomo as minhas origens voltando para a roça, especificamente a casa da minha vó. Foi como reviver um filme de um passado tão presente e desta vez com a perspectiva de aceitação, afinal, para o conservadorismo, carregar um filho no ventre nos faz “mais mulheres, aliás mães de família”.

Pois bem! O exercício da maternidade, socialmente naturalizado e destinado a mulher, não fazia parte dos meus planos. Porém, assim como alguns percursos acidentais nos constituem, este chega a minha vida carregado de atravessamentos, amores e desafios, muitos desafios. Na ocasião, da descoberta da gestação, dividia aluguel com três amigos/as da UNEB e custou para internalizarmos que estava grávida. Olhar para todos os rostos apreensivos, ali, sentados ao chão só confirmava a certeza de que estava por vir um vendaval, daqueles que só te resta ser forte. E ser forte, cansa! Naquele momento eu não conseguia me ver como feminista. Para mim, maternidade não tinha nada a ver com feminismos. Toda empreitada feminista que havia aprendido caiu por terra?

Sendo, neste contexto totalmente atípico, conturbado e cheio de questões internas, que o MPED-UNEB Campus XIV retoma remotamente a seleção para discentes regulares. A seleção havia sido interrompida devido ao contexto pandêmico, e retomada após um ano. A Marilene Queiroz, que inicia o processo seletivo, finaliza não sendo mais a mesma. Sem perspectiva do futuro, reescrevo o pré-projeto grávida, sendo questionada sobre as condições de realizar um mestrado com um bebê. O peso da responsabilidade que recai sobre as mães e as conduzem para a desistências dos seus sonhos, muitas vezes por necessidade de sobrevivência, tornou-se uma reflexão constante. O que está por trás do silenciamento destas vivências? Confesso, pensei em desistir, mas o sonho me movia.

Defendi o anteprojeto de pesquisa, recém-parida, sendo mais específica, com cinco dias da cesariana. Já me preparava para dar mamá em meio a entrevista online, mas ele (meu filho), que parecia sentir a dimensão da importância daquele momento, se manteve quietinho, a prestigiar. Confesso que não saberia como agir caso precisasse amamentar. Não havia cogitado a

ideia de revelar a existência de um recém-nascido. Após ser desclassificada, na última etapa de um processo seletivo profissional, por estar gestante de três meses, passei a negar a maternidade até não ser mais possível. Naquele momento, meu medo se resumia em não ser aprovada.

Dias depois, para minha surpresa, a tão sonhada aprovação em um mestrado, na universidade pública, chegou. Estava, pela quarta vez, em um destes sites de telemarketing fazendo inscrição para seleção de vaga. Muitos/as de nós estávamos/estamos sendo jogados/as para esta realidade. Olhei para a criança, e mesmo sem saber como seria os próximos passos, gritei: Vó, fui aprovada! “É o que menina? Em?” repetia ela, vindo lá dos fundos de casa. Minutos depois ouvi uns barulhos de tiro, era o foguete bradando no monte. Lá estava ela, pagando a promessa que tinha feito a Senhora Aparecida, caso fosse aprovada no mestrado. Para nós, o foguete representa vida nova. Inclusive o nascimento de uma criança é anunciado à vizinhança pelo foguete.

As lágrimas deste momento representavam alegria e preocupação. A incerteza de permanência no programa, nos deixavam apreensivas. Sem emprego e com um bebê, aquela temida responsabilidade materna social, mais uma vez batia na porta. Dois fatores aqui influenciaram positivamente para o trilhar dessa nova jornada foi o ensino remoto e a aprovação enquanto bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)<sup>63</sup>. Minha permanência no Programa só está sendo permitida a partir da concessão desta bolsa. Carregamos imenso orgulho de sermos crias da UNEB e das políticas de permanência. Todas as minhas formações foram forjadas por políticas de permanência estudantil.

De estudantes a professoras pesquisadoras; de graduandas a pós-graduandas; de bolsistas, monitoras a residentes universitária, experiências compartilhadas em uma instituição pública espalhadas por terras baianas. Filha de empregada doméstica, neta de lavradora e de açougueiro, venho de uma comunidade rural situada no Território de Identidade do Sisal, no interior do Nordeste Baiano, como já disse anteriormente. Criada no riacho, no massapé e no sisal, sou fruto das políticas públicas de sobrevivência no sertão, criadas pelo governo de Luiz Inacio Lula da Silva, e hoje sou a primeira da família a estar cursando um mestrado que se faz presente no interior.

É então, através das telinhas<sup>64</sup>, como mãe, pedagoga e pesquisadora, que mergulho no início do semestre com um recém-nascido. A compreensão foi o ato e a palavra-chave para

---

<sup>63</sup>A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB é a agência de indução e fomento à pesquisa e à inovação científica e tecnológica do Estado da Bahia, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação – SECTI (Bahia, [2023]).

<sup>64</sup>As aulas, encontros e participações no mestrado se davam remotamente através de aplicativos como: *Google Meet*, *Microsoft Teams*, entre outros.

minha travessia no primeiro semestre. Me tornei a louca da prorrogação de prazos e AP já havia se tornado o mascote do programa, o mpediano mirim. Ele estava praticamente em todos os rolês, mas algo já começava a me incomodar; a naturalização e silenciamentos destas experiências de maternidades.

Foram e estão sendo dias desafiadores. Puerpério. Privação de sono. Cuidados. Saúde e alimentação do bebê. Tudo é atribuído e destinado à mãe de maneira naturalizada e romantizada. Em um daqueles dias mais agitados, com prazos para entrega de demandas acadêmicas, ouço minha vó a dizer: “Menina vem cuidar do teu filho, nunca vi uma mãe tão desleixada. Quando um filho nasce, morre uma mulher e nasce uma mãe.” Embora cause um incômodo esta fala da minha vó, compreendo que nossas experiências com a maternidade estão circunscritas em períodos geracionais diferentes, mais precisamente cinco décadas depois, onde os desafios, as perspectivas e lutas de mães da roça tomavam outros contornos.

Eu me sentia perdida. Sabe aquelas prescrições de páginas do Instagram? Aqueles artigos maternos? Aquelas listinhas prontas? Rotina do sono. Introdução alimentar. Rotina de banho, de passeio, de amamentação. Nada disso funcionou. Nada! Então, queridos e queridas, foi aqui que tive a certeza de que a família de comercial de margarina, não traduz e nunca traduziu as várias experiências de maternidades e de paternidades, em outras concepções, de parentalidades no Brasil. Mas confesso, que mesmo compreendendo os atravessamentos que nos constituem e nos diferem nessa empreitada, o peso social da culpa materna insiste em rondar.

### **2.1.1 Um dilúvio dentro de nós, o renascer da pesquisa**

Quando adentrei ao programa tinha como objetivo vivenciar a pesquisa em diálogo com mulheres do hip-hop, especificamente rappers, do Território de Identidade do Sisal. Um diálogo com as Pedagogias Feministas desenvolvidas por estas mulheres. No entanto, no trilhar do primeiro semestre, envolvida por estas questões já mencionadas e tocada pelas discussões provocadas no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED Campus XIV, outras preocupações para além das iniciais surgem, instigando inquietudes e angústias que, atreladas ao contexto pandêmico<sup>65</sup> alteraram a rota do processo de pesquisa.

Fazer e viver pesquisa mergulhadas em um contexto pandêmico, atravessadas pelo isolamento social e o luto foi um tanto quanto tenso, desgastante e delicado. Há dois anos

---

<sup>65</sup> Esse contexto afetou diretamente o grupo de rappers, inviabilizando o desenvolvimento da pesquisa.

ficamos imersas/os em um cenário onde não foi possível nos prepararmos para tantas mudanças e afetações bruscas, que exigiram uma reestruturação nos contextos familiares, sociais e educacionais. Uma realidade que tem ampliado as desigualdades sociais e, consequentemente, afetado a educação. É, minha gente, em tempos difíceis e ameaçadores, os quais vivemos hoje, que ceifam nossas vidas a cada minuto como se fosse um jogo de roleta russa, onde as armas estão apontadas para as ditas “minorias”, é necessário resgatar nossos exus e reinventar a partir das travessuras, afinal de contas, sabemos quais corpos estão à margem.

Fomos inseridas em um “novo normal” que assusta. Algumas falas de colegas, em aulas e encontros, demonstravam os desafios de estudar, fazer pesquisa, trabalhar, dar conta da casa e cuidar dos filhos em um contexto pandêmico de atividades remotas, se aproximando das nossas realidades. Confesso que a realidade de mães do interior, na universidade, me inquietava desde a graduação, quando, ao pertencer ao movimento estudantil e à Residência Universitária (RUES) da UNEB *Campi XIV*, já pontuávamos a necessidade de políticas de permanência para mães acadêmicas. No entanto, era e é muito sutil.

Em muitas madrugadas, enquanto ninava o bebê, era tomada por várias questões: O que é ser mulher? E ser mãe, o que é? Quais são as mães que precisam assumir esta jornada tripla? Quem é responsável por cuidar, educar e criar um/a filho/a? Qual o peso desta responsabilidade no percurso formativo? Como estas educadoras em formação, ao refletirem suas maternidades, podem produzir fissuras em uma cultura hegemônica, eurocêntrica, patriarcal, racista e heteronormativa através de suas práticas pedagógicas? Como tem se estruturado a permanência de mães na universidade? Embora ainda não conseguisse perceber, estes eram os primeiros indícios do redesenhar da pesquisa.

Começo então a visualizar a necessidade de participar de um grupo de mulheres que experienciam as maternidades em seus processos formativos, por sentir a ausência de uma rede de apoio, assim como, um espaço que se olhe e reflita este lugar como questões coletivas. Começo a perceber a necessidade de romper com os silenciamentos destas experiências na universidade.

Um dilúvio se anunciava. A escrita já não mais fluía e a angústia só aumentava. A experiência da maternidade que atravessava/atravessa o meu corpo, os nossos corpos, convocava para a escrita. “Tudo parte do corpo, o corpo é a referência”, essa Filosofia Africana que ouvimos da professora Geronilde Silva em 2021, ao dialogarmos sobre seu artigo *Pretagogia*, sempre chamou a atenção. Ao tempo em que dávamos conta do rebuliço que estava por vim, mais apreensiva ficava. Em um de nossos encontros do projeto “Modos de Aprontar: conversas sobre metodologia em educação”, realizado pelo grupo de pesquisa Currículo,

Escrevivências e Diferenças, a autora Elisabeth Macedo nos convidou a aprender a (des)planejar a pesquisa. Mas como? Rasurar o instituído não é fácil.

Por alguns meses as convenções acadêmicas que exigem neutralidade, distanciamento e objetividade na pesquisa, me direcionaram a criar e a silenciar meus monstros. No entanto, inspirada pelas problematizações e produção de fissuras do componente Curricular Docência e Diversidade, pela rede dos grupos de pesquisa: “Currículo, Escrevivências e Diferenças” e “Formação Experiência e Linguagem – FEL”<sup>66</sup>, os quais tenho a honra de ser vinculada, assumo as novas águas que percorriam o meu caminhar.

Movida pelo desejo que se instaurava, de romper com os silenciamento das maternidades, problematizando o real a partir/com das/as “escrevivências” (Evaristo, 2020a), entendendo que falar e ser ouvida para nós é uma maneira de existir, assumo no final do primeiro semestre os deslocamentos e arrisco um novo ensaio de pesquisa, tomando as escrevivências como operador teórico-metodológico<sup>67</sup>, com a expectativa de olhar para as experiências interioranas de estudantes negras da graduação na universidade, que são mães, estabelecendo um assuntar escreviente em torno das maternidades e maternagens e seus atravessamentos no Território de Identidade do Sisal, a partir de suas/nossas escrevivências sertanejas.

Esta foi umas das decisões mais difíceis e desafiadoras, por saber que exigiria uma corrida contra o tempo em termos de aprofundamento e consistência para qualificação. (Des)planejar e recomençar foi muito complexo, sobretudo, quando se trata de um estudo novo para o programa. Começamos então as buscas por referências dos estudos de maternidades. O primeiro passo foi me assuntar e assuntar as várias experiências de colegas e professoras. O segundo, que me auxiliou no processo de pré-qualificação foram as buscas por perfis no Instagram. Os perfis @nucleomaterna, @projetomaesnauniversidadeufjf, @nucleoniem e @maestudantes.ufsc apresentam uma potência incrível de conteúdos e referências para os estudos de maternidades e universidade, bem como, nos aproxima de uma realidade que parecia ser distante – o olhar atendo para as experiências de estudantes mães. Reconheço, porém, que nesse processo de redescobertas, os dois grupos de pesquisas, mencionados anteriormente, bem como, o acolhimento da orientadora, Eide Paiva e coorientadora, Iris Verena Oliveira, foram fundamentais. Costumo dizer que foram e estão sendo divisores de água para minha continuidade no programa.

---

<sup>66</sup> Grupo de pesquisa Formação, Experiência e Linguagem, lotado na Universidade do Estado da Bahia – campus XIV e vinculado ao Mestrado Profissional em Educação e Diversidade MPED-UNEB. A atuação do grupo está vinculada a ações do grupo de pesquisa Formação em Exercício de Professores (FEP/CNPq), pertencente à linha de pesquisa Currículo e (In)Formação do PPGE da Faced/UFBA, e do grupo de pesquisa Forma, (em)Ação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB).

<sup>67</sup> Nos aprofundaremos mais à frente.

Aprendemos muito! Acredito ser, estas redes, fundamentais para o alinhar das vidas. O afeto nos salva! Fazer pesquisa atravessada pelos afetos faz muito sentido. Quando iniciei as aulas do mestrado não costumava ver crianças nas “janelinhas remotas”, mas hora ou outra, nas entrelinhas, este lugar da maternidade aparecia nas falas de outras mães, muitas vezes exaustas. O fato é que, ocultar nossos/as filhos/as, nossas experiências de maternidades e maternagens e tomá-las como responsabilidade única e exclusivamente nossa, está tão enraizado, ao ponto de ser “natural” não vermos ou falarmos com frequência deste desafio que é criar e educar uma criança ou adolescente. E sobretudo, de problematizarmos os atravessamentos que a sociedade impõe sobre as várias existências de maternidades, entendendo que “falar de maternidade é um exercício de subversão das temáticas “discutíveis” (Baia, 2021).

A necessidade de problematizar as concepções socialmente construída de maternidade, iniciou de forma direta, na gestação, ao ouvir as falas: “Agora que você é mãe não pode mais se relacionar com mulher”. “Vai ter que deixar os estudos para trabalhar e cuidar do filho”. “Sortuda é a mãe que tem uma barriga limpa”. Existe um modelo e condição de ser mãe, estabelecido pelas convenções de gênero e pela sociedade patriarcal, racista, lgbtfóbica e discriminatória que precisa ser visibilizado e problematizado.

Audre Lorde, em um de seus escritos me disse: “eu trabalho em prol de um tempo em que mulheres com mulheres, mulheres com homens e homens com homens compartilharão trabalho num mundo que não nos faça trocar o pão, nem a identidade pela obediência, nem a beleza, nem o amor” (Audre Lorde, 2019, p. 98), e compartilhamos dos mesmos sentimentos e luta. Trabalhamos em prol de um mundo em que a parentalidade seja efetivada de igual modo para todas as composições familiares, para pais, mães e responsáveis pelo cuidado de filhos/as (hooks, 2019).

Outro movimento interessante foi buscar uma conexão com outras pesquisadoras através da Revisão Sistemática de Literatura (RSL), desenvolvida na Base de dados da CAPES e repositório do MPED, a qual permitiu ampliar e aguçar o olhar de pesquisa e modos de pesquisar sobre/com maternidades e maternagens. Trarei, na carta seguinte, o diálogo com oito pesquisadoras, de modo que, possamos conhecer como os estudos das maternidades e maternagens estão sendo abordados nas pesquisas de pós-graduação no Brasil, no campo da educação<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> Revisão Sistemática de Literatura presente no texto apresentado ao exame de qualificação e publicada nos anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. A expectativa era atualizá-la, mas não foi possível em tempo hábil (Marilene Queiroz; Zuleide Silva, 2022).

## 2.2 UMA CONVERSA COM OUTRAS PESQUISADORAS: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA EM EDUCAÇÃO

O dia por aqui está com gostinho de melancia e batata doce. É inverno e a chuva peneirando na roseira. Tem coisa mais bonita do que acompanhar a dança da água? Ao experimentar a força das águas que banharam e contornaram a rota de minha pesquisa é momento de buscar o cruzamento entre os rios e sentir outros corpos se movimentando no fazer pesquisa, estabelecendo olhares sobre as maternidades e/ou maternagens. Compreendendo como uma temática permeada por invisibilidades naturalizações e romantizações, considero as problematizações deste estudo relevantes para mulheres-mães e suas/nossas lutas. Meu desejo e desafio consiste em mapear as produções científicas com foco nas maternidades e maternagens, especificamente, no campo da educação, na expectativa de ampliar e aguçar meu olhar de pesquisa e modos de pesquisar sobre maternidades e maternagens de estudantes mães negras.

Localizada no campo dos estudos feministas, esta revisão sistemática é atravessada pelo compromisso político de apreciar e visibilizar produções acadêmicas produzidas por pesquisadoras mães. Mergulho nesta revisão a partir de um olhar interseccional, onde as avenidas de gênero, raça, classe, territorialidade, entre outros se inter cruzam. Mulheres, em sua maioria, atravessadas pelo desafio de conciliar a produção de ciência e as convecções impostas pelo árduo “exercício do maternar”. Ademais, possibilitará um mergulho em busca de aproximações importantes para a construção da minha pesquisa.

Evidencio esta fase como uma das essenciais no caminho do “fazer pesquisa” na medida em que possibilita atualizar os pressupostos teóricos metodológicos, observar as lacunas, conhecer outros modos de escrita e de produção de conhecimento em torno da temática, na área.

Para tais propósitos, teço o seguinte questionamento: como os estudos das maternidades e maternagens estão sendo abordados nas pesquisas de pós-graduação no Brasil, no campo da educação? Reconhecendo a importância da política de citação, para o fortalecimento de mulheres Nordestinas no contexto das ciências, me debruço sobre as produções disponíveis no repositório do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED/UNEB e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

### 2.2.1 Caminhos trilhados

Realizar esta revisão exigiu um primeiro movimento de conversa e aproximações com outras pesquisadoras, o que para mim, que estou começando a trilhar os caminhos do “fazer pesquisa”, foi fundamental.

Com alguns desejos de pesquisa reestruturados, defino um recorte temporal de 10 anos, que corresponde de 2011 a 2021, selecionando enquanto descritores, em primeira instância, “maternidade”, “maternagem” e de maneira intencional amplo para “maternidade negra”, “maternidade lésbica”, “maternidade AND formação docente”, de modo que fosse considerado suas pluralidades.

Primeiramente, em 25 de novembro de 2021, fiz uma busca no catálogo de dissertações do MPED/UNEB, programa ao qual sou vinculada, objetivando dar corpo e sentido para a política de citação, partindo do programa que se faz presente no Território de Identidade do Sisal ao qual sou e estou situada. Nenhum registro foi encontrado, o que aponta para a novidade e relevância deste estudo que proponho realizar no programa, trazendo para a reflexão a desnaturalização deste “lugar”, apontando para entraves que reverberam em nossas vida-formações e permanências.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES utilizei os mesmos descritores com as seguintes refinações de resultados: ano de 2011 a 2021; grande área Conhecimento - Ciências Humanas; área de Conhecimento – Educação e área de concentração – Educação.

O total de teses e dissertações encontradas com o descritor “maternidade” foi de 114 trabalhos, sendo 74 em mestrado e 33 em doutorado. Ao utilizar o mesmo descritor no plural “maternidades”, surgiram 4 trabalhos, 2 em mestrado e 2 em doutorado. Pensando para além da perspectiva do biológico, utilizo o descritor “maternagem” e visualizo um contingente de 13 trabalhos, sendo 9 em mestrado e 4 em doutorado.

Após um primeiro mergulho em análise dos títulos, resumos e palavras-chave sinto a necessidade de realizar algumas combinações e ampliar os descritores, na busca por outras perspectivas de pesquisas voltadas para este estudo. A combinação de descritores “maternidade AND formação docente” permitiu acesso a 34 trabalhos, 21 em mestrado e 8 em doutorado. Com a combinação dos descritores “maternidade negra” e “maternidade lésbica”, usados em momentos distintos, encontro 9 trabalhos para cada. No entanto, são pesquisas que se concentram nas áreas de Psicologia, Sociologia, Antropologia e História Latino-americana, as quais, no momento não se enquadram no meu recorte de revisão.

A junção dos trabalhos encontrados soma 166 pesquisas. Assim, 21 foram escolhidos ao debruçar sob título, resumo, palavras-chave, período, eliminando pesquisas repetidas, e aquelas que mesmo surgindo a partir dos descritores referenciados evidenciavam outras abordagens, a exemplo de educação infantil, creche, magistério e relações de gênero através das problematizações do “ser mulher”. Desse total, após uma leitura mais aprofundada e minuciosa, apenas 9 apresentam aproximações com minha pesquisa em andamento, as quais serão evidenciadas a seguir.

### **2.2.2 Rios que se cruzam**

Ao adentrar no universo das nove pesquisas busquei uma conexão de sentidos que permitisse perceber-sentir os corpos presentes das mulheres-mães que estavam inseridos nas tecituras dos estudos, compreendendo aquilo que para mim está sendo o grande desafio, conciliar maternidade – vida, formação e produção de conhecimento. E ao mesmo tempo sinto-me fortalecida por outras mulheres que problematizam estas realidades postas por uma cultura patriarcal, que nas nuances da intersecção se revela racista e LGBTfóbica.

As pesquisas revelam a importância de se pensar nos corpos de mães que se fazem presentes no âmbito educacional, uma vez que, suas naturalizações levam a invisibilidades e discriminações, reverberando em suas exclusões destes espaços. Todos os trabalhos estão ligados a programas de educação, 8 são dissertações e 1 tese. 7 das pesquisas se concentram em universidade públicas e 2 em privadas. No que tange às regiões que se situam as instituições das autoras, 2 são do Centro-oeste, 3 do Sul e 2 no Sudeste.

Ao analisar os 116 trabalhos, o quantitativo geral de pesquisas encontradas com os quatro descritores utilizados, é possível identificar que a região Sul, Centro-Oeste e Sudeste detém a maior concentração de instituições vinculadas às autoras. Vale salientar que os menores quantitativos se concentram na região Nordeste e Norte. Haja vista que, as duas regiões são as que mais sofrem com a pobreza, e que as mais renomadas universidades brasileiras se concentram na região Sul e Centro-oeste, entende-se que, as produções de ciências e conhecimentos científicos sofram influências em decorrência destes fatores.

Um dos fatores que afeta diretamente a produção de conhecimento científico, é a pobreza. As regiões que sofrem com a pobreza e a desigualdade social carece de investimentos e políticas públicas de acesso e permanência, aspecto que, com o desmonte da ciência no Brasil, intensificado no governo de Jair Bolsonaro, tem prejudicado ainda mais os índices de produção científica.

Embora tenha se observado nos últimos anos o avanço de produções científicas femininas, de mulheres desafiando o androcentrismo nas ciências, considero um baixo índice de produções em torno de alguns estudos no campo da educação. Considerando o descritor “maternidade” em um período de 10 anos, a primeira busca sem refinação de resultados apontou para 3.270 que se distribuíam em sua maioria nas áreas de medicina, enfermagem e psicologia. Sendo o campo da educação com menor índice de produções.

Considero que a naturalização das maternidades, e deste lugar de mãe na sociedade, seja um dos principais motivos para esta disparidade entre as produções das áreas da saúde e as produções da área de educação. Ao naturalizarmos este lugar da maternidade, na vida das mulheres, o silenciemos e deixamos de problematizá-lo enquanto questões coletivas que atravessam os ambientes educacionais.

No que tange a maternidade negra, poucas pesquisas foram encontradas. Dentre as que se aproximam do meu estudo evidencio as pesquisas de Rayssa Canaúba (2019) e Elis Santos (2018), ambas assumem o recorte de raça ao dialogarem e produzirem com adolescentes negras e mães, no contexto do ensino médio.

Canaúba (2019), em sua dissertação, *Trajetórias de adolescentes negras e mães: por outras Histórias, por outras Políticas Públicas*, buscou analisar a trajetória de estudantes negras que se tornaram mães durante sua formação na Educação Básica e a relação entre maternidade e evasão escolar na Cidade Estrutural, Distrito Federal. Trazendo enquanto objetivo, verificar a trajetória de adolescentes mães e a evasão escolar, numa perspectiva interseccional de gênero, raça e geracional. Os resultados apontam para a falta de acolhimento oferecido às adolescentes pelos sistemas educacional e de saúde, devido ao racismo estrutural e ao sexismo.

Já a dissertação de Santos (2018), “Hoje a cria não veio: mães adolescentes negras e projetos de vidas no contexto escolar”, analisa o lugar da escola na (re)significação dos projetos de vida de adolescentes negras estudantes que são mães. A pesquisa se deu na Escola Municipal Governador Roberto Santos, localizada no bairro do Cabula, no município de Salvador-BA. A autora evidencia que a pesquisa apontou para os temas em torno da maternidade adolescente como um campo complexo, dinâmico e extremamente heterogêneo. O que para a mesma instiga análises sobre o lugar das mulheres mães em contextos institucionais como a escola e a necessidade de políticas públicas de permanência para este grupo.

Ambas se aproximam da minha pesquisa ao acionarem a interseccionalidade como potência para se pensar este lugar das maternidades. É interessante observar o quanto é enriquecedor esta troca com outras, o marcador de geração, por exemplo, apareceu nas duas pesquisas, bem como nas provocações de coorientação instigando inquietudes, uma vez que,

não havia me atentado para este aspecto que atravessa nossas vidas. Elas lançam um olhar em torno das questões de gênero, raça, classe e geração, porém, o marcador de sexualidade e territorialidade não aparece.

Traçando um olhar minucioso das produções analisadas na área da educação, não foi possível identificar a abordagem da maternidade lésbica, dado que não surpreende, considerando as revisões sistemáticas desenvolvidas por Gersier Santos e Zuleide Silva (2020) e Jaqueline Santos e Zuleide Silva (2021), que em conjunto apontam a carência de estudos sobre lésbicas, na ciência em geral, e na educação em particular.

As pesquisas analisadas se concentram em dois níveis de ensino na educação escolar brasileira: a educação básica (EJA, ensino médio e fundamental) e na educação superior (graduação). Ambientes educacionais onde se fazem presentes uma considerável parcela de estudantes que são mães. Três pesquisas se situam no âmbito da graduação e se aproximam do meu estudo ao estabelecerem um olhar para as mães no contexto da universidade: a pesquisa de Brito (2016); o estudo de Pletiskaitz (2018), e o trabalho de Carvalho (2020).

Katiúcia Pletiskaitz (2018) em sua dissertação “A maternidade na casa de estudantes da UFSM: desafios e conquistas das acadêmicas mães moradoras da CEU”, realizou o estudo com quatro jovens estudantes moradoras da Casa de Estudantes de Santa Maria, que conciliam a maternidade com a formação acadêmica, em um espaço não planejado para esta conciliação. A autora buscou compreender como as jovens acadêmicas mães, moradoras da Casa do Estudante Universitário (CEU), conciliam a maternidade à formação acadêmica na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e como esse processo impacta no acesso aos direitos das mulheres à Educação Superior pública. Evidenciou a desigualdade de oportunidades e os diferentes níveis de dificuldades que envolvem as políticas públicas e educacionais voltadas a graduação das jovens mães, assim como pode-se perceber questões singulares acerca da organização do tempo e das rotinas que perpassam a juventude, a maternidade e a graduação.

Em “Muro das palpitações: um manifesto de mães universitárias”, pesquisa de Regiany Alves Carvalho (2020), encontramos um manifesto a fim de refletir as barreiras que surgem cotidianamente na vida das mulheres estudantes no ambiente acadêmico em decorrência da maternidade, objetivando compreender, a partir das narrativas de alunas universitárias que são mães, a trajetória no meio acadêmico, assim como a análise de comentários extraídos do YouTube em relação a filmes abordado a temática. Para a autora, um dos pontos cruciais da pesquisa foi o preconceito e a discriminação pela maternidade por parte de professores e colegas de curso.

Já a dissertação de Patrícia Oliveira Brito (2016), “Indígena-mulher-mãe-universitária: o estar-sendo estudante na UFRGS”, objetiva compreender as presenças das mulheres

indígenas, especialmente pertencentes aos povos Kaingang e Guarani, que foram aprovadas em processo seletivo específico e diferenciado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a partir de 2008, ano que esta instituição aderiu à política de Ações Afirmativas tão reivindicadas pelos movimentos sociais, negro, indígenas e aliados dentro e fora da comunidade acadêmica. Patrícia Brito se dedica a compreender como ocorre a permanência dessas estudantes, indígenas, mães na UFRGS, considerando como é sua vida na comunidade, sua relação com filhos e grupo familiar e que aspectos tornaria sua vida melhor nesta Universidade.

As pesquisas trazem à tona a experiência de mães no ambiente universitário, a partir de perspectivas diferentes, estabelecidas pelo olhar de mães indígenas, mães residentes universitárias e mães em trajetória acadêmica, se conectam na luta por visibilidade, direitos e permanências. Minha conexão com esta pesquisas possibilitou acesso a outros movimentos de mães e, sobretudo, aqueceu a sensação de não estarmos sozinhas, embora em territórios outros e com demandas plurais, nos conectamos pelas presenças destes corpos que problematizam os silenciamentos das maternidades.

Cinco dos estudos estão vinculados a educação Básica: o estudo de Dolnéia Santos (2020) com jovens mães e gestantes no ensino médio; a pesquisa de Jussiana Rebouças (2017), com mães adolescentes; a de Jaqueline Freitas Azevedo (2017), com as trajetórias escolares de mulheres/mães na Educação de Jovens e Adultos – EJA e as de Canaúba (2019) e Santos (2018) com mães adolescentes negras, as quais já foram mencionadas anteriormente.

Santos (2020), escreveu a dissertação, “maternidades juvenis: o que dizem alunas de uma escola pública de periferia, onde buscou analisar e problematizar representações de maternidade, a partir de narrativas de jovens mães e gestantes, na faixa etária entre 17 e 23 anos de idade, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da periferia de Canoas (RS). Para a autora, indiferente de ser ou não desejada, a gravidez nesse período da vida implica em uma série de mudanças e desafios, principalmente no que se refere a conciliar a maternidade, à continuidade dos estudos, ao trabalho e às práticas de diversão e entretenimento.

A dissertação “Da maternagem aos bancos escolares: desafios da permanência de mulheres/mães na EJA” da pesquisadora Azevedo (2017), objetivou conhecer as trajetórias escolares de mulheres/mães, a fim de verificar quais dificuldades e desafios de permanência dessas estudantes em uma escola da Rede Estadual de Ensino de Três Lagoas-MS, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A autora evidencia que as histórias narradas pelas alunas são marcadas pelo abandono escolar, devido à necessidade de auxiliarem no sustento da família, e em seguida, o casamento e a maternidade.

“Quem pariu Mateus que balance? Uma cartografia dos desejos maternais na adolescência CERG-São Felix-BA” é uma pesquisa de Rebouças (2017), realizada no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Feira de Santana (UEFS). Para a autora, a abordagem sobre a maternidade na adolescência necessita de novos sabores, de mutações, de recriações, de invenções para além dos discursos higienistas e moralizantes que aprisionam potências de vida. Trouxe à tona algumas indagações: de que forma as adolescentes experimentam a maternagem, sobretudo em relação às demandas escolares? Como a gravidez (in)desejada é processada no cotidiano dessas meninas entre os significados compartilhados com os pares e a coerção sofrida mediante as instituições sociais? E por fim, quem é responsável por Mateus?

Vale salientar que, embora o recorte tenha uma abrangência de 10 anos, os trabalhos se concentram em cinco anos, de 2016 a 2020. São pesquisas recentes, o que aponta para um significativo aumento nas produções de mulheres refletindo as questões que circundam o exercício de “tornar-se” mães nos últimos cinco anos. Apenas a pesquisa de Maryahn Silva corresponde ao ano de 2013.

Em sua Tese “Ensino Normal: da formação da professora à formação da mulher, esposa e mãe”, Maryahn Silva (2013), realizou um estudo dos conteúdos dispostos nas obras constantes da Biblioteca do Curso Normal de um colégio confessional católico na cidade de Joinville, voltados para a preparação das jovens normalistas para exercer o papel de mulher como esposa e mãe, nas décadas de 1940 e 1950. A pesquisadora partiu da hipótese de que, além do objetivo de formar professoras, a Escola Normal tinha também como finalidade formar jovens estudantes para a condição de mulher: o casamento e a maternidade, segundo os padrões da época e para uma determinada classe social. Alguns dos resultados da pesquisa, segundo a autora, apontam que a fundamentação para uma boa formação constituía-se na preparação da mulher para ser boa esposa e dona de casa, capaz de anular seus sentimentos e incorporar os espírito feminino, doando-se inteiramente à família, cumprindo seu papel social e de classe.

### **2.2.3 Abrindo caminhos**

As pesquisas mencionadas revelam uma pluralidade presente nas maternidades, revelam outras identidades e constituições de si que se interseccionam com o “tornar-se mãe”<sup>69</sup>. São pesquisas que demarcam corpos presentes nos mais diversos contextos educacionais, atravessados pela trajetória formativa, permanência, formação e desafios. Embora apresentem

---

<sup>69</sup> Mais à frente dialogaremos com as maternidades dentro dos feminismos e outras nuances que constituem estes lugares.

especificidades, se conectam nas implicações e problematizações do estudo com as maternidades e maternagens e, sobretudo, trazem à tona questões invisibilizadas e naturalizadas pelos padrões e convenções sociais. São escritas, em sua maioria, em primeira pessoa, revelando corpos situados e políticos importantes para o campo dos estudos feministas, principalmente os feminismos negros.

Poder perceber, sentir e mergulhar nas pesquisas foi significativo, visto que, possibilitou ampliar o olhar em torno do campo, auxiliaram a pensar em critério e recortes para a pesquisa, e a conhecer realidades e abordagens teórico-metodológicas. As abordagens metodológicas utilizadas são: História de vida, história oral, narrativa, cartografia e etnografia atreladas a roda de conversa, entrevista, diário, conversas de grupo, observação, questionário e grupo focal. Embora eu reconheça a importância dessas abordagens metodológicas, me afasto delas experimentando outros modos de pesquisar.

A pesquisa de Canáuba (2019), trazendo a trajetória de mães negras adolescentes, foi a que mais se aproximou teoricamente das conversas que venho propondo neste estudo. Através da abordagem feminista e antirracista, a autora estabelece um diálogo com a literatura decolonial e com feministas negras, evidenciando as intersecções de Gênero, raça e geração. Me situando como pesquisadora do interior da Bahia e reconhecendo a importância da visibilidade de mulheres nordestinas na produção de ciência, evidencio duas pesquisadoras baianas, Rebouças (2017) e Santos (2018), vinculadas à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), ambas trazendo a perspectiva das maternidades na adolescência no contexto da educação básica.

Pode-se concluir com esta revisão sistemática da literatura, que as pesquisas no campo das maternidades apresentam uma considerável aderência no âmbito da medicina, enfermagem e psicologia, no entanto, vão se restringindo quando caminhamos de forma mais específica para este estudo no campo da educação, principalmente se ampliarmos o olhar para a perspectiva interseccional de corpos demarcados por um recorte de raça, classe, sexualidade e territorialidade, entre outros. Os resultados da RSL provocaram um movimento de assumir, nesta pesquisa, um olhar voltado para as experiências de maternidades negras e suas intersecções no campo da educação.

## 2.3 ESCRITA-CORPO-PESQUISA: CONSTRUINDO PASSADIÇOS NO/COM O CAMPO

**Figura 15** – Passadiço na roça



Fonte: Brejo do Cruz-PB (2016).

Permita se perder e aproveite os (des) caminhos.  
 Aqueles que desaguam em quietudes e encontros.  
 Ah, o encontro,  
 ele que é dotado de conexões ancestrais,  
 convidando o corpo para a dança da vida.  
 Dança menina, dança!  
 Joga o jogo da desobediência e ginga  
 Uma gira que acalenta, transgride e resiste.  
 Uma gira que ginga  
 Gingando a girar.  
 (Marilene Queiroz, 2021)

De longe nós avistávamos, em terras dos patrões de nossas famílias, as pencas de pinhas com suas curvas rosadas entre os gomos, anunciando estarem prontas para a degustação. Ao seu lado, um velho pé de cajueiro, que de tão carregado, estava amarelo. A divisão entre nós e eles se dava por entre as cercas de arame farpado, cobertas de gravatas. Mas adivinha onde nossa traquinagem começava? No passadiço construído por nossos familiares para facilitar a passagem para a lavoura diária. Uma, duas, três escadas, cruzou a perna; uma, duas, três escadas e já estávamos do outro lado. Minha vó cruzava todas as manhãs para levar o café para os/as que estavam na lida da roça. Crescemos cruzando passadiços com lata de água na cabeça ou entre os braços, nos sentíamos equilibristas. Bem difícil, mas fazíamos ser divertido.

Pois bem! Eu sabia que não seria fácil, e não foi. Pisar em um terreno desconhecido exige cautela e um assuntar constante, mas de uma coisa eu tinha certeza: estava aberta para me perder nos descaminhos e mergulhar em outros modos, possíveis, de aprontar pesquisa em educação. É preciso estar disposta/o! É preciso muita escuta, escuta de si e do/a outro/a! Aprendi com minha orientadora e coorientadora a respeitar os limites, respeitar nosso tempo, processos, e a permitir se perder. *A abertura e disposição para se perder é fundamental*, como nos diz Iris Verena. Como registrei no poema acima, tem sido uma gira que bagunça, acalenta, retrocede, transgride e resiste. Uma gira que ginga, gingando a girar. Afinal, *a ginga possibilita viver* como nos ensina Eide Paiva. Um jogo de negociações e experimentações.

Por muitas vezes tive a sensação de ser lida como uma pesquisa menor, diante dos caminhos que decidi mergulhar, mas, de mãos dadas com muitas/os, a pesquisa foi tomando forma, processualmente, e ganhando contornos que escapavam a modelos preestabelecidos. Antes mesmo de me dar conta, o campo já estava acontecendo. O campo foi dando régua e compasso para construirmos modos de aprontar pesquisa em educação, para construirmos passadiços no Sertão. Às vezes é preciso construir passadiços para cruzar a cerca, quando alguns/as não conseguem mergulhar o arame, e foi assim, de passadiço em passadiço que fomos encontrando possibilidades de existir.

Foi lendo feministas, mulheres e mulheres negras; apostando no movimento de pedagogias feministas do afeto, do bem viver, que fui aprendendo a experimentar outros sabores para viver a pesquisa. Alguns com muita pimenta, dendê e cuscuz com ovo. Foram elas, mulheres, e em sua grande maioria, mulheres negras, que me deram régua e compasso para pensar este trilhar. Suas formas de escrever, suas epistemologias, a representatividade dos seus corpos e a forma como produzem conhecimento foram pistas e diálogos importantes para pensar este trabalho. Mexer com as estruturas coloniais exige um movimento que não se faz sozinha.

Ao vivenciar a pesquisa em educação, meu desejo é acreditar nas sabedorias de frestas, aquelas que, como nos ensina Luiz Rufino ao acionar as Pedagogias das Encruzilhadas, operam nas fronteiras e nos vazios deixados pelo poder colonial (Rufino, 2019), e possibilitam o reconhecimento e fortalecimento do nosso “corpo-território” (Miranda, 2020), produzindo assim, fissuras educativas em rede. Refletindo sobre educação e pesquisa na interlocução/conversa com os pensamentos de Rufino e Miranda, envolto pela educação decolonial, busco neste estudo uma inspiração na pesquisa decolonial em uma construção que rasura a educação hegemônica e eurocentrada, promovendo fissuras em uma lógica colonial e colonizadora. Uma educação pela “transgressão” (hooks, 2013).

Penso o corpo-território como saber ancestral, como produtor de conhecimento, como um texto-corpo-vivo a partir das experiências e saberes destas mulheres que vivenciam as maternidades. Perceber este corpo-território é me compreender enquanto pesquisadora do interior da Bahia, um corpo atravessado por marcadores sociais, encharcado, vivo (re)existente nas/pelas presenças das minhas/nossas ancestrais, bem como, pela dimensão coletiva que este movimento evoca. É aguçar todos os sentidos que ultrapassam a dimensão corporal, para afetar e ser afetada na construção com outras pessoas, potencializando os conhecimentos. E foi exatamente assim, afetando e sendo afetada que esta pesquisa foi acontecendo através do movimento de Sankofa, o qual, busco me fortalecer nas que me antecederam e dar continuidade nas lutas feministas, assumindo enquanto epistemologia os estudos feministas, inspirada pelos feminismos negros.

Reconhecendo que a ciência tem seus rastros no androcentrismo e epistemicídio e que a sociedade se estruturou em um projeto eurocêntrico, patriarcal, racista, capacitista, lgbtfóbico; discriminatório e excludente, dialogar e/ou assumir com/os feminismos, com/os feminismos negros, é para o meu corpo, nossos corpos, um projeto de vida. Concordo com Lícia Barbosa (2010, p. 4) quando ela diz que “o pensamento feminista negro possibilita às mulheres negras diferentes visões de si mesmas, e do seu mundo, mais do que a oferecida pela ordem social estabelecida”.

A autora, ao refletir e apresentar o debate sobre o feminismo negro no contexto norte-americano e brasileiro, evidencia que “as proposições do feminismo negro e do pensamento feminista negro têm forçado a teoria feminista a aprofundar suas análises sobre a discussão racial e sobre outros modos de diferenças em relação a sua produção teórica e prática” (Barbosa, 2010, p. 7), revelando a importância deste debate no campo da educação.

Nesse sentido, a autora bell hooks, em seu livro “Teorias feministas: da margem ao centro” escrito no ano 1984 e só traduzido no Brasil em 2019, defende uma revolução feminista que contraponha o racismo, sexismo e capitalismo. A autora propõe uma revolução idealizada por mulheres negras, de modo que raça e classe sejam categorias analisadas nos estudos feministas, para que se compreenda a complexidade das interfaces de produção de poder dentro da sociedade. Imbricado com esse pensamento, trago as maternidades como uma categoria que carece de atenção dentro dos estudos feministas e educacionais. As maternidades feministas<sup>70</sup> têm sido cada vez mais aderidas por pesquisadoras que acreditam na sua potência contra as

---

<sup>70</sup>Para um diálogo com o pensamento sobre maternidades feministas acesse a mesa de abertura: maternidades feministas contra o fascismo, organizada por nós no II Seminário Maternidades e Universidade UFRJ e transmitida pelo canal do Youtube Núcleo Materna (Mesa, 2022).

ideologias fascistas.

Em sua obra, “O feminismo é para todo mundo”, hooks (2018) nos convida a criarmos um “movimento de massa que ofereça educação feminista para todo mundo, mulheres e homens”. Em sua concepção, “os cidadãos desta nação não conseguirão conhecer as contribuições positivas do movimento feminista para a vida de todos nós se nós não enfatizarmos esses ganhos” (hooks, 2018, p. 29). Os feminismos negros têm sido o oxigênio que impulsiona minhas práticas, uma lente de problematizações e reivindicações, uma política de vida; e a educação feminista, a considero um caminho possível para a produção de brechas.

Gosto de conversar com Lélia Gonzalez, suas provocações me deslocam. A coletânea, “Por um feminismo afro-latino-americano”, organizado por Flavia Rios e Márcia Lima, (Gonzales, 2020) é um grande presente. Reúne ensaios, intervenções e diálogos realizados por Gonzalez no período que compreende duas décadas – 1975 à primeira metade dos anos 1990. São muitos os ensinamentos e desconstruções provocadas por suas andanças e seus escritos. Um convite a compreendermos que a democracia racial é uma falácia e a miscigenação nunca foi harmônica, já que foi fruto do estupro sofrido por mulheres negras e Indígenas.

Além disso, Lélia cunha as categorias amefricanidade, pretuguês e muitas outras questões salutares. Nos convida a pensar no pretuguês refletindo sobre aspectos pouco explorados da influência negra na formação histórico-cultural a exemplo do caráter tonal e rítmico das línguas africanas, bem como a ausências de certas consoantes como o ‘r’ e o ‘l’. Nunca havia olhado para a pronúncia “poblema”, por exemplo, com esta perspectiva. O pretuguês representa a marca da africanização do português falado no Brasil (Gonzales, 2020). Ademais, ela nos presenteia com três potências da categoria amefricanidade:

[...] A categoria amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural. [...] ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. [...] a Améfrica enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanos/amefricanas designa toda uma descendência (Gonzalez, 2020, p. 135).

A amefricanidade revela escrevivências de negros e negras nas américas, a partir do processo de diáspora africana. A amefricanidade tem me ajudado a desenvolver a consciência para o reconhecimento enquanto descendente de africanos/as, bem como a estabelecer um novo olhar para as maternidades no Brasil, sobretudo na Bahia e suas cidades interioranas, onde estou situada, como um lugar povoado por amefricanos e amefricanas.

No tocante aos feminismos, Gonzalez (2020) nos provoca a refletir sobre sua historicidade, ao tempo em que reconhece a importância das lutas feministas. Ao centrar sua

análise no patriarcado capitalista, Lélia tece suas críticas ao feminismo ocidental, aguçando o olhar para as problematizações do “patriarcado-racista” e suas estruturações nos corpos femininos negros. Em diálogo com Lelia Gonzalez, Sueli Carneiro<sup>71</sup> considera a relevância deste “novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirmando essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra” (Sueli Carneiro, 2019, p. 315). Em seu escrito “Enegrecer o feminismo”, Sueli enfatiza:

A unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo [...] (Carneiro, 2019, p. 315).

Ao estabelecer este olhar para as lutas, experiências e especificidades das mulheres negras, assumo o conceito de *escrevivências*<sup>72</sup>, cunhado pela nossa querida Conceição Evaristo, como operador teórico-metodológico desta pesquisa. “Tomar as *escrevivências* como fundamento teórico-metodológico na construção de pesquisas em educação envolve assumir a ficção, considerando que a condição ontológica de ser humano é distribuída de forma desigual”. (Oliveira, 2021, p. 8).

Me identifico bastante com a forma como as autoras Iris Oliveira, Jeane Lima e Geniclécia Santos (2022), dialogam e criam sentidos para o conceito em suas experiências de *escrevivência* e ‘*afectos*’ literários entre universidade e escola:

Ao assumirmos o conceito de *escrevivência* como operador teórico-metodológico, reivindicamos a autoria, em meio a debates acadêmicos enquadrados nas formas enrijecidas da ciência moderna. Buscamos a fluidez de uma escrita em que conseguimos nos ver. Interessam-nos as vivências cotidianas, articuladas em palavras escritas que digam dos sentidos, dos cheiros, dos gostos, das imagens, dos *afectos*, das alegrias, das dores e das relações construídas na escola. Na escrita de textos impregnados de sensações, esperamos dizer do *afecto* produzido no encontro, que, como tal, borra expectativas, planejamentos prévios e roteiros, gerando agenciamentos coletivos, a partir dos quais não é possível estabelecermos as distinções presentes na pesquisa qualitativa entre pesquisadores/as e pesquisados/as (Oliveira; Lima; Santos, 2022, p. 13).

Ao idealizar uma pesquisa que é sobre nós e nossas experiências no contexto da universidade, permeada pelos atravessamentos das maternidades, nos conectamos com vidas, corpos, afetos, formações, trocas, sentidos e também com medo, desconfortos e dores. Me

<sup>71</sup>Lelia Gonzalez e Sueli Carneiro, ambas apresentam considerações importantes sobre a história do feminismo. Para uma leitura mais aprofundada, ver Gonzalez (2020) e Carneiro (2019, p. 313-321).

<sup>72</sup>“O conceito de “*escrevivência*” cunhado por Conceição Evaristo tem sido utilizado na produção acadêmica brasileira nos últimos anos, especialmente após a ampliação da visibilidade da autora, depois de vencer o Prêmio Jabuti em 2015 e por sua participação em um movimento coletivo para a submissão de sua candidatura à Associação Brasileira de Letras em 2018” (Oliveira, 2022, p. 6).

interessa olhar para estas mulheres, acolher suas narrativas, e neste movimento olhar para si, na sintonia do escrever, “escrever” e “viver” e “escrever se vendo” (Evaristo, 2020a), aspectos que constituem e são caros para pensarmos o uso das giras de escrevivências.

Considero a escrevivência o dendê que dá sabor e consistência a uma pesquisa viva e corporificada, que me faz mergulhar nos sentidos do que a professora Iris Verena Oliveira pontuou em uma de nossas conversas, estar imersa em uma experiência que é pessoal, mas que não só individual, é coletiva. Para tanto, assim como nos ensina Conceição Evaristo, as escrevivências não se tratam de uma escrita que se limita a um eu sozinho, uma vez que estamos em uma refração de espelhos. Para alcançarmos o sentido do que a autora propõe é necessário lançarmos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem (Evaristo, 2020a). Ao mergulharmos nos abebés das narrativas míticas africanas compreendemos que o que acontece entre o olhar para si atrelado ao olhar para nós da refração dos abebés de Oxun e Iemanjá, são as escrevivências.

Ao convocar o meu corpo-escrita para a pesquisa pude me conectar com outros corpos atravessados por experiências que ao tempo em que se inter cruzam se diferem, comecei então a perceber o redesenhar de uma pesquisa vida, pulsante, que existe a partir de um eu-coletivo e nesse movimento de águas doces que se cruzam, senti o chamado das escrevivências banhando nossa vida-formação de modo a costurar outros modos de fazer pesquisa em educação.

A convocação desse corpo-escrita para a pesquisa partiu do encontro com o gesto da “grafia-desenho”, da minha vó (Evaristo, 2020a). Ao ouvir a narrativa de Conceição – sobre o lugar de nascimento de sua escrita surgir a partir de um gesto ancestral de sua mãe ao desenhar sob o chão, o sol – retornei à infância e me recordei das vezes que ficávamos de cócoras no terreiro, olhando a vó rabiscá-lo com um pequeno graveto ou enquanto desenhava um grande sol, rabiscado com pedaços de carvão, sob a parede sem reboco. “Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos. E o nosso corpo também [...]” (Evaristo, 2020a, p. 50).

Me conectar com esta narrativa fez entender o apreço que sempre tive pela escrita como uma extensão do corpo. Como já disse anteriormente a vocês, a escrita é o meu lugar de refúgio, de criar possibilidades nos vazios que a vida deixava. A luz do candeeiro<sup>73</sup>, ainda aprendendo as escrever, rabiscava pequenos diários, cartinhas e pequenos poemas, mas o que gostava de fazer mesmo era de sentar-me com minha vó para ensiná-la e aos poucos íamos aprendendo a escrever pequenos bilhetes. Eles sempre enfeitaram a casa: estão na porta da geladeira, na porta

---

<sup>73</sup>Candeeiro é a lamparina, artefato antiquíssimo composta sobre duas partes simples (Análiseagora, 2015). Durante um período utilizamos candeeiro, pois nossa casa se situava em um espaço isolado e distante da rede elétrica principal.

do guarda-roupa e na parede do fogão de lenha (Figura 16), marcando momentos, datas e acontecimentos. Alguns são escritos a caneta outros à carvão, mas eles continuam aqui:

**Figura 16** – Escritos a carvão em parede de fogão de lenha



**Fonte:** Arquivo pessoal (2022).

*Comprei a lenha dia 12 'di' maio  
 Feliz dia 'dais mais'  
 Aposetei dia 02 'di' maço  
 Fala com Dão pra 'distoca' o pasto  
 'Compra ciabo, 107eijão, faria, gais'  
 Batizei Mariá na fogueira, dia 14 'di' abril  
 Eu, Maria e Ana, 'nois' fez duas esteiras para o leilão da festa de Nossa Senhora  
 Aparecida<sup>74</sup>*

A escrita, ela tem essa referência em minha vida, mas confesso que à medida em que avançava na escolarização, o encanto pela escrita foi ficando para trás. Sabe aquele distanciamento entre formação escolar e vida? Também acontecia na escrita. Fomos ensinadas/os a desacreditar do potencial de nossos escritos. Tenho observado, a partir de experiências com outras pesquisadoras do programa a qual faço parte, que um dos maiores entraves na trajetória da pesquisa, para alguns/mas de nós, tem sido a escrita do TCC. Em

<sup>74</sup> Presei por manter o formato original da escrita de Terezinha.

“escrever ou sucumbir?”, um dos encontros do GP de pesquisa Currículo, Escrevivências e Diferenças, realizado em abril de 2023, fui provocada a refletir sobre o que nos leva a entrarmos em processos de procrastinação para com a escrita e desacreditarmos da mesma. Uma armadilha estruturada para, inclusive, duvidar-se da nossa capacidade humana como afirma Evaristo, no encontro com Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, disponível no canal do Youtube Itaú Cultural: “Quando se duvida da nossa linguagem, não é só uma questão que duvidam da nossa competência gramatical: não é só isso! Ao duvidar da nossa linguagem, duvida-se da nossa capacidade humana (Encontro [...], 2021).

Confesso que esta é uma armadilha que nos fisa em determinados momentos. Mas como criar fissurar neste ciclo e desarmar a arapuca<sup>75</sup>? Como libertar os pássaros que vivem em nós? Como nos conta Fernanda Felisberto, “não é fácil se libertar das amarras das estruturas acadêmicas internalizadas que apontam sistematicamente para “regras” que, no momento de produção de um texto, se traduzem muitas vezes em uma preocupação maior para acertar na forma [...]” (Fernanda Felisberto, 2020, p. 166).

Os momentos de escrita deste texto foram bastante desafiadores pela própria dinâmica de dificuldades que algumas mães acadêmicas enfrentam quando tem filhos na fase da primeira infância, onde requer uma série de cuidados, mas vale ressaltar que, aliado a esse fator, me vi envolta por um movimento de duvidar daquilo que me proponho a escrever o que gerou uma série de adiamentos. Esta é uma armadilha perigosa! Quando desacreditamos da nossa linguagem, consequentemente estamos duvidando dos nossos e nossas. Ao perceber que estava presa neste ciclo, me recorri às literaturas, música, vídeos e textos daquelas que, no decorrer desta escrita, aparecem enquanto inspirações/referências, e me deram régua e compasso para pensar os modos de escrever.

Algumas das inspirações que me auxiliaram foram: a obra cartas para minha vó, de Djamila Ribeiro (2021); Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus (2014); Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras de terceiro mundo, de Glória Anzaldúa (2000); as canções de Tainá Santos, Maria Bethânia, entre outras; diálogos em canais do Youtube, dentre eles “o ponto de partida da escrita – ocupação Conceição Evaristo (2017)”; a obra “Vidas rebeldes, belos experimentos”, de Saydia Hartman (2022), e as literaturas de Evaristo, como Olhos d’água (2021a), Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2020b) e Histórias de leves enganos e parencas (2017), por exemplo, me seduzem na tentativa de criar narrativas a partir de um olhar, e um trato cuidadoso de valorização para com as vidas que aqui se expressam.

---

<sup>75</sup> Artefato/armadilha feita de pedaços de pau para capturar passarinhos.

Os contos: Quantos filhos Natalia teve; Ayoluwa, a alegria do nosso povo; Aramides Florença; Saura Benevides Amarantino; o sagrado pão dos filhos; os guris de Dolores Feliciano; e Sabela, me ensinam a dar vida aos contextos em uma tentativa de traçar um tratamento, uma construção, um olhar outro em torno das maternidades.

Apreendi que, para escrever é preciso saber ouvir! Hoje, ao dialogar com Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, bell hooks, Conceição Evaristo, Isabele Sanches, Lícia Barbosa, Iris Verena Oliveira, Marta Alencar, Eide Paiva, Glória Anzaldúa, Gersier Ribeiro, Jeane Santos, Fabiana Gelard, Daniele Ferreira, entre outras mulheres que subvertem as convenções acadêmicas de um fazer ciência marcado pelo protagonismo masculino, branco, cis heteronormativo, compreendo o processo de invisibilização e desautorização aos quais fomos e somos submetidas, sendo o “nosso tempo especialista em criar ausências” (Krenak, 2020). Ausências do nosso próprio existir.

Encontrei nas escrevivências uma possibilidade de criar existências dentro dos espaços acadêmicos e na vida, bem como, tomar estes dois movimentos como pertencentes um do outro. Em “Escrevivência como rota de escrita acadêmica”, Fernanda Felisberto (2020), fala exatamente sobre este lugar. A escrevivência como aquela que vem para dar sentido a escrita acadêmica de mulheres negras, e de pessoas historicamente subalternizadas. Busquei nesse texto uma maneira de romper com o adoecimento mental.

É nesse tecer em rede que venho buscando maneiras de (re)existir dentro dos espaços, ensaiando produzir fissuras com/para outras. Como narra Gersier Santos (2022, p. 56), metodologicamente falando, “essa posição audaciosa do corpo-escrita da escrevivência é um rompante para as tradicionais condutas de pesquisa, e se mostra como um mecanismo poderoso e funcional para abrir lacunas no modelo colonial de conhecimento e poder”. Assim como nos ensina Lima (2021, p. 54), “a escrevivência permite uma autoria/autoridade a todas as sujeitas que são impedidas de se representarem, e que são representadas pela autoria dos outros”.

Mergulhada nos ensinamentos de Evaristo e outras autoras que se fortalecem no delinear do escrever, surgiram os questionamentos: Mas como fazer? Como caminhar? Por onde começar e com quem? Foi e tem sido um alinhar tenso e gostoso. Tenso por ser desafiador o (des)planejar e o redesenhar de uma pesquisa, e gostoso por ser algo que afeta, faz sentido, oxigena para a continuidade.

Fátima Lima (Metodologia [...], 2021), em seu curso “Metodologia dos/as Oprimidos/as, da Emancipação e dos Saberes Fora da Fronteira”<sup>76</sup>, nos convida a pensar no

---

<sup>76</sup> O curso foi oferecido no canal do Youtube, Applied Linguistics UFRJ – PIPGLA. Acessado em: 15 jan. 2022 (Metodologia [...], 2021).

gesto perene onde se ancoram as escrevivências ao evocar e chamar atenção a imagem da “mãe-preta”, que é mais do que aquela que alimentava os filhos da casa grande, mas aquela que funda uma nação (Encontro [...], 2021). A provocação da professora Fátima me desassossebou. Ela diz muito sobre quem somos e de onde viemos, me deslocou para um mergulho em minhas origens interioranas. Rememorou a imagens das mães da minha comunidade e povoados vizinhos, muitas exercendo suas funções como trabalhadoras rurais ou empregadas domésticas, tinham e tem suas maneiras de resistir, e seus saberes culturais e ancestrais permanecem vivos.

Para Lélia, em “a mulher negra na sociedade brasileira”, a “mãe preta” foi “aquela que efetivamente, ao menos em termo de primeira infância, cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhes estórias sobre o quimbundo, a “mula sem cabeça” e outras figuras do imaginário popular – o zumbi, por exemplo” (Gonzalez, 2018, p. 22). Envoltas por experiências, muitas vezes estereotipadas, ela também desenvolveu suas formas de resistência:

Ela foi criando uma espécie de “romance familiar”, cuja importância foi fundamental na formação dos valores e das crenças do nosso povo. Conscientemente ou não, ela passou para o brasileiro branco as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. Foi por aí que ela africanizou o português falado no Brasil (transformando em “pretuguês”) e, conseqüentemente, a cultura brasileira (Gonzalez, 2018, p. 180).

Algumas maternidades negras têm uma forte ligação com o nascimento do conceito de escrevivências. Foi no gesto perene de resgate da imagem da “mãe preta”, que Conceição Evaristo encontrou forças para pensar, conceber e ampliar a constituição do termo escrevivências. O conceito é definido da seguinte forma por ela:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. [...] Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida (Evaristo, 2020a, p. 30).

Evocar as escrevivências como caminho teórico-metodológico é também uma maneira de regatar estes saberes e conhecimentos, um ato de valorização daquelas/es que, como sinalizei em cartas anteriores, ficaram/ficam pelo caminho. Uma possibilidade de reconhecer histórias que são/foram invisibilizadas e estereotipadas pela sociedade, pela ciência, pelo ambiente acadêmico. É possível o Xique-Xique produzir ciência? É possível as maternidades comporem pesquisas? Assim como Iris Verena Oliveira narra na conversa sobre “educação para as relações étnico-raciais e currículo antirracista”, realizada pelo canal do Youtube, Associação Nacional de História – Ampuh Brasil, eu também cheguei à universidade sabendo quem eu era e de onde vinha:

*Eu cheguei na universidade sabendo quem eu era. Eu cheguei na universidade sabendo que para abortar, logo nos primeiros meses, bastava fazer um sumo bem forte da folha de Santa Barbara e tomar em jejum. Eu sabia e cheguei na universidade sabendo que banha de galinha é um santo remédio para soltar o catarro do peito dos bebês, também cheguei sabendo que não se pode torcer roupa de bebê recém-nascido ao lavar, porque isso dá dor de barriga [...]. Apesar de carregar estes saberes no corpo, nem sempre falei deles na academia com o orgulho que ostento hoje, porque em muitos momentos os espaços formais de educação foram aqueles que insistiram em tudo que eu não sabia [...]* (Educação [...], 2022).

Então, sim, é possível o Xique-Xique produzir ciência e tem sido as escrevivências o caminho que encontrei para ostentar os saberes que carrego no corpo. Penso que escrever é dizer das existências, é compartilhar andanças e narrativas cruzadas, que dentro do espaço acadêmico se constituem como uma reivindicação em meio a tantas narrativas eurocêtricas, heterossexuais, brancas e masculinas (Oliveira; Lima, Santos, 2022). Escrever pode ser um processo de desconstrução e reconstrução constante, um permear de desassossegos, aconchegos e afagos; um exercício de escuta, sempre povoada, mas também uma experimentação crítica que se expressa ao assuntar as intersecções que atravessam aqueles/as que assumem o escrever, a partir de uma das lentes que utilizo para me assuntar e assuntar o mundo: a inteseccionalidade.

Assumo a interseccionalidade como um princípio do campo feminista, como sugere Zuleide Silva (2020), – baseado nos feminismos negros – bem como, um caminho para experienciar, assuntar e tecer escrevivências. Busco utilizá-la como “princípio político” (Santos, 2022) desta pesquisa, necessário na abordagem de importantes questões sociais, sobretudo, para se pensar a educação e as várias nuances das maternidades.

Desse modo, assim como nos ensinou Eide Paiva, na roda de conversa proporcionada pelo componente curricular Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais, ofertado pelo MPED em 2022.2, a interseccionalidade permite modificar a forma de olhar e perceber as diferenças. Um princípio parceiro da luta antirracista, antissexista, antilgbtfóbica, anticapacitista, anti toda e qualquer forma de discriminação que venha a subalternizar, anular, o outro/a. Em suas palavras, a interseccionalidade “é uma forma de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação” (Silva, 2020, p. 15).

Vale salientar que os debates sobre interseccionalidade começaram a se movimentar entre os anos de 1970 e 1980 nos Estados Unidos e Reino Unido, a partir das lutas dos movimentos feministas negros, mas somente em 1989 o conceito foi sistematizado pela professora estadunidense, Kimberlé Williams Crenshaw<sup>77</sup>. Em sua concepção, a

<sup>77</sup> Para mais informações, ver Julia Ignácio (2023).

“interseccionalidade trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Kimberlé Crenshaw, 2022, p. 7). Kimberlé me convida para um olhar cuidadoso em torno das travessias e avenidas que constituem a presenças de mulheres mães e suas intersecções na educação.

Nas reflexões de Carla Akotirene (2019, p. 14), “tal conceito é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas pelo feminismo branco”. Como bem enfatiza a autora, “frequentemente e por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais [...]” (Akotirene, 2019, p. 37). Nesse sentido, entendo que ela não se constitui como o somatório de opressões e sim uma potência crítica importante para perceber como são forjados os contextos sociais, políticos e culturais, bem como as desigualdades que permeiam estes âmbitos.

Em diálogo com Collins e Bilge, entendo que a interseccionalidade é uma ferramenta que surge de uma práxis-crítica em que gênero, raça, classe, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, faixa-etária, entre outros, são construtos mútuos que moldam problemas sociais. (Collins; Bilge, 2021). Nesse sentido, entendo que fomentar a reflexão acerca do seu uso como potência para pensar o âmbito educacional e os corpos que se forjam nestes espaços é essencial para se problematizar a perpetuação da desigualdade e evidenciar as estruturas de exclusão propiciadas pelas relações de poder colonial, de modo que, propicie a criação de alternativas que rasurem as armadilhas que obstruem nossa liberdade.

Gersier Santos (2022), ao utilizá-la enquanto uma categoria política da sua pesquisa, nos convida ao compromisso ético de não tomarmos o uso do termo de maneira esvaziada e distante das justiça sociais, de modo que, possamos agir em prol de reais transformações, desestabilizando sistemas de poder hegemônicos e borrando as estruturas sociais desiguais. “A interseccionalidade é uma forma de entender a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (Collins; Bilge, 2021, p. 17). Um princípio que tem auxiliado no processo de assuntar e experienciar o campo, os efeitos interseccionais em nossas vivências.

Minha conexão com o campo se deu mediante minha entrada no mestrado. Embora ainda não tivesse alterado a rota da pesquisa e nem dado conta da dimensão das acontecências que emergiam, foi exatamente no primeiro semestre que tudo começou. Assuntava,

remotamente<sup>78</sup>, aqui e acolá, as mulheres mães que se faziam presentes no MPED, sobretudo as da minha turma, por termos uma convivência mais próxima. Pouco se falava em maternidades, suas intersecções e seus atravessamentos, mas as pouquíssimas vezes que o assunto veio à tona, foi intenso.

De uma coisa nós tínhamos certeza: a conversa sobre/com as maternidades se mostrava necessária em meio a tantas invisibilidades, silenciamentos e naturalizações. Com a certeza de que precisávamos conversar abertamente sobre maternidades, em novembro de 2021, especificamente na “Campanha 16 dias de ativismo da UNEB pelo fim da violência contra mulheres”, em diálogo com uma das companheiras da UNEB-Campus XI, realizamos em parceria com o GLEIGS a roda de conversa “Ser mãe é padecer no paraíso? Violências que atravessam os corpos de mulheres-mães”<sup>79</sup>, a fim de romper com o silenciamento e visibilizar as violências que atravessam os corpos de mães.

Enquanto conversávamos sobre nossas sobrecargas e teimosias, alguns relatos emergiam e me fortaleciam a adotar, cada vez mais, as escolhas de pesquisa em uma aventura assumida pelas desobediências epistêmicas e metodológicas. Uma desobediência às epistemologias e metodologias eurocêtricas, convocando assim, uma poética possível dentro da academia, como Fátima Lima nos ensinou e convidou na palestra de Abertura da semana de Integração do MPED, realizada em 29 de março de 2022<sup>80</sup> (Vidas [...], 2022). Convido a cada um de vocês a acompanharem esta prosa acessando o *QR code* a seguir (Figura 17):

---

<sup>78</sup>Em decorrência da covid 19 e do isolamento social, minha turma adentrou ao MPED e o vivenciou remotamente. Nossos encontros, contatos e conversas se davam através de aplicativos como WhatsApp, Google Meet, Teams, entre outros.

<sup>79</sup>Retomaremos mais à frente na carta: “deixa a gira girar – aprontando bem viveres”.

<sup>80</sup>A palestra “vidas teimosas – desobediência epistêmica” compôs a programação da Semana de Integração do MPED, realizada remotamente através do canal de Youtube MPED, com as presenças da Profa. Dra. Iris Verena Oliveira (mediadora) e da Profa. Dra. Fátima Lima (convidada).

**Figura 17** – Palestra de Abertura da Semana de Integração do MPED



**Vidas teimosas: desobediências  
epistêmicas, metodológicas e poéticas**

Fonte: Vidas... (2022).

Proseando íamos desvendando pistas para fiar os caminhos da pesquisa. Já contei para vocês que quando assumi o desejo de vivenciar a pesquisa com estudantes que são mães, passei a receber alguns relatos de experiências – do período de graduação – de colegas da minha turma? Pois bem! Muitas já haviam trancado disciplinas, entrado para a estatísticas de dessemestralizadas e cortado um barato para concluir suas graduações, em decorrência das maternidades e suas intersecções. Na pós-graduação também vivenciamos e presenciamos realidade parecidas, no entanto, a maiorias das mães do MPED se encontram com suas carreiras profissionais encaminhadas, enquanto na graduação (UNEB XI e XIV), elas estão iniciando seus processos formativos no ensino superior, onde muitas são bolsistas, trabalham em empregos informais ou estão desempregadas e com filhos pequenos. Faixa etária dos filhos e instabilidade financeira são alguns dos aspectos muito caros nas experiências de maternidades e universidade, devido a própria dinâmica que um bebê ou criança exige. Naquele momento senti que as mães da graduação também careciam de uma escuta e uma rede de apoio (APÊNDICE A).

Chego à qualificação, em maio de 2022, com o desejo de dar continuidade na experimentação do campo com estudantes graduandas da UNEB XI – espaço ao qual vivenciei a Licenciatura em Pedagogia – e adentro ao ciclo pós-qualificação, tomada pelo anseio de ampliar esse diálogo para/com estudantes graduandas da UNEB XIV, pensando a partir da dimensão territorial – TISisal – onde se encontra os dois departamentos, bem como, na possibilidade de futuras parcerias e criação de uma rede de mães da UNEB.

Me encontrava animada e ao mesmo tempo apreensiva com tamanha responsabilidade. Este foi um dos momentos formativos mais importantes para o amadurecimento da pesquisa,

onde contamos com a sensibilidade e contribuição de Lícia Barbosa e Mariana Borelli, avaliadoras interna e externa. Meio caminho andado e muito chão pela frente. O desafio era chegar até estas mulheres mães, dos dois *campis*, uma vez que, as atividades continuavam remotas. Como chegar até elas? O que fazer? como convidá-las? Me sentia um peixe pequeno em meio ao oceano.

Em cumprimento às normas de pesquisa, submeti o projeto ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) e ao tempo em que aguardava a avaliação, decidi elaborar uma conversa, em formulário, através do Apêndice A<sup>81</sup>, objetivando estabelecer uma conexão/conversa com um número maior de mães estudantes dos cursos e turmas presentes nos dois departamentos. Para que houvesse a circulação, estabeleci diálogos, via WhatsApp, com os colegiados e alguns/as representantes estudantis, os quais me acolheram e foram fundamentais nesse processo. Compartilhamos via e-mail e grupos de turmas no WhatsApp.

Este foi um dos momentos mais difíceis, após a passagem de vó Eduarda Santos, em novembro de 2021. Estava passando por crises de pânico e ansiedade, desencadeada por um acontecimento trágico no povoado, o desaparecimento e passagem de tia Gracília Santos. O sentimento de perda havia retornado e se materializado no encontro do corpo da tia. Foram 10 dias de procura incansáveis por nós, do povoado. A forma como tudo se deu representava o descaso, a violência, a omissão para com os corpos negros. Tudo aqui nesse pequeno povoado chega com atraso e não foi diferente com a ajuda solicitada na ocasião do desaparecimento de tia. Mergulhamos em tanque, cortamos roça a cavalo, divulgamos nas redes e nada. Até que em uma sexta-feira, a encontramos, sem vida.

Quinze dias depois a dor se expressava em um aborto espontâneo, de uma gestação que somente o meu corpo conhecia. Não houve tempo de processar e compartilhar. Mais uma vez precisava ser forte, e ser forte cansa. Eu tinha certeza que não conseguiria continuar com a pesquisa, com o mestrado, até que, comecei a receber os retornos, os registros de respostas. Cada uma daquelas mães, que se conectaram e responderam, me levantaram um pouco.

É ótimo saber que tenho voz! As vezes somos silenciadas; me senti ouvida e acolhida; eu estava quase trancando o curso quando percebi através deste contato que não estou sozinha; me sentia muito feliz em saber que se importam com nossa opinião; que bom ter um espaço como esse! Que ele se expanda (APÊNDICE A). Foram elas que me trouxeram até aqui. Meses depois retomei a vida, a pesquisa. No e-mail, eu dizia às minhas orientadoras

---

<sup>81</sup> Disponível em Apêndices. Os diálogos e informações estabelecidas no Apêndice A, destinado a mulheres mães universitárias, graduandas da UNEB – DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité) no âmbito dos oito cursos, são entrelaçadas entre as cartas a partir da referência.

que havia voltado, mas a vontade era de dizer que estava em pedaços. Cortes que ainda estão a cicatrizar. Naquele momento ainda não estava preparada para dizer e ressignificar o que havia acontecido, mas hoje prossigo como uma maneira de reparar aquelas/es que foram silenciadas, aquelas/es que foram portais para estarmos onde estamos. Escrevo com vocês. Escrevo também pra você, Vó Eduarda e Tia Gracília.

Dias depois, em agosto de 2022 – com o retorno das atividades presenciais no campus XIV – me conecto, coincidentemente, com duas das mães que participaram do APÊNDICE A<sup>82</sup>. Um encontro que impulsionou e inspirou a permanecer. Era o momento de continuar com a proximidade ao campo. Com o formulário em mãos, tive acesso às realidades de 32 mães e pude construir pontes para convidá-las a vivenciar a composição da “rede”, bem como as giras de escrevivências e chegar até outras mães. Pensando a partir dos objetivos da pesquisa, dois critérios foram estabelecidos: o recorte racial, a partir da autodeclaração enquanto negra (parda e preta) e a manifestação de interesse/desejo em participar de uma rede de mães da UNEB, presentes no formulário. Vale salientar que, uma das observações mais evidenciadas por estas mães, foi a ausência de uma rede de apoio enquanto um espaço de troca de experiências.

Estávamos certas da necessidade de uma rede de apoio, sendo a partir desse anseio que nasce a rede MãEscrevivendo, enquanto a “intervenção” da pesquisa, a qual se configura como requisito do Mestrado Profissional. Nasceu com o propósito de nos acolhermos e produzirmos fissuras em passos amorosos. Um espaço de escuta, acalento, aconchego, colo, troca de experiências, onde possamos pensar juntas estratégias de inclusão, rede de apoio e permanência de estudantes mães na universidade. Tem dias que só queremos ser vistas, como todo nosso cansaço e exaustão. Afinal, cuidamos tanto dos outros, mas quem cuida de nós? Tem dia que só queremos banho, colo e chá. E de fato “é preciso de uma aldeia para se criar uma criança” (provérbio africano).

Pesquisa, intervenção e produto se entrelaçaram, de modo que, ao desenvolvermos uma, estamos automaticamente promovendo os três segmentos estritamente ligados, sobretudo ao aspecto teórico-metodológico da pesquisa, se desdobrando em outras ações interventivas e produtos, oriundos da relação na rede, como é o caso da roda de conversa “maternidades negras: ancestralidade, corpo e formação profissional, realizada em 2022; as cartas escrevíveis tecidas por algumas mães; e o projeto Portal fotográfico: mães do/no Sertão UNEBiano, o qual está em desenvolvimento e objetiva ser realizado em 2023.2 no DEDC XI e XIV.

---

<sup>82</sup> Esta narrativa, bem como os objetivos e caminhos da rede MãEscrevivendo UNEB, estão disponíveis na carta: água no xique-xique, flor no mandacaru.

Bom, o primeiro convite se deu mediante a carta-convite enviada para os respectivos WhatsApp de cada uma das envolvidas, e como já dito anteriormente, os aceites foram chegando de mansinho. Após obter os retornos, criamos um grupo no WhatsApp, o qual denominamos de MãEscrevivendo. A rede foi brotando com 14 mulheres pertencentes aos dois departamentos da UNEB – Campus XI, XIV. A partir desta rede, vivenciávamos as giras de escrevivências, que combinadas coletivamente, aconteciam mediante conversas no grupo do WhatsApp e conversas no aplicativo Teams, os quais constituem como instrumento para o acontecer desta pesquisa. As demais intersecções e diferenças que emergiram das experiências destas mulheres foram apresentadas na carta “água no xique-xique, flor no mandacaru: MãEscrevivendo”.

O primeiro movimento desse aprontar foi o exercício da escuta, da “escutatória”, ou seja, escutar a si e as outras/os. A escuta permitia e permite assuntar, acolher e criar estratégias. Foi o exercício da escuta aliada a conversa, os dois movimentos que conduziram o acontecer da pesquisa, desde o primeiro movimento de assuntar as mães da minha turma e do programa de pós-graduação, ao qual sou vinculada, até a estruturação da rede mãecrevivendo com as interlocutoras coautoras. A escutatória é um movimento que tenho exercitado e considero importante para perceber e sentir tudo o que escapa ao exercício da fala, aquilo que se evidencia no silêncio e nos gestos corporais, bem como o exercício da escuta sensível e afetiva. Meu encontro com a escutatória se deu mediante a oficina “escutatoria e escrita para mulheres”, mediada por Fabiana Guerlad e Alana Francisca na campanha “16 dias de ativismo na UNEB pelo fim da violência contra mulheres”. A conversa, o afeto e a escuta foram o tripé que deu sustento as minhas andanças.

No anseio de não esquecer do significado da oralidade, me aproximei da conversa como uma possibilidade de sentir, saborear e viver o acontecer das escrevivências. Oralidades estas, muito bem desenvolvidas pelos mais velhos e velhas da comunidade, sobretudo as mulheres e as mulheres negras quando se encontravam nas beiras de estradas, terreiros, casas de farinha, no sessar do feijão, na tecitura da esteira e do chapéu, na confecção de materiais de barro e nessas giras se acolhiam, compartilhavam histórias, se deslocavam, criavam estratégias, e contavam seus causos. Durante essa trajetória na pesquisa, muitas das conversas sobre maternidades, que tive com mulheres da comunidade enquanto refazia e estreitava os abraços após o isolamento social, me alimentaram.

Acreditando na potência da oralidade para nosso povo, assumo a conversa enquanto dispositivo metodológico que conduziram as giras de escrevivências e banharam todos os contornos que esta pesquisa foi tomando. Sempre tive um apreço pela conversa, conversar

comigo mesma e conversar com minha vó são meus *hobbies* preferidos. Aquela conversa de terreiro, com cheiro de infância e terra molhada. Aquilo que transbordava, tumultuava. Aquele silêncio, os gestos do corpo, tudo, tudo está imerso na conversa.

Refletindo sobre momentos outros de fazer pesquisa, me dei conta que aquela conversa gostosa após a aplicação de um questionário ou entrevista, por exemplo, era sempre o momento mais aconchegante, descontraído, próximo, em que as relações de afeto e troca aconteciam. Uma prosa com a vó, a tia, a amiga, uma conversa de corredor. Quanta potência de saberes, sentidos, gestos, silêncios são construídos em uma conversa?

Em diálogo com Carmem Sampaio, Tiago Ribeiro e Rafael Souza, em seus inscitos “conversa como metodologia de pesquisa”, percebo a potência da conversa e a possibilidade de utilizá-la na pesquisa, e sobretudo percebê-la como “uma linha de fuga as normativas da pesquisa científica” (Carmen Sampaio; Ribeiro; Souza, 2018, p. 29). Me ponho a refletir a partir dos questionamentos da autora e autores: Que relação podemos estabelecer entre conversa e pesquisa? Que sentidos esta opção provoca em nós e nas ações de pesquisa vivida?

Conversar abre possibilidades para interrogar modos autoritários e, muitas vezes arrogantes, de pesquisar [...]. Não se trata de ser melhor, de ser mais ‘eficaz’ ou ‘eficiente’. Trata-se, antes, de abrir horizontes de possibilidades para que possamos vivenciar o assombro, a dúvida, o estranhamento, a indagação e o encantamento na pesquisa (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2018, p. 28-31).

São perspectivas de pensar, fazer e viver a pesquisa que abriram possibilidades para sentir outras linguagens e movimentos que transbordavam os corpos e provocavam estranhamentos. Acredito ser a partir do susto e do estranhamento que a pesquisa ganha corpo. Quando nos desestabiliza e dessossega para o desapego de algumas convicções. Percebi que a conversa as deixavam mais à vontade sem a formalidade do: eu pergunto e tu responde, pois como salienta Fabiana Gelard, através da conversa há “uma tentativa de abrir-se para o outro, com afeto, atenção e cuidado, que constitui esse movimento de troca, em que não há um ser que pergunta a espera de respostas muitas vezes esperadas e pré-concebidas” (Fabiana Gelard, 2021, p. 60). Nos mobiliza a pensar com o outro. “O conversar pressupõe a circulação da palavra, numa perspectiva de desestabilizar relações de poder verticalizadas e, portanto, colonialistas” (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2018, p. 34).

É através da conversa que construímos significados sobre aquilo que está a nossa volta. A conversa nos coloca na circularidade da palavra, no jogo da vida e nos convida a olhar o outro como pertencente e autor/a de suas próprias narrativas. Nossas conversas aconteceram, a partir da rede mãescrevivendo, forjadas nas giras de escrevivências através do grupo do WhatsApp, dos encontros no *Microsoft Teams* e no YouTube do MPED. Embora 60% da presencialidade

houvesse sido retomada nos dois DEDC, decidimos vivenciar as giras mediante plataformas digitais. Este foi o caminho possível devido: incompatibilidade de turnos em que poderíamos estar fisicamente na UNEB; logística de deslocamento, visto que se tratava de dois departamentos; e a própria dinâmica de vidas sobrecarregadas, associadas às maternidades, trabalho e universidade. Confesso, não foi fácil!

O acesso tecnológico e as plataformas digitais chegaram tardiamente até mim. A escassez e dificuldades financeiras deixaram, por muito tempo, muitas zonas rurais aquém dos avanços tecnológicos. Desde que se instaurou o ensino remoto, muitos e muitas estudantes das áreas interioranas sentiram dificuldades, ou até mesmo não conseguiram acompanhar suas formações. As conexões instáveis, por exemplo, foi um dos desafios desta pesquisa. Já chegamos a não realizar a gira por problemas nas conexões. A todo momento era preciso nos reinventarmos. Mas, para além do não acesso à internet de qualidade, tem um aspecto que soou desafiador, o manuseio ao aplicativo *Microsoft Teams*.

Eu sempre tive encontros pelo *Teams*, como participante, mas como organizadora era a primeira vez. Aprendi muito com elas. No início não consegui gravar pelo aplicativo; a função do *chat* não ficava disponíveis para as demais acompanharem; e o áudio de vídeos que compartilhava, não era audível por elas. Uma série de funções que não dominava e isso interferiu bastante no começo. Então, precisei estudar sobre o uso das funções no aplicativo e algumas das mães sempre que podiam, me auxiliavam nesse processo.

Quando percebi que a rotina daquelas mães era insana e mais complexas do que imaginava, fiquei bastante preocupada. Não queria que nossas giras se tornassem mais uma demanda acadêmica para dar conta. Será que íamos conseguir fôlego para nos encontrarmos? Como vivenciar as giras de escritórias sem o contato presencial? Era necessário criar táticas para experimentar e acolher o campo. Decidimos nos encontrar virtualmente através do *Microsoft Teams*, aos sábados à noite. Embora fosse virtual, foi extremamente delicado chegarmos em um consenso sobre dia e horário: estudantes que frequentam a universidade em turnos variados (matutino, vespertino e noturno); trabalham em turnos opostos; algumas com bebês e crianças que exigem uma série de cuidados, muitas vezes em horários específicos; e algumas trabalham fim de semana para complementar a renda.

A princípio as giras estavam previstas para acontecer apenas em encontros via *Teams*. Após as duas primeiras giras, percebi que algumas não conseguiram chegar, ao tempo em que solicitavam que não fossem removidas do grupo, pois as fortalecia e fazia bem. Ao notar a ausência da maioria das mães, percebemos que se tratavam das mesmas que só conseguiam dialogar no grupo do zap em altas madrugadas, devido suas rotinas exaustivas com trabalho,

crianças, casa e estudo. Como lidar com este desafio e não excluir algumas de vivenciar esta experiência? Exercitar a escuta foi importante para perceber que as giras de escrevivências com estudantes que se desdobravam com os atravessamentos das maternidades não podia se limitar a encontros pontuais no Teams. Era preciso gingar para girar, criando passadiços. E assim as giras tomaram outra dimensão e se expandiram para o grupo do WhatsApp, percebi aquele espaço como uma rede de apoio, onde o escrever se tornou uma maneira de (re)existir.

Experimentando as giras de escrevivências venho aprendendo a compreender o campo, não como um lócus da pesquisa onde é necessário um momento específico e pontual para adentrar, pesquisas e coletar dados, mas o lugar onde brotam as narrativas e a pesquisavida acontece. O que estava programado para acontecer pontualmente tomou uma proporção maior e alterou a forma engessada que olhava para o campo. Não cogitava a ideia da dimensão dos atravessamentos que iriam surgir. Perdi o controle total! No primeiro encontro entendi que estas Escrevivências que brotavam e iriam brotar não cabiam roteiros, esquemas, temas pré-definidos. A urgência era outra. Elas estavam, nós estávamos sedentas por escuta, colo, acolhida, rede de apoio. Precisava de espaço para fluir como as águas deslizantes entre as pedras. Assustando, causando estranhamentos, seguimos o fluxo, uma acolhendo a outra.

As giras de escrevivências representaram as acontecências da pesquisa que aprontamos no/com o campo, desde as conversas no zap e encontros no Teams, até ações que promovemos juntas e em parcerias, como é o caso do diálogo maternidades negras: ancestralidade, corpo e formação profissional, realizado no Youtube MPED. As giras não se findavam nestes encontros de conversas, elas foram criando desdobramentos e transitando por entre outros espaços a partir da nossa inserção e ações outras que fortalecem o nosso lugar enquanto mães universitárias. Mais à frente, na carta “deixa a gira girar: aprontando bem viver”, trarei algumas ações e demandas desenvolvidas e pontuadas por nós.

Confesso que tem sido os encontros com estas mães, uma das bases para minha permanência na reta final do mestrado. Uma rede de apoio que tem fortalecido muitas de nós nessa travessia densa da formação docente. Nós escrevivemos como uma maneira de existir, porque “a gente combinamos de não morrer”. A chamada desse conto de Conceição Evaristo (2016), em Olhos d’água, tornou-se um dos nossos lemas. E como disse uma de nossas companheiras mãe: “esta frase impacta profundamente, sobretudo nós que levamos o mundo nas costas”. A relação com estas mães tem possibilitado ver-sentir as escrevivências como corpovivo que produz resistências. A sensação é de estarmos colocando na rua, colocando pra jogo uma experiência que é minha, que é nossa, mas que também é da tia, da vó, da bisa, da madrinha. Repare, essa troca tem nos colocado de ponta cabeça. Tem nos provocado a pensar

a partir dos saberes de (r)existência das maternidades. A todo momento somos afetadas pelos fios que nos aproximam, e ao mesmo tempo nos diferem.



**3 MODOS DE EXISTIR COM AS  
MATERNIDADES/MATERNAGENS E UNIVERSIDADE:  
CRIANDO HISTÓRIAS NO ESPAÇO DO SILÊNCIO**



### 3.1 MATERNIDADES E MATERNAGENS COMO PRODUTORAS DE SABERES: SABERES NAS ENCRUZILHADAS. ANCESTRAIS. AFRO-DIÁSPÓRICO

Meados de Março, o pôr do sol se aproxima. Vocês já pararam para contemplá-lo? Já perceberam que as tonalidades de suas cores nunca se repetem? Eu amo dias em que consigo sentir os raios de fim de tarde. Essa brisa que toca as folhas das árvores nos tranquiliza e traz respiros para os dias mais tensos. Gosto de sentar sob a raiz do umbuzeiro. Aqui as memórias fazem morada.

A tarde foi bem agitada. Minha tia Tonha Santos esteve aqui e disse que o bebê estava de vento caído. *Vamos rezar ele, você suspende a criança segurando pelos pés de cabeça para baixo* – dizia ela com gostinho de infância no ar – *Quando o finado Zozó era vivo, foi ele quem te curou de vento caído, você era mesmo assim: pequena, magrinha, parecia uma varinha de virar tripa. Coloca ele de cabeça para baixo minha ‘fia’, junta os pezinhos e suspende até o batente da porta. Tem que ser embaixo da porta, viu? Me dê aqui, você está muito acanhada.* Ela apanhou a criança, suspendeu pelos pés até o batente da porta, agachou, juntou a saia, passou a criança por debaixo de suas pernas e repetiu os movimentos por três vezes, enquanto em voz baixinha, rezava.

Maternidades forjadas “por meio da oralidade, dos gestos, das ações ou pela própria dinâmica social” (Santos, 2022, p. 4). Percebem nesse fazer de tia como “o gesto e a voz modulavam no corpo a grafia dos saberes”? (Martins, 2022). É, exatamente como nos ensina Leda Maria Martins, em seu livro: “Performances do tempo espiralar”, ao falar sobre “oralitura”. A “oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam” (Martins, 2022, p. 41). Uma grafia outra, dos saberes que se constituem nas encruzilhadas, extremamente presente nas maternidades afro-brasileiras, possível de ser perceptível através do movimento do retorno. Saberes estes que tenho apreendido na teia de vivências e experiências que tenho mergulhado com outras maternidades, sobretudo as maternidades negras.

Experiências que tem me lançado em um movimento de um Sankofear constante. Sankofear no sentido do provérbio africano, *Sankofa*<sup>83</sup> que significa nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás. Existem dois símbolos que representam o *Sankofa*. Sabe aquele “S” que quando desenhado, você inicia em formato de espiral e quando junta as duas partes aparenta um coração? Então, é um deles, o coração estilizado. Costumamos nos pegar desenhando-o, quando estamos a rabiscar o chão com algum graveto. É comum vê-lo em artes de portões. O outro é um pássaro com a cabeça virada para trás, segurando um ovo com o bico. O fato é que surgiu com o povo *akan*, localizados nos territórios de Costa do Marfim e Gana, em África, portanto, nos habita.

Senti esse mergulho no movimento de gestação e puerpério quando me trouxe de volta ao meu povo. Nunca imaginei que uma gravidez inesperada fosse me reconectar com um passado tão presente. Mas como assim? Eu havia mudado para a cidade, fazia três anos – estava tão fissurada no futuro, ao tempo em que queria passar uma borracha na recente separação – mas minhas memórias sempre me levavam de volta à comunidade, Fazenda Socavão, onde nasci e fui criada. “O meu retorno ao passado se inicia com a vida! – nos diz Eva Dayane Santos (2022), e continua – Ao descobrir que eu gerava uma nova vida, questionei-me sobre o que eu deixaria como legado para meu filho. Nesse movimento tão profundo e íntimo, dei-me conta de que eu não conhecia minha própria história familiar” (Santos, 2022, p. 2). Foi esse movimento de Sankofear narrado por Eva, o mesmo vivenciado por mim. Foi imersa nas tecituras das maternidades que retorno ao povoado onde fui criada. Estava mais do que nunca, através de todos os saberes realizados comigo e meu filho, resgatando uma ancestralidade.

Um regate ancestral e uma reconexão com minha mãe. Em uma tarde de verão, minha mãe vai ao pai de santo da comunidade e lá descobre uma gestação de três meses, fruto de uma relação inter-racial que durou poucos dias. A criança nasce, e eles, os pais que não permaneceram juntos, a deixa aos cuidados da comunidade, aos cuidados da família materna e paterna. Esta é a fração que conheci dessa narrativa. A história de abandono por minha mãe, para mim, começa a ganhar outras ressignificações em decorrência da própria dinâmica das relações de raça e territorialidade; das relações inter-raciais, do processo de “miscigenação” e do racismo forjado na Bahia e no interior baiano, questões que levam ao não reconhecimento

---

<sup>83</sup> “**Sankofa** é um ideograma presente no adinkra, conjunto de símbolos ideográficos dos povos acã, grupo linguístico da África Ocidental. Pode ser representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também por forma composta de duas voltas justapostas, espelhadas, formadas por volutas contíguas em sentidos opostos, resultando numa forma semelhante ao laserpício (“forma de coração”). Em sua etimologia, o termo *sankofa* pode ser traduzido literalmente como “volte e pegue” (san–voltar, retornar; ko–ir; fa–olhar, buscar e pegar).” (Marcia Batista, [2021]).

da ancestralidade e identidade racial de muitas pessoas negras baianas.

Tomo a ancestralidade em conversa com Leda, a compreendendo como aquela que “é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide” (Martins, 2022, p. 63). *Eu fui criada por um tempo na periferia da cidade de São Paulo, minha mãe é baiana e ela sempre colocou a fitinha vermelha na testa da gente para parar o soluço, ou então nos rezava* – nos conta Catiane Reis e continua:

*Nas Metrópolis e capitais geralmente não se vê estes saberes ancestrais com tanta força e que a gente cultiva tanto aqui em nosso interior. HL quando tem qualquer coisa, dor de barriga, qualquer coisa, a gente leva na vizinha que é rezadeira. A vizinha reza em baixo do pé de pau de manhã cedo, então, com estes saberes eles vão se perdendo. Quando chega nas capitais eles são estigmatizados, não valorizados, ou tratados como simples superstições. Para nós, eles são necessários, sempre ajuda com nossos filhos e é uma forma de propagar esta ancestralidade* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Juntas/os forjamos uma cultura em diáspora. Uma cultura negra nas Américas que reafirma, fortalece a ancestralidade e resiste. Cultura essa, que foi reinventada estrategicamente por africanos/as e afrodescendentes – nesse jogo de cintura as ganhadeiras, matrifocais e “amas de leite” foram fundamentais – na tentativa de preservar os saberes de um povo que em terras brasileiras sofreram o processo de apagamento e negação de suas identidades, prevalecendo a cultura branca. Em conversa com Eva, percebemos que muitas foram as estratégias utilizadas pelos colonizadores para descaracterizar e ocultar as culturas negras e indígenas em Bahia e Brasil: catequização, oferta de emprego público e miscigenação – através da violência sexual (Santos, 2022).

Esse processo nos leva a perceber o motivo pelo qual muitos dos saberes para com as maternidades, eles recebem influência das culturas: Negras, Indígenas e Brancas. Induzindo, muitos/as de nós a negá-los, estigmatizá-los, tratá-los como superstições ou até mesmo a não reconhecê-los enquanto saberes negros e indígenas. O fato é que, aqui no interior baiano, TISisal, estes saberes eles se encontram com mais força em cidades pequenas, povoados, comunidades quilombolas e rurais. Embora percebemos, como relata Catianne Reis, que *vem perdendo muita força, sobretudo em cidades mais desenvolvidas, em metrópolis* (Giras de escrevivências, Teams, 2022) por influência das relações de classe, raça, territorialidade, capitalismo e geração.

É importante demarcar que são experiências que constituem as maternidades negras, vivenciadas de diferentes formas, mas não se perpetuam em todas as maternidades negras,

portanto, saberes das/nas encruzilhadas. Os saberes evidenciados nessa carta foram emergidos em conversas e vivências de algumas mães e que demarcaram a experiência de muitas famílias.

Nas encruzilhadas destes saberes podemos tomá-los em sintonia com Leda Martins como: corpo alterno das identidades recriadas; retalhos de lembranças; gramáticas de afetos compartilhados; memórias que clivam e atravessam os tormentos resultantes das travessias pelo Mar-Oceano e por todas as encruzilhadas (Martins, 2022). As práticas que exercemos elas são forjadas nestas encruzilhadas. “Os povos negros se constituem nas encruzilhadas desses múltiplos e polissêmicos saberes. O tecido cultural brasileiro funda-se por processos de cruzamentos transnacionais, multiétnicos e multilinguísticos [...] A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas” (Martins, 2022, p. 53).

*Quando eu me vi mãe, quem estava comigo era a minha mãe. Pensar nessa força é pensar em um ensinamento que a gente recebeu dentro de uma condição difícil que vai dando pistas de como a gente vai fazer essa maternidade, de como vamos viver essa maternidade* (Maternidades [...], 2022). Esse relato da Núbia Santos nos dá pistas para pensar os modos de existir das maternidades negras envoltos por uma relação de saberes ancestrais que são disseminados e fortalecidos, mesmo que inconscientemente por algumas pessoas, através de um movimento de memória coletiva. Uma memória coletiva viva – como nos ensina Terezinha Bernardo – sendo a memória um dos elementos fundantes da etnicidade, onde o tempo destas memórias são caracterizados pela reversibilidade (Bernardo, 2019). Estas cartas são retalhos e esteiras de memórias vivas.

*Minha ‘fia’, é tanta das ‘coisas’ que a gente faz com esses meninos. Se o ‘minino’ começar ficar cangaio, com as perninhas abertas e tortinhas, você cava um buraco no lugar onde acende a fogueira de São João e coloca a criança três vezes – dizia tia Luzia Alvez, fazendo o gesto de subir e descer com os braços e continuou – coloca a criança em pé no buraco e tira, duas vezes, na terceira você enterra as perninhas dela e tira. Com fé, viu.*

Durante o resguardo do meu filho, aliás nos seis primeiros meses, tudo foi muito delicado e novo, as emoções estavam a flor da pele, buscando uma compreensão para tamanhas mudanças. Minha vó cuidava dos banhos de folhas e cascas: barauna, arruda, casca de jurema, erva doce, camomila, alfazema, jurubeba são algumas utilizadas para banhos. Na criança, a erva doce, a camomila e alfazema também são utilizados. Para ela, não tinha remédio melhor para curar, renovar as forças, energizar, proteger, acalmar. *Já cuidei de muita parida minha ‘fia’.* Todos os seus partos foram normais e em casa com auxílio de uma parteira.

Em conversa com Botelho (2010, p. 1), entendemos que “esse conhecimento foi mantido através da relação com as divindades e com a natureza, compreendendo o mundo através de

uma cosmologia do sagrado, onde os elementos naturais estão integrados à vida humana”. Aqui na roça nós temos uma ligação muito forte com a natureza (água, terra, plantas...), uma relação de pertencimento, de cura e sustentabilidade. Os saberes em torno das ervas são estabelecidos a partir da relação entre a cultura Africana e Indígena, usadas tanto para cura, para sustentabilidade e afazeres religiosos. Nos conta Botelho (2010, p. 2), que “as várias nações africanas encontraram no Nordeste brasileiro um ambiente propício para o cultivo de plantas exóticas, plantas que para as nações africanas são essenciais para a sustentabilidade da religião dos orixás”.

O fortalecimento da minha conexão com a religião de Matrizes Africanas se deu durante a gestação. A maternidade, embora seja um lugar de desconforto para mim, devido a maneira como sua ocidentalização trouxe sobrecargas para este lugar do tornar-se mãe no Brasil, permitiu uma imersão ancestral em tempos, espaços e lugares outros onde me reencontro com Oxum refletida no lago do monte do Morrinho, aquele visitado em cartas anteriores.

Minha vó materna é católica, parte das orações e rezas que ela tem feito com AP parte do “sincretismo religioso” (Bernardo, 2019) entre as religiões de Matrizes Africanas e Cristãs. A religião, para as diversas perspectivas de maternidades das MãEscrevivendo, é um terreno delicado. Viver as maternidades, sobretudo nos primeiros anos da criança, é inevitavelmente esbarrar em convicções religiosas que são muitas e diversas. Falar de religião em um país como o Brasil, forjado em diáspora, não é fácil, sobretudo com a intolerância religiosa que temos. Hoje é o terceiro domingo do mês de Janeiro, o dia Mundial da Religião<sup>84</sup> que, coincidentemente, neste ano de 2023 se comemora em conjunto com o Dia Nacional de Combate a Intolerância Religiosa<sup>85</sup>, dia 21 de Janeiro. De todo modo, “ter fé é um direito. Axé, Amém, Aleluia, Saravá”. Parafraseio essa frase postada no instagram do MPED: @ppged.uneb.

A reza para espremedeira do bebê que acontece no fogão a lenha ou feita com a cabaça, assim como a reza para olhado, mufina, vento, espinhela caída – realizadas pelas pessoas da comunidade – é um exemplo do sincretismo religioso. Quando meu filho fez 15 dias ele começou com um choro repentino e desesperador, chorava eu e o menino. Não tinha noção do que poderia ser. Diziam que quando o bebê chorava era cocô, xixi, fome ou sono. Perdi as vezes que balancei, chequei a fralda, coloquei no peito e nada resolvia. Não demorou para minha tia

<sup>84</sup> “Desde o ano de 1950, o mês de janeiro é dedicado à comemoração do Dia Mundial da Religião. Essa data foi proposta, em 1950, por uma Assembleia Espiritual Nacional dos Estados Unidos da fé bahá’í, uma religião que surgiu no século XIX por meio dos ensinamentos de Bahá’u’lláh, líder religioso persa nascido em 1817 e morto em 1892.” (Silva, [2023?]).

<sup>85</sup> Um marco pela luta ao respeito da diversidade religiosa. A data foi oficializada em 2007 através da Lei n.º 11.635, de 27 de dezembro, e a sua escolha feita em homenagem à Mãe Gilda, do terreiro Ilê Axé Abassá de Ogum, localizado em Salvador. Esse foi o dia em que ela, vítima do crime de intolerância religiosa, faleceu com um infarto no ano 2000 (Calendarr, [2020]).

Irene da Guarda identificar: *O bichinho vai sofrer com espremedeira, é espremedeira pode cuidar.* Foi então que comecei a me apropriar de alguns saberes. Minha prima, Maria Nilza, aprendeu a reza de espremedeira com sua mãe e não hesitou a me ensinar:

*Logo quando o sol nascer, você pega a fralda com xixi do bebê, tem que ser fralda de pano, não é dessas de agora não. Pega a fralda com xixi do bebê, coloca em cima do fogão de lenha. Coloca o bebê em cima e diz: espremedeira só venha quando eu vinher te buscar. Coloca o bebê três vezes, tirando e botando, sabe? E falando as mesmas palavras. Por três dias seguidos e depois amarra a fralda na manilha do fogão (Conversa de WhatsApp, 2022).*

Amarrar a fralda de xixi na manilha do fogão à lenha é também utilizado para o bebê, quando maiorzinho, parar de fazer xixi na cama. Em conjunto com a reza do fogão nós esquentamos a cabaça, e com ela morninha, fazemos movimentos circulares ou em cruz na barriga do bebê, em volta do umbigo. Alguns chás como de erva-doce, camomila, erva-cidreira, folha de louro e manjerição também ajudam nas dores abdominais e na liberação dos gases e devem ser dados aos bebês sem açúcar. São ervas que contêm propriedades sedativas e antiespasmódicas que ajudam a aliviar as cólicas. Tanto o bebê quanto a mãe, que esteja amamentando, podem tomar.

Algumas técnicas como: *masserar a folha do manjerição e colocar sob o umbigo do bebê; colocar no banho de água morna o chá de manjerição ou de camomila; para quem está amamentando, evitar comidas pesadas e carregadas (carne de porco, feijão, maxixe) fazer massagens na barriga; fazer os movimentos de bicicleta com as perninhas; e deixa-lo sem roupa segurando-o na posição de pernas ecolhidas para auxilia-lo a fazer cocô, são fortes aliadas nessa fase tensa, sendo algumas também orientadas pela pediatria (Giras de Escrevivências, GP de WhatsApp, 2022)<sup>86</sup>.*

Espremedeiras são cólicas abdominais que afetam alguns recém-nascidos, conhecido pela pediatria como cólicas e, em alguns casos, a disquesia do lactente<sup>87</sup>. Estes são saberes que antecedem as descobertas médicas. De certo que, a medicina se apropriou/apropria de muitos dos saberes culturais dos povos Indígenas e negros para desenvolver medicamentos e procedimentos a serem prescritos na saúde.

*Meu filho estava doente, meu orixá apareceu para mim e pediu para desenterrar o umbigo e fazer o chá* – nos conta Ana Paula Oliveira, e continua mostrando seu filho mais velho:

<sup>86</sup>No decorrer do texto essa referência diz respeito às giras de escrevivências que aconteciam em conversas via grupo de WhatsApp “MãEscrevivendo).

<sup>87</sup>A disquesia (do grego *dys* = distúrbio, desarranjo + *chézein* = defecar) é um distúrbio funcional do trato gastrointestinal do lactente em que ele pode sentir vontade de fazer cocô sem evacuar de fato, ou precisar de muito esforço e tempo para tal (Oliveira, [2021]).

*Olha aqui a criancinha o tamanho que já está. Vem aqui mãe, tem 11 anos, graças aos orixás. Eu me lembro como hoje, minha mãe usou toda aposentadoria, ele ficou internado. Não teve médico, não teve nada que descobrisse. Eu o levei no terreiro, meu pai fez o chá com o umbigo dele. Pra quem acredita em milagre, foi milagre, mas meus orixás reviveram meu filho* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Como nos diz a professora Ana Lúcia, do MPED, são “saberes ancestrais atemporais e que está presente nos territórios mais interioranos e que são muitos desconhecidos nas metrópolis e apagados. Sabedoria encarnada no corpo-território, corpo como lugar de saber. Corpo ancestral” (Maternidades [...], 2022). É assim que tomo os corpos nesta pesquisa, corpo como lugar e portais de saberes. Como forjar este corpo-território que transita entre a maternidades, a universidade e formação? Corpo-território a partir do que Miranda (2020) nos propõe, de modo que, possamos: compreender nossas potências enquanto protagonistas das nossas narrativas; reafirmar as identidades de grupos subalternizados; agir e reivindicar para realizar modificações nas realidades e na amplitude do mundo.

*A gente também fala destes lugares, reconhecendo sempre que esse lugar de filha, de mãe negra – menciona Núbia Santos – é um lugar também de resistência, é um lugar que tá carregado de toda ancestralidade, um lugar que tá carregado de todo ensinamento.* (Maternidades [...], 2022). E são estes ensinamentos que reunimos e buscamos evidenciar nesta carta.

Os ritos com o umbigo da criança, por exemplo, foram vivenciados de várias formas por nós. O mais praticado pelas mães da rede diz respeito a enterrá-lo (Teams, MãEscrevivendo, 2022). Em um entardecer, desses de verão, meu filho e o primo dele enterraram seus umbigos na porteira do curral de Tio Zé, onde foram enterrados de outras gerações anteriores as deles dois. Após finalizar, tio segurou na cabeça dos meninos e disse: *o lar é o lugar onde sempre se volta*.

Estudos mostram que enterrar o umbigo é uma prática cultural presente na tradição dos povos indígenas Kaingang. “Uma forma de marcar o território tradicional, segundo a tradição Kaingang, se dá mediante o enterramento do umbigo do recém-nascido, prática que, de acordo com relatos de Maria Antônia Soares, filha de Manoel Soares, marca o retorno do grupo ao atual espaço” (Gonçalves, 2008, p. 65 *apud* Juciane Silva; Laroque, 2012, p. 436).

Muitas são as maneiras como se lida e se ressignifica o entrar do umbigo da criança aqui no interior. Algumas pessoas enterram no curral para que o filho/a seja fazendeiro/a; enterram próximo ao tronco de árvores grandes para que haja vínculo familiar; enterra próximo à roseira para que seja uma menina bonita. O fato é que em todas as formas de lidar com o enterramento, reafirma vínculos territoriais, de retornos e fortalecimento das raízes culturais de um povo. “Os povos negros se constituem nas encruzilhadas desses múltiplos e polissêmicos saberes. O tecido cultural

brasileiro funda-se por processos de cruzamentos transnacionais, multiétnicos e multilinguísticos [...]” (Martins, 2022, p. 50). As maternidades têm uma potência de transitar por toda essa complexa relação que produz conhecimento e sabedoria. Ciência.

“Ervas que benzem e curam harmonizando sentimentos [...] toda corrente africana que tem a mandiga pro bem renovar” (Rezo [...], 2021) já dizia a canção Rezo a Cura, de Tainá Santos. Dona tia Zifinha, benzedeira da comunidade, desde os primeiros meses da gestação, sempre dizia: *menina vou te benzer, você precisa fechar seu corpo*. De reza em reza, folha em folha, banho em banho, chá em chá, seguíamos na recuperação e na certeza de não estarmos sozinhas.

Ao revisitarmos o aió de memórias, percebemos o quanto alguns saberes são preservados de geração para geração e o quanto nosso povo contribuiu para a medicina e a ciência. Lembro-me que no sétimo dia, no décimo quarto, vigésimo primeiro e vigésimo oitavo dia, cumpriu-se a tradição de resguardar o bebê dentro do quarto, sem sair, sem tomar banho e trocar de roupa, para evitar aquilo que é conhecido pela comunidade como mal-de-sete-dias, uma doença que afeta o umbigo do recém-nascido, exigindo uma série de cuidados.

*Essa tradição de tomar a benção, por exemplo, até hoje nós fazemos isso e a minha filha vai fazer, os meus sobrinhos fazem* (Maternidades [...], 2022). ‘Bença’ vó. *Deus te abençoes minha ‘fia’*. A ‘bença’ meu tio. *Saúde. Deus te dê Juízo*. Bença vô Erisinho. *Deus te faça uma moça sabida*. Estranho seria você passar na beira da estrada do terreiro de seu tio, vê-lo sentado no banquinho em seu varandado e não tomar a benção. Tomar a benção é uma relação de respeito aos mais velhos, muito comum em algumas culturas e praticada por algumas pessoas.

Nubia Santos nos provoca a refletir: *como pensar quais saberes de ser mãe que escolhemos pegar para nós e que ao mesmo tempo não tem como não pegar? Lembro que minha filha era carequinha atras e eu lembro da minha mãe dizendo: ah, você também era assim, sua vó lavou seu cabelo com capim santo e seu cabelo ficou cheio desse jeito* (Maternidades [...], 2022). É importante salientar – como uma maneira de desconstruir ideias preestabelecidas que ultrapasse a perspectiva essencialista e homogênea destas experiências – que os saberes aqui mencionados, eles constituem a nossa cultura afro-brasileira, afro-diaspórica, no entanto, não são uma regra em que todas as pessoas e famílias seguem ou devam seguir. Embora saibamos que você, leitor/a, irá visitar suas memórias vivas e até mesmo lembrar daqueles saberes que não conseguimos trazer aqui, ou que ainda não conhecemos.

Finalizarei esta carta com uma relíquia pertencente a uma das senhoras mais vividas da comunidade, tia Irene de Jesus (Figura 18). Esta lista de resguardo para o pós-parto, o que hoje se conhece como puerpério, foi escrita por sua filha, como uma maneira de preservar estes ensinamentos que são passados de geração em geração.

Figura 18 – Folha de resguardo

FOLHA DE RESGUARDO

Quando chega em casa no primeiro  
 dia come Purão de Galinha mais do  
 amarelo come arroz, de manha come  
 Cuscuz, loko Prato com 5 dia  
 Vem casa com 15 dia  
 Come carne de Porco e Bai com 8 dia  
 Come feijão mais do com 5 dia e  
 a noite com 10 dia manga com 1 mais  
 Vem Terreiro com 2 mais lava roupa  
 com 1 mais Roupa Pisada feijo grosso  
 com 1 mais carne de Porco com 3 mais  
 ovo cozido com 15 dia ovo estalado  
 com 8 dia abacaxi com 1 mais  
 toma banho morno de 1 dia  
 toma banho frio com 1 mais  
 lava cabelo com água morna 15  
 dia lava cabelo de água fria com  
 1 mais e 15 dia carne de Sanga, Peru  
 Pato Nabo com 6 mais costura em  
 máquina de Pí com 3 mais  
 Quando de moto com 2 mais e  
 bicicleta com 3 mais.

Fonte: Carta de Irene de Jesus, 2022.

### 3.2 “FILHAS DE MUITAS MÃES”<sup>88</sup>: ESCRIVENDO E (RE)CRIANDO MODOS DE EXISTIR

**Figura 19** – Artefeminista, obra de Ana Ganzala Lorde



**Fonte:** Ganzalarts (2018).

*Olha a cocada, olha a cocada. Tem de goiaba, coco e licuri* – entoava dona Marivalda Santos, quase que todas as tardes ao passar em frente à Residência Universitária (RUES), da UNEB e continuava – *Olha a cocada. Uma é dois, três é cinco*. Em um dos dias em que paramos ela para comprar suas deliciosas cocadas, sua netinha que aparentava ter de cinco a seis anos, pergunta baixinho: *vó elas são da UNEB? A mamãe também estuda lá, vamos ver ela?* Tempos depois, descobri que minha colega de turma era a filha de Dona Marivalda e aquelas cocadas a auxiliavam nos seus estudos. Naquele período, não havia pensado na dimensão que isso representava para estas mães e para esta estudante mãe.

<sup>88</sup> Inspirado na fala de Cattiane Reis, integrante da rede MãEscrevivendo.

Não se trata de uma estudante do curso de Pedagogia, a vigésima da lista de presença, apenas, trata-se de mulheres pobres, mulheres negras, mulheres do interior que vivenciam o atravessamento das maternidades e maternagens precisando cortar um barato e se fragmentar para estar, ocupar os espaços e manter as outras nos espaços. O que tem me incomodado é o fato destas histórias ficarem no lugar do silêncio. O que tem forjado estas mulheres? Quais tem sido suas artimanhas?

Quando Juliana Silva nos diz: *sobre não poder sair, trabalhar, não poder estudar; eu não tive isso não, eu recebi muito apoio. Se não tivesse as pessoas que tenho, meu marido e minha vó, eu teria desistido. Minha vó sempre diz: você vai, você consegue* (Giras de Escrivências, Teams, 2022) ela está reivindicando lugares de mulheres negras que se difere dos lugares de mulheres brancas. Sua experiência com o patriarcado não se deu por vias da “moça recatada e do lar”.

Estas questões nos mobilizam a realizar críticas outras em torno das maternidades e maternagens que não foram contempladas pelo feminismo ocidental. A crítica à maternidade pelo feminismo ocidental centrava em contrapor-se ao patriarcado, problematizando as relações de gênero e, consequentemente, a dominação de um sexo sobre o outro, de modo que, algumas questões se tornavam caras para as mães, a exemplo de suas inserções no mercado de trabalho, as jornadas duplas, os afazeres domésticos e cuidados com os filhos/as, bem como o peso da responsabilidade com amamentação, educação, alimentação e seus desgastes físicos e mentais. De certo que foram e são lutas importantíssimas. Não se trata de invalidar a luta das outras, mas de pensar e criar estratégias para se pensar nas diferenças que compõe as lutas feministas.

É sabido que o ideal materno europeu e elitista, cunhado desde o século XVIII, determina quais maternidades são mais ou menos aceitáveis e os corpos que estão à margem desta estrutura capitalista, patriarcal, racista e heteronormativa. Nessa perspectiva, Andrea O'Reilly, pesquisadora canadense, estabelece em 2006 os estudos maternos (*motherhood studies*). Se contrapondo ao feminismo hegemônico, defende o feminismo matricêntrico, ressaltando a maternidade como catalisadora de mudanças sociais e possibilidade de empoderamento e ativismo centrado nas mães. A pesquisadora evidencia que há uma baixa aderência dos estudos sobre as maternidades e maternagens no feminismo acadêmico, o que sinaliza uma discrepância dado o seu alto impacto na vida cotidiana de mulheres (Daniele Silva; Maria Mendes, 2021). Defende um feminismo matricêntrico que compreenda a “maternidade e a maternagem como determinadas culturalmente e sujeita a variações, e que seja comprometido com a investigação da diversidade das experiências maternas a partir da raça, classe, cultura, etnia, sexualidade, capacidade, idade e localização geográfica” (O'Reilly, 2016, p. 7, *apud* Silva;

Mendes, 2021, p. 6).

São estas “experiências históricas diferenciadas que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido” (Carneiro, 2019, p. 313). Não queremos dizer com isso que não vivenciamos os ranços do patriarcalismo sobre nossos corpos. Sofremos a exaustão causadas pelas ideologias ocidentais maternas, sim. Mas dialogamos com Carneiro (2019, p. 314) quando diz: “[...] Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas. Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar”.

É pensando nas experiências destas mães ao se assemelharem com as nossas e com as que aqui estão, que tomo as maternidades como um marcador social da diferença, ao tempo em que, as tomo como as diferenças que produzem resistências, saberes e modos outros de existir. Uma faca de dois gumes, como diz minha vó. Por um lado, é uma clivagem que se intersecciona com gênero, raça, classe, territorialidade etc; por outro, as diferenças que produzem rasuras e modos de existências. Inclusive, se conversarmos com Lélia Gonzales vamos entender as maternidades negras a partir da figura da “ama de leite”, como um sujeito-suposto-saber que funda uma nação.

A Lélia nos faz lembrar que a figura da “mãe preta” se originou em função de suas atuações enquanto mucamas. Não como exemplo de harmonia racial, mas como símbolo de resistência, daquela que fundou uma nação. A mãe preta teve uma importância fundamental na formação dos valores e crenças do povo, enquanto “sujeito-suposto-saber, coube a africanização do português falado no Brasil, e consequentemente, a própria africanização da cultura brasileira” (Gonzalez, 2018, p. 22).

Historicamente foram elas quem exerceram a maternagem nos lares brancos. Hoje, percebemos a figura da “mãe preta” representada na empregada doméstica e babá. Em conversa com a pesquisa de doutorado de Mariana Rodrigues foi possível aguçar o olhar para pensar nos privilégios, opressões e hierarquias entre mulheres mães no contexto do trabalho doméstico revelando o entrelaçar entre gênero, raça e classe que posicionam as experiências de maternidades (Mariana Rodrigues, 2019). “O trabalho doméstico remunerado é uma das vias de desumanização das mulheres que exercem essa ocupação através de sua histórica racialização” (Rodrigues, 2019, p. 256).

Concordo com a autora quando ela evidencia o distanciamento hierárquico que há entre as experiências de maternidades. Ao refletir sobre empregadas doméstica e empregadoras, revela a desumanização das experiências maternas de empregadas domésticas, bem como, o

acúmulo do trabalho desenvolvido nos lares brancos com as atividades exercidas em suas casas (Rodrigues, 2019).

Consideradas pela grande maioria como “reprodutoras”<sup>89</sup> e “amas de leite” eram induzidas a cuidar dos filhos das sinhás, enquanto seus filhos/as – muitos/as frutos do estupro que sofriam nas mãos dos homens brancos – eram retirados/as de seus braços. “Enquanto mucamas, cabia-lhe a tarefa de manter o bom andamento da casa grande: lavar, passar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas dos ventres “livres” das sinhazinhas” (Gonzalez, 2018, p. 21).

Lorena Telles (2021), ao refletir sobre mães e amas de leite nas malhas dos interesses escravistas, traz à tona a prática do mercado de vendas, compra e aluguel de mulheres como ama de leite, em cidades brasileiras como Salvador, Rio de Janeiro e Recife, no século XIX. “As mulheres africanas e descendentes foram geralmente anunciadas como amas sem qualquer menção aos filhos, constando nos jornais como uma preta para ama, com muito e bom leite” (Telles, 2021, p. 41).

Sem pretensão de romantizar, silenciar e naturalizar esse lugar das maternidades e maternagens, caminharemos em vias contrárias, por entendermos que a sociedade ocidentalizada já se encarregou de pintar esse papel da “santa mãezinha” para as mulheres brancas e das “amas” e “guerreiras” para as mulheres negras. Ambas experiências e concepções nada agradáveis para nós mulheres. Convido a pensarmos nas “maneiras pelas quais as pessoas negras criam e transformam a mera necessidade em um terreno de elaboração”; convido a pensarmos como mães negras preparam e modificam suas labutas e precisões em um espaço de artimanhas e elaborações (Hartman, 2022, p. 26). Convido a pensarmos nesta corrente de mulheres negras que foram e são portais para nós. *Costumo dizer que sou filha de muitas mães. Eu sou filha de mãe solo, então minha mãe precisou de uma rede de apoio de mulheres para mim criar. Eu tenho madrinhas, eu tenho tias, pessoas que fizeram este círculo de acolhimento e que ajudaram a minha mãe* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022). Esta fala de Catiane Reis mexeu com muitas de nós.

Essa corrente de mulheres que seguram e seguraram a nossa onda e que nos ensinam dia a dia o valor da cocada. Os modos de aprontar esta cocada. Sem fôrmas, portanto, com suas diferenças. Afinal, quais as suas/nossas artimanhas por trás de suas /nossas maternidades e

---

<sup>89</sup> Animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. Um ano após a interrupção do tráfico de populações africanas, um tribunal da Carolina do Sul decidiu que as escravas não tinham nenhum direito legal sobre suas filhas e filhos. Assim, de acordo com essa medida, as crianças poderiam ser vendidas e separadas das mães em qualquer idade, porque “crianças escravas [...] estão no mesmo nível de outros animais” (Angela Davis, 2016, p. 26).

travessias para concluir a graduação? Muito mais que mães, tenham certeza. *É tão foda essa história de ser mãe, né?* – nos diz Raíza Venas e continua – *Nós não sabemos de onde tirar forças, mas eu sei mais ou menos o que fizeram aquelas que forjaram a minha chegada, então eu mais ou menos vou por aí* (Maternidades [...], 2022). Olha que reflexão incrível da Íza. É sobre isso!

Entendemos que um caminho para lermos e vivenciarmos nossas maternidades é aprender com aquelas que foram e são retratadas como as “amas de leite” e “reprodutoras” do séc. XIX, ou as guerreiras e raivosas do séc. XXI. O convite é para borrar com essa lógica patriarcal, racista, heteronormativa e excludente que rotulam as mulheres negras e suas vivências com as maternidades, as condicionando a determinados espaços sociais, ou as condicionando a experiências “menores”, de “menos valor”. Então, como diz Iza Venas: *a gente sabe um pouco de como fizeram aquelas que serviram de portal para nós. Vamos fazendo um pouco parecido* (Maternidades [...], 2022). E é nesse fazer que preparamos a vida, nem sempre com águas saborosas, mas com a certeza de que não estamos só. Minhas, nossas ancestrais, estão aqui e agora. Aprendi com Bastos (2021, p. 296) que “Uma das maiores riquezas da nossa ancestralidade é reverenciar quem veio antes. É entender que a gente faz parte de uma construção de conhecimento dos nossos ancestrais”.

*Eu fui mãe muito jovem, então eu tive que lidar com a maternidade de uma certa forma muito violenta, então eu busquei muito na minha mãe, na ancestralidade dela, na força dela para me construir enquanto mulher* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Catianne é uma das muitas mulheres negras que lidam com as maternidades muito, mas muito cedo. Se fecharmos os olhos e pensarmos, iremos ver pessoas que se reinventam a cada estação, para se cuidar e cuidar dos filhos: Quais eram os seus planos?; Os lugares que podia frequentar; as oportunidade que a ela sobraram; os passos quase que flutuantes, sonhando com um banho demorado antes que a cria acordasse; as incontáveis idas a benzedeira; os chás de carqueja, erva-doce e cebola que preparavam; as longas madrugadas em que aproveita a calmaria para alinhar seus fuxicos e tecer a colcha, encomendada para o dia seguinte; um banho gelado, o batom vermelho, um brinco e os passos largos para alcançar o horário do ônibus escolar; acordar menino, dar banho em menino, vestir menino, dar café a menino – pegou a caneta? O lanche? – leva menino na escola; se arruma toda, senta em um bar e toma uma cervejinha com as amigas; ensaia duas, três, quatro, vezes como vai dizer a seu filho, um menino negro, porque não pode sair sem documento; acorda cedo para ensinar ao filho da patroa o nosso bê a bá; sai escondida e volta escondida, com a ajuda de outras mulheres; sobem rua e descem rua com geladinhos, cocadas, beiju de tapioca (Giras de Escrevivências, GP de

WhatsApp, 2022).

Este cenário nos transporta para lugares e tempos outros. Ao segurar na mão de Bernardo (2019) e passarmos pelas ruas de África, encontramos africanas nos espaços públicos. Elas se movimentavam estrategicamente nas feiras, trocando bens materiais e simbólicos. De tudo nós vimos e conhecemos um pouco: músicas, receitas para curar o corpo – inclusive utilizei uma delas esta semana, o banho de folhas de akoko para fortalecer o corpo e a escrita – orações, danças, receitas para aconchegar o coração.

Um saber que é disseminado e se constitui por mulheres negras. Ao chegarmos em terras brasileiras avistamos as mulheres em diáspora, lá estava minha tataravó, linda com seu saião. Sabe aquelas conhecidas como “negras do tabuleiro”? Então, conversamos com várias delas. Viviam a matrifocalidade, lutavam pelas suas sobrevivências e de seus filhos. Pelos interiores e cidades de Salvador, São Paulo, Maranhão, Minas Gerais... vendiam deliciosos quitutes preparados por elas, mas também vendiam bens materiais e simbólicos. Havia e há também as mulheres da roça; vendedoras de garapa, peixe, raízes, grãos, frutas, verduras. Faziam circular seus saberes, saberes ancestrais, protegiam seus filhos e articulavam contra a alienação da escravidão. Sedutoras e vaidosas sabiam o que queriam e matutavam fazeres para alcançar seus objetivos (Bernardo, 2019).

O fato da maternidade ser uma instituição que centra e direciona os cuidados dos filhos para as mulheres, no Brasil, pode ser pensado a partir de dois elementos: a matrifocalidade e o patriarcalismo. Esses dois seguimentos se correlacionam em diáspora. O patriarcalismo como fruto do processo de ocidentalização que atinge todas as dimensões culturais e, portanto, está presente nas relações inter-raciais e negras. Já a matrifocalidade, ela tanto pode trazer a ascensão desta mulher negra, quanto sobrecarregá-la no contexto atual, justamente por esta demanda de proteção e cuidado ao filhos vinculado a figura feminina. Este tem sido um ponto de conflito entre as diversas experiências de maternidades negras e a forma como nós lidamos com ela.

A matrifocalidade, representada por famílias chefiadas por mulheres, quando vivida de maneira coletiva, ela fortalece, mas quando se é solo, sem uma rede de apoio, torna-se extremamente difícil. De certo que, nas experiências de maternidades negras nós sempre lembraremos de pessoas que nos deram a mão, no entanto, não podemos generalizar e negar que em algumas experiências esta reação de rede de apoio nem sempre acontece. Uma condição bastante estruturada pela maneira como as relações de gênero, raça, territorial, sexualidade, capitalista e geracional se materializam na nossa sociedade.

A matrifocalidade como forma alternativa de família, parece fazer parte do fluxo, das trocas constituídas na diáspora. Tanto para a mulher africana, quanto para a

afrodescendente, a matrifocalidade, aparentemente, não foi só uma imposição da escravidão e pós-abolição como a consequente marginalização do homem negro no mercado livre durante as primeiras décadas do século XX, que lhe impediam de assumir a chefia familiar (Bernardo, 2019, p. 48).

Esse é um dos pontos de deslocamentos provocados nas conversas e necessário a ser trazido, sobretudo quando estamos apontando para as múltiplas experiências e concepções de maternidade, mas o fato é que as matrifocais, ganhadeiras e, portanto, chefes de família, foram e são mulheres de muitos ensinamentos e nos dão régua e compasso para construir pontes.

Atualmente algumas de nós, estudantes mães, assumimos a chefia familiar, assim como algumas das mulheres que fazem parte do nosso ciclo. O fenômeno da chefia familiar por mulheres é estudado pela professora Doutora Marcia Macedo, pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM)/UFBA, em diálogo através do texto: aponta a ampliação deste fenômeno com um processo multideterminado e multifacetado, nos convocado para observá-lo como um conjunto de mudanças envoltas por questões sociais, culturais, históricas e, portanto, comportamentais, suscetíveis a reconfigurações e variações na vida das mulheres, modulando múltiplos significados presentes em suas chefias (Márcia Macedo, 2008). Inclusive, a maternidade tem sido uma das instituições que nos leva a assumir a chefia, de provedoras dos nossos domicílios, influenciando nas nossas trajetórias formativa, profissional e pessoal, estando diretamente correlacionados com as condições de gênero, raça, classe e territorialidade que nos constituem.

A reflexão sobre a experiência de chefia domiciliar por mulheres permitirá captar a dinâmica que as envolve, fazendo com que sejam vistas como indivíduos mobilizados por processos estruturais, mas que, ao mesmo tempo, também atuam como sujeitos de suas vidas, ao mobilizarem processos de ação e significação da realidade social (Macedo, 2008, p. 389).

Muitas de nossas avós, mães, tias, mulheres que nos criaram, e muitas de nós, somos também uma delas. *Minhas fia, eu me criei na roça; plantando batata, abobora, quetro, cebolinha, eva-cideira, capim santo, tudo no cantinho que nos era dado* – dizia madrinha Yaya – *Sua tia embrenhava no carro de boi e na carroça para vender as coisas na cidade*. Muitos e muitas de nós fomos criadas por mulheres que eram lavradoras, estendiam o sisal, lavavam roupas nos tanques, costuravam, teciam esteira e chapéu de palha e uma série de outras atividades para sustentar suas famílias. Esta constitui a realidade de muitas mães interioranas, mulheres sertanejas, do TISisal e de outros territórios, cidades e regiões nordestinas que se desdobram de geração em geração. Muitas destas mulheres se reuniam para arrancar feijão e

raspar mandioca, para a debulha do milho seco<sup>90</sup> e a bata do feijão<sup>91</sup>, reunidas enquanto nós, filhos/as, criávamos nossas brincadeiras – muitas vezes para amenizar a fome – e até mesmo ajudávamos na lida.

A maioria das atividades são realizadas coletivamente. A mandioca, para ser raspada, ela precisa de um coletivo de pessoas que se dividem em quem faz a meia e quem raspa a meia<sup>92</sup>. As esteiras eram sempre tecidas por mais de uma mulher, assim como o despallar e debulhar do milho, o cessar do feijão, o estender do sisal. As lavadeiras nos tanques sempre estavam juntas. Além da luta pelo sustento seu e de suas filhos/as (família), esta era uma maneira de estabelecerem rede de apoio – muitas vezes como estratégias feministas sertanejas – ao tempo em que perpetuavam a cultura afro-diaspórica, afro-brasileira através das músicas, das danças, da contação de história, das rezas, dos cuidados com a cura corporal que ensinavam ‘umazonzota’, como diz vó Eduarda Santos. Assuntamos e vivemos muitos momentos desses.

As cantorias também representavam agradecimento e uma estratégia de trazer leveza para os dias pesados. “É hoje mesmo que a palha do milho avoà, é hoje mesmo que ela tem que avoar, é hoje mesmo que a palha do milho avoá, é hoje mesmo que ela tem que avoar. A safra desse ano, vai pra o outro ano ficar”<sup>93</sup>. Com a mesma palha de milho e seus sabugos se fazia as bonecas para as crianças brincarem. No ano em que a safra era boa, ganhávamos percatas novas para ir à escola.

Tudo era muito envolto por cantorias: *E Deus é o mar. Deus é o maior. Deus é o maior. Me ajudou a vencer*. Lembro-me dessa canção entoada por tias, quando voltávamos do tanque do finado Dada, onde buscávamos água para beber e para os afazeres (antes da água encanada chegar ao povoado). Recentemente descobri que ela faz parte de uma canção em Yorubá, para Oxum, chamada Oro ri maió (Vídeo 7). Em um de seus refrãos que acompanha o anterior, ela entoa: Oro mi má. Oro mi maió. Oro mi maió. Yabado oyeyeo. Segue, para acompanhar sua leitura:

---

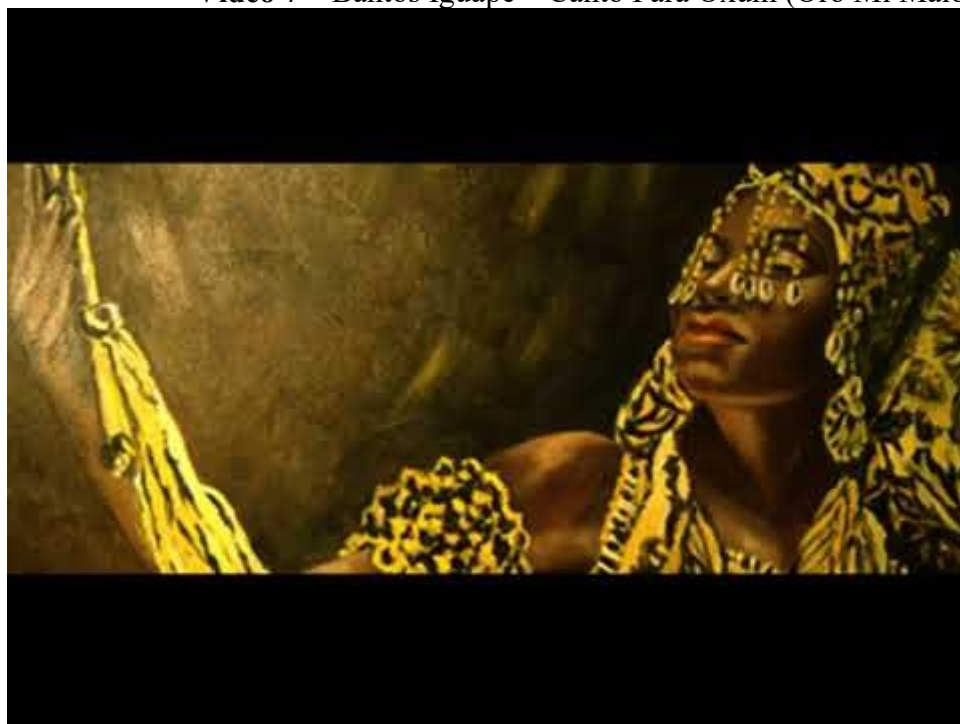
<sup>90</sup>Processo realizado manualmente que se dava pela retirada dos grãos de milho do sabugo.

<sup>91</sup>Após o feijão seco, suas vagens eram colhidas da roça e colocadas, em grandes quantidades, no terreiro para que fosse realizada sua bata. A bata do feijão era feita manualmente por um grupo de pessoas que, com varas na mão, em círculo, batiam sobre as vagens até que seus grãos fossem extraídos.

<sup>92</sup>A raiz da mandioca é raspada por dois grupos de pessoas. Um grupo realiza suas raspagens até o meio da raiz e o outro finaliza o serviço. Uma estratégia para não sujar a mandioca e agilizar o trabalho.

<sup>93</sup> Música cantada e dançada pela comunidade, em roda, ao fim da despalha e bata do milho.

**Vídeo 7 – Bantos Iguape – Canto Para Oxum (Oro Mi Maió)**



**Fonte:** Bantos [...] (2020).

“Quando eu era criança minha mãe cantava para mim uma canção em Yorubá cantada pra eu dormir, uma canção muito linda que o seu pai te ensinou, trazida da escravidão e cantada por seu avô”. A própria composição desta música nos mostra que a “memória é viva” (Bernardo, 2019). E nos coloca de frente com a figura da mãe, da mulher preta, como uma das responsáveis pela circulação e perpetuação da cultura afro-brasileira “nos cânticos, nas rezas e na labuta diária na jerema (roça), nas idas e vindas para a fonte de onde se buscava água e lavava roupas, nos afazeres de casa; nas brincadeiras de roda (as brincadeiras sempre iniciavam e terminavam em roda), de tirar verso” (Santos, 2022).

Embebida por estas memórias escolhi algumas tardes do verão de 2022 para visitar as casas da comunidade – aqui no interior – fazia tempo que não me sentava para conversar com meu povo, devido ao isolamento social. Foi também o primeiro contato mais próximo de AP com seus familiares e entre uma prosa e outra, sempre regadas de muitas memórias e um cafezinho. Um chazinho. Um beiju. Um cuscuz. Uma cocada de licuri. Um doce de leite. Uma pamonha. Um doce de mamão. E, em quase todas elas, sempre tinha uma mulher a fazer alguma coisa. Costurando. Fazendo crochê. Pintando almofada. Elas pintam, costuram, tecem crochê, fazem faxina, tratam fato; vendem produtos alimentícios colhidos na roça, vendem quitutes e comidas preparadas em casa; bijuterias, roupas, calçados; vendem Natura, Avon, O Boticário. Ajudam nas despesas da casa e dos filhos, ou até mesmo assumem a chefia familiar.

Elas e nós, estamos pelas roças e cidades, subindo e descendo. Indo para trás, voltando para frente, se curvando e se reinventando. Aquelas/es que são portais, nos permitem estudar e cursar o ensino superior e nos ensinam a ser portais. *Mainha, ela sempre costurou, desde quando eu comecei a estudar. Graças a ela e minhas tias, hoje estou na faculdade. Tem uma tia minha que vende alface, pimentão, tomate, coentro, estas coisas, na feira de Serrinha. Aos sábados ajudo ela; pode ir lá que me encontra* (Giras de Escrivências, Teams, 2022). Relata emocionada uma das estudantes mães ao nos contar como cria estratégias para sustentar a filha. Não negamos: estamos cansadas!

### 3.3 MATERNIDADES A FLOR DA PELE: ENCONTRE SUA FORMA DE GRITO

Vinte e três de janeiro. É lua nova. Todas as conversas que tivemos, viraram um filme na cabeça. Mas como contá-las? Elas e eu, nós. Sabemos que este enredo não começa e nem finaliza neste dia, assim como esta carta. A certeza que temos: “É preciso uma aldeia para se criar um filho”.

‘Mama’. Mãe. Mainha. Mamãe. ‘Mãêêêê’. Ô mãe. ‘Maiiiiiiiiiinha’? Quantos destes você houve ou já ouviu todos os dias? No primeiro e segundo ano da criança estamos ansiosas para ouvir, seja quando adotamos ou parimos. Até ficamos decepcionadas quando o primeiro chamado vem para o pai, a companheira, o vovô, a vovô, o tio, a tia. Mas logo, logo começa a chover chamados e tudo que queremos é usar um tampão e se desligar daquele mundo de responsabilidades exaustivas. Fala a verdade, você também já sentiu vontade, né? Começamos a entender ou apenas viver o jogo que a instituição maternidade impõe sobre nós mulheres e até nos questionarmos se estamos sendo uma “boa mãe”. Não se trata de não amar o filho/a, trata-se de colocar em evidência um lugar que é sistêmico e que precisa ser desconstruído, as maternidades. Quantas vezes ouvimos: Ah, isso não muda; você não gosta do seu filho? Quem pariu Matheus que balance; encheu a casa de filhos porque quis; adotou pra que?

Me conectei com um fala de Lígia Moreiras (2021), em seu relato “pisando firme nesse solo”, presente no livro maternidades no plural, que fez todo sentido. Ela dizia: Não confunda amor com trabalho, nem trabalho com amor – e continuou – amor é o que as faz ter consciência disso e continuar fazendo. Mas o ato em si é um trabalho. E muitas vezes, um trabalho não remunerado (Moreiras, 2021, p. 136). Nas palavras de Fabiana Cardoso: *ser mãe é um desafio com durabilidade infinita. Uma profissão sem remuneração* (WhatsApp, MãEscrivivendo, 2022). Reconhecer estas maternidades também como um trabalho é um caminho para romper com os essencialismos e romantizações que estas experiências impõem sobre nossos corpos (Baia, 2021).

Recentemente tivemos um avanço na relação entre cuidado materno e trabalho. Foi aprovado pela comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres, o Projeto de Lei 2757/2021, de autoria da Deputada Talíria Petrone, do Rio de Janeiro. O Projeto garante a aposentadoria para mulheres com filhos que não conseguiram se aposentar por outros meios, reconhecendo o cuidado materno como trabalho<sup>94</sup>. Segundo Talíria, o trabalho materno não pode continuar invisibilizado! E nos provoca a refletirmos: Quantas se sobrecarregam pra cuidar dos seus pequenos? É justo que esse esforço não seja reconhecido? Quem dá suporte a essas mães na velhice? As maternidades precisam ser tratadas com os devidos cuidados e reparações que a mulheres merecem. Um projeto como esse é uma reparação histórica contra as mazelas que o colonialismo deixou sobre o Brasil. Quantas vezes ouvimos: Ah, isso não muda; você não gosta do seu filho? Quem pariu Matheus que balance; encheu a casa de filhos porque quis; adotou pra que?

Ao conversarmos com Luara Baia, percebemos o quanto as maternidades são tratadas de maneira reducionista, sendo ignorada sua complexidade enquanto uma experiência sociocultural, enunciada muitas vezes pelos discursos médicos, redes de comunicação, instituições escolares e religiosas com naturalizações, reducionismos e homogeneidade. Um discurso proferido por instituições que tem alcance e autoridade para sentenciá-la como um fenômeno individual constitutivo da vida das mulheres, negando o caráter social e plural dessa experiência, seus atravessamentos e impactos (Baia, 2021).

Quais são as demandas que um ser chamado mãe precisa encarar em uma sociedade que define esta mulher, esta pessoa, como responsável pelo cuidado e criação de filhos/as? Por uma sociedade estruturada em bases sexistas, racista, LGBTfóbicas, capacitista, preconceituosa? Mas o que isso tem a ver com maternidades? Mas o que isso tem a ver com estudantes, em formação docente, que são atravessadas pelas maternidades? Tudo! Se há tempos determinava quem tinha o direito de viver suas maternidades, hoje determina como lidar com as diferentes demandas, com a heterogeneidade destas experiências. Quais suas experiências de maternidades e o que elas convocam? De quais lugares você vive estas experiências? Pensar neste lugar como um terreno fértil para nossa atuação educacional e como diz minha vó: fazer do limão, uma limonada. Talvez vocês estejam se perguntando: Mas como? Eu também não sei. Não tem receita. Mas o exercício que fazemos é assuntar, vivenciar e preparar juntas, a partir de nossas experiências. “Como preparar uma feijoada com os ingredientes que temos?”. Tomar as experiências como produtoras de conhecimento ou, como nos ensina (Zul)Eide Paiva: *produzir conhecimento a partir das experiências*.

---

<sup>94</sup> Para mais informações ver, PSOL na Câmara (2022).

Sentimos a necessidade de trazer à tona muito do que vivemos e se camufla nesse tornar-se “mães”, como um ponto de partida para criarmos estratégias de desconstrução dessa maternidade homogênea, romantizada e exaustiva. Para se criar linhas de fuga. Para nos protegermos. Para criarmos no espaço do silêncio. Para, como diz Iris Verena Oliveira: *valorizarmos o nosso ouro*. Para se amar e se perdoar. Para a desconstrução do “amor materno”, da “culpa materna”. Para a reconstrução de um compartilhar de cuidados e educação para com as crias que não é único e exclusivo das “mães”. Para o reconhecimento das diferenças que compõem nossas experiências com as maternidades.

Um movimento que não se faz distante de uma luta antirracista, antilgbtfóbica, antissexista, aticapacitista; A desconstrução de paradigmas conservadores e excludentes não é uma luta de dias, é uma luta de séculos. Uma luta coletiva! Talvez a minha bisneta viva maternidades – se ela desejar – menos complexa e mais compartilhada. E como diz Lígia Moreiras, “não tente caber num modelo de maternidade, numa caixa que embora pareça bonita, embora pareça cheia de gente, pode abrigar muita solidão. [...] Encontre a sua forma de grito” (Moreiras, 2021, p. 149). Encontre a sua forma de grito!

### 3.3.1 Maternidade de comercial de margarina?

Ela é assim mesmo, no singular. A maternidade heteronormativa, branca de classe média e alta, da cidade. A famosa família de comercial de margarina, lembra? Replicada desde as TVs preto e branco. A família patriarcal mononuclear. Ela é válida? Sim! Complexa? Também! Real para nós? Não! Ela entrava em nossas casas, mas nunca nos representavam. Procurei muito esta família na infância, não encontrei. Tentei construí-la no início da juventude, não deu certo. Por vezes tentei replicá-la em minhas experiências de maternidades, tentativas em vão. Busquei módulos, receitas, prescrições, li livros que me faziam sentir um fracasso. Tudo sempre dava errado!

*Essa maternidade que é linda, bela, perfeita; que dar comida na hora certa e que não dar doce antes dos dois anos – diz Cattiane Reis – É perfeito, mas não é real. Na minha realidade é apagar incêndio todos os dias. Eu sou mãe de três, são sujeitos totalmente distintos. Dentro de uma maternidade cabe várias outras* (Giras de Escrivências, Teams, 2022). E foi assim, assuntando as inúmeras experiências de maternidades à minha volta, que esse ideal caiu por terra. Entendi que tinha muito a aprender com aquelas que são representatividades para nós.

Nos conectaremos aqui com experiências de estudantes que vivem as maternidades negras atravessadas pelas experiências de maternidades lésbicas/sapatão, maternidades solas,

maternidades atípicas, maternidades interioranas, dentre outras. Recentemente eu ouvi que para cada mãe existe uma maternidade. Hoje eu diria, para cada filho, várias maternidades.

*Eu não sou uma mãe que gerou um bebê no ventre, mas já ouvir tantas coisas a respeito do meu futuro, e em relação ao trauma futuro da criança, ou até mesmo sobre a guarda – nos diz Fabiana Cardoso. E continua – E que futuro é esse né? Um futuro projetado para legitimar o fracasso como uma mãe que adota um bebê, ainda mais na realidade de um casal homoafetivo* (Giras de Escrevivências, GP de WhatsApp, 2022). Uma sociedade que nos ensina desde a infância, através de brincadeiras e brinquedos, que a família é composta por filhinho, papai e mamãe não está preparada para lidar com as maternidades lésbicas e sapatão.

Em entrevista, Ani Ganzala<sup>95</sup>, mulher negra, mãe, sapatão e ativista decolonial, fala sobre a importância da visibilidade de casais e pessoas lésbicas em filmes e novelas, mas chama a atenção para a necessidade de se naturalizar este lugar, principalmente quando se fala em maternidade negra sapatão, e afirma: há muitas maneiras de ter filhos, mas ainda é algo que as pessoas não conseguem lidar (Crislane Rosa; Luana Oliveira, 2021). A maternidade, no Brasil, foi estruturada a partir da noção biológica de procriação com bases na relação homem e mulher, ou seja, mãe e pai. Quando rompemos com esse paradigma e trazemos as maternidades para a dimensão social, ela gera outros modos de experienciar este lugar, que não estão ligados ao ideal materno, apreendido pelas instituições e pessoas.

*As vezes nos perguntávamos se era melhor dizer nas clínicas, que levávamos ele, que éramos duas mães. Somos duas mães, ele chama as duas de mãe e a gente precisa existir assim na sociedade, né? – nos diz Fabiana Cardoso* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022). Nesse momento eu tive a certeza que muitas eram as nossas demandas e diferenças, embora estivéssemos em uma rede de mães movidas por desejos parecidos. Muitas vezes, durante minha gestação, me perguntei como seria se eu estivesse com uma companheira. O fato é que, quando comecei a vivenciar a maternidade, criei uma espécie de medo de me relacionar com mulheres, pelo fato de não saber como lidar, os quais foram sendo desconstruídos após minha relação com a experiência da maternidade lésbica de Fabiana e sua companheira.

*Aqui em serrinha eu ainda não vi duas mulheres adotando uma criança, eu não conheço. Para as pessoas é um pouco curioso.* Nos conta Fabiana, e continua – *Quando a gente fala que somos duas mães acabam perguntando, questionando muita coisa* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022). Essa experiência nos leva ao relato de Marcela Tiboni<sup>96</sup>, em

---

<sup>95</sup> Ani Ganzala Lorde é Baiana e Artista Visual. Para conhecer seu maravilhoso trabalho acesse o Instagram: @ganzalarts.

<sup>96</sup> Em seu perfil do Instagram: @marcelatiboni, ela fala sobre maternidade e vivência lésbica.

maternidades no plural. Ao falar sobre o desejo de ser mãe ao lado de outra mãe, nos conta que a falta de contato com experiências parecidas a assustou, levando a se questionar: será que estes casais não existem? Será que nós éramos alienadas? Será que estes casais não se sentiam à vontade para viver à luz do dia? Imersa em sua experiência, Marcela fez da sua maternidade lésbica uma militância, tomou a realidade como luta e optando por tornar a vivência, enquanto mãe lésbica, um assunto de responsabilidade de todos e não só das famílias não heteronormativas (Marcela Tiboni, 2021).

É interessante notar como as maternidades estão tornando-se cada vez mais políticas. Nas redes sociais tem emergido muitas páginas e perfis desconstruindo ideias cristalizadas, conservadoras e racistas deste lugar das maternidades. Que é um lugar extremamente patriarcal e misógino. É possível construirmos maternidades políticas a partir dos nossos lugares de experiências? Acreditamos que sim! *Quando a gente entende que essa realidade ex/iste – nos conta Fah e continua – que nós estamos vivendo dentro dessa realidade as coisas começam a fluir melhor. Mas a maternidade compartilhada é um negócio muito doido, gente* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Neste momento, enquanto nos encontrávamos pelo Teams, em uma de nossas giras de escrevivências, a companheira de Fabiana apareceu brincando com IC. Ver estas experiências de parceria delas me fez lembrar de Ana Paula Oliveira, uma das interlocutoras da pesquisa de Baia (2021, p. 102) quando ela diz: “Depois que casei com minha companheira tem sido o melhor momento, de parceria, de divisão de tarefas real, de você perceber uma pessoa que se sente responsável, que pensa a logística da maternidade”.

Quando conversamos com casais de mulheres que criam filhos/as uma das questões que chamam atenção está relacionada ao compartilhamento de cuidados e educação para com estas crianças, aspecto que raramente acontece quando pensamos na relação de pais para com a criação de seus filhos/as. Essa ausência da figura masculina no compartilhamento de demandas, está diretamente ligada a instauração do patriarcalismo, no Brasil, estruturado a partir dos papéis de gênero que condicionam e naturalizam comportamentos criados para mulheres e homens. Como nos diz Baia (2021, p. 155): “uma estrutura patriarcal que atribui a responsabilidade dos/as filhos/as à mulher, sobre a qual o ideário se mantém repleto de estereótipos essencialistas, como os do amor materno, instinto materno, habilidade natural etc”.

*Eu vejo IC como uma criança privilegiada de ter duas mães – Dialoga, Wilma com Fabiana – Eu queria que algum homem comentasse, eu falaria logo: vocês não sabem dar exemplo. Eu estou indo para a terceira audiência com o pai dos meus filhos por conta de pensão alimentícia. Ele é extremamente ausente* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022). Wilma tem

três filhos/as, e diz que ser mãe solo é o maior desafio que está tendo na vida, até hoje. Para Moreiras<sup>97</sup> (2021), a maternidade solo é o encontro com uma das faces mais desafiadoras da maternidade. Quantas mulher criam/criaram seus filhos/as, as custas de muito cansaço, sozinhas? Quantas destas nós somos ou conhecemos?

*Eu sei que criar um filho só, não é tarefa fácil, quem dirá dois, eu me tornei mãe aos 17 anos, e só tive a presença do pai até meu filho fazer 2 anos, depois disso, só foi eu e ele. Nos conta Liliane Mota. E continua – Foi cada luta, cada desafio que me fizeram ser a mulher que sou hoje. E eu te digo, por mais que as vezes nem a gente enxergue isso, nem os nossos filhos e nem as pessoas de fora, sempre tenha em mente que você tá fazendo e fez um ótimo trabalho* (Giras de Escrevivências, GP WhatsApp, 2022).

Alguma chegam a comentar que não sobra tempo nem para chorar. Para Moreiras (2021), ser mãe solo é muitas vezes não se sentir no direito de adoecer, de sofrer, de morrer, porque essa criança só pode contar com ela, seja lá em qual dimensão for, financeira, afetiva, legal ou outra. *Ser mãe solo não é fácil, não é?! É o trabalho que temos que ter para por alimento em casa e pagar as contas, é acompanhar a vida escolar das crianças e montar um planejamento para que sigam a rotina em casa com algumas atividades* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Lígia nos provoca a pensarmos nas diversas condições de ser mãe solo. Ela nos tensiona a perceber que mãe solo não é sinônimo de ser mãe solteira. Para a autora, ser mãe solo, portanto, pode acontecer nas mais diversas configurações:

Sendo mãe de criança que não conta com os cuidados do pai; sendo mãe de crianças que o pai cuida só quando quer; sendo mãe de criança que o pai cuida igualmente, mas não vive junto; sendo mãe tendo escolhido não existir um pai; sendo mãe de criança cujo pai faleceu; sendo mãe de criança cujo pai não quis saber da existência; sendo mãe que cria sem a presença de outra mãe. [...] Maternidade solo são os desafios que essa mãe vive em função da configuração dessa maternidade. Ser mãe solo é o tratamento que essa mãe recebe por parte da sociedade (Moreiras, 2021, p. 94).

Não é à toa que, no Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), são mais de 11 milhões de mães solo no Brasil, 61% delas representadas por mulheres negras. Sendo importante ressaltar que os vilões dessa história não são apenas o patriarcado e a misoginia, mas todo um esquema permeado pelo racismo, pelo racismo patriarcal.

É importante que se faça algumas ressalvas quando pensamos na figura do pai negro, de modo que, não anulemos todas as opressões destinadas para ele, como as dificuldades de ser

---

<sup>97</sup> Cientista que fala sobre maternidade solo, ciência e educação no perfil do Instagram: @cientistaqueviroumae.

pai e homem negro diante de uma sociedade opressora; no entanto, diante da mulher negra, ele, por ser homem, ainda mantém uma heterogeneidade. Em muitos casos, reproduzindo a ausência paterna da sua infância, como nos chama a atenção Naiara Augusta – atriz e autora do @negramanhê\_sou – em entrevista a Luciane Evans<sup>98</sup>, ao falar sobre sua maternidade negra solo (Evans, 2020).

Algumas mães da rede, por exemplo, não conseguiam estar presentes em encontros - mesmo que virtuais - devido à sobrecarga de trabalho que realizavam no terceiro turno do dia, por serem mães solas de dois, três filhos, e precisarem sustentá-los. E aqui não estamos falando dos trabalhos domésticos, estes entravam no quarto turno do dia. E o que vemos, muitas vezes, é a valorização ou exaltação desse esforço denominado de “supermãe”, de modo que, se naturaliza essa condição, ao tempo em que, não se evidencia políticas públicas<sup>99</sup>. A supermãe está diretamente ligada ao mito da mulher negra forte, aquele que, como nos ensina Patrícia Hill Collins (2019) e Luara Baia (2021), foi construído a partir da ideia de que as mulheres negras aguentavam tudo, seja fisicamente, subjetivamente ou simbolicamente, uma concepção racista e misógina construída, associada ao processo de escravidão.

Naiara Augusta cita algumas questões que são exclusivamente relacionadas às maternidades negras de mães solo, o que diferencia a maneira como as maternidades solas são vivenciadas, sobretudo quando pensamos em classe, territorialidade, oportunidades e sobrecargas de mulheres negras: carregar esse peso sendo mulher negra e periférica, diante de uma sociedade racista, machista e sexista; a sobrecarga da mulher negra na educação solo de um filho, sendo que a maior parte delas possui mais de dois filhos; e as dores para ensinar seus meninos e meninas a se defenderem do racismo e a combaterem o racismo institucionalizado. (Evans, 2020).

Reparem como dentro das maternidades solas existem várias experiências de maternidades solas. Não dar pra rotular, criar caixinhas. *Mãe não é tudo igual! A gente vive sobre a máxima de que mãe é tudo igual e não é tudo igual* – nos conta Raíza Venas, e continua – *os medos que eu tenho como mãe negra, não são os mesmos medos que as mães dos meninos brancos têm, não são os mesmos medos das mães atípicas, enfim* (Maternidades [...], 2022).

<sup>98</sup> Ver “A mãe solo negra luta contra o racismo, machismo e o sexismo” (Evans, 2020).

<sup>99</sup> Tramita na Câmara dos Deputados/as, desde 2021, o projeto que cria a Lei dos Direitos da Mãe Solo (**PL 3717/2021**), aprovado pelo Senado. O texto prevê benefícios, em diversas políticas sociais e econômicas, para as mães solo (Crescer, 2022).

### 3.3.2 É preciso uma aldeia para se criar uma criança

Falar de maternidades é, inevitavelmente, esbarrar nos dilemas e medos que enfrentamos na relação com nossos filhos. *A gente enquanto mães de crianças negras enfrenta muitos desafios na sociedade e quando eu penso na minha maternidade eu penso bem fora daquele padrão de romantização.* Nos diz Catianne Reis, e continua – *Minha maternidade é forjada de fé e a gente vai se construindo enquanto construímos os nossos filhos* (Maternidades [...], 2022). Tenho a impressão que já me reconstruí, enquanto construímos a cria, umas mil vezes. E olha que sou novinha nesse jogo de cintura das maternidades. É preciso uma aldeia para se criar uma criança! É com esta afirmação que iniciamos esta conversa. Um convite para que homens e mulheres – pessoas – assumam, de igual modo, essa tarefa árdua que é criar e educar filhos/as.

Às vezes, a sensação é de estarmos nadando contra a maré. Uma das minhas preocupações é ajudar meu filho a criar a consciência racial, desde pequeno. Sempre que ouço algum relato sobre racismo a vontade que tenho é de colocá-lo em um potinho para poder protegê-lo da crueldade do racismo. Mas isso é impossível e só nos resta uma opção, opção não, porque não temos escolhas. Só nos resta coragem! Coragem e aquilombamento. Às vezes precisamos ser sagazes, igual Andina Magnólia, personagem do conto: “o sagrado pão dos filhos”, presente na obra “histórias de leves enganos e parecenças” de Evaristo (2017). Ao tempo em que, acompanhar uma criança se desenvolvendo representa um manifesto de transgressão, criar e educar crianças e adolescentes representa um dos maiores desafios que qualquer pessoa possa ter vivenciado!

As pessoas dizem: *o cabelo do teu menino não é bom. Falam para cortar e as vezes parte da própria família. Eu não suporto isso!* – relata Catianne Reis, em uma de nossas conversas – *Quando pequeno, muitas vezes, tive que cortar. Esse cabelo é uma construção de identidade. Hoje em dia ele fala: meu cabelo é lindo, eu amo meu cabelo* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022). Falar de construção da identidade negra, é falar de cabelo. Uma das minhas estratégias para valorizar a negritude do meu filho tem sido deixar o cabelo crescer, e nesse processo tenho ouvido muitos comentários do tipo: corta esse assanhaço; está parecendo ninho de João congo; o barbeiro precisa comer. Nossas crianças negras precisam de autoestima, embora ele ainda seja um bebê, sei que de algum modo o racismo já o afeta. Ouvi de Bastos<sup>100</sup> (2021, p. 334) que “a criança negra sente que seu corpo e seu cabelo não recebem o mesmo afeto”.

<sup>100</sup> Deh Bastos é comunicadora e explica como e por que priorizar uma educação antirracista nos perfis de Instagram: @eudehbastos e @criandocriançaspretas.

As lembranças que tenho do meu cabelo, na infância, estão diretamente ligadas a dor. Nunca gostei dos penteados de maria Chiquinha com tranças repuxadas, sempre muito bem apertadas para não deixar um fio solto. Cresci acreditando que meu cabelo era um liso armado. Tudo tinha que estar diretamente ligado ao cabelo liso. Quantas vezes cortei para como diziam: *abaixar o volume*. As frases *cabelo de brilhantina*, *assanhaço* e *ninho de João congo*, muito ouvidas na infância, sempre rondam meus pensamentos quando estou a cuidar do cabelo dele. “Não se trata apenas das crianças de hoje, mas também das feridas que ficaram abertas nas crianças de ontem” (Bastos, 2021, p. 308).

*Meu filho tem o cabelo black, ele brincando na rua, pegaram o cabelo dele, molharam e puxaram. A gente sabe o quanto isso é violento, uma criança negra com um tipo de cabelo específico que não é público. Não é pra ficar pegando! Ele voltou chorando pra casa* (Giras de Escrivências, Teams, 2022). Ao ouvir esse relato de Cati, ficamos a pensar: como conversar com nossas crianças sobre cabelo? Como falar sobre o racismo? O que dizer sobre o amor e o afeto que seus corpos receberão e as várias maneiras como este afeto chega? Um amor e um afeto não ocidentalizados, sem romantizações.

Eu queria que a Suelen me visse no palco. Queria que ela sentisse orgulho de mim. Eu queria me orgulhar. Mostrar pra ela e para mim mesmo que a nossa vida não é só dificuldade, que a gente também pode sorrir, né? – nos conta Micheline (Larissa Luz) no filme “Beleza da noite” e continua – Eu só queria que a minha filha tivesse inspiração para ela ser o melhor que ela pode, mesmo que o mundo diga que não. “Beleza da noite” é um filme que traz em seu enredo uma das maneiras de existir das maternidades negras. Conta a história de uma jovem periférica, que ao presenciar sua filha escolher como presente uma boneca branca, decide participar do concurso da Beleza Negra como uma forma de inspirar a pequena Suelen, sua filha, a valorizar sua beleza. Uma história de dificuldades, amor e valorização, entre mãe, filha e avó. A valorização da cultura negra como uma maneira de regatar sua existência.

Acreditamos muito no poder da representatividade. E as referências, elas precisam começar desde a infância. Filmes, desenhos, músicas, brinquedos que os/as façam se sentir representados/as e que valorizem a cultura negra. Quais as preciosidades da infância negra? “O melhor que podemos fazer é construir um legado de referências aos nossos filhos: tão importante quanto ser negro no Brasil é saber o que significa ser negro no Brasil. É a construção de uma educação que conte às crianças sobre potências do nosso povo” (Bastos, 2021, p. 306).

Quero que ele conheça uma história diferente da que foi contada para mim. Me ponho a pensar juntamente com Deh Bastos: o que vou contar para o meu filho a respeito da nossa história? Como vou construir esse mundo de referências para ele e para outras crianças?

(Bastos, 2021). Como criar um lugar seguro e bonito para nossas crianças e adolescentes negros/as?

Meu filho mesmo, eu sempre digo a ele: *se você sofrer racismo na escola e não tiver como se defender, chame alguém, fale com a diretora, com o professor* – Nos conta Ana Paula Oliveira, e continua:

*Tento fazer com que ele leia livros voltados para estas temáticas. Estas questões que a gente acha que não é pra criança, é pra criança sim! Meu menino, ele ler livros literários que trazem abordagens sociais. Ele vê a forma como a polícia entra na nossa comunidade, ele vê a forma como a polícia aborda brancos e como nós somos abordados. Eu já estou preparando-o. Nessas brincadeiras, olha a situação que o Brasil está. Olha o racismo, a intolerância religiosa. Olha o que fizeram com a Mãe Estela de Oxóssi, lá em Salvador. Sem falar nos incêndios aos terreiros. Tem coisas pequenas que a gente tem que rebater* (Giras de Escrivências, Teams, 2022).

Fiquei dias pensando neste relato de Ana Paula e nas provocações e falas de Núbia Santos: *O que é ser mãe de uma criança negra? O que é estar sempre com a espada do racismo na cabeça? É ficar o tempo inteiro pensando em como lidar quando esse episódio chegar, porque ele sempre chega* (Maternidades [...], 2022). Como não lembrar dos “guris de Dolores Feliciano”, personagem do livro: Histórias de leves enganos e parecenças? Dos três filhos, ela sentiu a antecipação do luto: “Senti o luto antecipado. No trabalho dizem que ele não chegou e na escola nunca mais foi visto. Na lembrança que tenho do último abraço, vejo a imagem dele se aproximando de mim” (Evaristo, 2017).

É exaustivo e preocupante pensar nestas questões, sobretudo quando sabemos que a responsabilidade, em 90% dos casos, recai sobre as mães, quando sabemos onde a política de morte opera e a grande omissão do estado nessa conjuntura. Como não pensar nos atravessamentos destas maternidades para a vida de mulheres negras? Lidar com o racismo é um fardo muito pesado para o dia a dia de mães negras, de mães de filhos/as negras, sendo que essa responsabilidade é de quem o criou e o alimenta. Ou seja, precisamos entender que criar uma criança negra e ser antirracista não são papéis exclusivos das maternidades negras. É um dever de todos/as! Mas continuamos abrindo portais e fissurando este sistema.

Compartilho com você, através deste arquivo em *QR code* (Figura 20), “cinco dicas práticas de como criar crianças antirracistas” as quais fazem parte de um dos *posts* do perfil de instagram da Deh Bastos, @criandociacaspretas. Um perfil criado para explicar como e porque priorizar uma educação antirracista. Nosso convite vai para todas as pessoas que são responsáveis pela criação de crianças. E aqui não estamos atribuindo este papel apenas às mães, mas também aos seus pais e responsáveis.

Figura 20 – Cinco dicas para criar crianças antirracistas, QR Code



Fonte: Criandociãscaspretas (2022).

Estas dicas da Deh, me fizeram lembrar do livro de Chimamanda Ngozi Adichie: para educar crianças feministas. Uma carta escrita para sua amiga que tinha se tornado mãe. Um mapa de suas próprias reflexões sobre feminismos. Ela aborda conselhos de como oferecer uma formação igualitária para crianças. *É importante saber como socializar menino e meninas* – nos diz Catiane– *Eu tenho um menino de 16 anos que coloco para lavar prato, passar pano. A gente tem que pensar como as crianças são socializadas. Eu socializei os meus filhos para eles entenderem que precisam fazer tudo e que não tem isso de menino e menina* (Teams, MãEscrivivendo, 2022).

Lembro-me que na gestação fui bastante questionada por não querer fazer chá revelação. Não fazia sentido querer definir através de cores (rosa e azul) o sexo do meu filho. Para mim não tem essa de rosa para menina e azul para menino. São cores e ponto! Por vezes me senti um extraterrestre. Todos os dias uma postagem nova no Instagram, de gestantes fazendo chá revelação. O problema não está no chá revelação, mas na maneira como ele é estruturado para determinar os comportamentos de uma criança. As invenções dos papéis de gênero para uma criança que não nasceu ainda! *Para minha filha eu não comprei nada rosa (risos). Eu fiz o enxoval dela de cacto* – relata Catianne (Teams, MãEscrivivendo, 2022).

Usei muitas roupinhas que ganhei, “didas de meninas”, em meu filho. Aqui no interior nós costumamos receber e dar roupinhas usadas para crianças. É uma relação de apoio entres mães, que nasceu décadas atrás, quando as condições eram muito difíceis e que se estende aos dias atuais, auxiliando nas nossas despesas. Recebi e ainda recebo muitas roupinhas, foram estas redes de apoio que seguraram minhas mãos por muitos meses. Muitas destas roupinhas eram rosas ou tinha detalhes que as pessoas identificavam como de menina, mas eu optei por não ter esta restrição com meu bebê.

Certa feita, comprei um macaquinho verdinho, com alguns cactos, para ele. No primeiro dia em que usei, disseram: -- “Oxente! isso é roupa de menina. Esse aí vai ser um homem daqueles. Eu vou comprar uma roupa de macho para ele”. Às vezes, faço a mesma reflexão que a Chimamanda Adichie se fez: Por que não organizar as roupas infantis por idade e expô-las em todas as cores? Afinal, todos os bebês têm corpos parecidos.

Nunca me esqueci das vezes que brinquei com os carrinhos brilhantes, engenhocas que meu avô Erizinho e o finado Dada fazia com latas de óleo. E o quanto fui chamada de machinho ou molecote. *Minha filha só brincava de carrinho, o povo estava se incomodando e chegaram até dar uma boneca para ela.* Nos conta Cati e continua:

*Meus filhos brincam de tudo e eu valido o sentimento deles. Quando quer chorar eu falo: chore, chorar é coisa de gente que tem sentimento”. Uma vez meu filho foi brincar de boneca com as meninas e elas disseram que não podia. Ele disse: oxente, e homem não vai ser pai não? Não vai ser pai não? Isso aí é o que, machismo. Fiquei aliviada. É muito recorrente baterem nele. Só se respeita aquele menino que é dado como machinho, o que joga futebol, o que bate. Eu já me frustrei com a criação dos meus filhos muitas vezes, mas tem vezes que penso estar caminhando em uma direção certa (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).*

Fácil não tem sido! É ir de contra a toda uma cultura patriarcal e racista enraizada há séculos. Entendemos que começar a romper com os paradigmas dos papéis de gênero, desde a infância, é um caminho para pensarmos em futuros pais preocupados e abertos para assumirem a parentalidade (hooks, 2019) – os cuidados, criação e educação para com os filhos/as, caso venham a ser pai – bem como uma estratégia de desmonte da misoginia. Sem contar que “se não empregarmos uma camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a ela espaço para alcançar todo seu potencial” (Chimamanda Adichie, 2017, p. 26). Os meninos que são socializados a entenderem suas responsabilidades, independente dos papéis predeterminados socialmente pelo sexo, tendem a se tornarem adultos mais conscientes.

“O modo como socializamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinaamos que não podem ser fracos” (Adichie, 2015, p. 29). Acho bonito e necessário quando Cati chama atenção para a validação dos sentimentos das crianças. Corriqueiramente ouvimos: ah, homem não chora; chorar é coisa de menina; sei não em esse menino está muito “frufu”. Existem duas máximas: essa criança ela será rotulada a partir de atitudes homofóbicas, ou seja, a sociedade colocará em xeque sua orientação sexual, reforçando uma masculinidade tóxica; e sendo um menino negro, ele será estereotipado pela máxima racista de ser forte e ter que aguentar tudo. O racismo e o sexismo atuando lado a lado.

Meu filho tem duas bonecas lindas, lá da @bonecanina – são confeccionadas em tecidos, por Fabiana Gerlad, ótimas opções para reafirmar a identidade negra de nossas crianças – Uma é a Moana e a outra o Príncipe Preto. Fizemos questão de aproximar o máximo da aparência dele, a textura do seu cabelo cacheado e crespo. A representatividade vale ouro! Aprendi com Deh que crianças negras precisam de representatividade, precisam sonhar, precisam de autoestima, de futuro. Está dando certo, Mary? Não sei! Seguimos tentando.

Os melhores momentos da minha vida foram quando me senti representada. É uma sensação de prazer, de estar viva, de poder sonhar. Eu queria ter sido ensinada, quando criança, a gritar, a dizer dos meus incômodos e não a ser uma menina boazinha que aceita tudo. Talvez assim, conseguisse me livrar dos abusos. Talvez assim, não tivesse passado uma vida tentando agradar as vontades dos outros. “Ensinamos as meninas a serem agradáveis, boazinha e fingidas. E não ensinamos as mesmas coisas aos meninos” (Adichie, 2017, p. 48). Já pensou nas consequências desses ensinamentos?

*Dizem que depois que tive uma filha fiquei muito sensível. A gente sabe que vive em uma sociedade desumana. Quando eu ouço falar de abusos, fico, fico, fico com um medo, um receio. Como vou criar essa menina em um mundo machista? É diferente! Recentemente aconteceu abuso em minha família. Só de pensar em qualquer tipo de violência me assusta. Tem certos tipos de violência que só o corpo feminino vivencia. Eu perguntei para minha mãe como vou criar ela. E ela disse: como eu te criei, tendo cuidado e explicando as coisas. Já estou ensinando as partes do corpo a ela, para ela saber dar nomes. Eu morro de medo, é angustiante (Giras de Escrivências, Teams, 2022).*

Isso é sério, muito sério! Todos os dias perdemos uma, mais de uma companheira para o feminicídio. Nosso corpo mulher não tem sido desrespeitado desde a infância. A violência psicológica, moral, física, patrimonial e sexual existe e afeta grande parte das mulheres brasileiras desde o Brasil colônia. Quando descobri minha gestação, desejei que fosse uma menina, mas logo percebi que não estava preparada para lidar com o machismo e o racismo caso tivesse uma filha.

*Vocês acreditam que meu menino pequeno é machista, com cinco anos, e não é da educação que eu dou a ele? Ele diz assim: varrer casa é coisa de mulher. Lavar prato é coisa de mulher. Vejam, uma criança de cinco anos.* Narra, Ana Paula, e continua – *Olha o quanto o machismo e o racismo, são cruéis até com crianças. Se são cruéis com uma criança do sexo masculino, imagina com uma menina? É uma questão social que parece que estou nadando, nadando e morrendo na praia. Às vezes me bate uma angústia* (Teams, MãEscrivendo, 2022). “O problema das questões de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos” (Adichie, 2015, p. 36). Hoje minha preocupação é educar um menino

para ser antissexista. Tarefa bastante difícil, por ainda termos muitos braços institucionais que fortalecem a perpetuação das desigualdades e violências.

“Elogiamos a virgindade das meninas, mas não a dos meninos. Ensinamos as meninas a sentirem vergonha. Ensinamos que nos relacionamentos, as mulheres é quem abrem mão das coisas” (Adichie, 2015, p. 34). Ensinamos as meninas a brincarem de mamãe e filhinho ainda no auge de sua infância. Dizemos que a responsabilidade com os cuidados do bebê, é da mãe. Sou mãe de um bebê, mas as vezes parece que tenho cinco filhos. Agora imaginem quem tem dois, três, quatro. Estou tentando desaprender sobre a culpa materna, o instinto materno. Eles não são nossos. Amar e cuidar é processual e qualquer ser humano pode aprender. Mas somos criadas para internalizar que nascemos com estes “dons”. E com isso vivemos maternidades e maternagens extremamente sobrecarregadas.

*Eu tenho experiencia de três. Um rapaz de 17, que estou vivendo a adolescência; um de 8 que tem imperatividade, eu sou mãe negra de uma criança com imperatividade; e tenho uma bebê. São diferenças muito grandes de um para o outro* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022). Catiane vive a maternidade negra atípica e nos conta como lida com as inúmeras adversidades. Consegue imaginar as especificidades destas maternidades? Enquanto conversávamos, ela nos conta um pouco da sua rotina: *HT não para um segundo. Ele é um menino imperativo. Ele faz acompanhamento, eu falei para a terapeuta que aprendi a controlar minha ansiedade lidando com HT. Acolher ele do jeito que ele é, me mudou* (Giras de Escrevivências, Teams 2022).

Glaucia Batista, assim como Catiane, é mãe atípica. Em seu texto “Diversamente mãe”, diz que “existe um custo na maternidade atípica. Ela basicamente se distribui no tempo adicional que dispenso tentando estabelecer estratégias de controle sobre nossas demandas tais como”:

Garantir uma educação inclusiva, cumprir os horários das terapias, garantir meios de deslocamento, otimização da energia e da disposição das crianças durante as sessões, equilibrar toda a minha carga mental e não deixar que essas preocupações atrapalhem minha rotina de trabalho e de saúde (Glaucia Batista, 2021, p. 186).

Confesso que ainda estou na fase inicial das descobertas. Será que meu filho tem Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem? Será que ele tem transtorno do espectro autista? Será que não consegui proporcionar os estímulos adequados? O que deveria ter feito? O que fazer? Como? Por que ele é diferente? Seria consequência da não socialização em decorrência do contexto pandêmico? São muitas as questões que nos atravessam quando percebemos que nossos filhos apresentam diferenças. Foi convivendo e trocando experiências

com estas mulheres da rede que aprendi a assuntar meu filho e me assuntar. Descobri minha maternidade atípica. AP tem surdez bilateral e estamos acompanhando para uma possível TDL ou TEA.

Aprendi a observar os detalhes. As crianças que participam da rede MãEscrevivendo, muitas tem idades aproximadas a do meu filho. Sei que o tempo dele é outro. Ser mãe atípica de uma criança negra me deixa bastante apreensiva e ansiosa. As poucas vezes que saí com ele senti aquilo que sempre Catiane Reis e Glaucia Batista<sup>101</sup> falavam sobre viver a maternidade atípica. Os olhares, as perguntas, os incômodos. Criar crianças negras atípicas é se conectar com medos parecidos. Só queríamos que essas crianças, se um dia se perdessem na rua ou saíssem correndo por ela, tivessem o mesmo acolhimento que as outras crianças, o mesmo acolhimento que os jovens brancos têm. Crianças ou adolescentes atípicos apresentam comportamentos diferenciados, alguns espontâneos e incontroláveis por eles. Sabemos que antes de pessoas identificarem qualquer condição de pessoa com deficiência, eles são negros e, na nossa sociedade, isso vem em primeiro lugar.

Só queremos que nossos/as filhos/as vivam bem e felizes, sendo como eles são. Essas são questões que passam por várias dimensões: educação, saúde, moradia, família. E falar de saúde me remete a realidade das nossas maternidades sertaneja e interiorana. Nós, mães e famílias que viemos e somos de classe baixa, recorremos ao Sistema Único de Saúde desde as primeiras experiências com a gestação até os acompanhamentos com os/as filhos/as. Nas cidades pequenas e interioranas muitos são os tratamentos e acompanhamentos realizados na capital. Há um déficit de profissionais, sobretudo, para a primeira infância: otorrinopediatra, neuropediatra, cirurgões infantis, dentre outros.

Morar no interior e depender do SUS é sinônimo de desgastes. Acordamos de madrugada, enfrentamos filas e filas na secretaria de saúde, entramos para regulação e, na maioria das vezes, somente meses depois conseguimos atendimento. Ficamos 10 meses aguardando a regulação do município chamar para realização de audiometria e acompanhamento com otorrinopediatra em Salvador, BA. Então sim, classe e territorialidade são intersecções que não podem ser desassociadas dos demais marcadores sociais da diferença quando discutimos sobre maternidades.

Falar e vivenciar as maternidades é inevitavelmente esbarrar nos atravessamentos e intersecções de gênero, raça, classe, territorialidade, geração, sexualidade etc. Ela me coloca de frente com questões caras para nós. É um terreno que nos dá régua e compasso para assuntar e entender as relações sociais, históricas e culturais. Embora seja extremamente exaustivo

---

<sup>101</sup>No perfil do Instagram de Glaucia Batista: @humaninhostdl, ela narra sua experiência com a maternidade atípica.

assumir esta sobrecarga. E quando trazemos família como uma dimensão importante, como um lugar de responsabilidade, estamos dizendo que esta onda é muito grande para segurarmos sozinhas enquanto mães.

*Na próxima encarnação eu quero ser pai. Tem pessoas que dizem: teu marido te ajuda, ele é maravilhoso. Nos conta Cati, e continua – Não, gente! A responsabilidade é de ambos. Certa vez meu colega disse: “eu vou chegar do trabalho e ainda olhar filho?” Ué, mas a mãe também trabalha. Ele tem que ser responsável dentro da parentalidade do educar, criar e cuidar do seu filho* (Teams, MãEscrivivendo, 2022). Porque sempre que o homem realiza alguma atividade doméstica ou de cuidados com o filho, elogiamos ou consideramos como ajuda? “Ao dizer que os pais estão “ajudando”, o que sugerimos é que cuidar dos filhos é território materno, onde os pais se aventuram corajosamente a entrar” (Adichie, 2017, p. 20). Ajudar significa um favor que se presta a alguém, uma ação de assistir a alguém, de socorrer. Ajudamos alguém a finalizar um trabalho porque aquele trabalho é responsabilidade dela. Fomos criadas/os a entender que cuidar de filhos/as, cuidar da casa é um trabalho apenas feminino e, por isso, dizemos: ele ajuda. Não! Ele assumiu o seu papel de pai. “As mulheres e a sociedade como um todo geralmente consideram o pai que divide de maneira equitativa a parentalidade um caso único e especial, e não a representação do que deveria ser a norma. Esse homem é visto como se estivesse assumindo um papel “maternal” (hooks, 2019, p. 201).

No início deste ano precisei ser firme. Negociar as férias do trabalho “materno” nunca foi fácil diante de uma sociedade que instaurou o cuidado como atribuição feminina. Era o momento de tentar colocar em prática a aldeia. Testar a perspectiva parental ensinada por Hooks. Era início de janeiro, estava extremamente sobrecarregada, em reta final do mestrado e precisando escrever a dissertação. Imaginem o desespero dessa mãe com uma cria de 1 ano e 11 meses, em fase de descoberta do mundo. Tinha consciência que estava muito atrasada e precisava de um tempo sozinha. Não se tratava de escolha ou opção, era a necessidade nua e crua de rede de apoio para finalizar um sonho, a conclusão do mestrado.

A sua ida foi o momento mais difícil desta decisão. Eu sempre soube que ele estava ali ao lado, mas a quilômetros de distância. Na capital, era a primeira vez. A verdade é que fiquei me sentindo extremamente culpada. A famosa “culpa materna”, somos condicionadas a senti algo que não nos cabe. Cadê a mãe? Essa foi a primeira pergunta. E uma série de outras tomaram conta do WhatsApp: Tu o deixaste com o pai? Com a família paterna? Ninguém vai acreditar que em pleno janeiro você vai ficar estudando, é férias; Mãe não tira férias; Eu disse que fazer mestrado com criança pequena era loucura; tu não ficou com pena do bichinho não? Vou ser

sincera para vocês, se fosse na graduação eu teria trancado ou deixado para o próximo semestre, como muitas das mães que estão na rede foram obrigadas a fazer.

Foi a melhor experiência que ele pôde viver: o contato com outras pessoas, o estabelecimento de vínculo com familiares, a liberdade de viver e o rompimento do cordão umbilical que ainda não havia acontecido. E confesso, me senti muito aliviada. Ele foi para a família paterna, voltou, foi para a família materna, voltou. E assim, em movimento colaborativo, fui tecendo esta escrita.

Ter uma conversa, recentemente, com o pai do meu filho, foi fundamental para que ele entendesse e assumisse sua responsabilidade. Embora tenha convivido com o patriarcalismo, ele vem de uma família negra onde seus pais sempre compartilharam as atividades, sempre precisaram sair para trabalhar, enquanto ele assumia a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos. Ele sempre diz dos ensinamentos de sua mãe: *entre a gente, para sobreviver todo mundo come, lava, passa, cuida*. Do lado de cá, eu também não arredo o pé quando o assunto é inequidade, desigualdades, sobrecargas. Conversar sobre estas questões, com homens, é importante para a construção de uma sociedade mais equitativa e que compreenda o papel que cabe aos pais. E aqui abro um parêntese para dizer que, embora estejamos falando das responsabilidades de pais, das armadilhas do sexismo, é necessário um olhar atento para os atravessamentos que as estruturas racistas impõem sob a vida de homens negros com filhos, carecendo de outros diálogos.

Tenho um colega de turma do MPED que se tornou pai no início de 2022. Em uma de nossas conversas ele disse:

Agora eu estou vivenciando integralmente a paternidade: cuidando dele, alimentando, dando banho. É cansativo, mas a própria experiência de paternidade tem que ser essa, não tem como ser de outra forma não. Eu sempre me responsabilizei porque eu sou pai, não sou ajudador, sou pai dele. É cansativo e sem querer romantizar, é satisfatório também. Tem esse lado do cansaço. À noite, quando eu tento pegar no computador para escrever alguma coisa já estou exausto, morto. E mesmo quando ela assume, tem que ficar um auxiliando o outro (Conversa de WhatsApp, 2022).

Durante uma conversa e outra entre as mães da rede, embora em quantidade bem menores, foi possível identificar um avô, um tio, um pai que participam na criação. Muitas seriam as leituras feitas a partir deste relato. Uma delas seria a ideia de pão. “Ah, ele está sendo pão”. Não, não está. Ele está sendo pai. Dizer que este homem é pão é dizer que a responsabilidade é da mãe e ele está assumindo esse papel. Uma concepção que a própria noção da maternagem atribuída a mãe, introduziu no nosso imaginário. Agora pense em uma mãe solo e aquela frase clichê: *ela é uma guerreira, está sendo mãe e pai*. Não! Ela é uma mulher sobrecarregada assumindo sozinha papéis que não cabe a ela. Precisamos parar de naturalizar este lugar das maternidades. Não damos

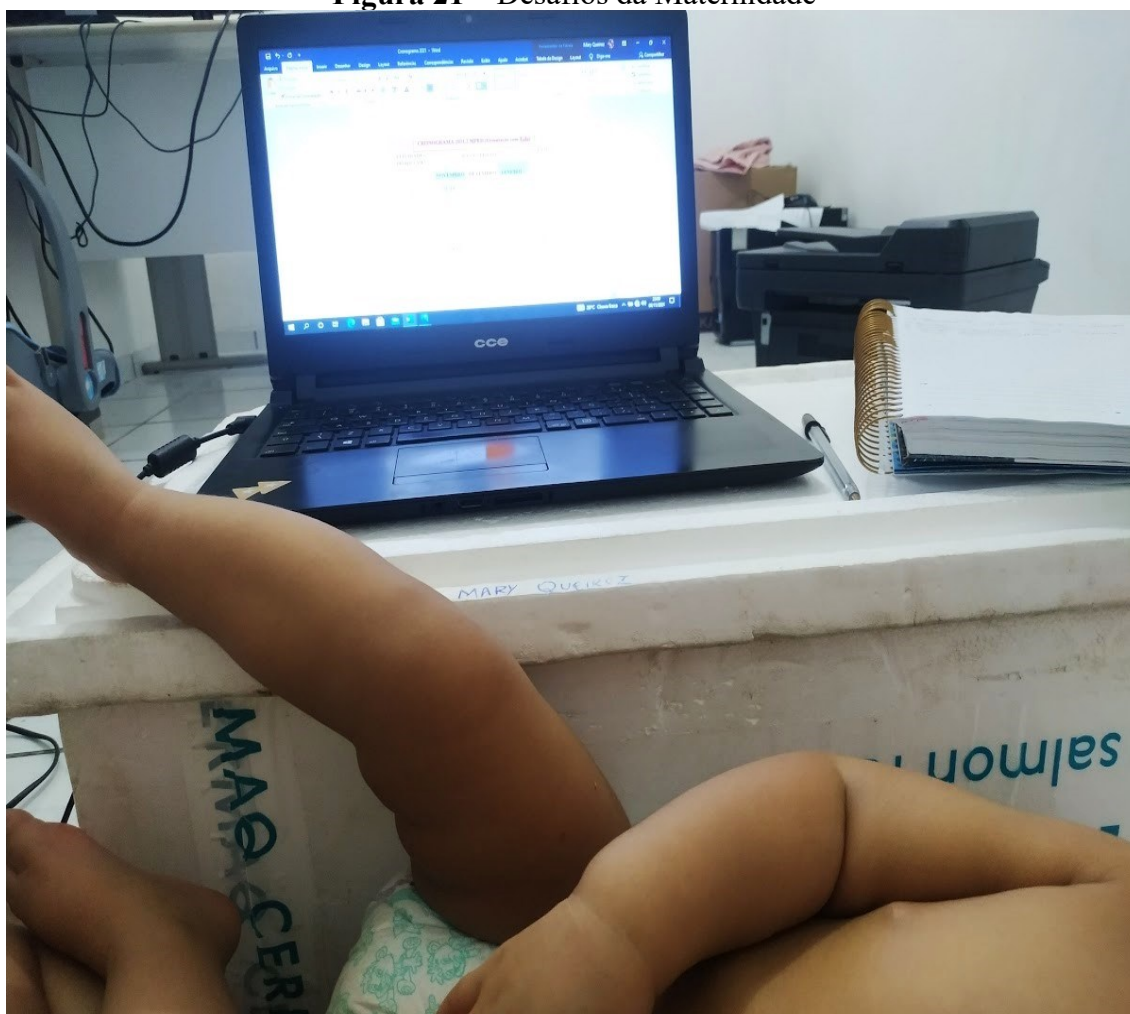
conta de tudo! “Nossa cultura enaltece a ideia das mulheres capazes de “dar conta de tudo”, mas não questiona a premissa desse enaltecimento” (Adichie, 2017, p. 17). Cansada de equilibrar ovo na colher.

Aqui nós percebemos a importância de discutir maternidades em diálogo com homens, mulheres, com pessoas que não são mães. Entendendo em conversa com bell hooks a importância da participação dos homens na luta contra as opressões sexistas (Hooks, 2019). Trazer a paternidade para perto e construir estratégias para borrar os paradigmas histórico-culturais repensando o cuidado, a criação e a educação de filhos/as a partir da concepção de “parentalidade”. Como? Vamos pensar juntas/os. “Os homens só dividirão a parentalidade de maneira equitativa quando forem ensinados, de preferência desde a infância, que a paternidade é tão importante quanto a maternidade, que ambos possuem o mesmo significado” (hooks, 2019, p. 200). E sairmos do lugar do silêncio, para o lugar das possibilidades, é o primeiro passo. Precisamos discutir a paternidade não sexista e a maternidade não romantizada para caminharmos na construção de uma compreensão das parentalidades como práticas efetivas.



**4 “SER MÃE UNIVERSITÁRIA FOI UM DOS MAIORES  
DESAFIOS QUE JÁ ENCONTREI”:  
CARTAS PARA A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA  
BAHIA**

**Figura 21 – Desafios da Maternidade**



Fonte: Arquivo pessoal, MãEscrevendo, 2022.

- Oi meninas, estão por aí? Ontem fui para UNEB debaixo de chuva e exausta de horas de produção com criança no peito, para entregar trabalhos, sempre com atraso.
- Fala não, viu. Hoje eu quase não consigo tomar banho, cheguei da UNEB o menino estava acordado, não dormiu ainda e amanhã eu tenho seminário.
- Oi meninas, estou fisicamente exausta. Meus filhos estão cobrando atenção e eu não tenho como dá nesse momento.
- Oxe, eu peguei seis disciplinas, mas só consegui prosseguir com quatro. Cheia de trabalho, leitura pra fazer, bebê nascendo dente. Financeiro, emocional e físico bagunçado por aqui.
- To aqui, morta. Tive que levar meu filho pra universidade, sair da sala várias vezes e ainda tive que trocar ele em um banco no corredor.
- Eita, não ter trocador é horrível, essa semana eu troquei a minha em pé. E também acho que a sala toda já viu meu peito.
- Affs... Ontem eu chorei na universidade, chorei de cansaço. Chorei por não sentir que aquele é meu lugar, um lugar para mães.

- *Eu tive uma professora que me expôs várias vezes, sua lacração favorita era afirmar que ali não era o meu lugar, que estava na hora de eu ser mãe e não universitária.*
- *E um professor que disse que minha filha tinha que esperar eu terminar meu TCC, que isso que era prioridade. Como se tivesse um botão para desligar a criança. Enfim tranquei o componente.*
- *Desista, você não vai conseguir, foi isso que ouvi de uma profissional. Nossa, meninas, muito do que vocês falaram já aconteceu comigo.*
- *Minha gente, eu com 3 meses de parida, estagiava com minha filha no carrinho. E pra completar a professora disse que ia me entregar para o conselho tutelar.*
- *Por isso que sempre senti a falta de movimentos que dessem voz as mães universitárias. É essencial a gente receber um carinho, afeto, respeito.*

(Giras de Escrevivências de WhatsApp, 2022).

Queridos e queridas estamos em uma noite quente de outono, propiciadas pelo mês de abril. Nunca vi um outono tão quente! Não demora a esfriar, para que lá fora, a boniteza floresça entre os espinhos. É ela, a flor de mandacaru, que espera o cair da noite para brotar entre os caminhos afiados da vida. Embora estas cartas tenham sido escritas para vocês em um outono, elas mergulham e brotam em todas as estações, sem data e hora marcada.

Tomemos estas cartas como uma continuidade de todas as conversas que tecemos até aqui, através das cartas anteriores, uma vez que, ela representa a realidade de mães que compõem a universidade e nos auxiliam a pensar em espaços mais acolhedores e equitativos, bem como evidencia os aprontares de estudantes mães universitárias em suas trajetórias acadêmicas. É válido salientar que, os impactos que as maternidades causam na vida acadêmica de nós, mulheres mães estudantes aqui representadas, está diretamente ligado às intersecções de etnia/raça, classe, territorialidade, sexualidade, entre outras. Portanto, não se trata de um fenômeno isolado. O ponto de partida, para nós, diz muito sobre a chegada e, sobretudo, sobre este lugar da permanência.

Tomemos estas conversas, registradas acima, que aconteceram entre as madrugadas do grupo de WhatsApp MãEscrevivendo, como uma fotografia de corpos de estudantes, que transitam todos os dias por entre as avenidas da universidade, com a mochila sobrecarregada de maternidades, afinal, ser estudante, com filhos, nunca foi fácil! Aliás, ser mulher mãe, em qualquer, área nunca foi fácil. Como estão os atravessamentos das maternidades de vocês? São muitos, os nossos gritos de socorro, não é mesmo? É preciso tirar a farda da supermãe e entendermos que não damos conta de tudo. *Às vezes só queremos nos trancar no banheiro e respirar, tomar um banho demorado, cuidar do nosso corpo. Às vezes, só queremos ser ouvidas* (Giras de Escrevivências, GP WhatsApp, 2022). Por isso sigo insistindo: a conscientização para

o papel da paternidade, para o papel da parentalidade na nossa sociedade brasileira, é urgente.

Talvez estas cartas cheguem a alguém que esteja sobrecarregado com a paternidade. Se sim, estamos abertas ao diálogo. Queremos pensar juntas/os em um espaço universitário que permita o acesso, a permanência e progressão de estudantes com filhos/as. Nesse momento, entendemos que, pela própria dinâmica social, cultural e histórica da sociedade, onde a responsabilidade do cuidado para com os/as filhos/as recai sobre as mães, como apontam pesquisas no Brasil e no mundo, a sobrecarga materna se expressa com mais ênfase no espaço universitário, carecendo de um olhar cuidadoso para com este público e a partir desse movimento estabelecer diálogos com a paternidade e parentalidade.

Assim como aponta Mithaly Corrêa *et al.* (2021, p. 2), em suas pesquisas, “a confluência de fatores que atravessam a vida de discentes mães, tais como a falta de redes de apoio, a conciliação da maternidade com o trabalho e a falta de assistência institucional, constituem fatores que colocam a discente mãe em uma posição de vulnerabilidade”. *É muito difícil!* – como nos conta Fabiana Cardoso – *Somos uma só, mas parece que tem que se fragmentar para dar conta de tanta coisa. Às vezes a gente fala: toma isso aqui um pouquinho e me deixa em paz porque eu não estou mais aguentando* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Faço um convite para entrarmos na rotina de mães estudantes. Uma rotina criada com base nas experiências de algumas de nós, MãEscrevivendo: Três da manhã, artigo acadêmico em andamento. Levanto, tomo um banho, coloco o celular para despertar e vou dormir. Seis da manhã. Levanto, apronto o café. Hora de acordar as crias. – Gustavo, tome banho e dê banho no seu irmão.

A caçula tem três anos e está na creche. Visto a roupa dele e, enquanto tomo banho, eles tomam café. Às vezes não dá tempo de tomar café. Deixo o menor na creche e então vou para meu trabalho enquanto estagiária do IEL, assumindo uma turma de 20 crianças do quarto ano, quinta série. Chego em casa às 12h45, depois de ter passado na casa de minha mãe e pegado o Gustavo. Às vezes almoço lá pra tentar adiantar alguma atividade antes da aula. 14h00 estou na universidade, chego correndo. Às 16h00, preciso sair – antes do fim da aula – para pegar o menino na creche. Deixo as crias na casa da avó, às vezes em casa sozinhos, e vou para um quiosque, à noite, onde vendo pastéis. As contas não fecham no fim do mês e o menor faz tratamento todo mês. Tem oito meses na regulação do SUS, esperando ser chamado. Chego em casa às 23h00. Preciso escolher entre dar atenção às crianças, descansar meu corpo e minha mente, arrumar a casa ou cuidar nas demandas da faculdade. Dia seguinte, prazo final para entrega do artigo. Não dei conta.

Recentemente recebi a foto de uma estudante com um bebê em seu colo. Ela estava sentada ao lado esquerdo da sala, enquanto sua bebê de 6 meses estava incansavelmente grudada ao seu peito, mamando. Seus ombros estavam arqueados para baixo e seus olhos aparentemente cansados. Ela havia saído do povoado onde mora às 11h30, precisava pegar dois transportes para chegar à universidade no horário de aula da tarde. Seu companheiro trabalha na capital e só acompanha sua rotina a cada quinze dias ou um mês. Nem sempre é possível deixar sua bebê com alguém, então ela prefere levar. Duas bolsas, uma bebê e uma porção de pessoas para julgá-la ou naturalizar aquela cena. Seu sonho: dar melhores condições de vida para a tia que a criou e abrir caminhos para sua filha.

Enquanto isso, em outra cidade, às 12h40, acompanhamos mais uma rotina corrida. Ela havia saído do trabalho atrasada, deu um beijo no pequeno, almoçou correndo e foi para universidade. Chegou de volta às 17h30. Seu braço direito? Sua mãe. A noite era momento de dar conta da criança, das atividades atrasadas, dos planejamentos escolares. A cria dormiu às 00h00, tudo que ela queria era descansar, mas seu dia ainda não havia acabado, embora já fosse o dia seguinte. Chegando na universidade, nos deparamos com uma criança correndo os quatro cantos da sala, nestas horas nós oferecemos tudo que vemos pela frente. Nossos materiais de estudo viram brinquedos. Nós viramos nos trinta para mantê-la com menos interferência. Impossível, né? *Dia de quarta-feira, eu tenho uma disciplina na UNEB que eu curso História e levo minha filha. Chegando lá, ela fica pendurada no peito. Acho que a sala toda já viu meu peito (risos). Fica pendurada no peito, tira o peito, quer o peito. É um processo, sabe?* Nos conta Catianne Reis (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Só quem passou e está passando pela fase da amamentação<sup>102</sup> sabe o quanto ela é delicada. Para algumas, prazeroso, para outras, exaustivo, ou quem sabe as duas coisas ao mesmo tempo. E aquele cheiro forte de leite? Me conte. O fato é que viramos um “peito ambulante”, exatamente assim, Lícia Barbosa, como você nos relatou em banca de qualificação. Comemos, dormimos, estudamos, andamos, escrevemos e até tomamos banho amamentando. Na “rede” nós temos algumas mães em fase de amamentação e desmame. É nítido o quanto esse processo interfere. Privação de sono, cansaço e dependência. Amamentei meu filho até 1 ano e 10 meses. Perdi a conta das vezes em que precisei produzir ou participar de algo com ele no colo e no peito. Quantas vezes viramos estátuas, congelamos nossos braços ou pernas para que a criança não acorde e possamos dar continuidade no que estamos fazendo? Sem contar na famosa fase do desmame.

---

<sup>102</sup>“Desde maio de 2017, uma portaria do Ministério da Educação garantiu o direito à amamentação nas escolas, universidades e outras instituições federais de ensino, mesmo se não houver equipamentos ou ambientes exclusivos para esse fim” (Universidade Federal Fluminense, 2019, p. 6).

*Eu ainda não consegui tirar o peito dela, sabe? Gente, eu estou na fase do TCC e eu penso assim: eu vou tirar o peito agora, todo um processo, como eu vou produzir com esse processo dela se adaptar. (Suspiro) Eu estou em dilema!* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022). Esse mesmo dilema de Catianne Reis me visitou. Chegou um momento em que pensei: é melhor fazer o desmame ou esperar a escrita do TCC finalizar? Estava exausta! Encarei o desmame, resumindo: foram mais de 30 dias sem condições de escrever. Choro, dores, mudança de rotina, ajuste de alimentação, adoecimento do bebê, um caos. Nesse mesmo processo, Jaqueline Miranda nos conta: *o meu pra tirar, era um choro, eu parei duas vezes. Deixei uma semana sem dar, depois voltei a dar novamente. Eu não tinha com quem deixar ele, então foi um processo, um sofrimento. Depois parou, tirei, consegui (risos). Mas não foi fácil!* (Giras de Escrevivências, Teams 2022).

Dentre os atravessamentos mais gritantes entre universidade e maternidade, nós temos: cuidados na primeira infância, saúde mental e trabalho, sobretudo nos casos de estudantes mães solas e/ou em vulnerabilidade social. Mesmo nos organizando para fazermos nossos encontros aos sábados, nós tínhamos mulheres mães que estavam impossibilitadas de participar, uma vez que, precisavam trabalhar aos fins de semana para complementar a renda familiar. Em qual momento sobra tempo para esta mulher? É necessário políticas públicas e ações afirmativas que acolham estas estudantes.

Viajando por entre estes cenários e relatos, trago algumas das nossas experiências como uma fotografia daquilo que, envolto pelos processos de naturalização, romantização e inviabilização que este lugar das maternidades revela, se camufla entre os bastidores da universidade. Aqui é onde mora o perigo! Aquela velha frase: quem pariu Mateus que balance. O mito da “supermãe” (Baia, 2021), da “mãe preta” (Gonzalez, 2018), do “amor materno” (Elisabeth Badinter, 1980) e da responsabilidade materna, impregnado no imaginário social, nos induz a não problematizar estes cenários e isenta as instituições da responsabilidade para com as políticas de permanência e acolhimento para com estas mulheres. Olha como o problema é estrutural e perigoso. Enquanto isso nós temos: estudantes sobrecarregadas pela tripla jornada ao quadrado entre universidade, trabalho, maternidades, cuidados familiares e domésticos; estudantes mães com a saúde mental fragilizada; estudantes mães dessemestralizadas; estudantes que a única opção é desistir e entram para a estatística de “evasão”.

Dentre as estudantes mães do DEDC Campus XI e DEDC XIV que se conectaram através do formulário, 42% estão dessemestralizadas, ou seja, quase metade, e 65,6% já trancaram ou não conseguiram concluir disciplinas (APÊNDICE A). Não é à toa que algumas relataram acima a necessidade do trancamento de disciplinas ou até mesmo a desistência de

alguns componentes curriculares em decorrência da sobrecarga com as maternidades. Quando eu descobri minha gravidez, estava terminando a UNEB, só faltava o TCC e, inclusive, hoje ainda estou devendo o TCC. O fato de ter ficado grávida, de ter trancado a faculdade, de não ter conseguido terminar o TCC ocorreu por inúmeras questões, principalmente a saúde. – Nós, conta Jaqueline Miranda e continua – Depois da minha ansiedade eu fiquei meio assim, sabe (voz embargada). Tudo isso causou uma repulsa do TCC. Eu pego pra fazer, começo, paro, choro. As vezes estou fazendo e chorando. Eu nunca fui assim! (Giras Escrevivências Teams, 2022).

Dentre as conversas que tivemos, nas giras de escrevivências, foi nítido o quanto que a relação saúde mental, maternidade e universidade é gritante, e o quanto afeta no processo de formação, na escrita e sobretudo na vida. Como nos alerta Simone Teles, *Tem mães da nossa rede que estão precisando de ajuda para além desse nosso compartilhar, ajuda profissional. Tem coisas que o nosso psicológico não aguenta. Eu cheguei em um pico de nervoso. Eu quero a vida de uma forma mais leve, sabe. Uma mulher forte também precisa de cuidado* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Nossa exaustão psíquica e física está correlacionada com uma série de fatores gerados pelas sobrecargas maternas que estão diretamente atrelados a raça, classe e territorialidade, impactando nas diferentes realidades de estudantes universitárias. Estamos falando de uma realidade de mulheres mães oriundas de classes populares que trabalham (trabalho materno, profissional e doméstico), estudam e precisam se deslocar diariamente para o espaço acadêmico, visto que, muitas de nós residimos em cidades distintas dos nossos *campi*. 84% das estudantes mães sinalizam a necessidade de acompanhamento psicológico, sendo que 50% delas nunca fizeram ou tiveram condições de custear. O fato de sermos oriundas de baixa renda, onde 75% ganham até um salário mínimo e 15,6% estão desempregadas, de estarmos territorialmente em desvantagem a nível de acesso a saúde pública; e termos outras prioridades como os sustento dos/as filhos/as, são fatores que contribuem para a dificuldade de acesso aos acompanhamentos necessário (APÊNDICE A).

Diante destes índices, o que podemos enquanto instituição promover para com o cuidado da saúde destas mulheres? É válido evidenciar neste diálogo, dois movimentos interessantes, voltados para a saúde mental de mães, que acontece na UFRJ: O projeto de extensão Saúde Mental Materna<sup>103</sup>, e o grupo de escuta qualificada, realizado com mulheres mães universitárias, tendo como base a ênfase em saúde mental e qualidade de vida.

---

<sup>103</sup> Para mais informações acesse sua rede social Instagram: @saudementalmaternaufRJ.

Existe um agravante que tem intensificado drasticamente estes quadros de saúde mental, a pandemia. *No auge da pandemia eu tive depressão pós-parto, eu tive crise de ansiedade e fui diagnosticada com transtorno. Às vezes eu estava com minha filha e imaginava que meu corpo estava cheio de buracos* (Giras de Escrivências, Teams 2022). Este relato de Catiane Reis, se aproxima dos momentos delicados que vivenciei na pandemia ao ser diagnosticada, aos sete meses de gestação, com Paralisia de BEL e transtorno de ansiedade. Quadros estes, que se agravaram após o nascimento do meu filho e interferiram bastante no percurso da pós-graduação. Lidar com tudo isso, em um período pandêmico e em meio às demandas acadêmicas, foi exaustivo, sobretudo para aquelas que engravidaram neste cenário, levando em consideração os grandes índices de depressão pós-parto e ansiedade nos últimos dois anos.

Casa, filhos, trabalho, estudo, família, tudo no mesmo espaço e tempo, destinado convencionalmente para as mulheres, onde as relações desiguais de gênero, raça e classe se agravaram. Assim como aponta Denilse Souza e Valmiene Sousa, ao lançarem o olhar para as experiências de professoras-mães em pandemia na Universidade do Amazonas (UFAM), a desigual divisão sexual do trabalho, demarcada com mais intensidade no contexto pandêmico, tem total responsabilidade sobre a intensificação da sobrecarga de trabalho doméstica e familiar das mães, já que socialmente a tarefa da autorresponsabilidade e do cuidado para com filhos/as recai sobre as mães (Denilse Souza; Valmiene Sousa, 2023).

*Eu trabalhei na pandemia. Trabalhava dando aula para o pré, crianças de quatro, cinco anos e com minha filha do lado (risos), aqui em casa. Foi uma luta! Fazer plano de aula na pandemia, aula online. Minha turma tinha 24 estudantes. Foi difícil!* Menciona Simone Teles. (Giras de Escrivências, Teams, 2022) 84,5% das estudantes mães que participaram do formulário sinalizam a pandemia de covid 19 como um fator de interferência na relação entre vida acadêmica e maternidade (APÊNDICE A). A pesquisa, “produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade”<sup>104</sup>, realizada pelo projeto *Parent in Science*<sup>105</sup> em 2020, mostram que as mulheres negras e mulheres brancas, ambas com filhos com idade até 12 anos, foram os grupos cuja produtividade acadêmica foi mais afetada pela pandemia, revelando as problemáticas enfrentadas principalmente por estudantes, docente e pesquisadoras mães. Dados apontam que as mulheres mães negras foram as que menos tiveram

<sup>104</sup> Levantamento realizado no Brasil entre abril e maio, durante o isolamento social relativo a Covid-19 (Parent In Science, 2020, p.1).

<sup>105</sup> “O Parent in Science surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a maternidade (e paternidade!) dentro do universo da ciência do Brasil. As ações foram iniciadas para preencher um vazio, de dados e de conhecimento, sobre uma questão fundamental: o impacto dos filhos na carreira científica de mulheres e homens” (Parent In Science, [2023?]).

condições de produzir neste cenário. Mais uma vez fica evidente que raça, gênero e maternidade são fatores contribuintes para acentuar as desigualdades no ambiente acadêmico, sugerindo a necessidade de ações afirmativas que coloquem estas mulheres em condições de equidade.

Imersas nesse contexto tudo virou um verdadeiro caos: *financeiro bagunçado; sobrecarga de atividades; filho cobrando atenção; trabalhar, cuidar de criança e estudar, entre quatro paredes, foi um sofrimento, não consegui; crianças com aulas remotas em horários que chocavam com os nossos; crianças no peito, no colo, nos braços ao tempo em que tínhamos aulas remotas; criança trancada em casa fica irritada, chora, grita, pede atenção; escrever em meio a este cenário de isolamento, se tornou impossível* (Giras de Escrivências, GP de WhatsApp, 2022). A distância dos familiares nos deixou ainda mais sem rede de apoio.

Nos víamos sozinhas e desesperadas. Do lugar que encaramos a labuta diária, são outras mulheres que nos amparam. Avós. Mães. Tias. Madrinha. Vizinhas. Irmãs. Amigas. É esta rede, que quando possível, diante das suas inúmeras demandas, nos amparam e possibilitam vivenciar a universidade. Algumas não tinham nem o direito de ficar em casa, buscando maneiras de sustentar a família. Vidas sempre em risco! Às vezes nos faltava ar, mas nem sempre era Covid e sim, sobrecarga materna. Era/é uma invenção atrás da outra e, confesso a vocês, minha permanência na pós-graduação só tem sido possível diante da bolsa FAPESB, caso contrário, com bebê, a prioridade seria/é trabalhar, assim como muitas das minhas companheiras de graduação, tanto no contexto pandêmico, quanto no retorno das atividades presenciais.

O retorno à presencialidade nos espaços educacionais tem exigido uma série de reinvenções, mas a sensação que temos é de retornamos como se nada estivesse acontecido, quando a realidade aponta para estudantes e profissionais sobrecarregados/as e, sobretudo, carecendo de cuidados para com a saúde mental. O retorno à presencialidade tem evidenciado, sobretudo no semestre de 2023.1, casos de desrespeito para com estudantes mães no espaço da sala de aula. Nós temos acolhido, na rede, algumas mães com relatos bastantes delicados. Este cenário evidencia a necessidade de políticas de apoio e acolhimento dentro da universidade.

Tem sido exaustivo! Estamos tentando nos achar em meio aos retornos, aos espaços, às demandas, a vida. Não é à toa que optamos por nos encontrarmos virtualmente para que as giras pudessem acontecer. Optamos não, este foi o nosso possível. As conversas eram sempre recheadas por choros, gritos, balbuciar de palavras, chamados. Nunca estávamos sozinhas. Para algumas, a estratégia era sair da chamada via Teams e migrar para o WhatsApp, de modo que, enquanto se dava um banho, um peito, se preparava um alimento, pudesse interagir.

Rotinas e psicológicos acelerados. Em muitos momentos nos tomávamos a “rede” como o espaço de acolhida e escuta. Para muitas, era o único espaço seguro para desabafar,

desacelerar e mostrar suas dores. Em meio às inquietudes, a escrita e a produção acadêmica vinham à tona. *Estou em processo de escrita do meu TCC e não estou conseguindo porque voltei a trabalhar e meu bebê só dorme meia-noite. Neste horário eu já estou cansada, às vezes deito com ele e pego no sono.* Compartilha, Laíse Santos, e continua – *Esse semestre mesmo eu vou abrir mão porque não tem como. Eu trabalho, às vezes tenho que fazer comida à noite, então o TCC vai ficar para o próximo semestre, infelizmente. Cansada, sento nos lugares, cochilo. Não é fácil não!* (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Como vimos anteriormente, em conversa, Laíse Santos não foi a única que precisou prorrogar o TCC, Jaqueline também foi uma das estudantes mães que se viu obrigada a adiar sua conclusão de curso em detrimento da maternidade. Laíse Santos, Jaqueline Miranda, Fabiana Cordeiro, Catiane Reis e tantas outras. *Minha vida está de pernas para o ar. Eu só estou vivendo pra o bebê. Estava para defender o TCC agora em dezembro, mas não tenho condições nenhuma. Vou prorrogar o TCC, a UNEB, não consigo seguir agora* (Fala de Fabiana nas Giras de Escrevivências, Teams, 2022).

Do lugar que assuntamos o mundo, nossa escrita ela acontece em meio ao pulsar da vida. Assim como pontuamos no prefácio do e-book: Por onde andamos? Experiências e perspectivas das múltiplas maternidades nas universidades.

Estamos circunscritas a nossa realidade material enquanto escrevemos nas nossas cozinhas, preparando o alimento de nossas crias; enquanto escrevemos no banheiro, aproveitando o sagrado momento de solitude desse espaço; enquanto escrevemos na mesa do computador, com nossos filhos escalando nossas pernas; enquanto escrevemos nas notas do celular, pulando brinquedos e ao som de músicas infantis; enquanto escrevemos no ônibus, a caminho da faculdade, do trabalho ou de casa; enquanto escrevemos ao levar nossos filhos à escola, sem de fato escrever, mas ouvindo nossos pensamentos e tentando organizá-los em tópicos para, posteriormente, transcrevê-los em uma folha de papel (Mithaly Corrêa; Vanessa Tavares; Marilene Queiroz, 2023, p. 10).

Escrever, em movimento, tem se revelado um grande desafio para estudantes mães, sobretudo quando se tem filhos/as na primeira infância, momento em que se exige uma série de cuidados e atenção, uma vez que, a criança é totalmente dependente do adulto. Em um levantamento realizado pelo PiS entre os anos de 2017 e 2018, revelou um grande impacto das maternidades em produções acadêmicas. Os resultados apontam que mães com filhos até quatro anos apresentam uma queda drástica na produção científica (Pâmela Carpes *et al.*, 2022). Revelando o que muitas de nós enfrentamos no cotidiano acadêmico, e isso tem se expressado com mais força nas estudantes mães negras, com crianças pequenas, em fase de TCC.

Este lugar da produtividade acadêmica é extremamente complexo quando estamos falando de realidades de graduandos/as e pós-graduandos/as de classes populares. Além de toda

pressão social de gênero, raça, classe, sexualidade, territorialidade, entre outras, que sofremos, nós ainda precisamos, o tempo todo, estar criando artimanhas para lidar com a sobrecarga imposta pela maternidade. O exercício árduo da maternidade e todas suas intersecções é fator predominante nas nossas trajetórias acadêmicas, afetando diretamente nossa escrita, participações e produções. Ficamos mentalmente e fisicamente cansadas. *Meu TCC eu paro, eu começo, eu paro, eu começo, eu dou pausa, eu retomo. Eu falei com minha orientadora: eu sinto que com você eu posso conversar. Nesse processo todo de construção do TCC, ela tem sido super paciente. De entender as demandas maternas, porque a vida na maternidade é uma batalha* (Fala de Catianne Reis nas Giras de Escrivências, Teams, 2022). Infelizmente nem todos/as profissionais compreendem, mas quando encontramos o apoio daqueles/as que se colocam atentos/as e acolhedores/as para com as nossas demandas, a trajetória se torna menos pesada e até mesmo possível de ser concluída.

#### 4.1 “COMO A UNIVERSIDADE PODE SER UM ESPAÇO MAIS ACOLHEDOR PARA ESTUDANTES MÃES?”<sup>106</sup>

Chamamos a universidade para a conversa, pois acreditamos no potencial que a UNEB apresenta, enquanto espaço que vem se reinventando para o cumprimento de uma educação de qualidade, levando em consideração a diversidade de estudantes que compõe este espaço. É necessário continuarmos colorindo os muros da universidade e os transformando em portais, uma vez que, como aponta a pesquisa de Juliana Silva sobre interseccionalidade e maternidades na Universidade Federal da Bahia (UFBA), “a universidade foi um espaço pensado para um público branco, masculino, de classe economicamente favorecida, com dedicação exclusiva e sem filhos” (Juliana Silva, 2018, p. 1).

Este cenário vem sendo rasurado a partir de políticas públicas e ações afirmativas que visam a inserção e permanência das camadas populares. Estamos pintando a universidade de gente e o nosso grande desafio é pensar na construção de passadiço para que esta travessia seja a mais equitativa possível. Não dá pra pensar em meritocracia quando o ponto de partida não é e nunca foi o mesmo. Nesse momento queremos chamar atenção para pensar em propostas de apoio às maternidades na UNEB, uma vez que, diante das políticas de inclusão, é crescente o número de estudantes com filhos na universidade. Este cenário nos convoca a garantir o que

---

<sup>106</sup> Carta inspirada em uma das perguntas realizadas via chat na roda de conversa Maternidades Negras: ancestralidade, corpo e formação profissional.

está fixado como direito social pelo art. 6º da Constituição Federal: a proteção à maternidade e à infância (Universidade Federal Fluminense, 2019).

Pois bem! O que esperar de uma estudante que transita a universidade com uma criança em seu colo? O que esperar de uma estudante que está na sala de aula depois de uma madrugada de atividades acadêmicas, de uma manhã de trabalho com seus três filhos e uma tarde enquanto estagiária no quinto ano da educação básica? O que esperar de uma estudante que não tem rede de apoio para com a maternidade? O que esperar de uma estudante que, sozinha, na labuta da maternidade solo, assume um dobrado para sustentar as crias? O que esperar de uma estudante que viaja quilômetros até a universidade na companhia de uma criança? Uma vez que, “a maternidade se configura como uma instituição ávida que compete com as outras esferas da vida de mães universitárias” (Silva, 2018, p. 6).

Wilma Rodrigues nos provoca a pensar na importância de rede de apoio e iniciativas que priorize a sensibilidade e o cuidado para com as mães no ambiente universitário:

*Esta semana estava falando com a coordenadora de colegiado, estávamos falando sobre esse trabalho, sobre essa chama, essa iniciativa para falar das mães do campus, que era pra ser uma política da reitoria. Parece que a gente só está questionando bolsa, valor de bolsa e alimento de bolsa. Só que para além de bolsas e projetos de extensão a gente precisa disso, do cuidado com o eu, com o nós. Olha a dimensão que isso está tomando dentro de dois campi da UNEB, o XI E XIV, sem recurso nenhum. Então, para além da bolsa que não alcança a todas como é que estão as outras questões? O que podemos fazer no momento para cuidar destas mães universitárias, para que ela não tenha tantos conflitos psicológicos? Para que estas mulheres estejam bem, para irem para campo com a saúde mental boa. Quando a gente vai pra campo, vai pra sala de aula, não conseguimos dar um bom resultado porque a gente não está bem (voz embargada). Começa a frustração da autocobrança (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).*

*Nós estamos falando de uma formação profissional, mas ao mesmo tempo carregada de tudo isso que acompanha ser mulher, de tudo isso que acompanha ser mulher, ser mulher preta, ser mãe, ser mãe negra. Tem toda diferença! (Maternidades [...], 2022).* Em diálogo com esta provocação de Núbia Santos, é válido salientar: são avenidas transitadas por estudantes mães e interioranas, advindas de classes populares, que visualizam na formação universitária uma possibilidade de inserção ou ascensão no mercado de trabalho. *Eu sempre demarquei o meu território, eu sempre demarquei o meu lugar enquanto mãe – nos conta Catiane Reis, e continua – quando eu entrei na universidade, eu demarquei esse lugar. Os espaços nunca foram feitos para mim, eu sempre senti a necessidade que os espaços fossem construídos para pessoas como eu (Giras de Escrevivências, Teams, 2022).*

Sabemos, historicamente, das lutas travadas desde a década de 70 pelos movimentos sociais, movimentos feministas, para que as mulheres, e posteriormente, as mulheres negras

adentrassem ao ensino superior, à universidade pública. Não demorou, para nos darmos conta que só acessar os espaços educacionais não era suficiente, uma vez que o acesso não dissolveu as desigualdades de gênero, raça e classe presentes nas relações acadêmicas; a pauta se ampliava para criação de possibilidades de permanência feminina negra na universidade (Cibele Henriques, 2016). E quando trazemos à tona esta demanda estamos chamando atenção para a necessidade de se olhar para estas mulheres que são mães, uma vez que a maternidade negra, historicamente no Brasil, sempre esteve envolta pelas relações desiguais de raça, classe e, por vezes, territoriais. Vale salientar que, o convite se estende para pensarmos em políticas públicas que abranja todas as mães universitárias, no entanto, levando em consideração a pluralidade das maternidades, questões relacionadas às intersecções com raça/etnia, a mães de filhos com deficiência, mães solos e mães de baixa renda deve ser sempre consideradas para a implementação de ações.

Como garantir a permanência de estudantes mães negras trabalhadoras e interioranas na universidade? Como a universidade pode ser um espaço mais acolhedor para mães estudantes? Como a UNEB pode ser um espaço mais acolhedor para estudantes (mães, pais, responsáveis) com filhos/as? Esta segunda provocação chegou até nós, em uma noite de sexta-feira, através do diálogo via *chat*, na roda de conversa “maternidades negras: ancestralidade, corpo e formação profissional. Refletindo sobre estas provocações, nós, da rede MãEscrevivendo, a partir das giras de escrevivências, em diálogo com o *Parent in Science* e o coletivo Mães na UFRGS, através do “Guia: como instituições podem apoiar as mães estudantes” e em diálogo com o Grupo de Trabalho Mulheres na Ciência UFF através das “propostas de políticas de apoio à maternidade na universidade”, elencamos, nesta carta, algumas demandas necessárias para garantir o apoio a estudantes mães e estudantes com filhos/as, no DEDC XI e DEDX XIV:

**Quadro 1** – Levantamento sobre como a UNEB XI e XIV pode ser um espaço mais acolhedor para estudantes mães

| <b>Como a UNEB pode ser um espaço mais acolhedor para estudantes mães</b>                                                                                                        |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Criar mecanismos de levantamento da saúde mental de mães e implementação de acompanhamento psicológico;</b>                                                                   |
| <b>Implementação de creche universitária e/ou oferecimento de auxílio creche e/ou um espaço de acolhimento para crianças na universidade, incluindo espaço para amamentação;</b> |
| <b>Criação de programa de permanência voltados para as mães e estudantes com filhos, em vulnerabilidade social, com oferecimento de bolsas;</b>                                  |
| <b>Rever as normas de moradia estudantil, incluindo condições de recebimento de crianças dependentes;</b>                                                                        |
| <b>Oferecimento de orientação acadêmica, garantindo que mães tenham informações claras sobre suas possibilidades e direitos dentro da universidade;</b>                          |
| <b>Flexibilização de prazos;</b>                                                                                                                                                 |
| <b>Criação de um canal de denúncias acompanhamento de situações de assédio, discriminação e preconceito;</b>                                                                     |

| <b>Como a UNEB pode ser um espaço mais acolhedor para estudantes mães</b>                                                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Estabelecer políticas efetivas de combate ao assédio moral, inclusive com incentivo a eventos públicos, no âmbito da universidade e entre universidades, que estimulem a reflexão e conscientização da comunidade acadêmica para o tema maternidades e universidade;</b> |
| <b>Apoio e incentivo a criação de rede/coletivos de mães e estudantes com filhos;</b>                                                                                                                                                                                       |
| <b>Oferecimento de espaços para acolhimento de crianças em eventos acadêmicos promovidos na universidade, mediante necessidade;</b>                                                                                                                                         |
| <b>Aumentar regime especial referente à licença maternidade para graduação, de 90 para 180 dias, contando a partir do oitavo mês de gestação;</b>                                                                                                                           |
| <b>Aumentar o tempo de jubramento para estudantes que se tornaram mães, no processo;</b>                                                                                                                                                                                    |
| <b>Proposição de mudanças no regimento, de modo que, mediante comprovação de atestado médico do filho possam obter justificativa de faltas em dias de entrega de trabalhos e provas;</b>                                                                                    |
| <b>Avaliar de forma diferenciada editais seletivos (ações afirmativas) para bolsas de extensão para mulheres que possuem filhos/filhas de até 12 anos de idade;</b>                                                                                                         |
| <b>Instalar fraldário em banheiros femininos e masculinos;</b>                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Prever licença maternidade para todas as bolsas destinadas à graduação.</b>                                                                                                                                                                                              |

Fonte: Giras na Rede MãEscribendo UNEB e *Parent In Science* (2023).

A garantia de uma formação de qualidade, para mães, perpassa por uma dimensão crucial no contexto da universidade, a permanência. Se a luta de muitas mulheres, por séculos, se deu pelo acesso à educação, ao ensino superior, hoje se amplia para o permanecer em condições de equidade.

Já dizia Conceição Evaristo em entrevista ao correio do amanhã: o ensino público é revolucionário quando tem uma política de educação atenta para quem mais precisa dele, as classes populares (Correio da Manhã, 2023). Os desafios e atravessamentos de estudantes mães e estudantes mães negras têm levado a desistências, que por vezes, são silenciadas e naturalizadas nas universidades e nos diversos espaços onde nós mulheres estamos inseridas. A pesquisa de Andreza dos Anjos Souza, realizada no campus XI aponta os desafios da maternidade e a ausência de políticas de permanência para estudantes mães, como responsável pelos índices de desistências e trancamento do curso (Andreza Souza, 2022).

É válido salientar que, não são somente os espaços educativos que precisam se reestruturar, a maternidade é uma instituição ocidentalizada, portanto, em todos os espaços encontraremos concepções colonizadoras da mesma. Em toda categoria que encontramos vestígios de colonização encontraremos uma maré de lutas, e com as maternidades não tem sido diferente.

Em “Muro das palpitações: um manifesto de mães universitárias”, a pesquisadora Carvalho (2020) evidencia duas conquistas importantes para mães acadêmicas. A primeira diz respeito a licença maternidade, concedida através da portaria 24824 de 11 de dezembro de 2011 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a qual permite o

direito à prorrogação de bolsas, destinadas a titulação de mestras e doutoras, por mais quatro meses em casos de parto durante sua vigência.

A segunda conquista, diz respeito a inclusão de uma aba na plataforma do currículo Lattes indicando período de licença maternidade e paternidade, anunciada em 2019 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A iniciativa se deu através de uma carta de mulheres pesquisadoras, pertencentes ao movimento *Parent in Science*, projeto que surgiu com a iniciativa da pesquisadora Fernanda Stanikuaski, do Rio Grande do Sul, pensando nas mães que aliam a carreira acadêmica e a maternidade, e a necessidade de lutar pelo direito destas mulheres (Carvalho, 2020).

A pesquisa “A maternidade na casa de estudantes da UFSM: desafios e conquistas das acadêmicas mães moradoras da CEU”, de Pletiskaitz (2018), realizada com quatro mães estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e moradoras da Casa de Estudante Universitária, traz em seu bojo outra conquista importante para as mães estudantes do Departamento. Katiúcia evidencia que a UFMS formalizou a moradia de crianças com as mães na CEU, garantindo-lhes o direito ao auxílio-creche no valor de uma vez e meia o valor da Bolsa PRAE, conforme o Art.2º, § 3º presente na Resolução Nº 025/2014 da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria, 2014).

E não paramos por aqui, o Grupo de Trabalho Mulheres na Ciência nos apresenta a proposta PLS 185/2018, levantada pela senadora Vanessa Grazziotin. No texto, nós temos a suspensão por 120 dias, dos prazos acadêmicos para mães que não são bolsistas na universidade, em decorrência do parto ou adoção. O benefício já é lei desde 2017 para as mães bolsistas, que têm prorrogado o recebimento da bolsa em função da maternidade (Lei nº 13.516/2017) (Universidade Federal Fluminense, 2019). Ademais, nós temos em tramitação um projeto (PL 2350/15)<sup>107</sup>, aprovado pelo Plenário da Câmara dos Deputados, em março de 2018, que aumenta o período do regime de atividades domiciliares de 90 dias (três meses) para 180 dia (6 meses) contando a partir do 8º mês de gestação, como direito das estudantes grávidas. Essa mediada, sendo aprovada, será extremamente necessária, pois abrangerá tanto o puerpério como os primeiros meses de amamentação. Estas fases requerem uma atenção maior em decorrência dos grandes índices de depressão pós-parto e sobrecargas em mães nos primeiros meses de vida da criança.

Diante das questões aqui pontuadas e apresentadas, deixamos duas provocações feitas pela professora Núbia Santos: como olhar para tudo isso e qual o tipo de compreensão que se

---

<sup>107</sup> Para mais informações, acesse o projeto em sua íntegra (Brasil, 2015).

tem? Como pensar em acolher estas mães e ao mesmo tempo pensar em uma formação de qualidade? (Maternidades [...], 2022).

#### 4.2 “DEIXA A GIRA GIRAR”<sup>108</sup>: APRONTANDO BEM VIVER

Olhando por entre as madrugadas, onde mãe chora e menino não vê, tenho certeza que o fluxo das águas curvilíneas nos trouxeram até aqui. Me joguei no riacho sem saber o destino das levadas e quando pensei que estava sozinha, lá estava, um cardume de peixes pequenos de água doce, se desprendendo juntos da famosa tarrafa. Já dizia Conceição, “apesar das acontecência do Banzo há de nos restar a crença na precisão de viver e a sapiente leitura das entre-falhas da linha-vida” (Evaristo, 2021b, p. 119). Deixando a gira girar fomos e vamos aprontando bem viveres. Pelas brechas, pelas miudezas, pelos descaminhos, fomos e vamos nos perdendo e nos encontrando.

O Mestrado Profissional em Educação (MPE) foi me conduzindo a um emaranhado entre pesquisa, intervenção e produto<sup>109</sup>, de tal modo que, quando me dei conta, os três movimentos já estavam calhando de maneira conecta, tendo como responsável por esta fluidez, as escrevivências. A estruturação da redeUNEB MãEscrevivendo e suas giras de escrevivências ao tempo em que se constitui como um projeto de intervenção, se desdobra em produtos e possíveis intervenções, propiciando o acontecer da pesquisa no MPE. Em passos lentos fomos nos abraçando e criando, devagar, quando era possível, afinal, tempo para nós vale ouro. Nem sempre conseguíamos, e está tudo bem, o abraço vinha. Em passos amorosos por meio do afeto, da identificação, do pertencimento, do desconforto. Quando éramos sobrecarga, o abraço vinha; quando éramos medo, as palavras de conforto brotavam. Nesta carta, conversaremos sobre as acontecências, os encontros e os movimentos desta pesquisa, bem como, evidenciarei projetos, ações e coletivos que se movimentam em prol de espaços mais acolhedores.

Quando decidi mergulhar nos estudos das maternidades e universidade não conhecia nada que dialogasse sobre, e percebi, em conversa, que muitas estudantes mães desconhecem de ações e movimentos que priorizem estas mulheres no ambiente universitário. Diante destas

<sup>108</sup> Subtítulo inspirado no texto Giras de Escrevivências: miragens metodológicas para pesquisa pós-estrutural no campo do currículo.

<sup>109</sup> O Mestrado Profissional em Educação e Diversidade tem por finalidade a produção de conhecimentos na Área de Educação, considerado o nível de formação e visando a sua apropriação pelas comunidades no desenvolvimento de políticas de inclusão social e inovação pedagógica. Dentre seus objetivos, tem como requisito o desenvolvimento de pesquisa e intervenção relacionada ao trabalho pedagógico, considerando a diversidade e as diferenças socioculturais, bem como o desenvolvimento de produtos educacionais (Universidade Federal da Bahia, 2021).

inquietações, o desejo é que esta carta possa chegar à comunidade interna e externa da universidade e que estudantes mães, estudantes com filhos conheçam seus direitos, redes e possibilidades de se fortalecer. Que as artimanhas, aqui compartilhadas, também possam contribuir para futuras pesquisas nesta área.

Tem muita coisa bonita sendo desenvolvida sobre/com as maternidades e universidade. Em um levantamento realizado nos dois DEDC que pertencemos, identificamos até o momento, seis pesquisas que dialogam com as maternidades, duas no campus XI (Serrinha) e duas no campus XIV (Conceição do Coité):

**Quadro 2** – Pesquisas que versam sobre maternidades na UNEB XI e UNEB XIV

| <b>Pesquisadora</b>                              | <b>Orientadora e Coorientadora</b>               | <b>Título</b>                                                                                                                                                | <b>Curso</b>                                                 | <b>Situação</b> |
|--------------------------------------------------|--------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|-----------------|
| <b>Catianne Oliveira dos Reis</b>                | Cristiane Soares Santana                         | No parto o acolhimento: Parteiras e a política do cuidado. A trajetória de Rita Maria Oliveira das Virgens.                                                  | Licenciatura em História UNEB XIV                            | Em Andamento    |
| <b>Marilene dos Santos Queiroz<sup>110</sup></b> | Zuleide Paiva da Silva e Iris Verena de Oliveira | CARTAS ESCRIVIVENTES – Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens negras e universidade no Sertão baiano nordestino | Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - PPGED MPED | Em Andamento    |
| <b>Andreza dos Anjos Souza (2022)</b>            | Isaura Santana Fontes                            | As contribuições da Brinquedoteca Universitária CriAção para a cultura do brincar: olhares de mães universitárias do curso de pedagogia da UNEB Campus XI    | Licenciatura em Pedagogia (UNEB XI)                          | Concluída       |
| <b>Roseane Figueirêdo Lima (2022)</b>            | Isabele Sanches Pereira                          | A maternidade e o ensino superior: narrativas e vivências de estudantes-mães no Campus XI, Serrinha UNEB                                                     | Licenciatura em Pedagogia (UNEB XI)                          | Concluída       |
| <b>Ana Clara Ribeiro</b>                         | Zuleide Paiva da Silva                           | Formação docente e maternidade: dificuldades e estratégias de permanência                                                                                    | Licenciatura em História (UNEB XIV)                          | Em Andamento    |
| <b>Tárrina Carolina</b>                          | Vera da Silva Rocha                              | A solidão de mães universitárias e mentiras que contam no instagram                                                                                          | Comunicação Social Rádio e TV (UNEB XIV)                     | Em Andamento    |

**Fonte:** Levantamento feito por MãEscrevivendo, 2022.

Andreza Souza estabelece um diálogo com discentes gestantes, lactantes e com filhos de até três anos, do curso de Pedagogia da UNEB Campus XI, objetivando compreender a partir da interlocução com estas mulheres, quais as contribuições da Brinquedoteca Universitária

<sup>110</sup> Refere-se a pesquisa da autora, aqui narrada nestas cartas escreviventes.

CriAção da/na cultura do brincar e na constituição da maternidade destas mães. Sua pesquisa, aponta: a importância da creche universitária e sala de amamentação com brinquedos; a importância do brincar e os momentos enriquecedores que a Brinquedoteca pode proporcionar; bem como, traz as experiências de mães imersas na universidade (Souza, 2022). O seu estudo nos mobiliza a estabelecermos possíveis diálogos com a Brinquedoteca Universitária CriAção da UNEB XI, de modo que, possamos pensar em estratégias de acolhida para crianças dependentes, que frequentam o ambiente universitário com suas mães, pais ou responsáveis.

Em diálogo com as narrativas e experiências de estudantes-mães, do mesmo departamento, Roseane Figueiredo aborda a relação entre maternidade e ensino superior, em um olhar sobre as experiências de mulheres mães dos cursos de Licenciatura da UNEB XI, considerando as dimensões de raça, gênero, orientação sexual e territorialidade<sup>111</sup>.

Catianne Reis, por sua vez, é do DEDC Campus XIV e desenvolve sua pesquisa em diálogo com a trajetória de Rita Maria, parteira que atuou durante a década de 80/90. Ao estabelecer o olhar para a história e trajetória de Rita, ela busca discutir o parto, o acolhimento e política do cuidado. Seu estudo se encontra em desenvolvimento, no curso de História.

Ana Clara Ribeiro é estudante do curso de Licenciatura em História e busca em sua pesquisa, em andamento, compreender como as estudantes mães da UNEB XIV conciliam os desafios da maternidade com as demandas acadêmicas, bem como, busca pensar em estratégias que contribuam para a permanência de mães na universidade.

A pesquisa de Tarriná Carolina, do Curso de Comunicação – Rádio e TV, encontra-se em andamento e objetiva trazer um olhar em torno das demandas que surgem na vida de mães universitárias e de que forma as redes sociais, especificamente o Instagram, influenciam nas decisões da maternidade.

É muito prazeroso perceber que pesquisas em torno das maternidades e maternagens vem crescendo no âmbito da UNEB. Reconhecendo a importância de visibilizar estes estudos, estamos em parceria com o Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade – Núcleo Materna, estruturando para 2023.2 a divulgação destas pesquisas em seu site e redes sociais.

O Núcleo Materna, o qual tive a honra de ser vinculada enquanto integrante, é um núcleo virtual, independente, sem fins lucrativos, formado por mães docentes, pós-graduandas, discentes de graduação e ativistas da causa materna de diversas partes do Brasil e que tem o intuito de visibilizar e incentivar os estudos em maternidade em todos os espaços, em especial

---

<sup>111</sup> O trabalho encontra-se em tramitação para divulgação, publicação. Ainda não se encontra disponível para referenciar.

no espaço universitário<sup>112</sup>. Foi imersa nesse desejo de escrever sobre maternidades que tive o prazer de participar do *e-book*: “Por Onde Andamos? Experiências e Perspectivas das Múltiplas Maternidades nas Universidades” A obra aborda uma perspectiva de maternidades diversas trazendo enquanto cerne a luta coletiva, evidenciando as vozes de mulheres mães universitárias.

Nos leva a questionar, através do poder de mulheres mães que ousam escrever sobre suas vivências e experiências, os papéis historicamente impostos a nós e os lugares que nos reservaram ao tentarem usurpar, ao longo de toda a história, a nossa existência, a nossa própria história e a nossa voz (Corrêa; Tavares; Queiroz, 2023).

Confesso que o coração fica aquecido pela certeza de não estarmos sozinhas. Precisamos falar sobre/com as maternidades. Precisamos escrever sobre maternidades. Maternidade também é ciência. Maternidade também é política. Nesse processo de escrita é válido salientar a contribuição do curso “escrevendo sobre maternidades: desafios teóricos-metodológicos”<sup>113</sup>, ao qual fiz parte em 2022. Os diálogos me auxiliaram na construção de conhecimento sobre maternidades/maternagens, bem como, pensar em estratégias de permanência e, sobretudo, entender os motivos que levam a muitas estudantes mães serem interpretadas como falhas na universidade: a valorização da performance de estudante fundada pela modernidade-colonialidade, instituída como modelo pelas instituições de ensino superior (Núcleo Materna, 2023).

Embora cansadas, mas não queremos arredar o pé. Uma das questões que mais emergiram nas nossas conversas na “rede” foi o sentimento de invisibilidade para com estudantes mães. Se falava/fala sobre quase tudo dentro da universidade, mas as maternidades sempre ficam/ficaram nos bastidores. Foram estas inquietudes que nos levaram para a organização do primeiro produto interventivo, as rodas de conversas realizadas e transmitidas no Canal do Youtube MPED.

A primeira roda de conversa: “Ser mães é padecer no paraíso? Violências que atravessam os corpos de mulheres-mães”, foi uma organização em parceria com o GLEIGS, Compondo a programação da 16ª edição da “Campanha – 16 dias de ativismo na UNEB pelo fim da violência contra mulheres”<sup>114</sup>. Essa roda de conversa foi realizada em 2021 e contou com a

<sup>112</sup> Para conhecer melhor, ver sobre o assunto em Núcleo Materna ([2019]).

<sup>113</sup> Projeto desenvolvido pela Pró-reitoria de extensão UFRJ (PR-5) e Projeto de extensão “Mães na universidade: acesso, permanência e progressão de mulheres-mães”, em parceria com o Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade – Núcleo Materna. O curso foi ministrado por Luana Fontel (CAPES/UFRJ) – Doutoranda do Programa de Pós-graduação EM Linguística Aplicada PIPGLA/UFRJ – Email: fontel@letras.ufrj.br.

<sup>114</sup> Este projeto/campanha situa-se no campo dos estudos feministas, que investe no diálogo entre a universidade, movimento sociais e o estado, como estratégia política e metodológica para avaliar as conquistas das lutas feministas, os avanços nas políticas públicas e refletir experiências de enfrentamento à violência, assim como refletir a conjuntura política, social e econômica produtora das múltiplas faces da violência.



Mulheres. Realizada em 2022, contou com a participação de Núbia Santos - (UFRJ) Ana Paula Oliveira - (MãEscrivivendo UNEB), Wilma Santos Rodrigues - (MãEscrivivendo UNEB) Catianne Reis - (MãEscrivivendo UNEB), Raíza Venas - (SME/Rio) e Marilene Queiroz - (MãEscrivivendo MPED /UNEB). Para acompanhar o diálogo (Figura 23) acesse o *QR code*:

**Figura 23** – Segunda roda de conversa da programação do Novembro Negro e da Campanha 16 dias de Ativismo na UNEB pelo fim da Violência Contra Mulheres

**RODA DE CONVERSA**

**09 de dezembro** **19h**

**MATERNIDADES NEGRA: ANCESTRALIDADE, CORPO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

**CONVIDADAS:**

- NÚBIA SANTOS (UFRJ) - GPICC-LEDOC GERRED, Escrivências/MPED UNEB
- ANA PAULA OLIVEIRA MãEscrivivendo, UNEB XIV
- WILMA SANTOS MãEscrivivendo, TECEMOS UNEB XI
- CATIANNE REIS MãEscrivivendo, UNEB XIV
- MARILENE QUEIROZ TECEMOS, MãEscrivivendo, FEL GLEIGS, Escrivências MPED/UNEB Mediadora
- RAÍZA VENAS PROPRD/UFRJ, SME/Rio

Inscrição de 04 a 08 de dezembro pelo o link: <https://formularioscampusxiv.uneb.br>

Transmissão Youtube do MPED

REALIZAÇÃO: GLEIGS MãEscrivivendo

PARCERIAS: MPED Tecemos UNEB

Fonte: Maternidades [...] (2022)

Inspiradas por Conceição Evaristo, nosso desejo se constituiu em trazer para o lugar da conversa e da escuta as maternidades negras como corpovivo escreviente e ancestral que está a girar, entendendo que, assim como nos ensina Baia (2021), falar e ser ouvida é uma maneira de existir. Buscamos assim, rasurar as ausências e silenciamentos de nossas vivências e experiências na ciência, na educação, na vida social. Regadas a uma boa prosa nos conectamos para conversarmos sobre nosso lugar de mães estudantes interioranas e periféricas na universidade (Maternidades [...], 2022).

Foi reconhecendo a importância da conversa para nossa existência, como uma extensão da oralidade dos nossos/as, que chegamos à escrita como uma das possibilidades de se inserir no mundo e compartilhar das encruzilhadas que compõem nossas maternidades nas avenidas da universidade. Lembro-me que em uma de nossas giras enquanto conversávamos sobre a

potência da obra “Olhos d’água” para nossas vidas, sobretudo o conto “A gente combinamos de não morrer, Ana Paula Oliveira, nos chama atenção para a chamada: “escrever é uma maneira de sangrar” (Evaristo, 2021). E a partir desse momento, concebemos o desejo de escrevermos cartas. Estas cartas escrevíveis, com o consentimento delas, se constituem enquanto o segundo produto da pesquisa e estão compondo esta escrita final, podendo ser futuramente publicadas, através desse TFCC.

Buscando ampliar as nossas redes de diálogo, estabeleci parceria com a UFRJ na organização do II Seminário Maternidade e Universidade na UFRJ<sup>115</sup>, o qual tive o apoio do MPED nesse movimento, e a participação/presença de algumas mães da “rede” durante as atividades realizadas. Como nos diz Mithaly Corrêa, em uma das mesas intitulada “Iniciativas de Permanências das Mulheres-mães na Universidade”:

Um olhar mais atento das instituições de ensino superior para as existências de mães faz-se necessário para que medidas inclusivas voltadas para esse grupo sejam implementadas. Sendo as políticas de assistência estudantil, para mães universitária, muitas vezes inexistentes, ineficazes ou insuficientes para minimizar as dificuldades vivenciadas por esse grupo, a criação de coletivos, projetos e núcleos que lutam por mudanças no espaço universitário e pela criação e implementação de políticas de permanência para discentes mães, além de promoverem a criação de rede de apoio voltadas para auxiliar essas mulheres em suas trajetórias acadêmicas tornam-se além de essenciais para permanência das estudantes mães no ensino superior, mas também braços de resistência frente às institucionalidades (Iniciativas [...], 2022).

Deixo registrado o *Qr Code* da transmissão (Figura 24), via canal do Youtube: Núcleo Materna, caso tenha interesse em acompanhar o diálogo:

---

<sup>115</sup> O Seminário aconteceu remotamente, em 2022, e contou com a parceria do Projeto Mães na Universidade: acesso, permanência e progressão de mulheres-mães da UFRJ e Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade - Núcleo Materna, estabelecendo redes com as instituições de ensino superior: UEFS, IFPR, UFS, UFRRJ, UERJ, UNIGRANRIO, UFF, UFRB, UFPE, PUC-RIO, MPED-UNEB, UNILA e CECULT/UFRRB. Para acompanhar as atividades realizadas, ver Núcleo Materna (2022), através do *hiperlink* anexado nesta nota.

**Figura 24 – II Seminário Maternidade e Universidade UFRJ**



Fonte: Iniciativas [...] (2022).

Tornou-se uma das experiências mais exitosas para o percurso da pesquisa, pude estabelecer pontes com pesquisas e ativistas que abordam a temática em diversos estados do Brasil, assim como a possibilidade de conhecer alguns coletivos, grupos de trabalho e projetos universitários que trabalham em prol do acesso, da permanência e da progressão de mães na universidade, a exemplo do Projeto de Extensão da UFRJ – Mães na Universidade: acesso, permanência e progressão; o projeto *Parent in Science*; o projeto de extensão Saúde Mental Materna SAUMMA – UFRJ; Maternidade e Universidade: ações de acolhimento à mães na universidade; e Núcleo Interseccional em Estudos da Maternidade NEIM-UFF<sup>116</sup>. Estes movimentos, associados aos coletivos de mães universitárias, nos ajudaram/ajudam a sonhar e acreditar em espaços mais acolhedores para estudantes mães.

Juliana Silva e Andréia Salvador, com o objetivo de resgatar a história dos coletivos de mães universitárias, compreender sua importância como movimento social e analisar seus impactos na universidade, realizam, em 2021, um mapeamento de coletivos de mães universitárias no Brasil, constatando 25 coletivos estruturados e criados entre os anos de 2010 e 2020 (Juliana Silva; Andréia Salvador, 2021). Para conhecimento, segue a Tabela 1 de coletivos elaborada pelas autoras:

<sup>116</sup> Perfis na rede social Instagram: @nucleomaterna; @projetoaesnauniversidadeufrj; @parentinscience; @saudementalmaternaufjr; @nucleoniem; @manu\_ufop.

**Tabela 1** – Coletivos de Mães Universitárias

| COLETIVO                                                                                    | ATUAÇÃO/UNIVERSIDADE                                                | INÍCIO |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|--------|
| Mamães na Pós-Graduação                                                                     | Nacional                                                            | 2017   |
| Coletivo Nacional de Mães Universitárias                                                    | Nacional                                                            | 2018   |
| Coletivo de Mães da UFMA                                                                    | Universidade Federal do Maranhão                                    | 2018   |
| Coletivo de Maternâncias Plurais da UFBA                                                    | Universidade Federal da Bahia                                       | 2020   |
| Coletivo de Mães da UnB                                                                     | Universidade de Brasília                                            | 2017   |
| Coletivo de Mães da UFG                                                                     | Universidade Federal de Goiás                                       | 2018   |
| Coletivo de Mães e Pais da UFR                                                              | Universidade Federal de Rondonópolis                                | 2020   |
| Coletivo de Mães e Pais da UNILA                                                            | Universidade Federal da Integração Latino-Americana                 | 2015   |
| Coletivo de MãEstudante                                                                     | Universidade Federal de Santa Catarina                              | 2017   |
| Coletivo de Mães UFPR                                                                       | Universidade Federal do Paraná                                      | 2020   |
| Coletivo de Mães e Pais Universitários/UFSCar – GPMU                                        | Universidade Federal de São Carlos                                  | 2010   |
| Coletivo de Pais e Mães da UFRRJ – COPAMA                                                   | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro                        | 2014   |
| Coletivo de Pais e Mães da UFF – CMUFF                                                      | Universidade Federal Fluminense                                     | 2016   |
| Coletivo de Mães e Pais da UFABC                                                            | Universidade Federal do ABC Paulista                                | 2017   |
| As PUC que Pariu                                                                            | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Campus Monte Alegre | 2018   |
| Mães da UFRJ                                                                                | Universidade Federal do Rio de Janeiro                              | 2019   |
| Mães Universitárias – Unimontes                                                             | Universidade Estadual de Montes Claros                              | 2019   |
| Maternativa                                                                                 | Universidade Federal de Minas Gerais                                | 2019   |
| Coletivo de Pais e Mães Copama UFRRJ ITR                                                    | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Instituto Três Rios    | 2019   |
| Núcleo de Mães e Pais da Unifesp – NMPU                                                     | Universidade Federal de São Paulo                                   | 2019   |
| Mães do CRUSP (Conjunto Residencial da USP)                                                 | Universidade de São Paulo                                           | 2020   |
| Coletivo Dandara de Mães e Gestantes da Unirio – Colodanda                                  | Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro                    | 2020   |
| Núcleo Interseccional de Pesquisa em Educação em Saúde e Direitos das Crianças – NUPES-CRIa | Universidade de São Paulo                                           | 2020   |
| MaternaCiência                                                                              | Universidade Federal de São Paulo                                   | 2020   |
| Coletivo de Mães da UFLA                                                                    | Universidade Federal de Lavras                                      | 2020   |

Fonte: Silva e Salvador (2021).

No momento, estamos em diálogo e acolhendo outras estudantes mães e simpatizantes na rede, prezando pela manutenção da mesma como um espaço de escuta, acolhimento e ativismo, bem como, amadurecendo a ideia da construção de um coletivo de mães da UNEB. Estamos em movimento de organização de possíveis ações futuras. No Quadro 3 seguem algumas idealizadas por nós e realizadas em 2023.2:

**Quadro 3 – Ações desenvolvidas na UNEB Campus XI e XIV**

| <b>AÇÃO</b>                                                               | <b>DESCRIÇÃO</b>                                                                                                                                                                                                                      | <b>TIPO</b> |
|---------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| <b>Encontro entre as participantes da Rede</b>                            | Avaliar participação e colaboração na pesquisa e realizar entrega dos livros: OlhosD'Água; Becos da Memória; Quarto de Despejo, das autoras Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, sorteados entre as Giras de Escrevivências. | Presencial  |
| <b>Reunião de diálogo com Direção Departamental</b>                       | Dialogar sobre como a UNEB <i>campi</i> XI e XIV pode ser um espaço mais acolhedor para mães e encaminhar demandas.                                                                                                                   | Presencial  |
| <b>Café e guri: uma prosa com estudantes mães, pais e/ou responsáveis</b> | Um encontro de acolhida e escuta entre e para com estudantes com filhos/as.                                                                                                                                                           | Presencial  |
| <b>Roda de conversa: Ei, estudante mãe, como está sua saúde mental?</b>   | Uma conversa sobre a saúde mental de estudantes mães.                                                                                                                                                                                 | Remoto      |
| <b>Projeto portal fotográfico: estudantes mães do/no Sertão UNEBiano</b>  | Uma maneira de criar significados, representatividade e visibilidade                                                                                                                                                                  | Presencial  |

Fonte: criado por MãEscrevivendo (2023).

O projeto, assim como as demais ações se constitui como um dos produtos interventivos desta pesquisa, nascendo do desejo de visibilizar a existência de estudantes mães na universidade. *Quantas vezes me senti só naquele espaço* (Giras de Escrevivências, Grupo WhatsApp, 2022). Uma maneira de criar significados e representatividades entre mulheres mães, para que pudéssemos nos sentir acolhidas, ouvidas e respeitadas. Um assuntar fotográfico estruturado enquanto um portal de acesso a várias realidades de maternidades presente na Universidade do Estado da Bahia. Pretende-se desenvolver o projeto no DEDC campus XI E XIV.



**5 NÃO ARREDAMOS O PÉ: “CAMINHO SE CONHECE  
ANDANDO, ENTÃO VEZ OU OUTRA É BOM SE PERDER”**

Das acontecências do banzo  
 brotará em nós o abraço a vida  
 e seguiremos nossas rotas  
 de sal e mel  
 por entre Salmos, Axés e Aleluias.  
 (Evaristo, 2021b, p. 120)

Maio de 2023, emaranhado pelas noites frias de junho. Impossível olhar para estes meses e não passar um filme na cabeça. Há três anos, marcou a concepção da minha gestação, agora, representa a ventania que este desconforto me provocou. Representa os caminhos curvilíneos. As águas calmas e agitadas que por aqui passaram. Representa memórias vivas e ancestrais, representa os agenciamentos coletivos e o encontro, representa as estudantes MãEscrivivendo, representa a possibilidade de estar aqui escrevendo a última carta deste ensaio escreviente com duas certezas: foram elas, as colaboradoras, as coautoras deste estudo que me trouxeram e me sustentaram até aqui; foram elas, as muitas mulheres que nas encruzilhadas da vida e formação me deram as mãos e me guiaram. Obrigada por abrirem rachaduras para que eu pudesse sonhar. Hoje habito lugares que minhas ancestrais sonharam para mim enquanto me davam banho de arruda e me perfumavam, enquanto rezavam o meu corpo pequeno e indefeso.

Foi lendo e conversando com feministas, com lésbicas, com mulheres brancas e negras, com minhas orientadoras; foi assuntando a tia, a vó, a bisa, as donas, em comunidade; assuntando as mães da rede; foi envolvida pelo movimento de pedagogias feministas do afeto, do bem viver; e foi evocando as escrevivências, que fui aprendendo a experimentar outros sabores para viver a pesquisa. Alguns com muita pimenta, dendê, e cuscuz com ovo. Foram elas, as mulheres, e em sua grande maioria, mulheres negras, que me deram régua e compasso para pensar este trilhar. Suas formas de escrever e de contar, suas epistemologias, a representatividade dos seus corpos e a forma como produzem conhecimento foram pistas e diálogos importantes para pensar este trabalho. Mexer com as estruturas coloniais exige um movimento que não se faz sozinha, assuntá-las me conduziu a caminhos possíveis.

Confesso, por vezes, pensei em desistir. Estava imersa em um período totalmente atípico, envolta pelas consequências de um contexto pandêmico e por um cenário de disseminação do ódio, em meio àquela que representou as eleições das nossas vidas. Pela primeira vez eu senti medo de me enfeitar de vermelho e ir para as ruas. Mas “não arredamos o pé”. Ouvi esta expressão advinda de Flávia Oliveira no Angu de grilo, pós-vitória de Lula no segundo turno. E ela, de certo que, traduziu a força do Nordeste com toda sua gente, o grito pela democracia, engasgado há quatro anos. Não poderia deixar de mencionar um momento tão difícil para as militâncias de vida e acadêmica. O auge do desmonte da democracia, do desmonte

da educação, do desmonte das universidades públicas. Mas o Nordeste nunca arredou o pé e a nossa resposta, a todo um desgoverno, chegou em massa nas urnas. E esta foi a injeção de ânimo que precisava para continuar acreditando na potência da educação, para continuar acreditando que as nossas lutas valem a pena, que as nossas lutas não continuariam sendo desmerecidas e apagadas, que era possível continuar assuntando e forjando ações afirmativas e políticas públicas para a nossa população. Para algumas de nós que, neste cenário, estávamos a escrever com nossas maternidades e todos os seus atravessamentos na trajetória universitária, este momento representou a possibilidade de continuar forjando nossas e outras presenças interioranas na universidade, de continuar matutando espaços mais acolhedores para estudantes mães e estudantes com filhos no ambiente acadêmico.

Tenho tomado as andanças desta pesquisa como uma grande esteira tecida por várias mãos, uma grande coxa de fuxico e de retalhos, costuradas em varandados de dias de luta, que se conectam com tempos e espaços outros. Em passos lentos fomos nos abraçando e criando, acalentando, devagar. Mergulhei em retalhos de vida, em “aió de memórias” (Ferreira, 2022), em “gramáticas de afetos compartilhados” (Martins, 2022), em *Escrevivências*. Foi em meio ao acontecer das *escrevivências* que aprendi modos de viver e modos de escrever com a pluralidade das maternidades negras e universidade. Modos de aprontar pesquisa em educação. Modos de criar passadiços com o campo. Modos de forjar maneiras mais acolhedoras e possíveis de se manter na universidade. Para mim, a escrita destas cartas *escreviente*, ela foi terapêutica.

Eu cheguei ao campo com uma sede muito grande de mudança, quando, primeiramente, precisávamos de acolhida e escuta. Sabe aquela frase, “caminho se conhece andando então vez ou outra é bom se perder”, da canção Deus me proteja, de Chico Xavier? Então, foi nestas andanças, com elas, que descobri: a acontecência começa no miúdo, devagarinho, com cuidado. Começa no corpo de cada uma. É preciso estar bem para convocar a ventania. E não estávamos. Sabe aquela frase estampadas nas camisas *unebianas* na posse de Luiz Inacio Lula da Silva? “Ano passado eu morri, mas este ano eu não morro”. É sobre isso e está tudo bem. Fomos abraço, choro, celebrações. Precisamos alcançar outras mães estudantes? Sim. Pais e responsáveis? Sim. Mas nos alcançar, naquele momento, foi importante para os próximos passos.

Uma fartura o que estas mulheres me proporcionaram. Reconheço as lacunas que esse trabalho deixou e a necessidade de alguns aprofundamentos que, em decorrência do tempo, não houve possibilidade, no momento, de mergulhos mais intensos. Muitas sementes foram lançadas para uma germinação em pesquisas futuras. Chego a este momento com a certeza de que, não temos controle sobre nada. “Não há formas fixas de aprender, de pesquisar, de produzir

conhecimento e que essa ausência de controle não significa descuido ou incompetência, mas indica que não somos, estamos sendo e isso implica estar aberta para o acontecer da vida”. (Lima, 2022, p. 110).

As conversas com as estudantes mães da “rede MãEscrivivendo” sempre me levavam para o encontro com personagens presentes em “histórias de leves enganos e parecenças”, “Insubmissas lágrimas de mulheres” e “Olhos d’água”, obras que trazem narrativas tecidas por Conceição Evaristo e que nos interligam por várias questões, inclusive as experiências de maternidades negras: Andina Magnólia e o sagrado pão dos filhos; Dolores Feliciano e seus três gurus; Sabela mãe, Sabela vovó e suas águas; Aramides Florença; Lia Gabriel; Saura Benevides Amarantino; Maria; e Quantos filhos Natalia teve. Considero-as como leitura e referência de cabeceira para quem deseja vivenciar e se aventurar nos estudos e pesquisas com as maternidades negras. Elas proporcionaram três pistas que foram fundamentais para vivenciar esta pesquisa: nos dão régua e compasso para criar modos de viver, modo de escrever a pesquisa; nos levam a compartilhar e acolher nossas dores a partir da escuta, abraçar nossos desconfortos e, sobretudo, perceber as especificidades que compõem e atravessam as maternidades negras; nos auxiliam a pensar em ações que apoiem estudantes mães, de classes populares, no contexto universitário.

As encruzilhadas das giras de escrevivências, vivenciadas com a rede MãEscrivivendo, me levaram para lugares e conexões inimagináveis. Meu corpo se curvava para frente e para trás, o tempo todo, nessa experiência. A sensação era de estar habitando espaços outros no mesmo tempo, às vezes, me sentia/sinto como uma “paisagem habitada pelas infâncias do corpo”, em outras, “indo e voltando sendo em torno do centro das forças vitais” (Martins, 2022, p. 21, 23). Permitiu uma reconexão com aquelas que foram/são portais para nós estarmos na universidade, uma reconexão com as nossas raízes afro-diaspóricas e afro-brasileiras a partir da escuta e do olhar atento para as várias experiências de maternidades negras sertanejas interioranas e suas intersecções. Escrever representou a possibilidade de concluir a pós-graduação rodeada por aquilo e aquelas/es que me mantém na labuta.

Do lugar que assunto o mundo, as escrevivências evocaram o cheiro de terra molhada e o gosto de terra seca por entre a poeira que sopra o rosto; a força e os medos do sisal; o cheiro de flor de mandacaru; o movimento de assumir os queloides; possibilitaram o reconhecimento de um nordeste, de um TISisal, dos enfrentamentos que nós temos, sobretudo diante dos processos de embraquecimento ao qual nosso Nordeste foi submetido. A travessia desta pesquisa rememora o cheiro forte do resíduo de sisal. Eu estou e estamos falando de uma experiência que tem cheiro de folha de vassourinha e tira-teima, benzendo nosso corpo contra

mau-olhado; tem cheiro de passeio a cavalo; de criança suja de lama; o cheiro forte do leite escorrendo no peito.

Vivenciar esta pesquisa permitiu cultivar memórias, evocar memórias dos/as ancestrais, construir passadiços, colchetes e cancelas; instigou a possibilidade de sonhar após processos tão violentos como a colonização da nossa Bahia, do Brasil e, mais recentemente, a pandemia associada a um desgoverno; ofereceu subsídios para pensar outras narrativas menos engessadas sobre maternidades, para perceber as maternidades e a universidade, a nível de marcadores sociais das diferenças, entendendo que, falar e vivenciar as maternidades é inevitavelmente esbarrar nos atravessamentos e intersecções de gênero, raça, classe, territorialidade, geração, sexualidade etc.

Ela me coloca de frente com questões caras para nós, seja através das nossas experiências, seja através da relação com nossos/as filhos/as. É um terreno que nos dá régua e compasso para assuntar e entender as relações sociais, históricas e culturais. Embora seja extremamente exaustivo assumir esta sobrecarga. E quando trazemos família, estado e sociedade como uma dimensão importante, como um lugar de responsabilidade, estamos dizendo que esta onda é muito grande para segurarmos sozinhas, enquanto mulheres mães. A pesquisa apontou caminhos para um diálogo com a paternidade e parentalidade.

Percebi que as experiências de universitárias com as maternidades negras, e por isso no plural, estão longe de serem homogêneas. Tanto as negritudes quanto as maternidades, elas se intersectam com outras formas de existir que as diferem e em cada uma delas transitam modos diversos de se viver a maternidade/maternagem. As giras refletiram experiências de maternidades solas; maternidades interioranas, periféricas; maternidades hétero, lésbicas e bi; maternidades atípicas; maternidades adotivas. Temos aquelas que vivenciam mais de uma destas intersecções e estas avenidas dizem muito sobre nossas vivências, condições e necessidades, refletindo no estar sendo no mundo. A experiência desta troca me deslocou para um movimento de não rotular ou encaixotar as categorias acima expressadas, uma vez que, embora compartilhando do mesmo marcador, as diferenças, elas escapam. Como lidar com aquilo que escapa?

Este estudo não teve a intenção de romantizar ou naturalizar as maternidades, tão pouco seus atravessamentos em meio às andanças da/na universidade. Buscamos pelas frestas rasurar e denunciar as estruturas ideológicas coloniais que circundam, atravessam e nomeiam as experiências de maternidades. Contudo, apostamos em escrever no espaço do silêncio, ao qual nós mulheres mães somos relegadas, como uma possibilidade de existir. Reafirmando o já dito anteriormente: apostamos em colocar por entre os corredores da universidade, uma

experiência que é minha, que é nossa, mas que também é da tia, da vó, da bisa, da mãe, da madrinha, das mulheres, das/dos ancestrais e de um povo. “Colher vidas e histórias do entorno” (Evaristo, 2020b), escrever como uma maneira de visibilizar nossa presença na universidade, visto que, a naturalização e colonização da maternidade é responsável por nos silenciar e negar ações afirmativas e políticas pública de permanências voltadas para este público. É sobre a possibilidade de sonhar que reivindicamos quando queremos uma universidade de acolhida e permanência para mães e estudantes com filhos/as. Pensar nestes corpos é um dos passos para se construir uma formação docente de qualidade.

É minha gente, chego ao fim desta carta com a sensação de travessia. Habitando as encruzilhadas e curvas como uma maneira de reparar/abraçar aquelas/es que foram silenciadas, aquelas/es que foram portais para estarmos onde estamos. Se nós estamos aqui, foi porque mulheres nos colocaram neste lugar. Habitando a curva, em aliança com muitas vozes, vamos construindo histórias do possível, pois “sei que a vida está para além do que é visto, dito ou escrito” (Evaristo, 2017). As coisas estão acontecendo aqui e agora, povoada. Povoada, é com esta canção de Sued Nunes que me despeço de vocês. Para se conectar, acesse o *QR code* e o Vídeo 8.

#### **Vídeo 8 – Povoada, Canção de Sued Nunes**



**Fonte:** Povoada [...] (2022)

“Eu sou uma mais não sou só, minha fia”. Abraços afetuosos!



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGUILAR, Poliana *et al.* Palma forrageira e bagaço de cana tratado com ureia e amônia na dieta de ruminantes. **Bahia Red Sindhi**, Itatim; Ipirá, BA, 1 mar. 2016. Disponível em: <http://bahiaredsindi.blogspot.com/2016/03/palma-forrageira-e-bagaco-de-cana.html?m=1>. Acesso em: 20 fev. 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade\\_\(Feminismos\\_Plurais\)\\_-\\_Carla\\_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 24 ago. 2021.

ALMEIDA, Maria Lucidalva de Oliveira. **Ser mulher no sertão**: os diversos estereótipos e preconceitos que estigmatizam a mulher sertaneja. 2010. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em História) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Conceição do Coité, 2010. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/BPJCA/ser-mulher-no-serto-os-diversos-esteriotipos-e-preconceitos-que-estigmatizam-a-mulher-sertaneja>. Acesso em: 13 fev. 2022.

ANALISEAGORA. **Candeeiro ou lamparina antiga, mas muito usado no Brasil**. Brasil, 11 ago. 2015. Não paginado. Disponível em: <https://www.analiseagora.com/2015/08/candeeiro-utensilio-antigomas-ainda.html>. Acesso em: 11 fev. 2022.

ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo”. Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1º sem. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ARAÚJO, Juliana Leandro de. **Obìnrin**: yabás, suas jóias e adornos contemporâneos: coleção inspirada nas principais orixás femininas. 2017. 71 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Design de Produto) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/156795>. Acesso em: 24 set. 2021.

ARTESDAPALHA. **#ExposiçãoArtesãdaPalha 2022**. [S.l.], 9 mar. 2022. Instagram: @artesasdapalha. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Ca40DLduCNt/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Ca40DLduCNt/?img_index=1) Acesso em: 3 out. 2021.

AZEVEDO, Jaqueline Freitas. **Da maternidade aos bancos escolares**: desafios da permanência de mulheres/mães na EJA. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.uems.br/publicos/download/105934>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo, Círculo do Livro, 1980.

BAHIA. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. **Sob a Fundação**. Salvador, [2023]. Disponível em: <https://www.fapesb.ba.gov.br/sobre-a-fundacao/>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BAIA, Luara Paula Vieira. **Maternidade tem cor?** narrativas de mulheres negras sobre maternidade. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

BANTOS Iguape - Canto para Oxum (Oro MI Maió). [S. l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Selva Tropical Bar. Disponível em: <https://www.youtube.com/embed/AzjYNXjXg4?>. Acesso em: 8 jan. 2023.

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. **Feminismo Negro**: notas sobre o debate norte americano e brasileiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9 – DIÁSPORA, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS, 2010, Florianópolis. **Anais Eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2010. V. 1. P. 1-9. Disponível em: [http://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278291423\\_ARQUIVO\\_FazendoGenero9LiciaBarbosa1.pdf](http://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278291423_ARQUIVO_FazendoGenero9LiciaBarbosa1.pdf). Acesso em: 10 fev. 2021.

BASTOS, Deh. Me tornei mãe e renasci como uma mulher. In: BARACT, Annie *et al.* **Maternidades no plural**: retratos de diferentes formas de maternar. 1. Ed. São Paulo: Fontanar, 2021. P. 292-349.

BATISTA, Glaucia. Diversamente mãe. In: BARACT, Annie *et al.* **Maternidades no plural**: retratos de diferentes formas de maternar. 1. Ed. São Paulo: Fontanar, 2021. P. 151-217.

BATISTA, Marcia. Sankofa: volte e pegue. **Grupo de Mulheres do Brasil**, [S. l., 24 mar. 2021]. Disponível em: <https://www.grupomulheresdobrasil.org.br/sankofa-volte-e-pegue/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães**: lembranças de Olga de Alaketu. 1. Ed. São Paulo: Arole Cultural, 2019.

BOTELHO, Pedro Freire. **O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira**. In: ENECULT ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 6., Salvador, 2010. **Anais** [...]. Salvador: Facom UFBA, 2010. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/wordpress/24807.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. **Resolução nº 45 de 20 de novembro de 2013**. Dispõe sobre os critérios para a utilização de veículos de transporte escolar adquiridos no âmbito do Programa Caminho da Escola. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 nov., 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/caminho-da-escola/legislacao/ResoluoCDFNDEn45de20denovembrode2013.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?** Brasília, DF: MS, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 9 fev. 2022.

BRASIL. **Projeto de Lei 2350/2015**. Altera a Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, que atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para assegurar os direitos educacionais às mulheres gestantes, em estado de puerpério e lactantes. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1579163>. acesso em: 22 mar. 2023.

BRITO, Patrícia Oliveira. **Indígena-mulher-mãe-universitária o estar-sendo estudante na UFRGS**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148633>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CALENDARR. Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. **Calendário Online com Feriados e Datas Comemorativas do Brasil**, Brasil, [2020]. Disponível em: <https://www.calendarr.com/brasil/dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

CARDOSO, Claudia Pons; SILVA, Zuleide Paiva da. Pedagogias Feministas no combate ao Racismo e às desigualdades de Gênero: uma abordagem perspectiva. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; PASSOS, Elizete Silva (org.). **Gênero e Diversidades na gestão educacional**. Salvador: UFBA/NEIM, 2011, p. 55-68. Disponível em: [http://neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/G%C3%AAneros-e-Diversidade-na-gest%C3%A3o-educacional\\_Miolo.pdf](http://neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/G%C3%AAneros-e-Diversidade-na-gest%C3%A3o-educacional_Miolo.pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

CARNAÚBA, Rayssa Araújo. **Trajetórias de adolescentes negras e mães**: por outras histórias, por outras políticas públicas. 2019. 173 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37558>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo (FEUSP), São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 313-321.

CARPES, Pâmela Billig Mello *et al.* Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 31, n. 2, e2022354, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/c7TkCBBBsYtF7nhnsDmZ83n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARVALHO, Regiany Alves. **Muro das Palpitações**: um manifesto de mães universitárias. 2020. 50 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.194>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28725>. Acesso em: 27 nov. 2021.

CODES SISAL. **Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território do Sisal**. Valente, BA: CODES Sisal, 2016.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021. CONCEIÇÃO Evaristo – sobre o discurso da meritocracia. [S.l.: s.n.], 2022. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Matheus Ribeiro. Disponível em: <https://youtu.be/-JQ5lCqXTP8>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CONCEIÇÃO, Evaristo, Jonathan Ferr, Theo Zagrae feat AUR, e MangoLab – Proteja. [S. l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal AUR. Disponível em: <https://youtu.be/OUqk0bIpFIU>. Acesso em: 14 mar. 2023.

CORRÊA, Marina. Festa de Iemanjá em Salvador: como celebrar. **UmCOMO**, 25 jan. 2023. Disponível em: <https://festa.umcomo.com.br/artigo/festa-de-iemanja-em-salvador-como-se-celebra-30555.html>. Acesso em: 4 mar. 2023.

CORRÊA, Mithaly Salgado *et al.* Maternidade e ensino superior: a extensão universitária como ferramenta para promoção da equidade de gênero nas universidades. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MATERNIDADE E CIÊNCIA, 3., 2021. **Anais [...]**. [S.l.:s.n.], 2021. Disponível em: <https://eventos.congresse.me/iiisbmc-pis/resumos/21708.pdf?version=original>. Acesso em: 18 abr. 2023.

CORRÊA, Mithaly; TAVARES, Vanessa dos Santos; QUEIROZ, Marilene dos Santos. Prefácio. In: MOURA, Ivana de Oliveira Eugênio de Souza *et al.* (org.). **Por onde andamos: experiências e perspectivas das múltiplas maternidades nas universidades**. Rio de Janeiro: Ed. das autoras, 2023. p. 9-10. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/even3publicacoes-assets/book/5185546porondeandamosexperienciaseperspectivasdasmultiplasm.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CORREIO DA MANHÃ. ‘**Nós, mulheres negras, temos uma maneira de ficcionar que é diferente**’, Rio de Janeiro, 18 abr. 2023. Caderno Cultura. Disponível em: <https://correiodamanha.com.br/cultura/2023/04/54071-nos-mulheres-negras-temos-uma-maneira-de-ficcionalizar-que-e-diferente.html>. Acesso em: 5 maio 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 3 fev. 2023.

CRESCER. Senado aprova projeto que prevê lei com direitos para mães solo, entenda. **Revista Crescer**, 9 mar. 2022. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2022/03/senado-aprova-projeto-que-preve-lei-com-direitos-para-maes-solo-entenda.html>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CRIANDOCRIANÇASPRETAS. **Lutar pela eliminação da discriminação racial é um dever de TODOS nós!** [S.l.], 21 mar. 2022. Instagram: @criandocriancaspretas. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CbYaCUnuogk/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRlODBiNWFlZA==](https://www.instagram.com/p/CbYaCUnuogk/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRlODBiNWFlZA==). Acesso em: 12 mar. 2023.

CURRICULOEEESCRIVEVÊNCIAS. **Modos de aprontar**: conversas sobre Metodologias de Pesquisa em Educação. Coité, 1 out. 2021. Instagram: @curriculoeescrevivencias. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CUf5cn4rlyn/>. Acesso em: 3 out. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Carniani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EDUCAÇÃO para as relações étnico-raciais e currículos antirracista. São Paulo: [s.n.], 2022. 1 vídeo (114 min). Publicado pelo canal Associação Nacional de História – Anpuh Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nRWb96kMyG4>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ENCONTRO com Conceição Evaristo e Paulina Chiziane | (Libras). [S.l.: s.n.], 29 nov. 2021. 1 vídeo (125 min). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/sDzarSvQwJI?feature=share>. Acesso em: 10 maio 2023.

EVANS, Luciane. “A mãe solo negra luta contra o racismo, machismo e o sexismo”. **Cria Para o Mundo**, 24 ago. 2020. Disponível em: <https://www.criaparaomundo.com.br/post/a-m%C3%A3e-solo-negra-luta-contra-o-racismo-machismo-e-o-sexismo>. Acesso em: 25 jan. 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-47. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

EVARISTO, Conceição. **História de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**: (contos). Belo Horizonte: Nandyala, 2020b.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro. Pallas Editora, 2021a.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2021b.

FARIA, Danusa Tederiche Borges de *et al.* Vidaformação e temporalidade de mulheres na pandemia. In: CHALHUBE, Tania; RIBEIRO, Tiago da Silva Ribeiro (org.). **Reflexões de um mundo em pandemia**: educação, comunicação, acessibilidade. Rio de Janeiro: Ayvo, 2020. Cap. 5, p. 80-113.

FELISBERTO, Fernanda. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. acesso em: 10 fev. 2022.

FERREIRA, Daniele Lopes. **Quem vê os flashes não vê os corres**: práticas educativas atravessadas pelas pedagogias feministas sertanejas nas escolas estaduais de Conceição do

Coité – BA. 2022. 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - MPED, Universidade Estado da Bahia - UNEB, Conceição do Coité, 2022. Disponível em: [https://www.mped.uneb.br/wp-content/uploads/2022/03/Dissertacao\\_Daniele\\_Lopes\\_Ferreira.pdf](https://www.mped.uneb.br/wp-content/uploads/2022/03/Dissertacao_Daniele_Lopes_Ferreira.pdf). Acesso em: 23 nov. 2022.

FIOCRUZ. Impactos Sociais da Pandemia. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 30 abr. 2023.

FORTUNA, Maria. Conceição Evaristo vai abrir casa de ‘escrevivência’, trabalha em quatro livros e planeja obra com Valter Hugo Mãe. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/12/conceicao-evaristo-vai-abrir-casa-de-escrevivencia-trabalha-em-quatro-livros-e-planeja-obra-com-valter-hugo-mae.ghtml>. Acesso em: 6 maio 2023.

GANZALA, Ani. **artefeminista #blackartists #artinsta #aquarelando #blackwoman #artenordeste #artecontemporaneabrasileira #paintings #watercolorart #annieganzala #aquarela #acquarello #artconcept #artcontemporain #arteamerindia #artistsworldwide #decolonize #brazilianart #brazilianartist #blackfamilylove**. Praia de Jauá, BA, 12 jan. 2018. Instagram @ganzalarts. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bd1U5G3gILj/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

GANZALA, Ani. **Onde vivem as negras**. Técnica: Aquarela. Dimensão: 29x42 cm. Papel Canson/300 g. Praia de Jauá, BA, 12 dez. 2021. Instagram @ganzalarts. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CXXrmtmA0EJ/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CXXrmtmA0EJ/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 18 jul. 2023.

GELARD, Fabiana Pedreira. **“Embaixo do pé do louco”**: políticas curriculares e a produção de material de apoio para a educação escolar quilombola em São Francisco do Conde/BA. 2021. 183f. Dissertação (Mestrado em Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação e Diversidade - MPED, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Conceição do Coité, 2021. Disponível em: [http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/2296/1/Dessertacao\\_Fabiana\\_Pereira.pdf](http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/2296/1/Dessertacao_Fabiana_Pereira.pdf). Acesso em: 10 dez. 2022.

GONZALES, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio Janeiro: Zahar. 2020.

HADDOC-LOBO, Rafael. A gira macumbística da filosofia. **Revista Cult Dossiê Filosofia e Macumba**. São Paulo, ed. 254, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-gira-macumbistica-da-filosofia/>. Acesso em: 2 mar. 2022.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos**: Histórias Íntimas de Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras e Queers Radicais. Tradução Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HENRIQUES, Cibele da Silva. **Tensões, estratégias e rearranjos**: a luta das alunas mães trabalhadoras pelo direito à educação superior. 2016. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/16045/1/Dissertacao%20-%20Cibele%20da%20Silva%20Henriques.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

IANSÃ – Arlindo Cruz e Arlindo Neto. [S.l.: s.n.], 4 dez. 2016. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Fitamarela. Disponível em: <https://youtu.be/yV2bg7W1uF0>. Acesso em: 11 jan. 2023.

IGNACIO, Julia. O que é interseccionalidade?. **Politize!**, 27 jun. 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

INICIATIVAS de Permanência das Mulheres-Mães na Universidade. [S.l.: s.n.], 2 dez. 2022. 1 vídeo (122 min). Publicado pelo canal Núcleo Materna. Disponível em: [https://www.youtube.com/live/JuEghi\\_cJtw?feature=share](https://www.youtube.com/live/JuEghi_cJtw?feature=share). Acesso em: 7 abr. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JORNADA Feminismos Plurais - Colorismo com Alessandra Devusky e Djamila Ribeiro. [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (67 min). Publicado pelo canal Feminismos Plurais. Disponível em: [https://youtu.be/4\\_u2mRK0Rr0](https://youtu.be/4_u2mRK0Rr0). Acesso em: 15 jan. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Editora: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Jeane Matos Araújo. **Escrevivências de cotidianos escolares na pandemia de covid-19**. 2021. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - MPED, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Conceição do Coité, 2021. disponível em: [http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/2473/1/Dissertacao\\_Jeane\\_Matos\\_Araujo\\_Lima.pdf](http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/2473/1/Dissertacao_Jeane_Matos_Araujo_Lima.pdf). acesso em: 17 set. 2022.

LORDE, Audre. O filho homem: reflexões de uma lésbica negra feminista; *In*: LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 90-100. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/672413/Audre+Lorde+Irm%C3%A3+outsider.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.

MACEDO, Márcia dos Santos. Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 389-404, maio/ago. 2008. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v21i53.18975>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18975>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MARIAH, Morena. A passabilidade e a política de embranquecimento. **Blog Intrínseca**, Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 10 jun. 2021. Seção Quintas Preta. Disponível em: <https://intrinseca.com.br/blog/2021/06/a-passabilidade-e-a-politica-de-embranquecimento/#>. Acesso em: 6 jan. 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022. (Coleção Encruzilhada).

MATERNIDADES negras: ancestralidade, corpo e formação profissional. Conceição do Coité, BA: PPGED-UNEB, 2022. 1 vídeo (118 min). Publicado pelo canal MPED. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/1wJuoAnrY-I?feature=share>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MATEUS Aleluia e Thalma de Freitas - Cordeiro de Nanã. Compacto Petrobras. [S.l.: s.n.], 2010. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Veja compacto. Disponível em: <https://youtu.be/XqPWV0M8B-o>. Acesso em: 4 fev. 2023.

MESA de Abertura: Maternidades Feministas no Combate ao Fascismo. [S. l.: s.n.], 2022. 1 vídeo (94 min). Publicado pelo canal Núcleo MATERNA. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qR6myR5aKzc&ab\\_channel=N%C3%BACleoMATERN](https://www.youtube.com/watch?v=qR6myR5aKzc&ab_channel=N%C3%BACleoMATERN). Acesso em: 21 abr. 2023.

METODOLOGIAS dos/as oprimidos/as - AULA 2. [S. l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (140 min). Publicado pelo canal Linguística Aplicada UFRJ - PIPGLA. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ZpsEdaRqo5w?feature=share>. Acesso em: 1 dez. 2021.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375>. Acesso em: 22 fev. 2022.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral**: os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Male. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) - Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/97>. Acesso em: 22 fev. 2022.

MOREIRAS, Ligia. Pisando firme nesse solo. In: BARACT, Annie *et al.* **Maternidades no plural**: retratos de diferentes formas de maternar. 1. ed. São Paulo: Fontanar, 2021. p. 83-150.

MOTA, Alexsandro. **Neste final de tarde de domingo, 28/08, me deparei com uma linda Lua nova e não podia deixar de fotografá-la. Contrastando com os mandacarús, criei essa composição incrível com o céu rosado do pôr do sol. O resultado não poderia ter ficado melhor!** Conceição do Coité, BA, 28 ago. 2022. Instagram @alexandromota805. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ch0fTv9rAmX/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MUNANGA, Kebengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. O branqueamento da raça: uma estratégia do genocídio. *In*: NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Cap. 5, p. 69-77.

NASCIMENTO, Cassiano Ferreira. O trabalho nos campos de Sisal do município de Valente-Bahia nas décadas de 1970 e 1980. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, MS, v. 10, n. 20, p. 38–57, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/6203>. Acesso em: 6 jul. 2023.

NOSSO São João na roça. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Andreza Anjos. Disponível em: <https://youtu.be/yPd3dFlrGCs>. Acesso em: 10 jan. 2023.

NOTÍCIA PRETA. Brasília celebra Festa do Erê: sincretismo na comemoração de Cosme e Damião. [Rio de Janeiro: NP], 21 set. 2022. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/festa-ere-cosme-damiao/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

NÚCLEO MATERNA. Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade. **Sobre o Núcleo Materna**. Rio de Janeiro, [2019]. Disponível em: <https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/quem-somos-nos>. Acesso em: 10 jun. 2022.

NÚCLEO MATERNA. Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade. **II Seminário Maternidade e Universidade da UFRJ**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/iiseminariomaternidadeeuniversidade>. Acesso em: 16 abr. 2023.

NÚCLEO MATERNA. Núcleo Virtual de Pesquisa em Gênero e Maternidade. **Cursos**: “Introdução aos Estudos Críticos da Maternidade” e “Escrevendo sobre maternidade: desafios teóricos-metodológicos”. Rio de Janeiro: Núcleo Materna, 2023. Disponível em: <https://projetosmaterna.wixsite.com/nucleomaterna/cursoescrevendosobrematernidade>. Acesso em: 19 maio 2023.

O PONTO de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo (2017). Rio de Janeiro: Itaú Cultural, 3 maio 2017. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno>. Acesso em: 7 fev. 2023.

OLIVEIRA, Iris Verena. GIRAS DE ESCRIVIVÊNCIAS: Miragens metodológicas para pesquisa no campo do currículo. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 14, n. esp, p. 1-20, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v14iEspecial.61164>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/61164>. Acesso em: 9 jun. 2022.

OLIVEIRA, Iris Verena; LIMA, Jeane Matos Araújo; SANTOS, Geniclécia Lima dos. “Escrevivências” e afectos literários entre universidade e escola. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.18362.008>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/18362>. Acesso em: 5 set. 2022.

OLIVEIRA, Iris Verena; LIMA, Jeane Matos Araújo; GELARD, Fabiana Pedreira (org.). **Rede Combinamos de Escrever**: experiências de educação antirracista. Curitiba: CRV, 2022.

OLIVEIRA, Kelly. Disquesia do lactente: O que pode causar e como tratar?. **Pediatria Descomplicada**, [2021]. Disponível em: <https://pediatriadescomplicada.com.br/2021/02/22/disquesia-do-lactente-o-que-pode-causar-e-como-tratar/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia**: Efeitos de gênero, raça e parentalidade. [Poa, RS: PiS], 2020. Disponível em: [https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b\\_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true](https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true). Acesso em: 23 abr. 2023.

PARENT IN SCIENCE. **Sobre nós**. Poa, RS: PiS, [2023?]. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>. Acesso em: 23 abr. 2023.

PARENT IN SCIENCE. **Como instituições podem apoiar as MÃES estudantes**. Poa, RS: PiS, 2023. Disponível em: [https://www.parentinscience.com/\\_files/ugd/0b341b\\_12c9844be3614fad90e35c65f7aa7e4f.pdf](https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_12c9844be3614fad90e35c65f7aa7e4f.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

PLETISAITZ, Katiúcia. **A maternidade na casa de Estudantes da UFSM**: desafios e conquistas das acadêmicas mães moradoras da CEU. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/15159>. Acesso em: 27 nov. 2021.

PORTAL GELEDÉS. **Carta das Mulheres Negras 2015**. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>. Acesso em: 30 abr. 2023

POVOADA – Sued Nunes. [S.l.: s.n.], 2022. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Mungunzá Records. Disponível em: <https://youtu.be/dIFzUVxAb8c>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PRECE de Pescador – Mariene de Castro (Canto a Yemanjá). [S.l.: s.n.], 2011. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Templo Universalista Amor que cura. Disponível em: <https://youtu.be/QMta-Jso9Pg>. Acesso em: 16 jan. 2023.

PSOL NA CÂMARA. Vitória! Aprovado projeto que reconhece o cuidado materno como trabalho. **Psol na Câmara**, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://psolnacamara.org.br/vitoria-aprovado-projeto-que-reconhece-o-cuidado-materno-como-trabalho/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

QUEIROZ, Marilene dos Santos; SILVA, Zuleide Paiva da. Maternidades, maternagens e educação: rios que se cruzam em uma revisão de literatura. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 8., SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 4., LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE, 4., 2022, Campina Grande. **Anais [...]** Campina Grande:

Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/87627>. Acesso em: 10 dez. 2022.

RAIZESDONORDESTES. **Imagens que traz uma nostalgia danada! Já conhecesse alguma bodega assim?**. [S.l.], 21 jan. 2023. Instagram: @raizesdonordestes. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cnsi8FZDySI/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

REBOUÇAS, Jussiana Silva dos Santos. **Quem pariu Mateus que balance?** Uma cartografia dos desejos maternais na adolescência CERG-São Félix/BA. 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/511>. Acesso em: 27 nov. 2021.

REZO a cura. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Tainá Santos - Tema. Disponível em: <https://youtu.be/ZBvXKEHsZl8>. Acesso em: 20 set. 2021.

RODRIGUES, Mariana Borelli. **Maternidade, raça e classe: hierarquias, privilégios e opressões entre mulheres mães no contexto do trabalho doméstico remunerado**. 2019. 283 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38705>. Acesso em: 16 fev. 2022.

ROSA, Crislane Palma da Silva; OLIVEIRA, Luana Farias de. “Nossos corpos estão preparados para se recuperar”: Uma entrevista com Ani Ganzala. **Revista Brasileira de Estudos de Homocultura**, v. 4, n. 15, p. 9-36, set./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2021.15.12809>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12809>. Acesso em: 13 mar. 2023.

RUBEM, Rubenilson. Barrocas: Mineração Fazenda Brasileiro realiza “oficina de sabão” e vira notícia. **Jornal Nossa Voz**, Barrocas, BA, 4 jul. 2012. Disponível em: <http://www.jornalanossavoz.com.br/2012/07/barrocas-mineracao-fazenda-brasileiro.html>. Acesso em: 1 jan. 2023.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como educação. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 4, p. 262-289, out./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4ID1012>. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1012>. Acesso em: 5 dez. 2021.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Considerações Introdutórias às Pedagogias Feministas. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. 2ed. Salvador: UFBA/NEIM, 2011, v. 1, p. 19-38.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. Cap. 1. p. 21-40.

SANTOS, Dolnéia Aparecida dos. **Maternidades juvenis: o que dizem alunas de uma escola pública de periferia**. 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2020. Disponível em: <https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM315.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2021.

SANTOS, Elis Souza dos. **Hoje a cria não veio: Mães adolescentes negras e projetos de vida no contexto escolar**. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Salvador, 2018. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id\\_trabalho=7828381](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popUp=true&id_trabalho=7828381). Acesso em: 26 nov. 2021.

SANTOS, Elisangela. Estudo aponta influência da cultura africana no reisado. **Diário do Nordeste**, Ceará, 5 fev. 2012. disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/estudo-aponta-influencia-da-cultura-africana-no-reisado-1.118866>. Acesso em: 4 jan. 2023.

SANTOS, Eva Dayane Jesus dos. SANKOFEAR PARA CONTINUAR: memória ancestral negra e indígena presente no Povoado Terreirão, Muniz Ferreira - BA. **Revista Macambira**, Bom Jesus da Lapa, v. 6, n. 1, p. e061013, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.719>. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/719>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SANTOS, Gersier Ribeiro dos. **Escrevivências de professoras-negras-lésbicas: práticas educativas e produções de intelectualidades**. 2022. 132 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - MPED, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Conceição do Coité, 2022. Disponível em: [http://saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/3660/1/Dissertacao\\_Gersier\\_Ribeiro.pdf](http://saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/3660/1/Dissertacao_Gersier_Ribeiro.pdf). Acesso em: 25 nov. 2021.

SANTOS, Gersier Ribeiro dos; SILVA, Zuleide Paiva da. A Visibilidade da professora negra lésbica nas produções científicas: uma revisão de literatura. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, 25., 2020, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ANPED, 2020. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/6660-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/6660-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em: 25 nov. 2022.

SANTOS, Jaqueline; SILVA, Zuleide. Mapeamento dos estudos sobre lésbicas: um olhar para a produção escrita de professoras lésbicas. **RevNUPE - Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa Extensão**, Senhor do Bonfim, v. 1, n. 1, p. e202104, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/revnupe/article/view/12541>. Acesso em: 3 jul. 2021.

SANTOS, Robson de Andrade; BRANDÃO, Wellington. Cultivo de Sisal no Brasil. **Brasil Agrícola**, [S.l., 2015]. Disponível em: <https://www.brasilagricola.com/2015/04/cultivo-do-sisal-no-brasil.html>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SANTOS, Victor; NOGUEIRA, Rubenilson. Em Barrocas tradição da casa de farinha é passada de geração em geração. Conheça esse processo histórico! **Jornal Nossa Voz**, Barrocas, BA, 17 ago. 2020. Disponível em: <https://www.jornalanossavoz.com.br/2020/08/em-barrocas-tradicao-da-casa-de-farinha.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SANTOS, Victor; QUEIROZ, Daniel. Cena rara, Carro de Boi cruzou o município de Barrocas na manhã desta terça-feira. **Jornal Nossa Voz**, Barrocas, BA, 30 jun. 2015. Disponível em: <https://www.jornalanossavoz.com.br/2015/06/cena-rara-carro-de-boi-cruzou-o.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SANTUÁRIO NACIONAL DE UMBANDA. **Oxúm**. Santo André, SP: Tribo de Luz, 2023. Disponível em: <https://santuariodeumbanda.com.br/site/loais-para-oferendas/vale-dos-orixas/oxum/>. Acesso em: 31 jan. 2023

SER mãe é padecer no paraíso? Violências que atravessam a vida de mulheres-mães. [S. l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (114 min). Publicado pelo canal MPED. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=an3Vnlzy6G0&ab\\_channel=MPED](https://www.youtube.com/watch?v=an3Vnlzy6G0&ab_channel=MPED). Acesso em: 18 mar. 2021.

SILVA, Daniel Neves. “Dia Mundial da Religião”. **Brasil Escola**, [2023?]. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-mundial-religiao.htm>. Acesso em: 21 jan. 2023.

SILVA, Daniele de Luna e; MENDES, Maria Elisabeth P. Souto Maior. Maternidades e Maternagens: representações e contestações - Apresentação do Dossiê. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 31, n. 1, p. 2-11, jan./jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.60134>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/60134>. Acesso em: 2 jan. 2022.

SILVA, Fabiana Pinto da; SANTANA, Virgínia Araújo Lima. ESPINHOS, FRUTOS E FLORES: narrativas das experiências de uma mulher do campo/roça no sertão baiano. **Revista Macambira**, Bom Jesus da Lapa, v. 6, n. 1, p. e061014, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.724>. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/724>. Acesso em: 5 jan. 2023.

SILVA, Juciane Beatriz Sehn da; LAROQUE, Luís Fernando da Silva. A história dos Kaingang da terra indígena Linha Glória, Estrela, Rio Grande do Sul/Brasil: sentidos de sua (re)territorialidade. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 24, n. 3, 435-448, set./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132012000300005>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/15008>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVA, Juliana Marcia Santos. Interseccionalidades e Maternidade na Universidade Federal da Bahia. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 16., 2018, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG /UEPB, 2018. Disponível em: [https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1533130798\\_ARQUIVO\\_artigo16snhct.pdf](https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1533130798_ARQUIVO_artigo16snhct.pdf). Acesso em: 20 dez. 2022.

SILVA, Juliana Marcia Santos; SALVADOR, Andréia Clapp. Coletivos de mães universitárias rompendo com a história da exclusão feminina nas universidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPUH Brasil, 2021. Disponível em: [https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628176107\\_ARQUIVO\\_6c5ff0b3c39fb6a13b440aa157afdc9d.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628176107_ARQUIVO_6c5ff0b3c39fb6a13b440aa157afdc9d.pdf). Acesso em: 18 mar. 2023.

SILVA, Maryahn Koehler. **Ensino normal**: da formação da professora à formação da mulher, esposa e mãe. 2013. 143 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16088>. acesso em: 14 fev. 2022.

SILVA, Zuleide Paiva da. Interseccionalidade como princípio do campo feminista. *In*: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante; SILVA, Vitor Amar (org.). **Interseccionalidades em pauta**: gênero, raça, sexualidade e classe social. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 273-200.

SOUZA, Andreza dos Anjos. **As contribuições da Brinquedoteca Universitária Criação para a cultura do brincar**: olhares de mães universitárias do curso de Pedagogia da UNEB Campus XI. 2022. 51 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Serrinha, 2022.

SOUZA, Denilce Santos de; SOUSA, Valmiene Florindo de Farias. Mãe-professora na pandemia: Os desafios sociais, familiares e no trabalho docente de professoras ICSEZ/UFAM. *In*: MOURA, Ivana de Oliveira Eugênio de Souza *et al.* (org.). **Por onde andamos**: experiências e perspectivas das múltiplas maternidades nas universidades. Rio de Janeiro: Ed. das autoras, 2023, p. 283-295. DOI: <https://doi.org/10.29327/5176861>. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/even3publicacoes-assets/book/5185546porondeandamosexperienciaseperspectivasdasmultiplasm.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i3.0023>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12475>. Acesso em: 29 jan. 2023.

TELLES, Lorena Ferres. Mães e amas de leite nas malhas dos interesses escravistas: mercado urbano de aluguel, abandono e morte de bebês ingênuos no Rio de Janeiro (1871-1888). *In*: MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo *et al.* (org.). **Ventres livres?** Gênero, maternidade e legislação. São Paulo: UNESP, 2021, p. 41-62.

TIBONI, Marcela. O desejo de ser mãe ao lado de outra mãe. *In*: BARACT, Annie *et al.* **Maternidades no plural**: retratos de diferentes formas de matinar. 1. ed. São Paulo: Fontanar, 2021. p.7-82.

TRANSBORDAR de águas em levadas da roça. [*S.l.* : *s.n.*], 2023. 1 vídeo shorts (60 s). Publicado por Mary Queiroz. Disponível em: [https://www.youtube.com/shorts/k\\_JQWEy44Hk](https://www.youtube.com/shorts/k_JQWEy44Hk). Acesso em: 26 jun. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **A UNEB**, [2023a]. Disponível em: <https://portal.uneb.br/a-uneb/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Campus Serrinha**. [2022]. Disponível em: <https://portal.uneb.br/campus-serrinha/>. Acesso em: 18 fev. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Departamento de Ciências Humanas (DCH). **Regimento do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED)**. Jacobina e Conceição do Coité: PPGED, 2021. Disponível em: <http://www.mped.uneb.br/wp-content/uploads/2021/05/Regimento-PPGED-CONSU-16-04-21.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Departamento de Educação. **DEDC - Campus Serrinha**. [2023b]. Disponível em: <https://dedc11.uneb.br/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Departamento de Educação. **DEDC - Campus Conceição do Coité** [2023c]. Disponível em: <https://dedc14.uneb.br/>. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. UNEBI Multicampi: Interiorização e Interdepartamentalização na consolidação da Pós-Graduação no Estado da Bahia. In: FÓRUM NACIONAL DE REITORES DA ABRUEM, 64., 2019, Brasília, DF. **Apresentações** [...]. Brasília, DF: ABRUEM, 2019. Disponível em: [http://www.abruem.org.br/images/PDF/Apresenta\\_\\_o\\_ABRUEM\\_UNEB\\_14\\_06\\_20191-compactado.pdf](http://www.abruem.org.br/images/PDF/Apresenta__o_ABRUEM_UNEB_14_06_20191-compactado.pdf). Acesso em: 18 fev. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Resolução nº 025/2014 de 30 de outubro de 2014**. Institui o Programa de Moradia Estudantil, no Âmbito da Universidade Federal de Santa Maria, para Estudantes do Ensino Médio, Técnico, Tecnológico e de Graduação, e Revoga a Resolução 004/2008. Santa Maria, 2014. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/prae/images/Resolucoes/Resolu%C3%A7%C3%A3o\\_25-2014\\_Moradia\\_Estudantil.pdf](http://w3.ufsm.br/prae/images/Resolucoes/Resolu%C3%A7%C3%A3o_25-2014_Moradia_Estudantil.pdf). Acesso em: 25 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Propostas de Políticas de Apoio à Maternidade na Universidade**. Rio de Janeiro: Grupo de Trabalho “Mulheres na Ciência”, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/40688117/Propostas\\_de\\_Pol%C3%ADticas\\_de\\_Apoio\\_%C3%A0\\_Maternidade\\_na\\_Universidade](https://www.academia.edu/40688117/Propostas_de_Pol%C3%ADticas_de_Apoio_%C3%A0_Maternidade_na_Universidade). Acesso em: 5 maio 2023.

VIDAS teimosas: desobediências epistêmicas, metodológicas e poéticas. [S.l.: s.n.], 2022. 1 vídeo (111 min). Publicado pelo canal MPED. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/0JvTPi1RN8k?feature=share>. Acesso em: 2 fev. 2023.

XAVIER, Antonio Jeferson Barreto. **O gênero vai à roça: a presença de professores homens na educação do/no campo de um interior baiano**. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170321>. Acesso em: 24 ago. 2021.

## ANEXO A – Termo de Consentimento

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO  
CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

#### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_  
 Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )  
 Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_  
 Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
 Telefone: ( ) \_\_\_\_\_/( ) \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

#### II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

##### 1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: CARTAS ESCRIVIVENTES –

Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens e universidade no Sertão baiano nordestino

##### 2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Marilene dos Santos Queiroz

##### 3. CARGO/FUNÇÃO: Mestranda do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - MPED/UNEB

#### III – EXPLICAÇÕES DA PESQUISADORA A PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Prezada, a senhora está sendo convidada para participar da pesquisa “**CARTAS ESCRIVIVENTES – Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens negras e universidade no Sertão baiano nordestino**”, de responsabilidade da pesquisadora Marilene dos Santos Queiroz, Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (MPED-UNEB), que tem como objetivo **assuntar escreviente em torno dos atravessamentos das maternidades e maternagens nas trajetórias formativas de discentes mães, a partir de suas/nossas escrevivências sertanejas.**

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como: promover reflexões e trocas de experiências em um assuntar escreviente a respeito das maternidades e as trajetórias formativas; fortalecer e visibilizar a presença de mães no ambiente universitário; a criação de um grupo/rede de mães dentro da universidade; possibilitar um espaço onde possamos nos acolher, ouvir e construirmos juntas perspectivas de visibilidade e permanência.

Caso aceite, a senhora fará parte de um grupo de mães discentes que participará de alguns encontros – giras de escritórios virtuais, no Microsoft Teams, os quais terão o áudio gravado, de modo que, sua imagem seja preservada. Os encontros serão combinados coletivamente de acordo as disponibilidades. Participará também de um grupo de WhatsApp onde poderá estabelecer diálogo, trocas de experiência, espaço de escuta, acolhida, bem como, tirar dúvidas que estejam relacionadas com a temática e encontros, se e quando desejar. Estes processos serão realizados em conjunto com Marilene dos Santos Queiro discente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. Vale salientar que, os dados que emergirem serão utilizados única e exclusivamente nesta pesquisa, os quais posteriormente serão deletados e/ou destruídos.

Devido a coleta de informações/encontros a senhora poderá se sentir constrangida, inquieta ou triste em lembrar de momentos delicados da sua trajetória formativa/vida enquanto mãe. Sinta-se à vontade para mencionar possíveis desconfortos, estarei disponível para diálogo individual e possíveis soluções.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo caso não autorize o uso do seu nome. Caso queira, poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que a senhora apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Reitero ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele/a seja prejudicado/a por esta pesquisa. A senhora receberá uma cópia deste termo onde consta o contato das pesquisadoras, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **IV – INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Mestranda, Marilene dos Santos Queiroz

**Endereço:** Fazenda Socavão – Teofilândia

**Telefone:** (75) 991381607

**E-mail:** mary-queiroz@hotmail.com

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador-BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

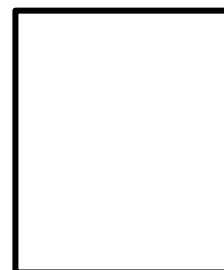
**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

## V – CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **“CARTAS ESCRIVIVENTES – Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens negras e universidade no Sertão baiano nordestino”**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade. Como voluntária, autorizo o uso do meu nome verdadeiro e consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos, artigos científicos e/ou outros formatos. Assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada a pesquisadora e outra a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa



\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora discente  
(orientanda)

\_\_\_\_\_  
Assinatura da professora responsável  
(orientadora)

**APÊNDICE A - Formulário destinado a mães universitárias, graduandas da UNEB –  
DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)**

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

***Formulário destinado à mães universitárias,  
graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV  
(Serrinha e Conceição do Coité)***

Oi, espero encontra-la bem!

Sentei-me aqui, no varandado da casa da minha vó, buscando sentir aquela brisa de fim de tarde. Aquela que vem acompanhada da boniteza do pôr do sol, com aroma de café e chá fresquinho. Logo ali à minha frente, nos altos e baixos do terreiro, corre meu pequeno, todo desengonçado, à celebrar a gostosa sensação de pés no chão.

A cabeça está aqui, a mil, cheia de demandas para dar conta. E por aí, como andas? Aperriada né? Prometo ser rápida. Venho através desta telinha, buscar uma conexão contigo em meio aos perrengues, dores e delícias da maternidade/maternagem e vida acadêmica.

Sim, nós somos estudantes, mães... Somos muitas e plurais.

Sou Marilene Queiroz, mestranda no Programa de Educação e Diversidade MPED - UNEB - Campus XIV, sob a Orientação da Profa. Dra. Zuleide Paiva da Silva e Coorientação da Profa. Dra. Iris Verena Santos de Oliveira. Venho, por meio deste breve formulário, estabelecer uma conexão com você, mulher mãe estudante de graduação, especificamente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), DEDC campus XI e XIV (Conceição do Coité e Serrinha).

Sua participação será fundamental para o desenvolvimento da pesquisavida que estamos tecendo, de modo que, possamos visibilizar a presença de mães nos espaços acadêmicos como um caminho para se pensar em redes de apoio, experiências, formação, permanência e sobretudo um assuntar escreviente em torno das várias experiências de maternidades.

Este formulário é destinado a você "mãe biológica/social/adotiva".

\*Sua identidade será preservada\*

Caso queira, sinta-se à vontade para me contactar.

E-mail: mary-queiroz@hotmail.com

**\* Indica uma pergunta obrigatória**

1. E-mail \*

---

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

2. Nome ou apelido: \*

---

3. Idade \*

---

4. Orientação Sexual \*

*Marcar apenas uma oval.*☐ Homossexual☐ Heterossexual☐ Bissexual☐ Lésbica☐ Outro: 

---

5. Identidade de gênero \*

*Marcar apenas uma oval.*☐ Cisgênero☐ Transgênero☐ Não binário☐ Outro: 

---

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

## 6. Cor/raça/etnia \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Preta
- ☐ Parda
- ☐ Branca
- ☐ Indígena
- ☐ Não sabe informar

## 7. Estado civil \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Solteira
- ☐ Divorciada/separada
- ☐ Casada
- ☐ Viúva

## 8. Você é mãe solo? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

## 9. Cidade onde você mora \*

---

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

10. Em qual espaço se situa seu endereço? \*

*Marcar apenas uma oval.*☐ Zona Rural☐ Zona Urbana

11. Contato (Whatzzap ou telefone) \*

---

12. Instituição \*

*Marcar apenas uma oval.*☐ UNEB CAMPUS XI (Serrinha)☐ UNEB CAMPUS XIV (Conceição do Coité)

13. Curso \*

*Marcar apenas uma oval.*☐ Licenciatura em Pedagogia☐ Licenciatura em Geografia☐ História☐ Letras - Língua Inglesa e Literaturas☐ Letras - Língua Portuguesa e Literaturas☐ Bacharelado em Administração☐ Agroecologia☐ Comunicação Social - Rádio e TV

14. Ano de ingresso? \*

---

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

15. Em qual semestre você está? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Primeiro
- ☐ Segundo
- ☐ Terceiro
- ☐ Quarto
- ☐ Quinto
- ☐ Sexto
- ☐ Sétimo
- ☐ Oitavo
- ☐ Dessestrelizada
- ☐ Aguardando colação de grau

16. Já trancou o curso? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

17. Já trancou alguma disciplina ou não deu conta de concluir em determinado semestre? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

**18. Maternidade / Maternagem \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Adotiva
- ☐ Biológica
- ☐ Social
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**19. Dentre as várias existências de maternidades e maternagens qual ou quais delas atravessam/fazem parte da sua experiência enquanto mãe? \****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Maternidade /maternagem negra
- ☐ Maternidade/maternagem Lésbica
- ☐ Maternidade /maternagem Bissexual
- ☐ Maternidade /maternagem Trans
- ☐ Maternidade /maternagem heterossexual
- ☐ Maternidade/maternagem branca
- ☐ Maternidade/maternagem Indígena
- ☐ Maternidade/maternagem de PcD
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**20. Em caso de mais de uma experiência, sinalize à ou as demais aqui. \***

---

---

---

---

---

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

21. Quantas(os) filhas(os) você tem? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Estou grávida
- ☐ um
- ☐ Dois
- ☐ Três
- ☐ Quatro ou mais

22. Idade das(os) filhas(os) \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Estou grávida
- ☐ Recém-nascido
- ☐ 1 à 2
- ☐ 3 à 4
- ☐ 5 à 6
- ☐ 7 à 10
- ☐ 10 á 15
- ☐ Acima de 15

23. Quais idades?

(em caso de mais de um filho e/ou idades divergentes)

---

24. Como você se sente exercendo a maternidade/maternagem? \*

---

---

---

---

---

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

25. A pandemia causada pelo covid-19 interferiu na sua relação entre maternidade e vida acadêmica? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Não
- ☐ Um pouco
- ☐ Mais ou menos
- ☐ Muito

26. Se sua resposta foi positiva, de que maneira houve interferência na relação da maternidade e vida acadêmica durante a pandemia?

---

---

---

---

---

27. Alguém te ajuda na criação e cuidados com tua/teu filha(o)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ As vezes

28. Se sim, quem? \*

ex: companheiro, companheira, avó, avô, tia, tio, pai, filho(a) mais velho(a), entre outros.

---

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

29. **Exerce alguma atividade remunerada? \****Marcar apenas uma oval.*☐ Sim☐ Não30. **Renda mensal, aproximadamente: \****Marcar apenas uma oval.*☐ Nenhuma renda☐ Até 1 salário mínimo☐ De 1 à 2 salários mínimos☐ De 2 à 3 salários mínimos☐ Acima de 3 salários mínimos31. **Recebe alguma bolsa institucional? Se sim, qual? \***

ex: monitoria, residência, PIBID, IC ou outra...

---

32. **Precisa levar a/o filha/o para a universidade? \****Marcar apenas uma oval.*☐ Sim☐ Não☐ As vezes

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

33. Você tem dificuldade em conciliar maternidade/maternagem e vida acadêmica? \*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Sim

☐ Não

34. Se sim, qual sua maior dificuldade? \*

---

---

---

---

---

35. Durante sua trajetória acadêmica já sentiu a necessidade de um acompanhamento psicológico? \*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Sim e já fiz

☐ Sim, mas nunca fiz

☐ Não

36. Você já pensou em desistir do curso devido a maternidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Sim

☐ Não

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

37. Se sim, em que momento?

---

---

---

---

---

38. Você recebe algum auxílio, rede de apoio da/na universidade?

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Sim

☐ Não

39. Você conhece alguma política de permanência para mães na universidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Sim

☐ Não

40. Se sim, qual?

---

41. Participa de algum coletivo ou grupo de mães na universidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Sim

☐ Não

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

42. Se sim, qual? E se não, você gostaria de participar? Justifique. \*

---

---

---

---

---

43. A universidade dispõe de rede de apoio e ou permanência para mães? \*

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

44. Se sim, qual?

---

---

---

---

---

45. O que você considera importante ter na universidade para garantir rede de apoio e permanência para mães? \*

---

---

---

---

---

28/06/2023, 19:14

Formulário destinado à mães universitárias, graduandas da UNEB - DEDC campus XI e XIV (Serrinha e Conceição do Coité)

46. Uffa, acabou! Espero que este não seja o fim, mas a continuidade de um movimento bonito entre mães universitárias. Deixo aqui meus votos de agradecimento e um forte abraço. Até mais... Ah, só mais uma curiosidade. Você já colocou em prática algum costume tradicional durante sua maternidade ou maternagem? Se sim, compartilha comigo.  
Por aqui, nós enterramos o umbigo do bebê no curral e damos/tomamos banho de Arruda.

---

---

---

---

---

47. Como se sentiu participando, ao falar de maternidade e vida acadêmica?  
Compartilha e indica a uma amiga/colega mamis do seu campus.

---

---

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

**APÊNDICE B – CARTA-CONVITE PARA MÃES UNIVERSITÁRIAS**

Fazenda Socavão, 09 de setembro de 2022

Saudações afetuosas!

Oi, como vai? Por aqui, as últimas noites tem sido difícil. Me encontro perdida em meio ao processo de desmame. Perdida e exausta. Mas, escrevo esta carta com o coração aquecido pela sensação de não estar sozinha.

Primeiramente agradeço a ti pela participação cuidadosa na gira de conexões que foi o formulário e, aproveito para fazer um convite. Um convite a fazer parte desta pesquisavida que estamos tecendo no MPED UNEB, não como meras participantes, mas como coautoras deste enredo.

Você deve estar se perguntando: Como assim? A ideia é nos conectarmos em rede, com outras mães universitárias, que nesse instante também estão recebendo esta carta-convite. Me proponho a ouvir suas narrativas ao tempo em que narro as minhas e nesse movimento vamos escrevivendo, produzindo fissuras em passos amorosos. Um espaço de escuta, acalento, aconchego, colo, troca de experiências. Que possamos pensar juntas estratégias de inclusão, redes de apoio e permanência de estudantes mães na universidade.

Desde que me vi imersa nas experiências de vida acadêmica e maternidade passei a questionar sua naturalização e romantização, ambas, produtoras de silenciamentos e invisibilidades dentro dos espaços, aqui em específico, o ambiente acadêmico.

Tem dias que só queremos ser vistas, com todo nosso cansaço e exaustão. Enfim, deixa eu te contar um pouquinho mais dos meus devaneios das madrugadas acordadas. Foi em um deles que pensei na criação desta rede. "Estudantes mães escrevivendo", é um título provisório para nossa rede, pensei em fazermos, a princípio, 5 giras de escrevivências - encontros que acontecerão remotamente ou presencialmente, de acordo com as especificidades, demandas e disponibilidade, em horários e dias combinados coletivamente.

Uma rede composta por algumas mães estudantes da UNEB XI e XIV, pensada de modo que possamos nos acolher. Afinal, cuidamos tanto dos outros, mas quem cuida da gente? Tem dias que eu só quero banho, chá e colo. E acredito, "é preciso uma aldeia para se criar uma criança ". Sinta-se abraçada!

Ass: Marilene dos Santos Queiroz